

Entrevistas de Luiz Antonio de Assis Brasil

arquivo atualizado até dezembro de 2007

**UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO,
ROMANCE, DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL.**

Entrevista a Caio Fernando Abreu

Um quarto de légua em quadro, romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, que leva como subtítulo Diário do Doutor Gaspar de Fróis, Médico, é o lançamento de hoje às 18h, na Freira do Livro. A editora é a Movimento, em convênio com o Instituto Estadual do livro e o Departamento de Assuntos Culturais da SEC. Porto-alegrense de 30 anos, professor de Filosofia do Direito na PUC, funcionário da Divisão de Cultura da SMEC e violoncelista da Ospa, este é o primeiro livro de Luiz Antonio, que antes já publicara, no Caderno de Sábado do Correio do povo, ensaios, críticos e trabalhos sobre História e Sociologia da nossa colonização.

- Quem pegar o livro, ver a capa e ler alguma coisa – diz Luiz Antonio – vai ter a impressão de que se trata de um romance histórico. Mas, antes de mais nada, é um romance, com um telão histórico ao fundo. A ação transcorre no nosso passado histórico: é um lapso na vida de uma pessoa, que vai de dois de janeiro de 1752 a 20 de junho de 1753. Quanto à história, ela é muito simples – um médico acompanha uma leva de imigrantes açorianos que vieram colonizar o Estado no século XVIII. Então esse médico conta tudo que vai acontecendo com esses casais. Entretanto com isso, há flash-backs que contam, paralelamente, a história pessoal do médico. Há duas tragédias intercaladas: a tragédia coletiva do povo açoriano, já que a colonização foi um desastre, e a tragédia pessoal do Dr. Gaspar, que no final se fundem numa só.

Como músico, Luiz Antonio vê seu próprio livro em termos musicais – dois temas em contraponto, até se tornarem, no final, um canto uníssono: “No decorrer do livro, procuro mostrar como a colonização foi improvisada e malfeita, com promessas não cumpridas pelos poderes e também todo o desencanto, a amargura e a frustração do povo açoriano. O sistema de distribuição de terras era extremamente injusto. Há um chavão histórico que diz que a vinda dos casais açorianos se deu principalmente por dois fatores: as ilhas estariam superpovoadas, enquanto o Continente de São Pedro estaria despovoado. Mas isso não é verdade. O que havia, era uma má distribuição de terras e de população. Os açorianos foram enviados para cá a fim de servir de anteparo à invasão dos castelhanos. Do século XVIII ao século XX a coisa não mudou muito. Ainda no período salazarista, em Portugal, os açorianos eram mandados para lutar na África – a tradição portuguesa de massacrar os açorianos é antiqüíssima”.

Sobre suas possíveis influências literárias, Luiz Antonio avisa: “Você vai me achar muito careta – mas acho que minha influência mais marcante foi Eça de Queiroz. Dentro da época em que ele viveu, acho que levou ao máximo a descrição de ambientes e personagens. Acho até que os livros dele são meio mágicos: eu leio e releio e sempre descubro coisas novas. Uma outra influência – claro – foi Erico Veríssimo. Creio que não há nenhum autor gaúcho contemporâneo que possa dizer que não foi influenciado por ele. Admiro principalmente a sua universidade”.

Para Luiz Antônio, o período atual de literatura no Rio Grande do sul é “muito bom”. Ele se refere, principalmente, à área do conto e da poesia, falando, com entusiasmo, ao último livro de Carlos Nejar, *Somos Poucos*, lançado esta semana na feira do livro: “O romance, por outro lado, está meio desacreditado pelo público. Se a gente for analisar, além do Josué Guimarães, atualmente não há nenhum outro romancista no Estado. O romance é muito difícil de escrever – na época em que se vive, é quase um ato de heroísmo: já passou o tempo em que Camilo Castelo Branco se trancava num quarto e, em uma semana, escrevia o *Amor de Perdição*. O escritor agora precisa trabalhar, e sobra pouquíssimo tempo. E para um romance é preciso, antes de mais nada, tempo. Num fim-de-semana, é possível escrever um conto; mas um romance leva um ano e meio ou dois. É preciso mergulhar num outro mundo durante um longo tempo”.

Um ano e meio foi o tempo que ele levou para escrever *Um quarto de légua em quadro* – a primeira metade, a conta-gotas, em horas roubadas do trabalho, à noite, nos fins-de-semana; a segunda metade, em menos de dois meses passados na praia: “Voltei mais branco do que quando fui. Mas o romance ficou pronto. Eu não tinha intenção de publicar, mas dei pra algumas pessoas lerem e me aconselharam a procurar o Instituto Estadual do Livro”. Luiz Antonio se refere à gestão de Lygia Averbuck no IEL, como “um trabalho excepcional – acho que no Brasil todo ninguém fez um trabalho semelhante”.

Outro problema enfrentado por Luiz Antonio foi a pesquisa histórica sobre a fundação de Porto Alegre. Segundo ele, os dois autores consultados – Guilhermino César e Riopardense de Macedo – se contradizem em alguns pontos: “Acabei optando pela versão de Guilhermino César que, como elemento dramático, era mais interessante. Esse assunto da colonização foi muito oculto pelas autoridades da época, para que os espanhóis não tomassem conhecimento. O resultado disso foi a escassez de documentação”.

Apesar das dificuldades encontradas neste primeiro livro, não só no que de refere à pesquisa, mas também à edição, Luiz Antonio está trabalhando num outro romance – *A prole do corvo*, que abrange o período do último ano da Guerra dos Farrapos, de 1845: é a história de um sujeito jogado no meio da Guerra dos Farrapos, sem saber como nem porquê. Em última análise, é um libelo contra a guerra. Contra todos esses bélicos, ou parabélicos, herdeiros do corvo – todos esses que se alimentam da morte dos outros”.

Porto Alegre, *Folha da Manhã*, 6.nov.1976

ROMANCE QUE NARRA A DRAMÁTICA FIXAÇÃO DOS AÇORIANOS NO SUL É LANÇADO À TARDE

Entrevista a Antonio Hohlfeldt

“O açoriano foi o elemento que realmente moldou o caráter do gaúcho”, afirma Luiz Antonio de Assis Brasil, autor do romance “Um quarto de légua em quadro”, que a Editora Movimento e o Instituto Estadual do Livro lançam hoje, em sessão de autógrafos às 18 horas, fazendo com que este jovem advogado, músico e pesquisador de história, assessor da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, estréia também na literatura:

O que havia

“Havia os degredados, os paulistas, os contrabandistas. Todos eram gente sem raízes, sem nada. O açoriano, contudo, não. É um tipo mais tranquilo, dedicado à agricultura, distante do gado. Quando eles chegam aqui, encontram outro elemento já estabilizado. Mas com o contato estabelecido, na sua pequena propriedade, contrastando com a grande extensão de território da campanha, as coisas vão mudando gradativamente”.

As primeiras grandes distâncias estavam aí nesta região de colonização já mais antiga, oriunda de velhos troncos paulistas do século XVI. O resto da campanha era mais espanhol do que português, segundo o escritor. Missões eram a Espanha. O povoamento açoriano, porém, foi do litoral pelo Jacuí adentro, e com os tratados políticos deste século XVIII, entram em direção ao Alto Uruguai. Dá-se então o contato.

Os açorianos

“No entanto, as zonas mais castiças que temos foram ficando para trás, a hoje são as áreas de maior pobreza econômica e social, como Santo Antonio, Gravataí, Viamão, formando um polígono em volta de Porto Alegre, decorrência direta do tipo racial único, sem fusão, que aí permaneceu. O alemão, e mesmo o italiano traziam outro aprendizado de amanhã da terra. A ocupação da chamada campanha gaúcha era rarefeita por serem as sedes de estâncias muito distanciadas, graças a instituição da sesmaria. Por outro lado, as primeiras fixações de portugueses na região eram fugazes, as famílias quase sempre permaneciam em São Paulo mesmo, os homens é que vinham para cá, algumas até morrendo por aqui. Uma exceção foi justamente Jerônimo de Ornellas, que embora tenha vindo de início sem a família, dando início ao núcleo populacional desta área.

Luiz Antonio acredita haver pontos de contato entre sua obra e a de Érico Veríssimo, no que tange ao tema, pela abordagem, por exemplo, do caráter paulista que veio para cá: “o açoriano é visto tanto por ele como por mim como personagem pacato, tranquilo. O açoriano, para mim, é algo muito presente, não apenas porque vejo nele uma grande contribuição a esta área, mas porque me ligo por laços de família a ele: meu pai e minha mãe são açorianos. Eu sempre desenvolvi pesquisas históricas em torno deste tema, por isso mesmo, antes de pensar em fixar o tema na ficção. Comecei pela pesquisa, depois surgiu a idéia de um romance. Este período de chegada a primeira fixação dos açorianos no Rio Grande do Sul nunca foi focalizado pela nossa ficção de maneira que o tema me pareceu interessante. E a ficção acabou me tomando, me envolvendo”.

Controvérsia

O autor sabe muito bem que estará tocando em muitos pontos controvertidos para os pesquisadores, nas datas e versões dos fatos: “Alguns já me atacaram. Agüentarei o tirão, porque na verdade, tantos uns como outros não têm documentação alguma para provar suas teses. Eles afirmam sem poder provar, e então a mim, que neste momento sou ficcionista me interessou mais a versão que, enquanto narrativa, poderia pegar mais a atenção do meu leitor. Eles defendem posições por instituição, por dedução. Eu defenderei a minha por uma razão até mais concreta: a versão escolhida é mais romanesca, e enquanto estou escrevendo um romance é isso que me interessa”.

Luiz Antonio é figura curiosa, pois desenvolve mil atividades:

Multiatividades

“Nossa sociedade como é hoje custa a aceitar um tipo como eu. Ela busca fazer com que as pessoas se definam em uma única ocupação, sejam especialistas, porque isso serve para a grande engrenagem de máquinas. No entanto, eu sinto que dentro de mim há vários Luiz Antonios, é mais ou menos isso, e eu tenho que atender a todos eles, porque senão morreria de tédio, experimentando o gosto da esterilidade. O que me interessa é me sentir um indivíduo útil ao meio social em que vivo, mais gente, humano, e isso não me permite então me dedicar apenas a uma só coisa, porque me violentaria, na medida em que estou plenamente consciente de que tenho condições para desenvolver outras tarefas, e neste desenvolvimento se acha minha contribuição possível à sociedade”.

Luiz é ligado á música, e confessa que tudo o que achou ligado a este tema – o uso da viola e algumas escassas quadrilhas da época – ele tratou de incluir no acervo do romance:

O romance

“Para mim, foi basicamente a história de uma pessoa e a desagregação psíquica desta personagem. Foi um exorcismo para mim, também, porque eu vivia este problema na época em que escrevi o livro. Tratei, contudo, de alcançar um texto enxuto, seco, limpo, porque o Dr. Gaspar é assim como idealizei, sem grandes rompantes, sem grandes lances de vida, foi assim que o quis, medíocre, se quiserem, não muito capaz de superar as dificuldades que encontrava pela frente, como eu me achava então. O romance é um pedaço de sua história: um ano e cinco meses, mais alguns dias, para ser preciso. A ação é exterior ao personagem, graças a uma série de personagens secundários que aparecem e desaparecem na linha da vida e de movimentação de Gaspar e que demonstram o choque da situação de vida em que ele está, agindo, eles, em ricochete com a personagem central. Hoje em dia, evidentemente, algum tempo depois do romance acabado, eu o escreveria diferente. Porque o que se faz no momento é sempre melhor que o que se faz há pouco. Eu trataria de alcançar um aperfeiçoamento maior, corrigir, cortar, mas assim como tentei ser honesto então, seria honesto agora, e daqui a pouco, ainda honesto, voltaria a mudar algo. Então, é aceitar a obra como está: se saiu imperfeita, e vejo isso hoje, aceitarei as críticas. Se saiu melhor do que penso, aceitarei o elogio eventual”.

Novo livro

Luiz escreve, no momento, algo um pouco diferente, focalizando mais especificamente o tempo presente, o que evidentemente é mais difícil, havendo maiores limitações. O passado é mais aberto para a devassa. Luiz escreve agora sobre 1844, no final da Guerra dos Farrapos, abordando um personagem que, jogado na guerra, encontra-se perdido, sem saber direito porque dela participa, algo que lembraria um pouco temas de “O Vermelho e o Negro”, de Stendhal: “Nenhum soldado sabe, jamais, porque se encontra numa guerra de generais. E no entanto, está ali. Como toda a pessoa que participa de um sistema está ali, e não tem como fugir. Espero aprontar este livro até o verão. Quando sair, pensarei na publicação, isso já é outra história, agente terá de bancar, novamente o Quixote e brigar por ele”.

Da experiência de estréia, porém, Luiz Antonio faz questão de frisar o reconhecimento a Lygia Averbuck, então diretora do Instituto Estadual do Livro, e através de quem alcançou esta co-edição. “Como disse a ela pessoalmente, o apoio que recebi do IEL é algo que todo o escritor novo deveria ter o direito de receber também, e isso mesmo levando-se em conta que, em certo momento, estávamos de lados diferentes”. (Luiz Antonio refere-se ao fato de ter sido o advogado de Mauro Chaves, o dramaturgo paulista que impetrou mandato de segurança contra o governo do Estado, quando sua peça, vencedora em um concurso de dramaturgia, foi impugnada pela direção do Departamento de Assuntos Culturais da SEC, ao qual está afeto o Instituto): “O trabalho de Lygia foi

soberbo, algo que ninguém compra, e que eu só espero que seja prosseguido com incentivo a outros novos autores, como eu”:

Ação

A ação do romance se passa entre 2 de janeiro de 1752 e 20 de junho de 1753. Nesse lapso de tempo, decorre uma tragédia, a tragédia de milhares de pessoas que deixaram suas ilhas para virem povoar regiões perdidas no extremo meridional do Brasil, e que, improvisadamente, foram jogadas a esmo nas possessões portuguesas, destinados que eram a uma região inóspita, ainda não conquistada: as Missões. Nesse mesmo período decorre o drama do Dr. Gaspar de Fróis. Não foi fácil transplantar um homem sensível para uma terra onde a verdadeira dignidade estava na rabiça do arado ou na boca do canhão, e fazê-lo viver entre seus semelhantes.

“Aceitei o desafio de mostrar fatos que, bem pesados, desfazem a áurea da grandiosidade e heroicidade com que sempre se pretendeu cercar o episódio da colonização açoriana, como de resto todos os episódios de nosso passado. Não parece nenhum responsável, direto pelos desacertos ocorridos: antes coloca-se na própria História a explicação. Foi um período pelo qual passamos, pronto. Acho que isso explica muita coisa. A estória do Dr. Gaspar vem contrapontando a História de seu povo açoriano desde o início da ação; pouco a pouco o contraponto vai cedendo lugar a um canto uníssono e atonal de incompreensões, incoerências e desfazimentos. Utilizei uma técnica que não é, em absoluto, original: através do “romance dentro do romance” faço um personagem imaginário escrever um imaginário diário, com diversas presenças, no texto, do editor que teria primeiramente publicado a obra em 1780. a linguagem da época foi inserida em diversas passagens, com toda sua saborosa e expressiva ingenuidade, e serve de físga para lembrar ao leitor a época em que está situado. Não é um livro grande. Lê-se em um domingo, ou numa noite de insônia”.

Dentre os vários lançamentos desta XXII Feira do Livro, por certo este será um dos volumes que maior curiosidade despertará entre os leitores gaúchos.

Porto Alegre, *Correio do Povo*, 06.nov.1976

UM ROMANCE PARA DESMITIFICAR O GAÚCHO

Entrevista a Danilo Ucha

Luiz Antonio de Assis Brasil, jovem romancista gaúcho que estreou há pouco mais de um ano com o romance *Um quarto de légua em quadro*, baseado na colonização açoriana do Rio Grande do Sul, conclui seu segundo romance. A prole do corvo, que vai dar muito o que falar ao ser lançado, possivelmente em março, pela Editora Movimento. O livro de Assis Brasil vai ser lido e comentado não apenas pelas qualidades do autor, já demonstradas no romance anterior, mas, principalmente, pelo tema: é um dos poucos – senão o único – ficcionista que detém com mais vagar sobre a Revolução Farroupilha, movimento revolucionário que ensangüentou o Rio Grande do Sul durante dez anos do século passado, e alguns dos seus heróis, desmitificando muita coisa.

“Neste romance – diz o autor – afasto-me do “histórico”, que assume apenas o papel de pano – de - fundo para a história narrada, mas, mesmo assim, alguns aspectos da Revolução Farroupilha são abordados, como, por exemplo, a dissociação do povo quanto aos ideais do movimento; a luta pelo poder entre os coronéis; as origens de algumas grandes extensões de terras em mãos de poucos; e o enriquecimento com a guerra por parte de estancieiros que faziam jogo duplo”.

Mas desmitificação pela desmitificação não é o objeto de Luiz Antonio de Assis Brasil. Ele analisa, acima de tudo, “a gratuidade e o desumano que é uma guerra, em que pese o gaúcho alardear como virtude a sua capacidade de fazer revoluções. “Filhinho, junto com sua irmã, Laurita, ambos filhos de um estancieiro enriquecido da Cisplatina, não entendem a revolução e detestam-na. O primeiro porque é jogado nela pelo pai, que, não podendo arcar com requisições de cavalos, manda o filho. A irmã, porque vê a guerra transformar seu marido, tornando-o venal, arrivista, bajulador.

“Traço desta forma – explica Assis Brasil – duas histórias paralelas: uma que ocorre nas coxilhas, nos campos abertos onde se deflagram as sangrentas escaramuças, e outra em Santa Flora, onde Laurinda permanece, à espera do irmão”.

Mas nem só a violência e as contradições da formação histórica do Rio Grande interessam ao autor. O relacionamento entre as pessoas é muito importante e, nesta área, ressalta um aspecto muito comum das relações homem-mulher no campo, mas até hoje pouco estudado e divulgado: o do incesto. “Até certo ponto – diz Assis Brasil – trata-se de um relato intimista, em que alguns aspectos delicados da nossa realidade são abordados. Citaria como um destes o velado (e inconfessado) incesto, que se processa a nível subconsciente, entre Filhinho e Laurinda. Este fenômeno é explicado pela exigüidade do microcosmo da estância, onde as largas distancias dificultavam o relacionamento social, impondo um comportamento “sui generis” entre parentes.

Crio que ninguém até agora ainda se dera conta, ou não tivera coragem de abordar, pois com isso poderiam vir de roldão certos mitos, como o machismo e até a exclusividade do homossexualismo entre nós”.

Apesar destas colocações, Luiz Antonio de Assis Brasil, que nasceu em Porto Alegre e tem 30 anos de idade, não quer ser conhecido como um destruidor de mitos gaúchos. Ele entende, no entanto, que “já é hora de colocarmos um ponto final no endeusamento de “virtudes” de personagens históricos, pois acredito ser altamente deseducativo dizer que é uma glória ser brigador e que Canabarro ou Bento Gonçalves eram homens ímpolutos”. Para o escritor, “isso não leva a nada, é uma farsa”, como recentemente mostrou o professor Moacyr Flores em tese de mestrado.

Assis Brasil, que com o segundo romance ratifica um destino de ficcionista, também está atento ao que se faz em ficção no Rio Grande do Sul de hoje. Acredita que o nosso romance tomou dois rumos distintos, um ligado às nossas origens, às raízes, sem contudo ser regional, e o outro que retrata o presente e a nossa realidade.

“Como o grande nome da primeira corrente – afirma – coloco, sem sombra de dúvida, Josué Guimarães, que reputo como um autor denso, corajoso e dotado de extraordinária capacidade verbal, o que é sobremodo revelado em *Tempo de Solidão*, um romance digno e cativante, para mim ainda insuperado pelas obras posteriores. Alinhado na outra corrente de pensamento, coloco Moacyr Scliar, um escritor ágil e fecundo, criador de “climas” envolventes e personagens autênticos, que se movem com o naturalismo: são vivos, o que é uma das coisas mais difíceis de fazer em ficção. Outro nome que lembraria dentro desse modo de pensar é Luís Fernando Veríssimo, que conduz com humor e inteligência suas situações. É um dos grandes nomes do nosso conto. Caio Fernando Abreu, disparado, é o nosso melhor contista e Pedras de Calcutá um dos pontos altos de sua obra.

Os poetas gaúchos também têm em Luiz Antonio de Assis Brasil um leitor assíduo. Ele destaca, particularmente, Armindo Trevisan e Carlos Nejar, o primeiro por ser “o homem” que deu vida à carne, tornando-a nobre e desejável, sem culpas”; o segundo, por ser “um extraordinário criador, um dos grandes nomes poéticos, respeitado e admirado em todo país, com tiragens sucessivas de suas obras e, como tal, entre os mais lidos. “Armindo Trevisan, ainda segundo Luiz Antonio de Assis Brasil, é “talvez o que melhor, em língua portuguesa, tenha cantado o corpo como um ente único e perfeito, a nós, que tanto valor damos ao espírito”.

A prole do corvo, sem dúvida alguma, vai causar polêmica. E nada melhor do que isso para a divulgação de um autor de qualidade como o é Assis Brasil. O romance vai ser lançado pela Movimento em convênio com o Instituto Estadual do Livro, terá capa de Nelson Jungbluth, diagramação e composição de Flávio Ledur, “orelha” de Carlos Jorge Appel, o editor, q 186 páginas. A partir de março em todas as livrarias.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 6.jan.1978 p. 8

ESCRITOR REVÊ MITOS GAÚCHOS INTOCÁVEIS

Da sucursal de Porto Alegre de O Estado de São Paulo

Luiz Antonio de Assis Brasil, jovem gaúcho, vai lançar dentro de um mês seu segundo romance, uma obra que poderá ser polêmica no Rio Grande do Sul, pois o pano de fundo é a Revolução Farroupilha e o autor usou certos fatos e idéias que desmitificam aquele movimento revolucionário e alguns de seus heróis. Um dos personagens de “A prole do Corvo”, que vai ser lançado pela Editora Movimento, é o próprio Bento Gonçalves, herói máximo da luta que ensangüentou o território gaúcho durante dez anos, de 1835 a 1845.

Assis Brasil, cujo primeiro romance, “Um quarto de légua em quadro”, também é de caráter histórico, pois trata da colonização açoriana do Rio Grande do Sul, diz que em “A prole do corvo” afasta-se um pouco do “histórico”. Mas “mesmo assim alguns aspectos da Revolução Farroupilha são abordados como, por exemplo, a dissociação do povo quanto aos ideais do movimento, a luta pelo poder entre os coronéis, as origens de algumas extensões de terras em mãos de poucos e o enriquecimento com a guerra por parte dos estancieiros que faziam jogo duplo”.

Mas, acima de tudo, o que ressalta no romance, segundo Luiz Antonio de Assis Brasil, “é gratuidade e o desumano de uma guerra, em que pese o gaúcho alardear como virtude a sua capacidade de fazer revoluções”. Até certo ponto, “trata-se de um relato intimista, em que alguns aspectos delicados da nossa realidade são abordados, um deles, o fenômeno do incesto, explicado pela exigüidade do microcosmo da estância, onde as largas distancias dificultavam o relacionamento social, impondo um comportamento sui-generis entre parentes”.

Assis Brasil acredita que os escritores gaúchos até hoje não abordaram este assunto porque “com isso, poderiam vir de roldão certos mitos, como o machismo e até a exclusividade do heterossexualismo entre nós”. Apesar de se preocupar com este aspecto e desmitificar alguns pontos da Revolução Farroupilha, o escritor de 30 anos não quer ser conhecido como “destruidor de mitos gaúchos”. Pensa, apenas, que “já” é hora de colocarmos um ponto final no endeusamento de “virtudes” de personagens históricos, pois acredito ser altamente deseducativo dizer que é uma glória ser brigador e que Canabarro ou Bento Gonçalves eram homens impolutos. Isso não leva a nada, é uma farsa”.

São Paulo, *O Estado de São Paulo*, 17.jan.1978

DEPOIS DOS AÇORIANOS, ROMANCISTA FALA DO GRANDE DRAMA DA REVOLUÇÃO FARRAPA

Entrevista a Antonio Hohlfeldt.

Luiz Antonio de Assis Brasil, que estreara na literatura com um romance que enfoca a epopéia açoriana da colonização gaúcha – Um Quarto de Léguas em quadro – volta agora ao convívio de seus leitores, ao publicar “A prole do corvo”, romance enfocando também episódio de nossa história, desta vez a revolução Farroupilha. No ano passado, Josué Guimarães, ao publicar “Os Tambores silenciosos”, também se valia de uma figura de pássaro para metaforizar a idéia central do trabalho. Indagado sobre a coincidência, Luiz Antonio exclama:

Titulo

“Efetivamente só agora me dei conta da possível semelhança. Mas enfim, corvo como se diz na Europa ou urubu, como preferimos chamar aqui, a figura me interessou porque uso uma citação do Jorge de Lima, nada mais. O que vale dizer é que neste romance sou talvez mais lírico no impressionismo que marca muitas das páginas desta narrativa, que se constrói fundamentalmente sobre as emoções e do ponto de vista do soldado. A muitos poderá, contudo, tipos de relações que eu focalizo, como o homossexualismo ou o incesto, eu possa chamá-las de incesto, mas quem garante que tais formas de relacionamento não sejam também líricas? Ou que não sejam um tipo de amor? O romance narra a perspectiva do soldado que vê a guerra por dentro, ao mesmo tempo em que também coloco a perspectiva de sua irmã, que vivendo na fazenda, acompanha outros ângulos a mesma luta. Ao final do relato surge a figura do menino, que possivelmente traduz minha idéia de reprodução e de continuação do mesmo ciclo infernal ao qual me refiro no livro”.

Fatalismo

Luiz Antonio justifica está visão até certo ponto fatalista da história rio-grandense com uma pergunta: “por um acaso mudou a história rio-grandense nos últimos anos? Não, ela é toda feita de ciclos retomados. Agente não vê de que modo aquele jovem possa escapar a sua sina. Quem foi tenente em 35 era oficial em 64; ou quem começou em 93 era promovido em 23... nada mudou, nem depois de 23 ou 24... ou 30. se batiam, se matavam, mas nada mudou. Com Borges ou com Getúlio, tudo continuou na mesma”.

Depois Luiz Antonio retorna à questão do título: “Muitos me perguntam por quê A prole do corvo, numa indagação bastante justa. Explico. Meu romance se passa no último ano da Guerra dos Farrapos, considerada pelos gaúchos como a nossa grande epopéia, (como se fosse importante a cada povo possuir uma epopéia). Ora, no ano de 1844 os farroupilhas estavam na pior situação imaginável, em grande desvantagem econômica e bélica, perdedores certos, dado

o grande poderio do Império que não lhes dava tréguas. Nesse momento, muitos aproveitaram-se para tirar proveito, através de manobras não muito ortodoxas, que envolviam roubo, jogo duplo, deserções em troca de cargos, corrupção enfim. Então o meu livro é contra todos esses bélicos e parabólicos de todos os tempos, todos herdeiros do corvo, pois se alimentam da morte dos outros. Vide a Guerra do Vietname e os movimentos armados contemporâneos, onde se colocou e se coloca como supremo bem o defender os interesses econômicos de grupos restritos, que vivem da guerra e tem seu fator de prosperidade na guerra, e que perdem com a paz”.

A exemplo do romance anterior, o escritor volta-se para uma desmitificação de nossa história, que assim exemplifica:

Desmitificação

“Creio que já é hora de se ir parando de repetir velhas baboseiras que nos foram incutidas quando crianças e reforçadas na idéia adulta, com outros argumentos. A Guerra dos Farrapos não teve participação popular em seu nascedouro; foi tramada por estancieiros e grandes comerciantes (os estancieiros no campo, os grandes negociantes nas cidades), pois todos estavam sendo prejudicados em seus negócios, especialmente com o descaso com que o governo do Império deixava entrar o charque platino, em detrimento do charque produzido pelos grandes charqueadores, ocasionando, com isso, um grande desequilíbrio econômico, fazendo com que os grandes deixassem de ganhar tanto. Não só o problema do charque, mas também outros, derivados das intrigas políticas, nem sempre muito acessíveis à massa popular. Deflagrado o movimento, o povo foi conclamado a lutar, a pegar em armas, defendendo uma federação que nem eles sabiam o que era, e que serviu de engodo para o movimento. Mais tarde, o povo foi novamente colhido de surpresa, pois tinham de lutar pela independência do Império; mais tarde, por fim, foram obrigados a aceitar o arreglo proposto pelos dirigentes do movimento e tiveram de dar vivas ao Imperador. Agora pergunto: seria possível ao grande contingente popular passar por todas essas filigranas de pensamento, cambiando de idéia no decorrer dos quase dez anos de luta? Não me parece possível. O que houve, isso sim, é a desvinculação do povo em relação ao ideário da Revolução e meu personagem-eixo, Filhinho, é um dos tantos soldados que é engajado nas hostes republicanas sem ter noção do que fazia, e como isso é um fenômeno muito duro, muito cruel, não há porque silenciar sobre ele. E eu, como escritor tenho esse dever, e estaria traindo a mim mesmo se não o fizesse”.

Evolução

De qualquer forma, porém, o escritor completa sua idéia quanto a um perigo de ficar identificado com alguma “política” ou posicionamento:

“Acho que aos pouquinhos eu vou chegando mais perto do presente em meus relatos, desde que encontre em mim condições para poder falar do presente. Para isso, há que ter uma pele mais dura, e por isso iniciei-me com o passado. Levo muita fé é no terceiro romance que estou escrevendo, em discurso

indireto, chamado “A Partilha” ou “Jano, o Príncipe de Xangrilá”, título que eu tiro do nome do principal personagem, o Coronel Trajano, que freqüentava um prostíbulo chamado “Xangrilá”. O romance retoma a mesma cidade em que decorre a ação de “A prole do corvo”, mas em 1938, embora com isso eu não pretenda fazer trilógicas ou sagas. O que eu quero é enfocar o patriciado rural rio-grandense, através de seus vários membros e transformações. Comecei com Silva Pais, em 1737, e afinal de contas, já tive um antepassado meu que chegou com ele à Barra de Rio Grande para a fundação do forte. O fenômeno da estância, inclusive na obra de Érico Veríssimo, foi sempre visto de fora, ninguém até hoje indagou-se efetivamente a respeito dos “porquês” da situação, embora Érico tenha sido magistral em outras colocações. O que eu vou tentar, então, sem transformar o texto em um panfleto, é pesquisar estas origens. Ocorre, porém, que eu não pretendo ficar marcado como alguém que surgiu para destruir algo. Não tenho este objetivo, mas creio meu dever situar minhas personagens dentro de uma situação histórica que me obriga a rever uma série de inverdades. Ora, o pessoal gosta muito de rótulos: eu ainda agora tive de brigar muito para que ninguém catalogasse na ficha bibliográfica este meu novo livro de romance histórico, porque não o é. Quando eu estreei, ninguém me conhecia, tive de agüentar muitos equívocos. Hoje, a situação é diversa. Porque eu não pretendo aceitar que mal olhem a lombada do livro ou a primeira frase e saiam por aí dizendo que o livro é isso ou aquilo. Quem está na chuva é para se molhar, por certo, não peço crítica boa, peço crítica, mas séria e com nível. E sem catalogações”.

O novo livro

Em relação especificamente a “A prole do corvo”, afirma seu autor:

“Não obstante toda essa carga histórica, insisto que meu livro é basicamente um romance. A informação histórica que nele entra serve apenas de apoio ao romanesco, e por isso o utilizo na proporção extra, para não me tornar panfletário nem autor de uma tese. Tese já existe, que é a do Prof. Moacir Flores, por sinal a melhor que já se fez até hoje, a mais corajosa e lúcida. Mas dizia que é um romance, e um romance de ação bem simples: Filhinho, um jovem de vinte anos, é mandado por seu pai, Coronel Chicão Paiva, para a Guerra, ao lado dos republicanos. Chicão foi requisitado em cavalos para a guerra e, por sovínice, não quer dá-los; então manda o filho, em compensação. Na estância permanece Laurita, sua irmã. A partir daí, correm duas histórias paralelas: a de Filhinho, na guerra (com tudo o que a guerra tem de horror e “nonsense”) e em Santa Flora, onde Laurita tem também a sua história, intimamente ligada com o fenômeno bélico que abalava toda a Província (seu marido, tenente republicano, troca seus ideais por um cargo de tesoureiro da Câmara de Aguaclara, a cidade imaginária onde se passa parte da ação). As duas telas romanescas vão-se aproximando no final e dá-se a síntese que o leitor verá. Repetindo o que já disse, em comparação com o que já fiz, “UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO” é um romance “épico”, enquanto “A PROLE DO CORVO” é “lírico”. Não fiz pesquisas históricas, vali-me de coisas que já sabia desde a infância, no aprendizado de leituras. Inclusive

porque a estância e a cidade são absolutamente fictícias, de verdade só mesmo as referências a Bagé”.

Desenvolve ainda o escritos as acusações que por vezes lhe têm pesado desde seu primeiro trabalho:

Reação á crítica

“Já tenho sido criticado antes do livro sair, pois corre voz que pretendo destruir mitos e heróis. Antes de mais nada, o mito. O mito é que a Guerra dos Farrapos foi um movimento popular. Bem, esse eu pretendo desfazer, pelos motivos que já disse. Em segundo lugar, os “heróis”. Herói é um homem extraordinário, por seus feitos guerreiros, pelo seu valor, pela sua magnanimidade – segundo os dicionários. Estão na Guerra dos Farrapos cumpre distinguir quem é “herói” e quem não é. Não é “herói”, por exemplo, Bento Manuel, que mudava de lado como quem veste um casaco. Os “heróis”, então, quem seriam? Basicamente Bento Gonçalves, Canabarro e Garibaldi, para ficar nos mais badalados. Se nós entendermos “herói” segundo a definição acima, podemos dizer que esses três homens foram “heróis”, pois foram extraordinários, isto é, estavam acima do ordinário, fizeram mais que os outros. Até aí estamos de acordo. O que não podemos, porém, é dizer que foram homens limpos, corretos, imunes às tentações e aos deslizes, gente que nunca pensou em cometer uma infração aos códigos de ética de sua época. Transgrediam, sim, por que dizer que não? Essa minha atitude tem sido chamada de deseducativa, mas ao contrário, é altamente educativa, na medida em que mostra aos jovens que os “heróis” eram seres humanos qualquer um de nós a que por circunstância ou por um ato de vontade de transformar, chegaram e modificar a sociedade em que viviam. Então, modificar a sociedade não é privilégio de predestinados. Os citados três “heróis” o foram com a sua parcela de humanidade, que os impelia a transformar aquilo que a sua sensibilidade julgava errado. Se os “heróis” tivessem de ser conformados com tudo, seriam santos, deixariam de ser “heróis”. Os próprios gregos entenderam bem esse problema, pois seus deuses tinham defeitos, pecavam, eram punidos, sofriam sanções, eram, se é que se pode dizer – “humanos”. E nem por isso deixaram de ser adorados.

Depois, há entre nós um erro crasso lavrando: o de confundir História com patriotismo, como se este dependesse daquele, e a História devesse ser uma fornecedora de heróis para o patriotismo cultuar. Revolto-me contra isto: a História é uma ciência como outra, com método próprio e objetivos bem definidos – a verdade histórica deve ser observada à risca. Tornar a História uma ciência caudatária de um sentimentalismo patriota é retirar da História o caráter de ciência, é regressão. Perdoem-me os que pensam de outra forma, mas o patriotismo deve buscar em outras fontes seus heróis e seus mitos; e aqui coloco a questão crucial: e se o herói não era aquilo que se pensava, e se o mito não existiu, vamos mudar a História para manter uma integridade de fachada? Só para ser ensinada em sala de aula a adolescentes que ainda não têm plenamente desenvolvido o espírito crítico? A meu ver isso é uma grande farsa. E, como farsa deve sair”.

A menção à temática do homossexualismo e do incesto incluídas neste novo romance, leva-nos a destruir também o tema:

“outra balela bastante comum é a da exclusividade heterossexualismo entre nós, gaúchos. Trata-se evidentemente, de uma tola vaidade de machismo que Érico mostrou não ser assim tão claro. E isso há no meu romance, como mais uma demonstração da humanidade de que desejo impregnar meus personagens, do desnudamento a que os submeto. Há também a questão do incesto, que é um verdadeiro “horror” se colocando em livro. O fato é que existia, e explico, mais uma vez: as extremas distancias, desfavorecendo o contato mais intimo entre os homens e mulheres de mesmo nível socioeconômico, o microcosmo da estância, geradora das mais sutis, relações entre parentes, tudo colaborava para o surgimento desse fenômeno tenho conhecimento de muitos casos históricos, dos quais um foi utilizado na minha obra”.

Luiz Antonio, enfim, comenta também a produção literária que lhe é paralela, com outros escritores por vezes tocando temas semelhantes:

Outros autores

“Já se está cansado de ouvir dizer que estamos vivendo um período de transição na literatura brasileira, onde ocorrem fatos totalmente inéditos, como a proliferação do conto e da poesia por um lado e o surgimento de bons autores em quantidade considerável por outro. Isso, a meu ver, em que pensem as limitações que todos conhecemos, é bom. Lê-se mais, esta é a verdade; os professores exigem mais de seus alunos, os exames vestibulares estão aí, cada vez mais abrindo o leque de autores solicitados. Parece que se desperta novamente para a literatura. A literatura gaúcha tende a polarizar-se em torno de nomes, numa antiga tendência nossa, mas creio que não há mais lugar para um único autor, ou o “autor da terra”, como foi Érico; a responsabilidade pelo fazer literário de dilui, felizmente, e assim nós vemos Cyro, Dyonélio Scliar e Josué trabalhando com igual verdade e sucesso de publico. Cada um dos citados têm temática própria, e abordagem literária que é exclusivamente sua; seus recursos técnicos são diferentes. Quem sai ganhando de tudo isso é o leitor. Já na poesia não se observa tanta uniformidade qualitativa, e há grandes nomes e nomes menores. São grandes nomes por exemplo Armindo Trevisan e Nejar, para falar nos novos, abstraindo a figura excepcional de Mário Quintana, cuja fama é internacional. Em teatro muito se tem feito entre nós, e entre os autores destacaria Ivo Bender, pela universidade de seus temas”, (autor a quem, aliás, Luiz Antonio dedica o seu segundo trabalho). –

Porto Alegre, *Zero Hora*, 29mar.1978. p. 8

“A PROLE DO CORVO” SOBRE A INTOLERÂNCIA HUMANA

Luiz Antonio de Assis Brasil autor de “A prole do corvo” e “Um quarto de légua em quadro”, ambos editados pelo Instituto Estadual do Livro em convenio com a Editora Movimento. O autor prepara-se para lançar em breve “A Partilha” ou “Jano, o Príncipe de Xangrilá” um romance que gira em torno da morte de um estancieiro da campanha gaúcha, em 1938, e cujos filhos, reúnem-se para fazer o inventário.

“A prole do corvo”, é um romance que se passa no último ano da Guerra dos Farrapos. Luiz Antonio de Assis Brasil explica a razão do título:

“A Guerra dos Farrapos sempre foi considerada pelos gaúchos como a sua grande epopéia. Ora, no ano de 1884, os farroupilhas estavam na pior situação imaginável, em grande desvantagem econômica e bélica, perdedores certos, dado o grande poderio do Império que não lhes dava tréguas. Nesse momento, muitos aproveitaram-se para tirar proveito, através de manobras não muito ortodoxas, que envolviam roubo, jogo duplo, deserções em troca de cargos, corrupção enfim. Então o meu livro é contra todos esses bélicos e parabólicos de todos os tempos, todos herdeiros do corvo, pois se alimentam da morte dos outros”

A GUERRA – Assis Brasil diz que é hora de parar com velhas histórias que nos são incutidas na e reforçadas na idade adulta, sob outras razões.

“A Guerra dos Farrapos”, fala o autor da Prole, “não teve participação popular no seu nascedouro: foi tramada por estancieiros e grandes comerciantes (uns no campo, outros na cidade), pois todos estavam sendo prejudicados em seus negócios, especialmente com o descaso do Império, que permitia entrar o charque platino, em detrimento do charque produzido pelos grandes charqueadores, fazendo com que esses deixassem de ganhar tanto. Mas não era só o problema do charque. Havia outros derivados das intrigas políticas, nem sempre muito acessíveis à massa popular”.

Mas o povo foi conclamado a lutar, ao ser deflagrado o movimento. “A pegar em armas para defender um federação que eles nem sabiam o que era, e que serviu de engodo para o movimento. Mais tarde”, continua Assis Brasil, “o povo foi novamente colhido de surpresa, pois tinha de lutar pela Independência do Império; e depois, por fim, foi obrigado a aceitar o arreglo proposto pelos dirigentes do movimento e teve que dar vivas ao Imperador”.

Assis Brasil pergunta-se então: “Seria possível ao grande contingente popular passar por todas essas filigranas de pensamento, cambiando de idéia no decorrer dos quase dez anos de luta? Não me parece possível. O que houve, isto sim, é a desvinculação do povo em relação ao ideário da Revolução”.

ROMANCE – Apesar de toda a carga histórica, Assis Brasil faz questão de dizer que “A prole do corvo” é basicamente um romance. “A informação que nele entra serve apenas de apoio ao romanesco, e por isso a utilizo na proporção extra, para não me tornar panfletário nem autor de uma tese. É um romance de ação bem simples: Filhinho, personagem-eixo, um jovem de 20 anos, é mandado por seu pai, Coronel Chico Paiva, para a Guerra, ao lado dos republicanos. Chicão

fora requisitado em cavalos para a guerra e, por sovínice, não quis dá-los; por compensação manda o filho. Na estância permanece Laurita, sua irmã”.

A partir daqui correm paralelos duas histórias: a de Filhinho, na guerra (“com tudo o que a guerra tem de horror e non sense”) e em Santa Flora, onde Laurita tem também a sua história, intimamente ligada ao fenômeno bélico que abalava toda a Província (seu marido, tenente republicano, troca seus ideais por um cargo de tesoureiro na Câmara de Aguaclara, a cidade imaginária onde se passa parte da ação).

Assis Brasil compara então, seus dois últimos livros: “Poderia dizer que “Um Quarto de Léguas” é um romance épico, enquanto “A prole do corvo” é lírico”.

MITOS E HERÓIS – Luiz Antonio de Assis Brasil foi acusado, mesmo antes de sair “A prole do corvo”, de pretender destruir mitos e heróis. O primeiro mito que o autor coloca é de que a Guerra dos Farrapos foi um movimento popular.

“Bem, esse eu pretendo desfazer, pelos motivos que já disse. Em segundo lugar, temos os heróis”. Herói é um homem extraordinário, por seus feitos guerreiros, pelo seu valor, pela sua magnitude, segundo os dicionários. Então, na Guerra dos Farrapos, cumpre distinguir quem é “herói” e quem não é. Não é “herói”, por exemplo, Bento Manuel, que mudava de lado como quem veste um casaco”.

Os “heróis”, então, quem seriam?

“Basicamente”, diz Assis Brasil, Bento Gonçalves, Canabarro e Garibaldi, para ficar nos mais badalados. Se nós entendermos “heróis” segundo a definição acima, podemos dizer que esses três homens foram “heróis” pois foram extraordinários, fizeram mais que os outros. Até aí estamos de acordo. O que não podemos, porém, é dizer que forma homens limpos, corretos, imunes às tentações e aos deslizos, gente que nunca pensou em cometer uma infração aos códigos de ética de sua época. Transgrediam, sim, por que dizer que não? Essa minha atitude tem sido chamada de deseducativa, mas ao contrario é altamente educativa, na medida em que mostra aos jovens que os “heróis” eram seres humanos como qualquer um de nós e que, por circunstância ou por ato de vontade de transformar, chagaram a modificar a sociedade em que viviam”.

Assis Brasil diz então que modificar a sociedade é privilégio de predestinados e que os citados três “heróis” o foram com a sua parcela de humanidade, que os impelia a transformar aquilo que sua sensibilidade julgava errado. “Os próprios gregos entenderam bem esses problema, pois seus deuses tinham defeitos, pecavam, eram punidos, sofriam sanções. Eram, se é que se pode dizer, humanos. E, nem por isso, deixaram de ser adorados”.

Porto Alegre, *IEL – Movimento*, abr. 1978

**PROSA: UM ROMANCE PROCURA DESMITIFICAR
AS HISTÓRIAS SOBRE UM “LEVANTE POPULAR”**

Entrevista a Elisabeth Copetti

Luiz Antonio de Assis Brasil, advogado, professor e escritor, foi um dos primeiros a questionar os mitos e heróis da Guerra dos Farrapos, com seu livro *A prole do corvo*, lançado em maio deste ano, já está em sua segunda edição – a primeira esgotou-se em dois meses e meio. Baseando seus romances na história do Rio Grande do Sul, ele mostra que o que se passou não é exatamente aquilo ensinado nas escolas hoje. E seu ponto de vista, em breve, deverá ser confirmado mais um livro, escrito por Moacyr Flores, que é mais um integrante da nova corrente de intelectuais que questiona a versão oficial da Revolução Farroupilha.

Situa-se o romance no último ano da Guerra dos Farrapos. O argumento não é complexo: o estancieiro Chicão Paiva, dono da estância de Santa Flora, é requisitado em cavalos para a Revolução e, por sovínice, manda em troca seu filho de vinte anos, Filhinho, incorporando-o nas tropas (revolucionárias) de um certo major Firmino, militar desiludido da Guerra, e que mantém uma atitude oportunista em relação ao fenômeno.

Logicamente Filhinho não entende a guerra, nem vai por sua vontade. O livro narra as aventuras e desventuras deste que pode ser considerado um anti-herói da Guerra dos Farrapos; por várias vezes ele indaga de um companheiro o que significa a guerra, ouvindo sempre a resposta: “não se entende a guerra, se briga nela”.

Sob o ângulo de visão de um soldado, portanto, é que a Revolução é vislumbrada; não há concessões: tudo é revisto por Luiz Antonio de Assis Brasil, desde a fidelidade dos próceres do movimento até a atitude casual de Bento Gonçalves, que no livro é apresentado como um homem cansado, que olha melancolicamente as nuvens e dá ponta pés enfastiados nas pedras. Inesperadamente a coluna de Filhinho envolve-se numa das tantas escaramuças da guerra, e ele acaba por matar, sem intenção, um soldado imperial, o que lhe servirá de motivo para remorsos e indagações.

Culmina o romance com um frustrado ataque a Aguacalara (cidade em cujas cercanias se situa Santa Flora), no qual morrem muitos soldados inutilmente, pois a paz já havia sido selada entre os líderes. Na cena final, dá-se o encontro de Filhinho com sua irmã, o que o recebe já não como o jovem inexperiente, que partiu há um ano, mas um ser marcado pela dor e pela angústia.

Chamando seu livro de *A prole do Corvo* porque fala nos herdeiros do corvo, aqueles que se alimentam da morte dos outros. Assis Brasil acredita que já é hora de “se ir parando de repetir velhas baboseiras que nos foram incutidas quando crianças e reforçadas na idade adulta, com outros argumentos”. Seu depoimento:

“A Guerra dos Farrapos não teve participação popular em seu nascedouro; foi tramada por estancieiros e grandes comerciantes, pois todos estavam sendo prejudicados em seus negócios, especialmente com o descaso com que o governo do império deixava entrar o charque platino, em detrimento daquele

produzido pelos grandes charqueadores, o que, obviamente, despertava reclamos azedos”.

“Claro que o problema do charque não foi o único, mas também outros, derivados de intrigas políticas, nem sempre muito acessíveis à massa popular. Deflagrado o movimento, o povo foi conclamado a lutar, defendendo uma Federação que nem sabia o que era: mais tarde, o povo foi novamente colhido de surpresa, pois tinha de lutar pela independência do império; mais tarde, por fim, foi obrigado a aceitar o arreglo proposto pelos dirigentes do movimento, e teve de dar vivas ao Imperador.

“Agora, pergunto: seria possível ao grande contingente popular passar por todas essas filigranas de pensamento, combinando de idéias no decorrer da Guerra? Não me parece possível. O que houve, isso sim, foi a desvinculação do povo em relação ao ideário da Revolução, e é mentira dizer em salas de aula, para adolescentes ainda em formação, que a Revolução Farroupilha foi um levante popular.

“Liberal, seria correto dizer; arquiteto pela elite dominante, no intuito inconfessado de defender seus interesses. Já é hora de se repor a verdade histórica, e é para mim gratificante ver como mais professores esclarecidos têm procurado informar seus educandos com dignidade. A prova disso é que A prole do Corvo tem sido objeto de seminários e trabalhos escolares. A tese de Moacyr Flores, em vias de publicação, porá uma pá de cal nas patriotadas inconseqüentes”.

Porto Alegre, *Folha da Manhã*, 15.set.1978, p. 11

QUESTIONAR MITOS, UMA FUNÇÃO DO ESCRITOR PARA O NOVELISTA ASSIS BRASIL

Entrevista a Antonio Hohlfeldt

“Bacia das almas” é como se denomina o terceiro livro de Luiz Antonio de Assis Brasil, que a L&PM Editores está lançando hoje, em sessão de autógrafos, a partir das 20 horas, no âmbito da XXVI Feira do livro. Para seu autor, o livro é basicamente, “uma história, não um romance histórico, pois detesto o adjetivo. Constitui-se no terceiro volume, embora permita leitura independente, daquela série que os amigos e alguns críticos estão chamando de “Trilogia dos Mitos” iniciada por “Um quarto de légua em quadro” e continuada com “A Prole do corvo” Porque esta denominação? Creio que por tentar questionar a nossa mitologia gaúcha, preponderantemente mahista, com a saúde guerreira, o elogio da valentia inconseqüente e, de certo modo, abordando nossos remorsos coletivos”.

Heranças

O positivismo, o castilhismo e o borgismo constituem o pano de fundo desta nova narrativa de Assis Brasil, “sob o ângulo de visão de uma família tipicamente gaúcha de nosso pampa. O livro perquire várias etapas desta família, os Henriques de Paiva, remontando inclusive às origens de suas terras”.

Para quem leu atentamente “A prole do Corvo”, certamente causará estranheza a mitologia que aqui surge em torno de Filhinho – que durante a Revolução Farroupilha foi muito mais um anti-herói e qualquer coisa deste tipo, mas que ressurge desta vez transformado em espécie de “deus familiar” adorado como ancestral legendário e grande herói:

Mitificação

“Mostro, desta forma, como temos uma tendência irresistível a mitificar nosso passado, em especial quando ele se liga a fatos pretensamente heróicos. Reacionarismo? Talvez. Principalmente entre as grandes famílias sul-rio-grandenses isto ainda perdura, pois parece que elas não se convencem de que vivemos em outra época, com novos padrões e que não, lhes resta outra alternativa senão a adaptação. Um nome ilustre, hoje em dia, nada mais significa, podendo até ser um enorme peso, atrapalhando, freqüentemente, pois nos exigem atitudes e até posições ideológicas. De mim pedem que eu seja parlamentarista, libertador, etc. Se não fosse trágico, seria até cômico...”

Assis Brasil trabalha metodicamente: monta a obra como uma espécie de quebra-cabeças, traçando, retrazando, fazendo fichas, um trabalho quase arquitetural:

“Depois, estrutura tudo capítulo a capítulo, como um grande conto. Com início, meio e fim. Nada ao acaso, até os nomes surgem após cuidadoso estudo.

Talvez por isso eu não tenha muita quantidade em minha produção. Claro, as falhas sempre acontecem, são inevitáveis. Mesmo agora, relendo o romance depois de impresso, ainda me dá vontade de mexer. Mas ocorre que ela já não mais me pertence, tenho que me contentar com isso. Mas como tenho a obsessão do texto limpo, constantemente presente em mim, trato de caprichar antes”.

Dupla Leitura

Para o escritor. “bacia das Almas”, além de ser uma história, comporta uma outra leitura, já fixada por Regina Zilberman na apresentação do texto: “todo o período autoritário gera uma descendência astênica, em termos políticos. O castilhismo e o borgismo não fugiram à regra, pois nos legaram uma fraca geração.

ON Coronel Trajano, principal personagem deste meu livro, é um líder autoritário, dono pretense das terras e consciências de Aguacalara. Autoconfiante, acreditando ser imortal, atemoriza e apavora a todos. Seus filhos, que se reúnem para a partilha dos bens, não conseguem descobrir suas próprias identidades, e só obtêm essa conquista após um longo sofrimento em que elaboram e revisam seu passado e o do pai. Pouco a pouco a real face do morto aparece., e isso significa uma libertação. Claro que tais fatos se processam em nível familiar, mas podem ser lidos num plano político, basta que se tenha olhos para tal”.

Para Assis Brasil, a desmistificação que sua obra realiza não nega os mitos:

Mitologia

“O homem pensa através de mitos, ou eles surgiram como forma de dominação? Eis um estudo para antropólogos ou sociólogos. No nosso caso particular, o mito tem conotação apresentada como alternativa, isto é, foi muito mais um instrumento a mais a imposição de valores com finalidades inconfessáveis de preservação do estabelecimento que qualquer outra coisa. Provavelmente só agora nos damos conta desta coisa elementar. Por outro lado, creio que questionar mitos é função do escritor que, por natureza, é um questionador, um homem que tem dúvidas sobre as chamadas “verdades eternas” e que não se envergonha de mostrar suas dúvidas.

O escritor mostra-se satisfeito com a repercussão que sua obra vem tendo. Ambos os romances anteriormente lançados encaminham-se para terceiras edições. “A prole do Corvo”, por exemplo, esgotou-se em quarenta dias. Isso pode não significar nada em termos internacionais, lembra ele, mas em termos locais é significativo. Quanto a “bacia das Almas”, Assis Brasil afirma:

“Minha expectativa cresceu por ser inclusive um romance em que me empenhei duramente. É claro que ao leitor só interessa ler a obra, e não as asperezas do ofício do escritor. Mas mesmo sob este ângulo, espero não frustrar ao potencial leitor”.

Porto Alegre, *Correio do Povo*, 6.nov.1981

ROMANCE DO CORONELISMO NO PAMPA

Bacia das almas é o terceiro volume da trilogia dos mitos do Rio Grande do Sul que Luiz Antonio de Assis Brasil escreveu e estará autografando, hoje, às 20 horas, na Feira do Livro. Tratando da história do desmembramento dos bens de um coronel da campanha gaúcha, morto em 1938, Assis Brasil revive um romance, aspectos da política e da economia do Estado a partir de 1917, com enfoques especiais ao castilhismo, borgismo e positivismo. Lembra, também, o frustrado golpe integralista.

Apesar do contexto histórico e político em que situa seus personagens, Assis Brasil faz questão de salientar que não se trata de romancear a história do Rio Grande do Sul. “As pessoas estão situadas no tempo e são tocadas por ele – explica – a trama do livro está centrada no morto, Trajano, um típico coronel gaúcho, dono de terras e da consciência das pessoas. O seu despotismo conseguiu anular seus filhos, assim como esteve anulada a geração pós-positivista”.

“O livro não tem qualquer pretensão de inovar na forma – diz Assis Brasil – porque penso que se tem de inovar é nas idéias. Se for um gênio, e conseguir inovar além das idéias, a forma da linguagem, melhor ainda. Quero transmitir uma história curiosa, que faça rir, chorar, em um discurso linear. Não faço experiências na forma, pois acredito que esta não é a condição fundamental para uma obra. A inovação deve existir sempre, mas no campo das idéias. Prefiro que as pessoas entendam, a depararem-se constantemente com acidentes lingüísticos”.

A respeito da preferência do público por lançamentos gaúchos, Assis Brasil acredita que trata-se de uma reação ao achatamento cultural que se está tentando impor ao Estado através de padrões vindos de outros centros urbanos. “Essa busca ao regional – concluiu – é uma reação contra a padronização do gosto, contra o modismo. Não vamos viver no passado. Mas é justamente este passado que nos traz valores culturais. É uma reação espontânea do povo. Não é uma atitude reacionária, mas a tentativa de se voltar a viver seus próprios valores”.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 06.nov.1981.

BACIA DAS ALMAS NA PALAVRA DE SEU AUTOR

Sobre “Bacia das almas” seu autor diz que é um romance, uma história contada de maneira fluente e compreensível. O tema é a morte de um estancieiro e a reunião de seus filhos para a partilha dos bens. São cinco filhos, cada um conta uma história diferente, suas angustias, seus pesares e seus remorsos.

O encontro é uma oportunidade de cada um conhecer a si mesmo e aos irmãos, bem como conhecer o pai, sem os componentes da submissão que pairavam enquanto ele era vivo.

Simbolicamente é também a história de dominação das primeiras três décadas da política regional, quando imperava o castilhismo e o borgismo. Assis Brasil, neste ponto, faz questão de alertar que não se trata de História, pois ela cabe aos historiadores.

Reafirma que é basicamente um romancista, ainda que tenha sido durante muito tempo confundido com um papel que nunca desejou assumir: o de romancista histórico. Mostra-se esperançoso que “Bacia das almas” consiga afastar definitivamente essa ameaça, permitindo-lhe chegar ao leitor como deseja: um criador.

“TRILOGIA DOS MITOS”

Quando perguntado sobre a relação de “Bacia das almas” com os dois livros anteriores, o autor lembra que alguns amigos chamam a esses três primeiros romances de “Trilogia dos Mitos”, o que ele afirma aceitar. Comenta que não teve a intenção de escrever uma trilogia, mas que ela surgiu ao natural: “Sem me dar conta, fui perpassando nosso passado, desde o século XVIII – com a tragédia da colonização açoriana – passando pela Revolução Farroupilha e chagando ao nosso século. Numa perspectiva de conjunto vejo que efetivamente foi se construindo um painel dismitificador de nossos antecedentes épicos”.

Assis Brasil diz que a relação que vê como mais próxima é com o seu segundo romance, “A prole do corvo”. A família, por exemplo, é a mesma – os Henrique de Paiva – assim como é a mesma a estância Santa Flora, e a cidade. O que muda é o tempo e as circunstâncias.

“Na ação de “Bacia das almas”, passada em 1938, vemos que a família reverencia como seu herói máximo um ancestral perdido na lenda, conhecido como Filhinho Paiva, herói da Revolução Farroupilha, que teria participado de grandes feitos. Pois bem, quem leu “A prole do corvo” sabe que Filhinho de Paiva, foi tudo, menos herói.

Pelo menos não aquele tipo de herói que as famílias rio-grandenses esperam. A ironia da situação demonstra quanto tempo mitifica nossos personagens”.

INOVAÇÃO

O escritor comenta que hoje “parece haver uma histeria inovadora, como se isso fosse fundamental para a qualidade da obra, como se o autor não fosse autor se não inovasse”. Ele questiona se não será mais importante ser compreensível para o leitor do que ter essa preocupação excessiva com o novo.

- Entendo que a obra artística deve atender a sensibilidade, fazer rir e chorar. Esta a sua função primeira, ainda não alterada, por mais modas que surjam. A literatura, em especial, é um conjunto de autores inovadores, de autores não-inovadores e de autores caudatários.

Todos têm sua vez e seu papel nesse conjunto.

Luiz Antonio diz não se considerar um inovador de formas. De idéias, talvez... Lembra que é muito difícil ao autor falar de sua própria obra, mas entusiasma-se ao falar da literatura gaúcha.

- Ela vai muito bem. Há boas e valentes editoras.

A L&PM, por exemplo, faz milagres. Há bons autores, que merecem ser lidos, como a Lia, o Moacir, o Ciro, o Resende, o Dionélio, o Caio e agora o Martins, o Josué. Isto para falar apenas na ficção. Na poesia o Nejar e o Armindo já conquistaram palcos nacionais.

Falando em poesia, Assis Brasil diz que nunca a fez, da mesma maneira que nunca tentou o conto. Dos dois gêneros diz que são difíceis, que exigem uma vocação especial e um talento incomum. Afirma que o romance é seu chão e que não conseguirá escrever nada que não seja ele.

Patrocínio

Sobre o autor novo, o diretor da Divisão de Cultura da prefeitura diz “que continua gramando”.

Quando consegue editar com patrocínio de órgãos oficiais, edita. Mas há exceções, como o Roberto Martins, que é autor novo e está lançando “Ibiamoré” pela L&PM”. Ele lembra que o caso, entretanto, não é a regra. E faz uma colocação – “presa na garganta” há tempo, “os institutos do livro deveriam editar autores novos. Num país carente como o nosso, é fundamental que órgãos públicos assumam esse papel. Sou um exemplo típico: não fosse o patrocínio inicial do instituto Estadual do Livro, na gestão da Lígia Averbuck, eu não teria hoje a possibilidade de publicar numa editora comercial. Isso não significa que todo autor que edita com patrocínio seja medíocre; pelo contrário. Nomes representativos da nossa literatura iniciaram assim, e agora não tem mais problemas de editar”.

Planos

Os planos para o futuro são muitos. Por ora, o escritor pretende concluir uma novela, ainda sem título, para a coleção “Nova leitura”, da L&PM. Depois retomar os originais de um romance que narra suas experiências como músico da orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

“um livro de reminiscências, nem todas agradáveis, já que foram vários anos de contato com a Orquestra e com a figura estranha e inquietante que foi Pablo Komlós”.

Finalmente, o autor de “Bacia das almas” fala sobre o coronel Trajano Henrique de Paiva, personagem de seu romance. “Ele é o dono das terras e das consciências em Aguaclara.

É um característico personagem de nossa campanha. Seu nome não foi escolhido ao acaso. Foi muito pensado. Quem conhece lances do Trajano, imperador de Roma, sabe o que digo.

O nosso Trajano é um misto de positivista, livre-pensador, republicano, devasso. Seus filhos levam a sua marca, constituem um grupo sem vontade e sem vida, que sempre viveu à sua sombra. Mas, um dia ele morre... e volta a ser um homem comum. Essa descoberta é fundamental para que eles assumam suas verdadeiras identidades”.

Porto Alegre, *Folha da Tarde*, 5.dez. 1981 p.20
Lazer e Utilidades

ASSIS BRASIL: O DOMÍNIO DA ARTE DE ESCREVER

Entrevista a Patrícia Bins

Luiz Antonio de Assis Brasil, romancista gaúcho cuja obra vem merecendo os aplausos unânimes de leitores e críticos desde “Um quarto de légua em quadro” parece ter todos os componentes necessários para a conquista da perenidade nas letras nacionais: o domínio da técnica narrativa, o estilo fluido, enxuto e ao mesmo tempo pleno de surpreendentes lances inovadores, a capacidade de tecer personagens vivos se infiltram sutilmente em nossa imaginação e também de criar atmosferas densas, tensas onde se desenvolvem os dramas do homem e sua paradoxal condição.

Procuramos o romancista logo que soubemos do lançamento, para breve, de “Manhã transfigurada” (seu 4º romance). Nesta página, o resultado de um bate-papo informal feito com a intenção de acrescentar à obra algo da visão pessoal do escritor, aproximando-o assim mais ainda, dos seus inúmeros leitores e admiradores:

P - Onde, quando, como e por que começou o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil?

R – Sempre escrevi. A falar, preferi sempre o escrever. Escrevi na pequena Estrela, onde vivi até 12 anos, escrevo em Porto Alegre, onde vivo. E escreverei sempre, onde estiver. É paixão. Comecei muito cedo; e talvez por ter sido muito tímido, a expressão escrita superou a verbal. Depois, era muito gratificante ser elogiado pelas belas composições, recheado de palavras difíceis e pensamentos raros...

P – Como você encaixa a sua obra em relação à literatura brasileira e hispano-americana?

R – Seria muito veleidade incluir-me em “correntes literárias”. Mas se tenho de responder, prefiro colocar-me entre aqueles que não se aventuram a experiências formais, apesar de ser obsecadamente preocupado com a forma. Em relação à nossa literatura, crio que pratico uma escrita realista, numa perspectiva do regional renovado pela visão crítica.

P – Qual o seu processo de trabalho?

R – Sou muito metódico para trabalhar. Surgido o tema (nem me perguntem como...), paço a esmiúça-lo: a época, as pessoas, o ambiente, enfim, todas as circunstâncias. Depois, paço tudo para fichas, onde um primeiro trabalho de depuração tem início. O paço seguinte é escrever um rascunho da obra completa, com poucas páginas, onde há um começo, um meio e um fim. Mostro este esboço primeiramente a Valesca, minha mulher; depois a uns dois ou três amigos: recebo críticas e sugestões: então reformo, mexo, reviro, até que chego onde quero. Feito isso, começo a escrever um “copiã”, onde a história vai nascendo mais ou menos fiel ao esboço. Nesta fase, não cuido da forma, das repetições, dos ecos, das frases sem nexos. Este “copiã” tem aproximadamente o dobro da obra definida, em número de páginas. A operação seguinte é a da “poda” das excrescências, onde retiro tudo que a fantasia me faz desviar do esboço inicial. Não me deixo seduzir por linhas de pensamento ficcional que se afastem muito do esboço. Aí já

tenho a obra “pronta”. Tem início a frase se depuração, onde analiso período por período, leio o texto em voz alta, estudo a propriedade das palavras utilizadas, recorro ao dicionário, interrogo novamente os amigos, etc. com tenor e surpresa, constato um dia que a obra está concluída. Novamente é a Valesca que faz, juntamente comigo, a datilografia final. Neste momento, a obra já não é mais minha. Já estou pensando no próximo romance.

P – Após a trilogia que teve como última etapa “Bacia das almas”, você prossegue ainda com a mesma linha histórico-ficcional sulina?

R – Não. A “Trilogia dos Mitos” esgotou-me a vertente. Meu trabalho agora se volta para o estudo da alma humana, este lago cheio de sombras e surpresas.

P – Qual, a seu ver, a função do escritor?

R – Uma função muito clara: testemunhar e questionar o seu tempo. Ser ao mesmo tempo espelho e luz.

P – Como reage face à crítica especializada? E a indagações dos seus leitores?

R – A crítica é útil e necessária. Seu papel é importantíssimo na orientação dos leitores, é um foco irradiador de idéias. Sempre recebi os trabalhos críticos com um formidável estímulo. Quanto aos leitores, só me resta agradecer a paciência com que me lêem.

P – O que sente em relação ao próximo instante de criação? Já sofreu o chamado “writer’s block”?

R – A criação me deixa extremamente excitado, até eufórico. Quando um tema me apaixona, perco até a fome. Felizmente ainda não conheci o “writer’s block”; o que me falta é mais tempo para escrever.

P – Explique um pouco a questão dos mitos rio-grandenses, em torno dos quais giram seus três romances.

R – sou conhecido agora como um demolidor de mitos, título do qual não me orgulho. Não os demoli. Apenas mostrei que os mitos gaúchos (machismo, passado heróico, valentia, tradições guerreiras) estão um pouco exagerados. Procurei evidenciar a dimensão humana de nossos “heróis”. Por que um estancieiro da Guerra dos Farrapos não poderia ter um filho covarde e fraco?

P - E sobre o ultimo, o que nos pode adiantar?

R – é uma vertente inédita de minha literatura. Como me disse a Léa Masina, é como se um novo escritor surgisse. Neste livro adentro o estudo dos sentimentos humanos, na sua complexidade, e trato de temas nos quais antes não me sentia à vontade. Trato de um triângulo amoroso, onde, nos vértices, estão pessoas profundamente duvidosas dos papéis que a sociedade lhes impõe. Passa-se me Viamão, em pleno século XVIII, barroco e sensual. Chama-se “Manhã transfigurada”, e sai ainda neste mês, pela valente L&PM.

P – Já pensou em transformar sua obra em cinema? É extremamente visual e plástica...

R – Sim. Aliás, sou um cineasta frustrado. Se tivesse dinheiro, faria cinema, que é, para mim, o meio direto e completo de chegar às pessoas. Fascinam-me as tomadas de cena, os claros-escuros da película, a música, a voz. Nos meus romances, procuro transportar, embora fragmentariamente essas sensações. Busco o “melhor ângulo”, estudo a “luz”. Quem sabe, um dia, ainda não farei um filme?

Porto Alegre, *Correio do Povo*, 30.jun.1982. p.13

UM TRIÂNGULO AMOROSO EM VIAMÃO DO SÉCULO XVIII

Como você situaria “MANHÃ TRANSFIGURADA” em relação à sua obra?

- “MANHÃ TRANSFIGURADA” é algo novo, talvez único em minha obra. Não é fatalismo, mas crio que jamais escreverei algo igual. Talvez – e assim espero – melhor, mas nunca igual. Literalmente afundei-me no drama de Bernardo, Ramiro e Camila, o triângulo amoroso em torno do qual se desenvolve a trama desta novela; e esta foi a vez que mais um trabalho de ficção me envolveu, que mais me deixou perplexo, que mais me deu a sensação de ser criador. Em relação ao que escrevi até agora é um passo além, sem dúvida.

- Então há o abandono do histórico?

- Sim, radicalmente. Creio que respondeu a um ciclo necessário dentro da minha escritura. Aliás, essa libertação do histórico já se evidenciava no personagem Laura de “BACIA DAS ALMAS”, que vivia imersa em dúvidas, temores, anseios, culpas, esperanças. Descobri na criação de “BACIA DAS ALMAS”, que havia ainda muito a explorar – quase tudo – da alma humana.

- Mas “MANHÃ TRANSFIGURADA” se passa em pleno século XVIII...

- É verdade; mas o histórico não parece, é apenas sugerido. Não é cenário, não é pano de fundo. É apenas um ambiente. O barroco sempre me seduziu. As curvas, o arrebatado das frases, as poses, o paradoxismo dos sentidos, a sensualidade no sentido mais original. E nós, no Continente de São Pedro, em fins do século XVIII, viviam em pleno barroco, apenas de Werther já ser velho... A igreja de Viamão, centro da história de “MANHÃ TRANSFIGURADA”, é um típico exemplo disso. Uma excelente matéria ficcional

- Por que situar tuas obras sempre no passado?

- Porque se pode dizer o que se quiser a respeito do homem em qualquer época. O espírito do homem não muda. Eu poderia ter situado maus três personagens agora, ou há vinte anos atrás, ou na idade das cavernas. A escolha vai mais ao sabor das preferências pessoais.

- Algumas coisas mudou na forma de escreveres?

- Mudou. Bastante. A forma é fundamental, pois é através dela que chegamos às pessoas. Um escrito mal – feito, desleixado, não predispõe ninguém a entregar-se a uma obra. Por isso, esmerilhei palavra por palavra, procurei as mais expressivas, aquelas que caíssem bem à vista e ao ouvido. E, principalmente, procurei adequar a escrita ao tema. Não que a linguagem seja barroca, é claro. Mas me achei no direito de sugeri-la, aqui e ali.

- Há inclusive frases em latim...

- Mas que são imediatamente traduzidas. Serviram como um elemento a mais para remeter o leitor a uma época que muito se parece com a nossa, mas

cujo maio de expressão era diverso. Sabe, é preciso recriar todo um universo, e a linguagem presta-se muito bem a esse Propósito.

- O que há de verdade em “MANHÃ TRASNFIGURADA”?

- Tive conhecimento de um processo canônico ocorrido em Viamão do século XVIII (a igreja ainda é a mesma), um processo de natureza matrimonial, muito tumultuado e cheio de lances patéticos. Vi logo que seria um bom material. A novela não é sobre esse processo, mas ela serviu de ponto de partida. Ou, se quiserem, inspiração. Daí, partir para a criação da trama foi um paço muito simples. E extremamente grato, pois não precisei muito esforço para delinear os personagens: Ramiro, o homem culto, de formação européia, angustiado com os vapores do trópico; Bernardo, o fruto da terra, cuja capa de civilização recobria um temperamento sanguíneo e por fim Camila, presa aos prejulgamentos de uma época radical. O que se segue é uma conseqüente lógica do confronto de pessoas tão dispares, vivendo mundos afastados.

- E os projetos?

- Um romance, onde aprofundo ainda mais o estudo do ser humano. Talvez ainda mais denso que esta novela. Maior certamente será. Me deixa tão tenso escrevê-lo que prefiro nem falar.

- E já tem título?

- Sim. Chama-se “As virtudes da casa”.

Porto Alegre, Folha da Tarde, 30.jul.1982, p.21.

Luiz Antonio de Assis Brasil Antônio chega onde quer

Entrevista a Danilo Ucha

O clima barroco que os gaúchos viviam no final do século XVIII, na primeira capital do Rio Grande do Sul, Viamão, foi transportado para uma novela pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. A história, centrada num triângulo amoroso envolvendo o padre, o sacristão e uma mulher, oscila entre o claro e o escuro, a virtude e o pecado, dicotomia que tão bem marcou aquele momento da história da humanidade, da cultura e da arte.

Luiz Antonio de Assis Brasil recentemente encerrou sua trilogia sobre um momento da formação histórica, política e humana do Rio Grande, com o romance **Bacia das almas**. Publica agora **Manhã transfigurada**, novela onde muda radicalmente de estilo. Se nos livros anteriores – entre os quais **Um quarto de légua em quadro** e **A prole do corvo** – havia um maior compromisso entre História e Literatura, este é totalmente literário, com caráter intimista, usando o Autor da linguagem para possibilitar reflexões das personagens e buscando um aprofundamento nos mistérios da alma humana.

O ponto de partida, no entanto, foi um processo canônico verdadeiro. O assunto, porém, foi recriado pelo escritor, que faz suas personagens viverem em torno da famosa igreja de Viamão, até hoje um marco histórico e arquitetônico do Rio Grande do Sul. Em determinados trechos, Assis Brasil reproduz frases em latim, aumentando o clima barroco de sua narrativa, mas sem prejudicar o entendimento do leitor, pois a tradução é encadeada no texto.

Luiz Antonio de Assis Brasil considera encerrado o seu primeiro ciclo literário, no qual tratou o fenômeno do coronelismo no Estado, e aberto outro, com esta primeira novela que escreve. “A revisão do passado histórico é coisa já terminada – explica – e agora estou me dedicando a uma criação mais literária e intimista. Embora traga a ambiência barroca que se vivia em Viamão, no final do século XVIII, este tipo de trabalho é muito diferente de tudo o que já escrevi”.

No final do século XVIII, a Europa já estava em pleno Romantismo, mas a província gaúcha, e a capital, em particular, viviam o barroco. Era, também, uma época comandada por um moralismo esmagador. Reunindo estes dois elementos, o escritor gaúcho consegue construir um romance que, como dizem seus editores (Lima e Pinheiro Machado), tem drama, reflexão, paixões desmedidas e amores impossíveis. Para Ivam Pinheiro Machado, “foi a melhor coisa que Luiz Antonio de Assis Brasil escreveu”.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 09.ago.1982. Segundo Caderno, p. 2.

“MANHÃ TRANSFIGURADA” REVELA EM ASSIS BRASIL UM OUTRO ROMANCISTA

Entrevista a Antônio Hohlfeldt (Antônio de Campuoco)

Em tarde de autógrafos, realizada na livraria Autores Nossos, do Centro Municipal de Cultura, o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil lançou ontem seu quarto romance, pela L&PM Editores, intitulado “Manhã transfigurada”.

CICLO ACABADO

“Com meu livro anterior, “Bacia das almas”, encerrei meu ciclo de revisão do nosso passado histórico, iniciado com “Um quarto de légua em quadro”. Era minha necessidade de repor em circulação certos fatos de nossa história, que de um modo ou outro eram sonegados. Não sei se andei certo ou errado, o julgamento não me pertence. O fato é que me senti aliviado com minha consciência, pois crio que, como intelectual cumpro o dever de informar e denunciar toda a mitologia gauchesca que, efetivamente, não resiste à menor indagação mais profunda. Fiz esta luta com o recurso de que dispunha, minha ficção.

Com “Manhã transfigurada” surge absolutamente novo no trabalho de Assis Brasil, que ele assim assume em seu processo de criação:

PALAVRA

“Na verdade, o livro nasceu da pesquisa de linguagem que comecei a fazer em certo momento. Quis escrever algo que tivesse um sentido estritamente literário porque embora não renegue minhas obras anteriores, confesso que me sentia um pouco cansado com o tema histórico. Comecei, assim, a trabalhar períodos e frases: sempre fui fascinado pelo barroco, e o tema surgiu-me casualmente. Foi da pesquisa das palavras e de seu valor, da minha antiga leitura de Vieira, Gregório de Mattos e outros, que me surgiu o tema, tema que poderia ser ambientado em qualquer local, mas que situei em Viamão, porque ali também encontro um barroco, meio passado, grotesco, barroco que também vejo, inclusive, em outras paisagens brasileiras. Acho que o brasileiro em si é barroco, e sempre penso que a Catedral de Brasília, como de resto toda a cidade, também o são. Na verdade, porém, foi também um salto importante na minha relação com as palavras, porque só depois de ter publicados os livros anteriores é que me apercebi, com susto e fascínio, da vida que as palavras possuem, suas possibilidades. Ingênua e humildemente, confesso que para mim, até então, as

palavras eram instrumento a serviço de uma idéia, mas a partir de agora não, elas têm vida própria e podem ter um impacto igual ao das ideais”.

GENESE

Como processo, Assis Brasil assim explica esta descoberta:

“Busquei uma a uma as palavras, estudei seus sinônimos, seu efeito no período, seu brilho ou opacidade. E conclui talvez por algo banal, mas que é algo que concludo por mim mesmo: nosso idioma é riquíssimo, expressivo e contundente”.

Quanto ao enredo em si, o escritor com humildade sintetiza: “trata-se de uma simples história de inspiração. Tive conhecimento de um processo de natureza canônica, envolvendo relações familiares, ocorrido em Viamão setecentista. Pouco tem a ver com a história da minha novela, mas serviu-me de mote. É uma novela de triângulo amoroso tradicional, mas visto sob o ponto de vista dos vários narradores e personagens. Aceito que possa ser uma tragédia que tem como motivo a história de amor, já que o amor é uma constante da literatura, - desde os gregos até hoje. Por outro lado, a presença religiosa neste texto é algo que não posso negar, pois fiquei muito (xxxx?) por esta religiosidade culpada, pesada, em relação à carne, que vivi durante minha infância e adolescência, e de que muito ainda hoje não se afastaram”.

ANTIPERSONAGEM

Numa espécie de laboratório de criação às avessas, o escritor vai-se dispondo a pensar seu processo de criação no diálogo com o repórter. Lembra, por exemplo, que, “de certa forma, quis criar o anti-padre Amaro. Longe de mim qualquer pretensão de me comparar ao Eça, mas sempre achei que padre Amaro vivia muito pouco a tensão entre o pecado e a religião, neste livro, fazer esta visão que sempre me fascinou, porque a acho profundamente dramática. Procurei, pois, apreender o sentimento de culpa e ao mesmo tempo de fascinação pelo pecado que vejo no padre Ramiro. Contudo, não vejo um amor-paixão por parte de Camila, que me parece ter em Ramiro uma idealização. Eis porque falo em barroquismo no que tange ao romance, preenche das situações ambíguas e de contradições”.

A epígrafe que abre “Manhã transfigurada”, lembra Assis Brasil, encontrou-a ele numa antologia do crítico português Pedro da Silveira sobre a poesia açoriana, e lhe expressou, sinteticamente, tudo o que o romance deveria significar:

DESCOBERTAS

“O poema expressa exatamente aquilo que para mim é o barroco, as grandes oposições, as tristezas e alegrias radicais”.

Surpreendido por algumas indagações, o escritor vai traçando, aqui e ali, esboços curiosos sobre a gênese da obra: por exemplo, numa mesma manhã, duas pessoas diferentes indagaram-lhe sobre sua relação com Camila Castelo Branco, “escritor que não leio a uns cinco anos. Não sei se foi o clima do meu livro ou a coincidência de nomes, mas é algo a pensar”.

Em outro momento, é o título da obra: “Surpreendo-me agora com a perspectiva de que assim chamei o livro na medida em que assumi a perspectiva de Camila. Se o livro termina em tragédia, por certo não era esta a sua expectativa, dar o título escolhido. Ou não?” O fato é que, no que tange à ação, é Camila quem conduz o enredo: “coisa, aliás, que temos em toda a literatura do Estado, não reparaste? De Érico a Cyro Martins, o machismo gaúcho se transfigura nas fortes figuras femininas de nossa literatura, como no Josué de Frau Catarina. Na verdade, Camila tem sua gênese na Laura de “Bacia das almas”, a personagem que mais trabalhei naquele livro. Felizmente, as minhas leitoras têm gostado de minhas personagens femininas”.

Porto Alegre, *Correio do Povo*, 28.ago.1982.

IGREJA DE VIAMÃO INSPIRA DRAMA AMOROSO

A velha igreja de Viamão, apesar de algumas reformas ao longo dos anos, ainda tem muita coisa daquela construída em 1780, inclusive o antigo altar e a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Este mesmo altar, com característica barroca do século XVIII, serviu de inspiração para um drama amoroso e conflitos de um padre, uma senhora e um sacristão, entre o pecado e a virtude, como mostra o livro “Manhã transfigurada”, de Luiz Antonio de Assis Brasil, que estará abrindo a sessão de autógrafos de hoje, às 16h na Praça da Alfândega.

É uma trilogia amorosa, onde um dos envolvidos, o padre Ramiro, precisa lutar para manter-se na posição que lhe foi atribuída ao assumir a responsabilidade de uma vida religiosa. Como o responsável pelas almas da pequena e pobre vila do Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, especialmente a sua capital, Viamão, padre Ramiro teria apenas que cumprir seu dever, devolvendo a paz ao lar de uma jovem que não era mais virgem, quando do seu casamento com o homem mais importante da região, o sargento-mor. Mas, como homem, padre Ramiro se questiona, e muito, a respeito dos apetites da carne.

VISITA

Luiz Antonio de Assis Brasil foi rever, sábado último, o mesmo altar e contar a história que ele desenvolve de maneira atraente em “Manhã transfigurada”. Alguma coisa mudou, pois a escada por onde um dos envolvidos na trilogia trágico – amorosa fugiu, indo até a torre da igreja, não é mais a mesma. Mas, ainda assim, deu para ele explicar os sentimentos que teve ao escrever a obra:

- “Manhã transfigurada” se passa à sombra desta velha igreja de 200 anos. Escolhi-a por ser o documento mais original de nossa arquitetura barroca, por sua rudeza, por sua beleza quase agressiva, por toda carga de densa religiosidade que exalta de suas grossas paredes. Tudo mais propício ao drama, à tragédia.

A história está relacionada ao Rio Grande do Sul, pois se passa a partir de informações de que teria havido, no século XVIII, um processo de colonização em Viamão, envolvendo relações de famílias locais. Luiz Antonio explica que a palavra foi trabalhada “como nunca fizera nos seus livros anteriores”. Neste diz o autor “estudei os períodos, busquei os sinônimos mais expressivos e precisos, respeitei a personalidade, de cada vocábulo. Por isso acredito que em termos de busca de palavras, nada está sobrando ou faltando”.

O que falta realmente, no momento, são as casa pobres que a imaginação do escritor colocou à volta da praça, onde o centro, como foi natural na época de colonização, era a igreja. Nem está lá o rico casarão onde Camila foi colocado por um marido rico e importante, ultrajado já na primeira noite ao descobrir que tinha não uma donzela, mas uma fêmea que considerava importante o prazer e uso do corpo, apesar de temer este mesmo corpo. Mas Assis Brasil acena, mostrando onde ele estava: bem na frente da igreja, onde em vez da virtude residia o pecado ou, o que é pior, uma luta de dois homens para conter seus anseios.

A velha igreja resiste e escritor conhece ela toda. “Foi constituída por meus antepassados, sempre gostei dela”. E ele também sofre a ambivalência dos seus personagens, (em outro nível) pois mesmo lamentando o nome Assis Brasil “é uma marca que agente precisa carregar, exigem até posturas políticas por causa dele”, Luiz Antonio de Assis Brasil gosta da igreja onde Camila, de forma tão dramática, deu vazão a sua paixão. É com doçura que ele mostra cada peça, relatando, por exemplo, que “este detalhe não é original”.

A impressão que a igreja causa, no autor, a ponto dele atuar em “Manhã transfigurada” junto a velha matriz de Viamão, é explicado:

- A presença religiosa em “Manhã transfigurada” é muito forte. A religião é maneira antiga me deixou muitas marcas. Até hoje me fascina o ritual da missa anteconciliar, uma tradição infelizmente perdida. O rito, afinal, acompanha o homem há milênios. A dessacralização da vida torna-a chata, sem encontros.

CAMINHO

Foi em 1976 que o autor de “Manhã transfigurada” fez a sua primeira tarde de autógrafos na Feira do Livro. Na ocasião lançou “Um quarto de légua em quadro”. Depois, em 1978, veio com “A prole do corvo”, relato de um soldado farroupilha; e “Bacia das almas”, um romance vivido numa estância rio – grandense.

Estes três livros formam uma trilogia intitulada “Mitos” e foram lançados pela Editora L&PM, a mesma pela qual Assis Brasil está saindo com “Manhã transfigurada” hoje. Esta última obra, relata o autor, “felizmente tem recebido elogios da crítica. Em oito trabalhos, em jornais locais mais o Estado e Jornal do Brasil todos foram favoráveis”. Já o mesmo não aconteceu com as principais obras, especialmente a primeira, que dividiu opiniões de críticos.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 03.nov.1982

O resgate do nosso passado cultural

O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, gaúcho, nascido em Cachoeira do Sul, vem-se destacando tanto por seu trabalho literário quando por sua participação nos demais assuntos culturais do Estado. Como escritor, Assis Brasil publicou os livros “Um quarto de légua em quadro”, “A prole do corvo”, “Bacia das almas” e “Manhã transfigurada”. Trabalha também como Diretor da Divisão de Cultura da Secretária de Educação e Cultura de Porto Alegre, é membro do Conselho de Patrimônio Histórico do Estado e professor na PUCRS.

Assis Brasil concedeu uma entrevista ao Campeador, na qual fala sobre a situação cultural no Rio Grande do Sul e, neste sentido, apresenta sugestões.

Bem assim, fala sobre sua própria obra.

1- Qual a situação cultural do RS?

É necessário que se faça uma distinção: há, por um lado, a cultura oficial, e, de outro, a cultura enquanto expressão viva da coletividade. Quanto à primeira, é extremamente oportuno que se (serve?) os métodos empregados para a preservação do patrimônio cultural e os instrumentos destinados ao incentivo da produção e da circulação dos bens da cultura, no sentido de uma maior participação dos interessados no fenômeno cultural, em especial com a criação de conselhos em todos os níveis de decisão. Quanto ao segundo aspecto, pode-se dizer que a cultura gaúcha nunca foi tão pujante, em todas as áreas: música, dança, teatro, literatura, artes plásticas. Com exceção, talvez, do cinema, ainda incipiente, estamos num nível dos mais avançados, talvez o mais elevado de nossa história.

2- Quais as sugestões que tu apresentas para modificações no Centro Cultural de Alegrete?

Uma maior adequação do espaço cênico e a solução de alguns itens de aeração do prédio. Quanto à dinâmica da casa, parece-me que a atual administração está com excelentes propósitos, e os contatos já feitos com outros órgãos de cultura demonstram isto.

3- Quais as sugestões para a atuação do Conselho de Cultura e do Conselho de Patrimônio histórico?

Conselho de Cultura – repito meu próprio (?) um conselho de cultura só é eficiente na (mesma?) em que representa efetivamente todos os segmentos da coletividade cultural. Nele (como de resto de conselho similares em diferentes níveis) devem ter assento aquelas pessoas que são representativas das diferentes áreas culturais, enumeradas na resposta à primeira pergunta. E mais: que tenha o conselho verdadeiro poder no planejamento de uma proposta cultural.

Conselho do Patrimônio – o de Alegrete está muito bem; as medidas que tem tomado para preservação e resgate do patrimônio estão entre as mais modernas e eficazes. A legislação é operosa e significativa. É seguir o trabalho.

4- Quais os aspectos que se ressaltariam, na tua opinião, na cultura, da região da campanha? Quais os que mereciam maior relevo?

Destacam-se, na vertente do patrimônio, a preservação de espécimes arquitetônicos em vias de extensão e note-se não apenas os urbanos, mas

também os rurais (sedes e estâncias, galpões, atafonas, ranchos, pontilhões). Na vertente dinâmica, deve-se proporcionar condições para a circulação (intra - estadualmente) dos produtos típicos, em especial na área do artesanato e da arte ingênua. Além disso, se poderia pensar seriamente em uma publicação de tudo que for descoberto, para preservar-se a memória cultural da região. Não gostaria de destacar nenhum aspecto: todos são importantes.

5- Mudando um pouco de assunto, quais os planos para a tua próxima obra?

Um romance denso e minucioso, onde a investigação da alma humana desça as últimas conseqüências. Este é, creio, o meu atual caminho, inaugurando com inaugurado com Manhã transfigurada. O romance de que falo já tem título, é As virtudes da casa, passando em uma estância da campanha no início do século XIX, onde as virtudes são no mínimo, discutíveis.

6- O que te leva a escrever o tipo de obra que escreves?

A tentativa de resgatar nosso passado cultural, mostrando suas mazelas e sua verdade.

7- Para encerrar: como incentivar a cultura?

A receita não é difícil: boa vontade, bom senso, abertura, para todas as manifestações (inclusive as experimentais) e algum dinheiro. Some-se a isto um certo faro para detectar o que realmente importante, diferenciado-o do que é apenas “ilustração” e “beleza para os olhos”, tão ao gosto do “café-soçaite” que existe em todas as coletividades.

Manhã transfigurada

Manhã transfigurada.

De Luiz Antonio de Assis Brasil, Porto Alegre, L&PM, 1982.

Como nas três obras anteriores – “Um quarto de légua em quadro”, “A prole do corvo” e “Bacia das almas” – Assis Brasil, em “Manhã transfigurada”, continua em busca da desmistificação. Nas três primeiras obras, o autor ocupou-se de relegar a história oficial do Rio Grande do Sul, deflagrando um processo de desmistificação dos por ela consagrados ocupando-se, a par do real, da história da maioria, dos (vencidos?). Em “Manhã transfigurada”, Assis Brasil procura um desmistificação da mulher gaúcha do passado, da (compõe...?) do a vontade, então, se sustentava na vontade do homem.

Camila rejeita a moral pequeno-burguesa e, aliciada pelos ensinamentos e pela cumplicidade de Laurinda – a negra que lhe servia de criada e que lhe estimulava o rompimento com a convenção de classe – intenta a vivência do prazer.

Todavia, a história oscila em duas direções que se contrapõe: de um lado, Camila personifica Eros, que é o deus do amor e também o principio do prazer e da vida. De outro, Bernardo representa Tanatos, o deus da morte. Em sobre purando Tanatos e Eros, a obra fecha-se com a punição ao prazer.

Bem elaborada, devido aos recursos de linguagem que o autor maneja com criatividade e à estrutura da exposição dos conflitos refletida através da ótica de cada personagem, a obra expõe a caducidade de uma moral que dissemina o

sentimento de posse, que nega a plenitude do prazer e que leva a transgressão do vigente a redundar na morte. Mais uma vez, Assis Brasil conta a história dos vencidos tendo como apoio dessa vez, a história da mulher.

Alegrete, RS, *Campeador*, mar.1983

ASSIS BRASIL, UM ESCRITOR QUE GOSTA DA SOLIDÃO

Entrevista e texto: Néri Pedroso

Virginia Woolf, escritora inglesa, diz em uma das suas obras, <<Orlando>>, que todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências de sua vida, todas as qualidades de seu espírito estão patentes em sua obra e mesmo assim os escritores precisam de críticos e biógrafos para explanarem e explicarem uma e outra. A única explicação dessa monstruosidade, dia ela, é que precisamos matar o temor.

Pois a literatura gaúcha nestes últimos anos tem demonstrado duas importantes coisas: que os nossos autores perderam o temor de não apenas mostrarem o seu potencial revelando-se através dele, mas também de apresentar as profundas contradições existentes na sociedade gaúcha, na história do seu povo. Luiz Antonio de Assis Brasil é um nome de incalculável valor, que procura desenvolver sua ficção sobre momentos importantes da história do Estado, mostrando assim que não se escreve apenas com os dedos, mas com a pessoa inteira, com consciência e destemor.

Luiz Antonio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre, em 1945. atualmente além de escrever, exerce função de professor e na direção do Instituto Estadual do Livro da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Autor dos livros <<Um quarto de légua em quadro>>, <<A prole do corvo>>, <<Bacia das almas>> e <<Manhã transfigurada>>, Assis Brasil é um romancista que desenvolve sua ficção sobre momentos importantes da história do Estado.

Ao analisar a atual produção da literatura gaúcha, o escritor afirma, com convicção, que o movimento literário do Estado nunca viveu momento tão fértil. Se comparado com outra década, é possível equipará-lo em termos qualitativos aos dos anos 30. <<Hoje, explica, além da qualidade excelente que está assombrando o resto do País, também temos a qualidade de bons autores com uma grande produção que tem atingido o eixo Rio - São Paulo>>.

A literatura num país onde existe um elevado índice de analfabetismo e inúmeras contradições sociais, na sua opinião é uma questão que deve ser vista de forma distinta, porque a crise favorece a arte literária, tendo em vista que estimula a criatividade. Toda a crise é desafiadora, pois faz com que as cabeças funcionem mais. O trabalho literário e o artístico, que constituem criação pura, são favorecidos por um momento crítico.

Com relação ao problema do analfabetismo é preciso considerar, que de fato, a literatura ainda é para poucos. Num país cheio de dificuldades, onde outras prioridades são compreensivelmente mais importantes como a desnutrição e a moralidade infantil. Nessa situação, a literatura se destina a uma faixa da população com os problemas essenciais já resolvidos e que, por isso, tem o direito de se interessar por algo como o texto literário.

Escrever para as elites não resulta em conflitos, porque existe o desejo e a consciência que as próprias classes dominantes devem ser conscientizadas sobre as dificuldades que o restante da população enfrenta. <<Atuar no social questionando, interrogando e denunciando é a função do escritor>>.

Ressalta ainda que a literatura não pode ser apenas um espelho social. Ela deve ser um agente dinâmico do social, procurando caminhos novos. Num país do Terceiro Mundo, coloca, o escritor tem uma função bastante diferente daquele que atua em países avançados do ponto de vista econômico e social. Na América Latina ele ainda é visto como um guru que sabe e entende das coisas, tanto que é interrogado sobre política, economia, inflação – assuntos que nem sempre entende bem. Em outros lugares ele é questionados apenas por temas literários.

Ter consciência sobre a responsabilidade de um escritor num país pobre, não impediu que Luiz Antonio resolvesse se dedicar ao ramo literário. No seu entendimento, no Brasil, escritor como profissão não existe. A vontade de escrever surge por uma predisposição pessoal. <<A gente, admite, se torna escritor meio sem querer. Começamos escrevendo e quando vemos um livro pronto. As vezes nem mesmo com cinco ou seis obras publicadas, não podemos nos considerar um escritor, porque não conseguimos viver disso. A literatura anda é uma atividade marginal.

Assis Brasil não se considera um intelectual. O termo, explica ele, ainda lembra muito aquela pessoa que contempla a realidade, não atuando nela. O intelectual é o homem de letras, como se diz no sentido antigo. Mas dentro de uma conotação moderna, a intelectualidade deve pensar, refletir, agir. <<Nesse sentido sim aquele que escreve poderia ser chamado de intelectual>>.

SOLIDÃO

O escritor gaúcho concorda com o colombiano Gabriel Garcia Marques quando coloca que o ato de escrever sempre é solitário. É o tipo do trabalho em que necessariamente prescindimos dos outros, porque não há condições escrever ou refletir a dois. O escritor realmente é muito solitário, por isso a literatura precisa ser exercida por pessoas que tenham uma predisposição à solidão, sabendo conviver com ela. Essas são raras, porque atualmente os indivíduos – a grande maioria não desejam estar consigo mesmo. Gostam de se atordoar de coisas.

Escrever, conta ele, é um ato completamente tranquilizante. O angustiante é não poder escrever. Somente surge a frustração quando não corresponde o que escrevemos com o que queríamos. Nesse sentido, lembra do Érico Veríssimo que dava a seguinte resposta quando o publico elogiava seu último livro editado: <<Não é o que eu queria fazer>>. Na opinião de Assis Brasil ele foi o exemplo do intelectual consciente.

INFLUÊNCIAS

Questionado sobre as obras que funcionaram como modelos técnicos nos quais se inspirou, respondeu que não há escritor que possa dizer que faça livros completamente independentes dos demais. <<Eu sou eu pelo meu caminho – isso não existe>>.

Luiz Antonio prefere falar em família literária e não em influências. <<Há escritores que têm uma certa afinidade entre si, que mais ou menos têm uma linguagem parecida e tratam de temas semelhantes. Nesse caso, eu pertenceria a qual também pertencem Autran Dourado e Antonio Callado, que buscam uma

perfeição formal, uma linguagem expressiva e rica a nível de texto e não de conteúdo>>.

Ao finalizar a conversa, ele analisa a iniciativa da Associação de Pais e Professores do Colégio Centenário, que contando com o apoio da instituição promoveu o projeto <<Autor na Escola>>. Sérgio Caparelli e Luiz Antonio de Assis Brasil foram convidados a manter com os alunos um longo diálogo sobre as suas obras. Classificou como uma iniciativa brilhante e rara. No Instituto Estadual do Livro o projeto existe, porém é vendido aos colégios. Em Santa Maria acontece o contrário: o escritor é chamado pela comunidade escolar.

Santa Maria,RS, *A Razão*, 11.nov.1984, p, 28

AMOR TRÁGICO NOS CAMPOS GAÚCHOS

Entrevista a Danilo Ucha

Perdida nos campos de Rio Pardo, a Estância da Fonte levava a sua vida conduzida com firmeza pelo estancieiro, homem típico dos velhos tempos, mistura de lidador campeiro e de soldado. Sua filha e sua mulher vivem conforme as regras da época. Um dia, chega lá um pesquisador francês, bem falante, olhos azuis e cabelos dourados...

Este é o ponto de partida do livro de Luiz Antonio de Assis Brasil, “As virtudes da casa”.

Havia um sentido do grandioso

“Havia sentido do grandioso – acrescenta Assis Brasil – e hoje, mesmo na hora do sofrimento, ele é padronizado. Perdemos a emoção trágica do grego, que lamentava as mortes dos parentes e amigos rasgando as vestes”.

Quanto à forma literária, Luiz Antonio de Assis Brasil aperfeiçoa, neste romance, a técnica da superposição de blocos narrativos, com a mesma ação vista por mais de um ângulo, que inaugurou em **Manhã transfigurada**. Sua linguagem não é vulgar, mas também não é incompreensível. Tem ressonâncias do século passado, com bastante ordem indireta e a pré-posição do adjetivo em relação ao substantivo e a utilização de alguns termos em desuso, mas tudo feito com forte sabor das nossas raízes.

Escrito num período de dois anos e um mês – entre junho de 1982 e agosto de 1984 – **As virtudes da casa** reafirma o talento de romancista de Luiz Antonio de Assis Brasil. O lançamento oficial, com sessão de autógrafos, será feito em 10 de abril. É o livro mais extenso do autor: 308 páginas, Cr\$ 25 mil.

Uma história de amores impossíveis e inquietações intelectuais, numa estância gaúcha, no início do século XIX, envolvendo mulheres rio-grandenses e um francês aventureiro que aqui aportou, à maneira de Saint-Hilaire, é o ponto básico do novo romance do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, 39 anos, o quinto de sua carreira literária, iniciada com *Um quarto de légua em quadro*, publicado em 1976. Trata-se de *As virtudes da casa*, editado pela Mercado Aberto, e que já está nas livrarias.

A trama se passa numa estância gaúcha e tem como elemento deflagrador a visita de um desses franceses que costumavam andar pelo Continente de São Pedro, no século passado, dois dos quais ficaram muito famosos: Saint-Hilaire e Arsene Isabelle. Embora alguns se dissessem botânico e zoólogos, vinham, também, como aventureiros, conhecer o Novo Mundo, e tinham suas inquietações literárias, filosóficas, e políticas. Eram típico produto da pré-revolução francesa, com altas doses de romantismo, algo que, felizmente, ainda não morreu totalmente no mundo.

Quando Félicien – nome escolhido a propósito da trama pelo autor – chega na estância, fica ilhado por uma grande enchente. O proprietário anda longe, envolvido com a guerra contra Artigas, no Uruguai, e o estancieiro, representante

de um mundo mais culto, traz indagações, preocupações e inquietações para os habitantes do lugar, particularmente as duas principais mulheres, a esposa e a filha do proprietário, que por ele se apaixonam. São amores trágicos e sem futuro, mas que permitem mostrar o que o pessoal da estância, nos confins do mundo, no século XIX, tinha dentro de si e não sabia, como a capacidade de amar.

Todos os livros de Luiz Antonio de Assis Brasil – *Um quarto de légua em quadro*, *A prole do corvo*, *Bacia das almas* e *Manhã transfigurada* – aproveitam elementos da História do Rio Grande do Sul. Não são, porém, romances históricos na plena acepção do gênero. Ele acredita que o passado rio-grandense ainda pode oferecer muito em busca de uma grandenxa humana que foi perdida no mundo moderno.

“Hoje – diz Assis Brasil – temos um homem sem grandeza, envolvido com o seu BNH, a sua caderneta de poupança e a sua sobrevivência da forma mais mesquinha, tendo perdido o sentido do trágico e do grandioso. A minha ficção, e este romance particular, é uma tentativa de recuperação da grandeza do homem e da mulher primitivos que povoaram escassamente o imenso Continente de São Pedro”.

Luiz Antonio de Assis Brasil desmente os que escreveram que o homem e a mulher rio-grandense do passado, por estarem isolados na imensidão dos campos, pouco habitados, eram pouco afeitos às coisas do espírito e do intelecto. Inclusive, usou, como epígrafe de seu novo romance, um texto de Arsène Isabelle, no qual o francês que esteve no Rio Grande do Sul, em 1833, faz uma apreciação positiva dos antigos habitantes das estâncias.

Isabelle escreveu: “E não pensei que essas brasileiras do campo não possuam certa espécie de dignidade natural; ao contrário, apesar de nunca terem saído de suas estâncias, chácaras e fazendas, e em tempo algum abandonado suas vacas, plantações de algodão ou de feijão, senão apenas para ir à pequena cidade vizinha, e embora na mais crassa ignorância, não deixam de cultivar, no mais alto grau, suas vaidades, suscetibilidades e ares de grandeza”.

Porto Alegre, Zero Hora, 2.abr.1985
– Segundo Caderno

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
O VERSÁTIL AUTOR
DE AS VIRTUDES DA CASA

Entrevista a Patrícia Bins

Luiz Antonio de Assis Brasil, ficcionista da nova geração gaúcha, advogado e Professor de Direito, músico, atuante diretor do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, romancista de brilhante carreira, lançou há pouco “As virtudes da casa (Ed. Mercado Aberto, 85), sua quinta obra de sucesso, firmando-se definitivamente como um dos escritores brasileiros mais importantes. Sobre o recente livro diz o poeta Armindo Trevisan: “... é um dos romances eróticos nacionais de mais poesia que já li. Com mãos de mestre, com estilo, o Autor junta, à tragédia e ao retrato em grupo do mundo feminino das estâncias, um gosto de terra, couro e sangue. Um romance que, verdadeiramente, acrescenta algo único à história – por dentro da nossa História. Assis Brasil, possui uma garra que o aproxima de Simões Lopes Neto. Mas sua dimensão épica, quase sempre, se protege sob o poncho de uma sensorialidade e sensualidade verbais de pasmar”.

Seus romances anteriores: *Um quarto de légua em quadro* (Ed. Movimento, Porto Alegre, 1976); *A prole do corvo* (Ed. Movimento, Porto Alegre, 1978); *Bacia das almas* (Ed. L&PM, 1981) e *Manhã transfigurada* (Ed. L&PM, 1982).

Fala sobre o menino Luiz Antonio e de como fulminaram-lhe as múltiplas vocações artísticas.

Fui, talvez, uma criança melancólica; em geral, não participava das brincadeiras comuns. Jogar bola me aterrorizava, e brincar “de pegar” era, no mínimo, uma violência. Também não fui um pequeno gênio; minhas leituras eram triviais: não lia Goethe, não. Tinha um verdadeiro fascínio por histórias eróticas, contos chineses e japoneses. Lia também algo de História do Brasil – o Império era uma provocação. A arte era minha visão permanente do mundo. Minha mão tocava piano, e meu pai tem uma singular habilidade para tocar vários instrumentos e, sempre tive uma tendência a ver “artisticamente” os elementos naturais, e que a outros não diziam absolutamente nada.

Após ter se dedicado à música, durante anos em que momento decidiu ser escritor?

Propriamente não houve de minha parte uma decisão de me tornar escritor – isso surgiu depois do segundo ou terceiro livro, quando senti que a música era uma paixão *fatal* demais, que me (consome?). a literatura já controlo, é mais dócil, as palavras estão debaixo dos meus dedos. A música, como o amor de Carmem, é um “oiseau rebelle”, difícil de ser aprisionado.

De que forma vê seu primeiro romance Um quarto de légua em quadro?

Com a simpatia natural que dedicamos a tudo que fazemos apaixonadamente e meio sem (meditado?). Grande parte do que eu era, à época, está ali. Eu sou o Dr. Gaspar de Fróis, parodiando Flaubert, que dizia: “Madame Bovary? Madame Bovary c’ est (mui?)”. De resto, uma obra com falhas literárias, seríssimas, algumas. Mas foi emocionante escrevê-la!

Você tem como pano – de - fundo de suas obras o passado rio-grandense. A pesquisa é muito trabalhosa ou torna-se tão fascinante quanto à própria fantasia criada?

De fato, sinto-me melhor ambientando minhas histórias em nosso passado. Talvez seja uma forma de recuperar a dignidade perdida deste nosso pobre homem urbano, às voltas com mil problemas da existência cotidiana. O passado pode ser idealizado e sonhado. O presente deve ser duramente vivido. E o sonho é tão necessário como o real. A pesquisa é realmente muito trabalhosa, e por vezes enfadonha. O (tal?), porém, compensa.

O seu fazer literário como se processa, do embrião à getação e o parto final?

Meu **fazer** literário é muito esmoído. As idéias vão-se alinhando, formando figuras, assumindo (contornos?) arquitetônicos e só depois de haver projetado o edifício é que me disponho a escrever. Jamais me poderia lançar uma obra que não conhecesse bem seu começo, seu meio e seu fim. A história, portanto, deve estar **viva** dentro de mim; personagem, sensações, cenas, tudo isso que constitui o universo do “próximo romance”, deve compor um quadro formado e com todas as situações esmiuçadas à exaustão. Não consigo trabalhar de outra forma. Outros conseguem, e alcançam resultados espantosos. Esse trabalho preliminar é o mais absorvente e dolorido; concluído, é só uma questão de tempo para sentar-me à máquina.

Uma característica de seus livros é a capacidade de absorver a essência da alma feminina sem aquele sutil machismo inerente ao autor masculino. Terá sido o bom convívio com a mãe, a esposa, a filha um dos motivos desta visão de (mando?) mais verdadeiro em relação a mulher?

O mundo feminino me encanta – o seu sentir tão peculiar e **forte**, essa visão ao mesmo tempo ficcional e real da vida, essa capacidade de resistir à dor física e moral. Dores todos nós temos. Mas quem as suporta melhor são as mulheres. Admiro-as por isso. Talvez isso explique essa quase obsessão em penetrar em seu mundo, conhecê-lo. É uma busca de explicações para tanta fortaleza. Aqui digo reservadamente: a verdadeira natureza está na alma feminina. A maior alegria emocional para um homem é amar a mulher que ele considera a mais **forte**. Não posso concordar com Flaubert e Eça quanto ao tratamento que deram às suas mulheres de romance; Eça, então, desmancha-as numa dissolvida emoção feita de fraquezas, tudo sob o manto protetor do homem, o seu superior. Causas desse meu fascínio? O dia que achar explicações lógicas, além da **fortaleza**, talvez deixe de ser escritor, o que não me agradaria.

A figura paterna como atuou na sua formação de romancista/humanista?

Algo repressoramente. Sempre imaginei que meu pai ficaria escandalizado com meus livros e com minhas idéias; hoje vejo que, além de ser uma inutilidade esta preocupação, eu estava totalmente errado. Mas a visão um pouco irônica e desconsolada do mundo devo-a a meu pai, dotado de um senso de humor agudíssimo.

Sinto que, ao escrever, posiciona-se duplamente, como autor e leitor do texto. Isto é verdade?

Sim, é verdade. Sempre escrevo com os olhos do leitor. É como se o leitor estivesse me espiando por sobre o ombro. Afinal, não se escreve para nosso agradável deleite, mas para transmitir algo à alguém. Meus originais são muito lidos por outros, antes de irem para o editor. Lidos, anotados, corrigidos. Aceito sugestões sem a menor vergonha ou constrangimento. O escritor é um ser social; tudo que ele venha a escrever partiu do social – o escritor nada mais fez do que devolver ao social aquilo que lhe pertence. Por isso, tenho o maior respeito pelo leitor, e ao escrever tenho-o sempre em mente.

Que obras literárias marcaram o percurso de existência de Luiz Antonio de Assis Brasil?

Tantas... Os clássicos portugueses: Eça, Camilo, Garret. Os latinos, os gregos. Os romancistas ingleses, Jane Austen, as irmãs Brontë, Montaigne, Rebelais. Os franceses, sem dúvida: Flaubert, Balzac, Zola. Alguma coisa de poesia romântica, Musset, Lamartine. Entre os brasileiros, Machado. E agora, Autran Dourado, Callado, João Ubaldo Ribeiro, Josué Montello, Caio Fernando Abreu. Naturalmente aqueles que escrevem **melhor**, isto é, quando a forma não compromete o fundo.

Que obra lhe proporcionou maior alegria? E maior angústia se é que houve alguma?

A maior alegria? Os livros de Hesse. São um lago de serenidade. A maior angústia? – **A tragédia da Rua das Flores**, essa obra póstuma de Eça. É um dos mais eletrizantes romances da Literatura universal. Leio-o com as mãos trêmulas.

A *prole do corvo*, grande romance, será transformado em filme. Fale um pouco a respeito dessa nova experiência.

O romance tem uma linguagem radicalmente distinta da linguagem do cinema. Os códigos cinematográficos tem razões próprias. Na adaptação do romance ao filme não deve haver, necessariamente, correspondência. O diretor é um escritor privilegiado, porque tem à sua disposição a imagem e, por vezes, resolve um grave problema técnico do romance com uma linguagem adequada. Nós, escritores, temos apenas as palavras... Por estas razões, imagino que qualquer filme sobre qualquer livro meu terá um resultado melhor que o romance. Desde que o diretor tenha talento e não se ponha a **copiar** o romance.

Pensa que televisão e cinema podem ser meios de colocar o público em contato com a Literatura?

Sim. Além do que, representam (em especial a televisão) um novo e atraente mercado de trabalho para o escritor.

Que outras medidas seriam necessárias para ativar o hábito da leitura no Brasil?

Criar mais bibliotecas; baratear o custo do livro; colocar o escritor em contato face a face com seu público; estimular a leitura em sala de aula; ter professores arejados nas Faculdades de Letras; abrir mais espaços para as críticas nos periódicos. Mas, em primeiro lugar, melhorar o nível de vida do povo brasileiro, que ainda se debate com problemas crônicos, como a fome, a falta de moradia e o analfabetismo.

A relação pessoal entre o jovem aluno e o autor tem sido gratificante?

Muito. Os escritores têm muito a aprender com seus jovens leitores. Às vezes os estudantes nos dão lições não apenas de vida, mas também de literatura. E apontam, candidamente, falhas em nossos livros.

Nos debates realizados em Escolas e Universidade, quais os questionamentos mais comuns feitos ao escritor?

Até há pouco tempo atrás, os alunos atinham-se mais à vida dos escritores; atualmente, porém, as coisas têm mudado muito, e preocupam-se mais seriamente. O que desejam saber muito é a “posição política” do escritor. E, depois, como é que o escritor escreve seus romances, isto é, a técnica. São fissurados por isso.

Segundo dizem, você se faz severa autocrítica. Qual a reação diante da crítica especializada ou mesmo leiga?

Aceito a crítica estoicamente. Afinal, se escrevo um livro e me atrevo a publicá-lo, não posso reclamar de nada. Por sorte, de um modo geral, tenho sido bem-tratado. Se ocorresse o contrário, talvez eu até repensasse meu trabalho. A crítica é importantíssima, vital. É certo que a literatura em outra época viveria sem ele, mas numa sociedade atordoada pelos “mas media”, a crítica tem a seu encargo chamar a atenção do público para uma nova obra e, assim, salvá-la do esquecimento. Além disso, é a crítica que dá a exata dimensão cultural e social de um livro, incluindo-o num contexto mais amplo, extra-literário.

Como solucionar a questão do espaço para a divulgação do livro em nosso País, onde os jornais dedicam páginas e páginas aos esportes e às notícias políticas?

É uma questão de desenvolvimento cultural. Quando chegamos lá, os espaços naturalmente surgirão.

Como Diretor do Instituto Estadual do Livro, que planos vem realizando e quais as metas futuras?

Por ora, a continuação da Série Autores Gaúchos IEL, que já vai para o 10º número; seguir promovendo encontros dos escritores com estudantes e editar jovens autores. Não pretendo afastar-me muito dessas metas, que já são bastante ambiciosas.

O que sente diante do notável acolhimento de suas obras, especialmente das duas últimas, Manhã transfigurada e a recém-lançada As virtudes da casa?

Naturalmente, muito feliz. De certo modo, é uma compensação de tantas renúncias a que me vejo obrigado: cinema, teatro, convívio maior com a família. Tenho certeza que o bom acolhimento de Manhã transfigurada me animou a escrever As virtudes da casa. A responsabilidade e auto-crítica nunca foram tão fortes, em mim, depois de ter sido tão bem recebido pelo público e pelos críticos.

O que vem agora, em matéria de romance?

Por ora, apenas embriões. Dois, para ser mais preciso: um romance e uma novela. Ambos situados no nosso passado, ainda. Mas não estou decidido; a decisão explodirá qualquer dia destes. E aí será fulminante.

NOS BASTIDORES DE UMA ORQUESTRA

Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor já conhecido nacionalmente (seu romance anterior, *As virtudes da casa*, em segunda edição, foi saudado com vigor pelos críticos do centro do país), para quem não sabe, pertenceu à Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, como violoncelista. Embora a orquestra em que se passa boa parte da história de seu novo livro não seja a OSPA, muitas lembranças devem ter servido de inspiração para **O Homem amoroso**:

- O livro – explica o autor – trata, basicamente, da luta da pessoa contra a verticalização do poder. Por esta razão a minha história é situada no início dos anos 70, onde a verticalização política se fazia sentir em todos os níveis, inclusive dentro de uma orquestra sinfônica, que é, aliás, o tema dominante no texto. Fui músico da OSPA na passagem dos anos 60 para 70, nela permanecendo 13 anos, na qualidade de violoncelista.

Hoje o ex-violoncelista, escritor de sucesso, é o atual subsecretário de Cultura do Estado, com muitos planos para 1986. Sobre seu novo romance, ele diz:

- Devo destacar que, apesar de o livro possuir lances autobiográficos evidentes, a orquestra sinfônica retrata não é a OSPA, nem o maestro é Komlès – embora o livro seja dedicado à sua memória – nem o administrador da orquestra existiu de fato, nem o Presidente da Fundação não é nenhum dos que já ocuparam ou ocupam o cargo,. Aliás, nutro pelo Dr. Nesralla uma intensa admiração pelo seu trabalho frente à OSPA. O mais será coincidência. A minha orquestra é uma orquestra de qualquer país do Terceiro Mundo, com suas contradições e suas perspectivas e até sua neurose de querer fazer música erudita num país às voltas com problemas elementares de alimentação, moradia e emprego. Trato também de outros temas, absolutamente desconhecidos pelo público de concertos, como a necessidade de alguns músicos assumirem outros empregos e a angustia de se verem sobrepujados por seus rivais. Poucos sabem igualmente que numa orquestra sinfônica é possível que dois músicos que toquem a mesma partitura estejam em desacordo e, eventualmente, sejam até inimigos. É um mundo fascinante, fechado, com leis próprias, que não se revela a qualquer um.

Dentro do conjunto de sua obra. *O homem amoroso* é uma virada completa, pois, além de tratar de um tema atual pela primeira vez, marca a utilização por parte do autor de uma linguagem direta, limpa, cheia de diálogos, esquema diferente do usado, por exemplo, em **Manhã transfigurada** e em **As virtudes da casa**. A mudança, segundo Assis Brasil, não é gratuita. Pelo contrário: “Como em **Manhã** e **As Virtudes**... tratei de temas algo barrocos e profundamente dramáticos, precisei metamorfosear meus períodos gramaticais, dando-lhes uma coloração adequada a estas circunstâncias. Já em **O homem amoroso**, a época é a de nossos dias; eu não poderia dar um tratamento que não fosse o contemporâneo. É como se diz: a linguagem adapta-se ao tema, em literatura”.

O tema de uma orquestra já foi no cinema em **Conterpoint** (com Charlton Heston) ou na televisão, **Playing for time** (com Vanessa Redgrave). O mestre italiano Federico Fellini dedicou-lhe uma pequena obra de televisão: **Ensaio de**

Orquestra, um filme que, ao contrário dos anteriores, não tinha heróis. Em **O homem amoroso**, o personagem central é um homem que chega atônito aos 40 anos. Ele é um ser sensível (um músico) que de repente se vê abandonado pela mulher e passa a assumir o próprio egoísmo. Segundo Luiz Antonio de Assis Brasil, **O homem amoroso** “é uma síntese das nossas contradições cotidianas, que nos levam a gestos de intenso amor, mas que também nos enclausuram num individualismo exasperante. Culpa de quê? Da sociedade em que vivemos? Das nossas vivências infantis? A mim não cabe responder. Como escritor, registro e interrogo os leitores. Este é o meu papel”.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 13.mar.1986, Segundo Caderno

UM POUCO DA VIDA DE ASSIS BRASIL

O homem amoroso é o título do novo livro de Luiz Antonio de Assis Brasil, lançamento da série Novelas da Editora Mercado Aberto. Este é o sexto trabalho do escritor que, em fevereiro, assumiu a Subsecretária de Cultura/SEC em substituição a Paulo Amorim, falecido a 12 de janeiro deste ano.

Maturidade emocional e literária são os argumentos que Assis Brasil encontra para definir o Homem Amoroso, como o momento culminante de sua carreira. Porém, mais do que isto, a obra representa um pouco da vida do autor, sem o estigma da biografia, contada de maneira sensível, elaborada e consciente.

MAGISTER – De que trata O homem amoroso?

Assis Brasil – Eu fui violoncelista da OSPA durante cerca de treze anos e sempre estive dentro das minhas cogitações escrever sobre minhas experiências como músico da orquestra. Neste tempo todo, pude observar bem as dificuldades enfrentadas pelos músicos, retratadas na obra. Além de abordar este mundo da orquestra sinfônica, que reforço não ser o da OSPA, toco também numa questão muito próxima a minha realidade: a famosa crise dos quarenta anos. O homem amoroso é a história de um personagem de quarenta anos, envolvido em problemas emocionais típicos da fase, um pouco perplexo e aborrecido como é o meu caso. Eu considero uma obra de plena maturidade, não apenas literária, mas emocional.

MAGISTER – Como se sente um autor que, de certa forma, por trás de seu personagem, revela suas experiências de vida ao grande público?

ASSIS BRASIL – este livro é narrado na primeira pessoa do singular. O que faz com que as pessoas, confundem personagem com o escritor. Muita coisa é verdadeira e realmente aconteceu comigo. O leitor que acompanha minha obra vai saber identificar.

MAGISTER – Como tu sentiste a evolução de teu trabalho depois de seis livros publicados?

ASSIS BRASIL – Eu comecei como romancista de temas históricos, mas houve um momento em que isto não mais me satisfazia, pois eu buscava outros caminhos – o da realização de uma obra pessoal e reflexiva. Uma coisa é certa, eu me sinto dominando mais o meu instrumento de trabalho que é a palavra e ganhando mais em maturidade literária e emocional. O homem amoroso, no caso, representa o momento culminante de meu trabalho.

MAGISTER – Como vai ser teu trabalho na Subsecretária de Cultura?

ASSIS BRASIL – Eu tenho inicialmente muito interesse em dar uma atenção especial à área do patrimônio cultural e artístico, porque acredito que nas outras áreas a Secretaria está atendendo muito bem. Quero trabalhar na parte de restauração, tombamento e arrolação de prédios para a ativação da memória cultural.

MAGISTER – E a literatura?

ASSIS BRASIL – A literatura continuará sendo trabalho pelo Instituto Estadual do Livro – IEL. Nós prosseguiremos com a Série Autores Gaúchos, que envolve 110 mil estudantes no Estado, com o lançamento do próximo número programado para abril do fascículo sobre o poeta Armino Trevisan. Outra série a sair, semelhante a esta primeira, com recursos já comprometidos pelo MEC,

dedica-se aos autores do passado como Simões Lopes Neto e outros clássicos da literatura rio-grandense.

MAGISTER – Como escritor, editor e agora subsecretário de Cultura, qual a tua opinião sobre o atual momento da literatura gaúcha?

ASSIS BRASIL – Nós temos hoje realmente um grupo muito importante de escritores em franca produção, alguns deles com reconhecimento ao nível nacional. Este é o melhor momento não só para os escritores, mas para a classe cultural do Estado. Este sucesso se deve em muito ao trabalho desenvolvido pelos professores, em especial de ensino de 2º Grau, em sala de aula, que indicam as nossas obras e fazem circular este material abundante. O reflexo deste esforço se dá na posição do Rio Grande do Sul ao ocupar o terceiro lugar no mercado editorial do país.

OBRAS PUBLICADAS DO AUTOR

Um quarto de légua em quadro

A prole do corvo

Bacia das almas

Manhã transfigurada

As virtudes da casa

O homem amoroso

Porto Alegre, *Magister*, Abril 86, p. 10.

**CÃES DA PROVÍNCIA ATACAM
POR CONTA DE ASSIS BRASIL**

Entrevista a Carmem Lucca

O advogado, o músico, escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil, que, recentemente, conquistou o título de Doutor em Letras, baseando sua tese em uma obra literária, lança, nesta segunda-feira, o sexto livro de sua obra: “CÃES DA PROVÍNCIA”. Editado pela Mercado Abeto, vem somar-se a “UM QUARTO DE LÉGUA EM QUADRO”, “A PROLE DO CORVO”, e “BACIA DAS ALMAS” que formam a Trilogia dos mitos Rio-grandenses.

“MANHÃ TRANSFIGURADA” e “AS VIRTUDES DA CASA” – que atestam o amadurecimento do autor – juntamente com a novela “O HOMEM AMOROSO” formam a bibliografia deste autor gaúcho.

Nesta entrevista ele nos fala sobre seu novo romance “CÃES DA PROVÍNCIA”, de sua vida, seu trabalho, suas aspirações e coloca sua opinião sobre os caminhos de nossa cultura.

- **Qual é a temática de seu novo romance, “CÃES DA PROVÍNCIA”?**

- Gira em torno da figura Qorpo-Santo, dramaturgo porto-alegrense, José Joaquim Campos Leão, que se autodenominou Qorpo-Santo. No momento em que tinha brigado com todas as mulheres, resolveu ser um homem puro, manter a castidade, projeto que não levou avante. Mas ficou o nome... Foi um dos raros intelectuais, um dos homens ilustrados da época, 1860, por aí. Escreveu freneticamente. Deixou várias peças de teatro que foram redescobertas por Aníbal Damasceno Ferreira. Elas têm um conteúdo que muito se aproxima do teatro do absurdo, enfocando situações incríveis. Aborda temas absolutamente revolucionários para a época, como por exemplo, o homossexualismo masculino. Põe em cena este tema e outros como adultério, prostituição, e de uma maneira muito crítica, muito mordaz aos costumes da época, que eram altamente regressivos.

- **Uma espécie de biografia?**

- Não propriamente uma biografia. É uma recriação em torno deste homem que sofreu um processo de interdição judicial por loucura. Não é uma biografia. Não há muitos elementos para tal. Nem é esta a minha intenção, mas sim recriar o **imaginário** de Qorpo-Santo. Através dele, refazer o ambiente cultural e social da época. O romance se passa em 1864, em alguns meses, durante o processo de interdição; junto a isso eu trato também daqueles crimes da rua do Arvoredo – famosos na crônica policial da cidade – um casal que praticou uma série de homicídios, e enterrava suas vítimas no porão da casa. Este inquérito policial existe até hoje, está no Arquivo. Décio Freitas estudou-o exaustivamente.

- **O que há de comum entre os dois fatos?**

- Faço uma analogia entre aquela loucura de Qorpo Santo – loucura entre aspas, porque nada mais era que um homem inteligente que destoava da época – e os crimes da rua do Arvoredo. Estabeleço uma analogia com a loucura

que se apossou da cidade porque se dizia que, como o criminoso era açougueiro, fazia lingüiça de carne humana. Uma fantasia, naturalmente, mas que degenerou numa loucura, de tal maneira que as pessoas se sentiam mal, ficavam doentes por achar que tinham comido a tal lingüiça. Ao mesmo tempo acontecia a loucura pessoal de Qorpo-Santo, e, ao estudar sua loucura, debato a sanidade e a demência. Qual o limite entre gênio e o louco, principalmente na figura de dois médicos – alienistas, como na época se chamavam os psiquiatras – que foram encarregados pelo juiz de dar o laudo sobre a loucura de Qorpo-Santo.

- **E o laudo, o que disse?**

- Pois este laudo foi conflitante, isto é, um psiquiatra achou que sim e outro achou que não, não era louco, porque se guiavam por correntes psiquiátricas diferentes: uma dizia que a loucura era uma doença igual às outras assim como a tuberculose, como a sífilis, e, portanto, deveria ser tratada com remédios, com banhos frios, sangrias, etc., e outra corrente, mais moderna, ligada às teorias do cientista Pinel e Esquirol, que dizia ser a loucura uma alteração dos afetos e que não tinha porque fazer um tratamento médico, e sim fazer um tratamento de aconselhamento, conversa, tanto que esta foi a que depois preponderou. Depois de Freud, principalmente.

- **Então esta é a história de “CÃES DA PROVÍNCIA”?**

- Sim, é disso que trata o meu livro, além de retratar o ambiente social, cultural de uma província que age repressoramente, com padrões muito sólidos e estabelecidos de moral, contra a figura de Qorpo-Santo, colocando-o de certa maneira, como bode expiatório de todas as frustrações desta sociedade.

- **Mas na realidade histórica, tanto os crimes da rua do Arvoredo como a loucura de Qorpo-Santo, aconteceram no mesmo momento ou você uniu os dois fatos para construir a ficção?**

- Praticamente na mesma época. Digamos que foi no mesmo período histórico. Na verdade eu os uni, já que o ficcionista tem esta liberdade, para justificar ficcionalmente algumas situações. Usei de liberdade, vamos dizer. E creio que alcancei meu objetivo que era transmitir o imaginário de Qorpo-Santo, o que era aquela loucura eventual, o que era aquela incompreensão. O tempo não compreendeu. Em geral as pessoas de vanguarda são incompreendidas.

- **Em “AS VIRTUDES DA CASA”, seu último lançamento, você alcançou um nível de qualidade excelente. Acredita que em “CÃES DA PROVÍNCIA”, conseguiu manter este nível?**

- Desde “AS VIRTUDES DA CASA”, tenho um espectro que me ronda, que me exige sempre que eu tenha de fazer uma obra melhor que aquela. Logo no início isto me preocupava, tendo em certo tempo me paralisado um pouco. “Será que vou conseguir escrever algo assim, outra vez?”. Mas depois pensando em tantos escritores de nome como Machado de Assis, Balzac e outros como Érico, Josué, todos com obras maiores e obras menores, decidir dar o máximo de mim para escrever este livro. Não sei se consegui manter o mesmo nível, não sei. Mas tentei. Os leitores é que vão julgar.

- **Um detalhe que marcou demais “AS VIRTUDES DA CASA” foi a linguagem. Ela se inseria no momento da história. Neste romance é usada esta técnica também?**

- Em certo sentido, sim. Entretanto, como eu precisava de muita dialogação, porque há muito debate de idéias, principalmente entre os dois médicos, não podia usar o diálogo dentro do parágrafo, misturado com a narração. Iria confundir o leitor. Tive de optar por um diálogo aberto, mais solto, mais direto. Então esta não é uma obra em que a preocupação com a forma seja fundamental. Tenho um certo cuidado, mas não pretendi recriar totalmente a linguagem da época. Talvez neste livro que estou escrevendo agora, volte a fazê-lo.

- Nota-se que em todos os seus romances você está muito ligado à realidade histórica. Como é que é este processo de criação?

- Até “BACIA DAS ALMAS”, me preocupava a realidade histórica num sentido de fidelidade absoluta. Depois disso me dei conta de que tanto faz se o acontecimento que narro se passou em 1864 ou no final de 63 – é a mesma coisa. Procuro agora ser fiel ao espírito da época e não rigorosamente às pessoas e aos fatos, exatamente como aconteceram. A não ser que me proponha a fazer um romance histórico, o que é outra coisa.

- A escolha do tema, a inspiração como aconteceu? Pesquisa?

- Cito Vargas Lhosa, dizendo que agente não escolhe o tema. Este é que escolhe o escritor. Quando agente vê, está com uma idéia e ela acaba incomodando, incomodando até que se acaba escrevendo. Torna-se quase uma compulsão, escrevê-la e, eventualmente eu não saberia te dizer “foi tal circunstancia que ocorreu tal livro”. Em todo caso, depois que a idéia brotou, procuro fazer uma pesquisa. Como meu intento é recriar o espírito da época, esta pesquisa não é tanto no sentido do fato, da data, do local, mas sim da ambiência. Leio jornais, crônicas da época, correspondências, para ficar dentro do espírito do tempo. Naturalmente muita coisa eu já sei, porque queria ser historiador.

- Lyra Luft disse uma vez que suas novelas eram produto dos seus “macaquinhos do sótão”. Você também tem “macaquinhos”?

- Todos temos. Não há texto literário que não tenha algo do autor. Veja muito nitidamente quando sou eu que estou aparecendo ali ou não. Não conseguimos nos livrar de nós mesmos, conseqüentemente a nossa escrita também trata um pouco de nós.

- Sabemos que “O HOMEM AMOROSO” tem algo de autobiográfico. Como foi sua vida?

- “O HOMEM AMOROSO” é uma novela que retrata momentos da Orquestra Sinfônica da qual eu fui músico durante doze ou treze anos. Foi violoncelista. Realmente há muito de autobiográfico, não naquela situação familiar que ocorreu ali, mas sim das angustias dos músicos, das dificuldades de se fazer música erudita em um país de terceiro mundo, pobre, miserável, da disparidade que existe daquela música que se faz nos salões para a burguesia e a miséria toda que nos circunda. Tudo isso, procurei passar dentro deste livro.

-

- A Oficina Literária se propõe a quê?

-

A dar instrumentos em termos de linguagem e estrutura narrativa ao escritor para que ele possa escrever melhor. Trabalhamos diálogos, criação do personagem, uso dos tempos verbais, como se faz um descrição, como se monta um conto, o que funciona mais dentro da ficção, os recursos que o escritor pode utilizar, em outras palavras os “truques” da escrita de prosa da ficção.

Fundamentalmente é isto, porque a inspiração, a capacidade inventiva depende de cada um.

- **E algum de seus alunos ou ex-alunos já tem livro lançado?**

- A Oficina ainda é uma experiência muito recente, mas temos de partir também de outra premissa: há pouco espaço para publicação de textos. No momento, alguns já concluíram suas novelas e estão encaminhando os textos para as editoras, estão começando a se alçar, estão publicando, por exemplo, no Suplemento Minas, que publica contos. O mal é que não temos espaço na imprensa diária. Aliás, estou muito satisfeito porque fiquei sabendo que está sendo proposto(.....).

-

Porto Alegre: POA/RS, out. 24, 86 p. 24

QORPO SANTO, PERSONAGEM DE NOVO ROMANCE GAÚCHO

SÉRGIO ENDLER

O maior dramaturgo gaúcho do século XIX, também autor de uma das mais instigantes obras literárias de toda cultura brasileira, tem seu mundo ficcional e imaginário recriado pelo escritor porto-alegrense Luiz Antonio de Assis Brasil, de 41 anos, no romance “Cães da província”. Assim, Qorpo Santo está de volta.

José Joaquim de Campos Leão, o principal personagem de “Cães da província”, nasceu na Vila de Triunfo, em 19 de abril de 1829, às 11 horas. E morreu dia 1º de maio de 1883, em Porto Alegre. Professor, inventor, jornalista, poeta e dramaturgo, autodenominou-se Qorpo Santo. Em vida, escreveu a “Enciclopédia ou Seis Meses de Uma Enfermidade”, onde reúne seus provérbios, comentários em forma de crônicas, poemas e peças de teatrais, o mais importante de sua produção febril e lancinante.

Os principais dados sobre ele, inclusive, são encontráveis somente em sua “Enciclopédia”, uma vez que em vida foi ridicularizado e excluído da ordem social vigente. Hoje, somente duas fotos e uma caricatura comprovam iconicamente a passagem de Qorpo Santo pela vida cultural do Rio Grande do Sul.

Ignorado em vida, Qorpo Santo ergueu obra antecipatória de questões como o conflito entre o instinto vital e civilização, transgressão e culpa, desejo de santificação e loucura. Muito cedo foi barrado. Um homem que afirmava “ora sou um, ora sou outro”, e ainda, “hoje amanheci Pai Eterno”, sem dúvida, logo chamaria a atenção dos contemporâneos, prato cheio para os alienistas de então. Porto Alegre, à época, possuía não mais que 20 mil habitantes. E o ambiente não era exatamente propício a um leitor de Terêncio, Plauto, Parmênides, Sócrates e Platão. Além disso, Qorpo Santo vivia obsecado pelas “relações naturais”, expressão cunhada para expressar seu desejo de sexo. Casado com Inácia, com quem teve três filhas, viveu a maior parte do tempo separado desta. Ela em Triunfo, ele em Porto Alegre.

Luiz Antonio de Assis Brasil, em “Cães da província”, obra composta por cerca de 300 laudas datilografadas, ergue romance onde vale-se da figura exemplar de Qorpo Santo para investigar ficcionalmente a loucura e a civilização numa sociedade fechada e repressora, característica do universo sul-rio-grandense do século passado.

“Qorpo Santo foi interditado por possuir inteligência superior, muito acima da mediocridade do seu tempo. Não encontro espaço para expressar sua genialidade. O que aconteceu foi um choque entre estas duas forças”, afirma Assis Brasil. A interdição judicial movida contra Qorpo Santo, a intervenção da ciência, logo acusando o escritor de monomaníaco, expressão genérica para referir toda doença mental à época, causou danos a Qorpo Santo. Paradoxalmente, este mesmo conjunto de atitudes autoritárias terminou prejudicando a sociedade que o gerou. Nascido em outras plagas, Qorpo Santo seria considerado um gênio. “Cães da província”, propõe, a partir disso, análise da loucura individual, mas também da loucura coletiva.

O livro escrito por Luiz Antonio de Assis Brasil, com lançamento previsto para o segundo semestre deste ano, é também uma viagem pelo mundo da criação literária, da fantasia e do delírio. Erguido a partir de vários focos narrativos, a obra problematiza ainda o confronto entre Arte e Ciência. Assis Brasil deixa que um narrador não-nomeado, primeiro, passeie pela cidade. Depois, que encaminhe relato para mostrar Qorpo Santo já escritor, solitário e enlouquecido, num universo onde o artista é alienado.

Ao final, transparece Qorpo Santo como ser saturado de exigências. Afirmando ser a literatura ora algo de completa inutilidade, ora sua única razão para viver. Movido pelo instinto sexual não-resolvido, sentindo sobre os ombros o peso da civilização carregada de religiosidade, Qorpo Santo termina paciente de dois alienistas. Em vida, é tratado e observado pelos médicos Landell e Joaquim Pedro. Historicamente, sabe-se apenas que os dois emitiram laudos contendo, opiniões contrárias quanto à sanidade de Qorpo Santo. O debate entre as duas correntes médicas, bem como os diálogos imaginários dos dois alienistas com Qorpo Santo, são pontos altos da narrativa de “Cães da província”.

Na obra, Assis Brasil coloca dr. Landell como representante da linha mais tradicional da medicina brasileira difundida aqui pelo dr. Mourão, em princípio do século XIX. Segundo esta corrente, a loucura tem origem física, devendo assim ser combatida com banhos frios e até sangrias. A tísica e a demência, aqui, não diferem muito quanto à terapêutica. Em “Cães da província”, o dr. Joaquim Pedro representa a corrente mais moderna, nascida a partir do francês Esquirol, onde a loucura aparece como doença causada pela perturbação dos afetos, mal de origem emocional, onde loucura e inteligência são acontecimentos também distintos.

Na obra, a personagem Joaquim Pedro não quer interditar Qorpo Santo, por reconhecer nele um homem de qualidades superiores, por ser artística. Já a personagem dr. Landell chega a ficar em dúvida quanto ao destino a decretar para Qorpo Santo, mas, após reflexionar sobre a necessidade da Ciência curvar-se às imposições da sociedade em que se vê inserida, opta pela internação do paciente. O juiz recebe os dois laudos e decide, também, por recomendar tratamento médico no Rio de Janeiro. A interdição de Qorpo Santo no romance coincide com os acontecimentos da vida real do escritor.

Ao não preocupar-se em fazer biografia sobre Qorpo Santo, o ficcionista Luiz Antonio de Assis Brasil pôde aproximar fatos históricos, reconstruir diálogos muitos deles através dos delírios imaginários da principal personagem. Assim, Napoleão III vem a Porto Alegre, e numa noite insone trava diálogo hilariante com Qorpo Santo. Já os crimes da Rua do Arvoredo, quando um casal assassina e esconde cerca de 7 cadáveres no porão da própria casa, serve de gancho, para mostra toda loucura coletiva da época. Nas ruas, as mesmas pessoas que empurram Qorpo Santo para um hospício vivem perplexas e atônitas com medo dos assassinos da Rua do Arvoredo. A época, dizem, o casal fabrica lingüiça de carne humana. O episódio, afirma Assis Brasil, serve ficcionalmente ao debate sobre a loucura social e individual. Qorpo Santo, vale lembrar, viveu num período histórico entre a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai, sabidamente dois momentos onde a loucura humana coletiva esteve solta pelos campos de luta. Em

“Cães da província”, ficcionalmente, Qorpo Santo luta contra um corpo, um todo, insano.

REDESCOBERTA

A partir de 1966, com a montagem das principais pelas de Qorpo Santo, no Clube de Cultura, a obra de Qorpo Santo passou a ser conhecida em todo o país. Com direção de Antônio Carlos Senna, tendo a participação direta do jornalista Aníbal Damasceno Ferreira, um dos descobridores da obra de Qorpo Santo, estava completa a profecia feita pelo próprio José Joaquim de Campos Leão. Segundo Qorpo Santo, tudo o que escrevia só seria compreendido um século depois. A época, foi importante também o trabalho de Guilhermino César, reunindo em obra única os textos teatrais de Qorpo Santo. Presente àquela noite histórica no Clube de Cultura, Assis Brasil passaria a reler Qorpo Santo a partir de 1985. a leitura mais atenta, seguiu-se a decisão imediata de fazer um romance sobre a personagem, num daqueles casos em que o tema escolhe o autor. Também sensibilizado por Qorpo Santo, o cineasta Carlos Reichenbach manifestou, na última edição do Festival de Gramado, seu desejo em realizar um longa-metragem sobre o escritor de Triunfo.

Porto Alegre, *Correio do Povo*, 15.mar.1987.

CÃES DA PROVÍNCIA, TEXTO COM AVAL DO DOUTORAMENTO

A nova obra, que recria o ambiente do dramaturgo Qorpo Santo, dá ao escritor Assis Brasil, o doutoramento em Literatura

Entrevista a Luiz Carlos Barbosa

O sétimo romance do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, 42 anos, deverá chegar às livrarias até o fim de setembro, numa edição da Mercado Aberto. Chama-se “Cães da província” e, como em obras anteriores, entrelaça história e ficção, recriando o ambiente do século XIX em Porto Alegre, a partir da figura central do dramaturgo Qorpo Santo. Só que desta vez o autor de “O homem amoroso” submeteu seu novo livro a um exame diferente. Antes das páginas serem manuseadas pelos leitores anônimos, foram analisadas por cinco doutores em literatura: Donaldo Schüller, Cremilda Medina, Juan José Mouriño Mosquera, Dileta Silveira Martins e Elvo Clemente.

Esta foi a banca que se reuniu na segunda-feira na Pontifícia Universidade Católica para avaliar o trabalho que Assis Brasil ofereceu como instrumento para obter o título de doutor em literatura. Esta foi uma defesa de tese inédita no círculo acadêmico do Rio Grande do Sul e mesmo em âmbito nacional, até agora só houve um precedente na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que também aceitou uma obra artística para conferir um grau de doutorado – procedimento comum nos Estados Unidos.

“A Universidade demonstrou uma abertura cultural elogiável, ao entender que o trabalho acadêmico que um ficcionista pode apresentar é a sua ficção, todo o resto será falso”, respondeu o escritor, logo após receber o resultado da avaliação: nota dez de todos os componentes da banca, que nem por isso deixaram de questioná-lo e discutir a sua obra durante quatro horas. Foram indagações e comentários a cerca do romance, esmiuçando sua estrutura narrativa, personagens, situações psicológicas, que Assis Brasil respondeu com desembaraço, “até onde o processo criativo é consciente”.

Advogado profissional – atualmente assessor jurídico da Fundação Nacional Pró-Memória -, Assis Brasil diz que sua vida e paixão é a literatura. Quanto ao seu embasamento teórico em literatura, ele confessa que é um autodidata: “arte e técnica se aprende. Se podemos contar com a técnica, porque ficar insisto na intuição e errar?”, pergunta-se explicando que “Cães da província” apresenta passagens de metalinguagem deliberadamente. “Ponho essa discussão na boca de Qorpo Santo”, acrescenta.

O recurso da pesquisa histórica Assis Brasil atribui a uma solução que encontrou para recontar a história, cuja versão oficial, em última análise, sempre lhe pareceu uma mentira. Mas o compromisso com o fato não impede que o ficcionista produza seus vãos pela estética, como o lirismo da paisagem porto-alegrense no século passado neste “Cães da província”, que ele começou a escrever em janeiro de 1985 – e intercalou a redação de “O homem amoroso” – e concluiu em junho deste ano. A idéia de apresentar o livro como tese de doutorado foi posterior. “Daí passei a ter mais cuidado ainda, tudo que estivesse dentro do

romance tinha que funcionar”. O resultado, segundo relata, foi uma conscientização maior do processo criativo, que a banca de examinadores reconheceu.

Porto Alegre, *Diário do Sul*, 13.ago.1987, p. 11.

Paciente aprendizagem da arte de escrever

Luiz Antonio de Assis Brasil Antonio de Assis Brasil nasceu em Porto Alegre e viveu até a adolescência em Estrela, onde seu primeiro convívio com a arte se fez através da música. Poucos foram os episódios literários da infância, conforme ele mesmo conta à jornalista Cida Golim e ao dramaturgo Ivo Bender numa tarde de outono em sua casa, entre livros de arte e autores preferidos como Eça de Queirós, Flaubert, Stendhal, Carpentier e Thomas Mann. Nesta entrevista, ele fala ainda da paixão pela palavra, da origem de suas personagens e das dificuldades com a emoção e o desejo, definido o ato de escrever como uma forma de repensar a vida e retratar a alma humana.

ENTREVISTA

Cida Golim e Ivo Bender

Fontes de criação

Ivo Bender – Assis, teu trabalho tem sido feito em cima do passado, numa espécie de reivindicação através da literatura. Como acontece este processo? Como é que se estrutura realmente a tua criação? O que te mobiliza a pegar determinados aspectos do passado?

*Luiz Antonio de Assis Brasil Antonio de Assis Brasil – É o seguinte: a partir de uma idéia, leio textos diversos, fundamentalmente textos primários, cartas, diários, coisas que revelem aquilo que subjaz na história, que não está nos livros de história. É justamente isto que me interessa. No caso, por exemplo, da novela que estou escrevendo, *Breviário das Terras do Brasil*, o ponto de partida foi o contraste entre a América e a Europa e as razões de nossa dependência cultural. Eu li um relatório do Bispado do Rio de Janeiro, final do século XVII, em que o Vigário Geral da Arquidiocese pedia autorização para se instalar com uma anileira no bairro de Botafogo. Embora depois o Vigário Geral tenha se tornado um personagem secundário, através de sua história surgiu a idéia da trama, do índio guarani, missioneiro, que naufraga no rio da Prata, é preso por um galeão português, levado para o Rio de Janeiro e entregue à Inquisição. O índio, que se salvara agarrado na imagem de um Cristo de olhos puxados, que ele mesmo fizera, é acusado de gentilidade, quer dizer, de heresia, e posto numa abadia para aprender a esculpir à moda européia. Assim é que a partir de uma fonte primária, delineou-se toda a história. Depois traço uma linha do tempo para estar seguro do texto, mesmo porque, como gosto muito de trabalhar a palavra, o requinte da palavra, por vezes me atrapalho na trama, no enredo, na escultura da coisa.*

Cida Golim – Me parece que tu gostas muito disso de esmiuçar o passado, de fazer pesquisa de época.

Assis Brasil – Sim, gosto muito. Curiosamente apenas agora me apercebi de que o leitor gosta de ser informado, quer conhecer termos paisagens, cenas, coisas que ele não viu. E, depois, ocorre um fenômeno interessante. Hoje, 1988, final do século XX, há pessoas na América Latina, no Brasil, no Rio Grande do Sul, que vivem ainda no neolítico. Então, eu me sinto muito à vontade em trabalhar o passado, porque justamente, entre nós convivem todos os séculos. Se eu fosse um escritor europeu, talvez escrevesse romances estritamente contemporâneos.

Cida – Por isso escolheste Qorpo Santo?

Assis Brasil – Este personagem me interessava justamente pelo que podia oferecer de material ficcional e por não ser bem delineado. Se fosse um personagem histórico no sentido tradicional do termo, acho que seria bastante complicado para mim fazer ficção. Prefiro personagens que estejam um pouco à margem dos fatos históricos e que eu comece somente até certo ponto. Qorpo Santo é um personagem desse tipo.

Oficina Literária

Ivo – Assis, sei que na PUC tu orientas a Oficina de Criação Literária. Eu vivo esta experiência no laboratório de Dramaturgia na UFRGS, e acho uma coisa extremamente difícil ensinar alguém a escrever, seja poesia, novela ou teatro. Bem, quero saber a tua posição face ao seguinte: é possível ensinar a escrever um romance? Como escritor já pronto, com um Corpus respeitável, como é que funciona realmente esta criação literária dentro de um currículo em que as pessoas mais diversas aparecem, anelando se tornarem um dia como o professor? Como é isto se ninguém, por exemplo, te ensinou a escrever?

Assis Brasil – Mas, Ivo, tu e eu aprendemos a escrever, lendo. Tu, lendo os teus dramaturgos, eu, os meus romancistas. Tu já deves ter feito muito isso com autores de teatro, querer descobrir como é que ele armou tudo aquilo, como montou aquela cena. Assim eu faço em relação aos romances. Leio *O Vermelho* e o *Negro* e me pergunto como Sthendal fez isto ou aquilo. Então, a gente aprende. É autodidatismo. Ninguém nos disse, nós fomos atrás e chegamos a determinadas conclusões. Tu sabes, e muito bem, por exemplo, na carpintaria teatral, como é que vais fechar uma cena para dar início a outra. Isso pode ser passado para o aluno.

Ivo – Mas tu não achas que o aprendizado só é possível, digamos, se ele se concretiza, se ele responde a uma necessidade interna do sujeito? Se este motivo está ausente, eu posso ser um excelente artesão, mas nunca vou ser um escritor.

Assis Brasil – O artesanato, o *mudus*, se pode passar. Agora, a coisa em si, aquela chama que é a criação, esta não se transmite, se pode estimular, talvez, através da leitura. Um aluno pode aprender a construção do diálogo. Muitas vezes, ele imagina que um diálogo deve ser como acontece mesmo.

Ivo – Na verdade, o diálogo é uma representação.

Assis Brasil – Exatamente. Esta arte, a gente pode passar.

Cida – Luiz Antonio de Assis Brasil Antonio, como é que tu vês esse pessoal que está escrevendo, essa geração nova, a partir da tua própria experiência na Oficina?

Assis Brasil - Eu não creio que seja diferente das outras gerações. Há gente muito boa, há pessoas equivocadas quanto ao que seja literatura. Ainda tem muita gente pensando que literatura é escrever bonito. Entretanto, tem alunos na Oficina que são grandes promessas e alguns, inclusive, já têm condições até de serem publicados. É uma pena que não se tenha veículo para publicar contos. As pessoas geralmente começam pelo conto. O problema é que estamos no meio de uma crise econômica fantástica. Hoje um livro é caríssimo e o editor dificilmente vai apostar num autor novo.

Cida – Como foi a tua formação inicial, os primeiros estímulos para a literatura, a música? Se foram juntos. Como foi isso? Em Estrela, não?

Assis Brasil – Em Estrela, sim. Eu tenho ótimas lembranças de Estrela, cidade ordeira, organizada, muito limpa, que tinha o menor índice de criminalidade do Brasil e o mais alto nível de alfabetização, há trinta anos atrás. Tive um lugar excelente para viver a minha infância. O meu pai gostava muito de música, a minha mãe tocava piano. Nós ouvíamos, com muito chiados, a rádio Belgrano, de Buenos Aires, que transmitia óperas do Teatro Colón. Então, eu acho que a coisa começou pela música. A literatura foi algo que aconteceu um pouco mais tardiamente na minha vida. Em 1956, quando se comemorava o cinquentenário do 14 Bis, ganhei um concurso estadual de redação promovido pela Secretaria de Educação. Eu tinha 11 anos e estudava no Grupo Escolar de Estrela. Recebi o prêmio de um figurão de terno e gravata, mas não lembro até hoje o que a caixa continha. Assim é que, no meu passado, só tem esse episódio literário.

Formação clássica

Cida – Na tua formação de leitor, quais foram os autores que te marcaram?

Assis Brasil – Quem realmente mais me marcou foi Eça de Queirós. Para mim, o maior romancista da língua portuguesa do século XIX porque sabia criar personagens inteiros, redondos, com força, com graça, com elegância, com sabedoria de estilo. Armar um romance como Eça é muito difícil. E, como ele, Flaubert, especialmente Flaubert, e Stendhal, os clássicos. Eu acho que o que se faz hoje é um trabalho de recriação em cima dos clássicos. E mesmo o que é absolutamente novo surge até como oposição ao clássico. Assim, minha formação dou fundamentalmente de autores clássicos. Depois, a coisa foi se abrindo para os escritores contemporâneos, os alemães Thomas Mann e, presentemente, Günther Grass. E os latino-americanos como Carpentier, o maior de todos.

Ivo – Bem, Assis, me parece que, de uns anos para cá, e não é uma situação especificamente tua, mas geral, nós estamos ilhados aqui no Rio Grande do Sul. Alguns querem crer que houve um momento de explosão da literatura gaúcha, mas ela ainda está circunscrita às nossas fronteiras. Como ultrapassar, que salto se pode dar, para chegar ao resto do país? Parece que é uma dificuldade enfrentada por todos, uns mais, outros menos. A que se deveria esta extrema dificuldade de um limite que nos circunda?

Assis Brasil – Acho que devemos tratar de temas mais universais. Acho que é disso que precisamos e, tanto estou convencido disso, que meu romance *Breviário das Terras do Brasil* é um romance brasileiro. Eu andei muito equivocado. Acho que trabalhei muito o regional.

Ivo – Talvez, num determinado momento, tu te sentiste com mais tranquilidade para abordar os mitos à tua volta, aqueles que tu vivencias, para depois então começar a trabalhar os outros.

Assis Brasil – é, num plano pessoal, uma falta de coragem. Então eu acho que talvez seja este o nosso caso, aqui no Rio Grande do Sul.

O que se faz hoje é um trabalho de recriação em cima dos clássicos.

Ivo – E o problema das cobranças do pessoal jovem com relação a um engajamento ideológico mais claro? No teu trabalho realmente não se percebe uma visão, digamos assim, uma definição ideológica mais progressista. Isto te é cobrado eventualmente? Tu poderias te debruçar sobre o passado e deixar aparecer a posição do escritor. Tu não chas que a gente chega a um momento em que não dá mais para ficar isento? Como é que tu vês isso?

Assis Brasil - Eu acho, Ivo, que o um trabalho político se processa enquanto homem, enquanto cidadão. E o meu trabalho literário deve ser, antes de mais nada, trabalho literário, no sentido de produzir uma boa obra, um trabalho digno, um trabalho que retrate a alma humana e a sociedade humana. Mas eu parto do princípio de que toda obra tem uma ideologia. Portanto, eu não deixo de falar ideologicamente, apenas distingo as coisas. Mesmo Proust, que seria assim o mais alienado de todos, na medida em que se compraz descrevendo aquela sociedade francesa decadente que ele adorava, faz um trabalho ideológico.

Cida – Depois do Breviário das Terras do Brasil, quais são os teus planos?

Assis Brasil – Talvez eu escreva o romance dos Mucker. Josué Guimarães tinha intenção de escreve-lo como terceiro volume de *A Ferro e Fogo*. E durante toda a sua vida, respeitei muito isso. É natural. Não há donos de idéias, digamos assim, mas ele já tinha manifestado este interesse eu deixei fora das minhas cogitações. Agora, me sinto a vontade para trabalhar o tema. Já li coisas, pessoas mandam cartas, cópia de documentos. Assim, vou juntando, vou arquivando.

Cida – Como é esse arquivamento?

Assis Brasil – Vou arquivando também emocionalmente de tal maneira que aquilo se torne uma coisa viva para mim. Até começar o trabalho. E vou juntando fisicamente coisas, reunindo livros, documentos e, principalmente, o outro lado, o lado avesso da lua, esse que ninguém vê e que eu gosto.

Análise e Fantasia

Ivo - Assis, no momento em que estás em tratamento psicanalítico, em que os teus demônios meio que são exorcizados, me parece que a criação passa a ter assim toda uma economia menos emocional. Quero saber como é que isso funciona contigo.

Assis Brasil – Funciona muito bem porque, na medida em que faço análise, vou descobrindo em mim uma efetividade que desconhecia. E, na medida em que posso viver e exteriorizar esta afetividade, posso também escrever melhor.

Ivo – Eu te fiz essa pergunta porque é comum ouvir que a análise faz perder a fantasia, quando, na verdade, as coisas se tornam mais sólidas e, digamos, tu ficas mais corajoso, podes te jogar inteiro no que fazes.

Assis Brasil – Outro dia, escrevi com muita emoção uma cena em que o índio do *Breviário da Terras do Brasil*, quase já sem saber falar o guarani, encontra um padre que está sendo perseguido pela Inquisição. Ambos desenraizados, perdidos, se abraçam e choram juntos. Se não fosse a análise, não teria escrito esta cena. Numa tentativa de fuga, de alienação da realidade, de não querer viver a vida das emoções, eu me volvei para a história como poderia ter me voltado para a astronomia, para a microbiologia.

Ivo – Assis, eu sempre te achei um sujeito muito doce por um lado. Por outro, um cara absolutamente objetivo, que sabe atingir as posições e os objetos que deseja. Assim, sempre me espantei de como tu conseguias conciliar estes dois aspectos, um absolutamente suave e outro prático, inclusive matemático. Retomando agora o processo psicanalítico, tu disseste que aflorara um Assis obliterado, que não se mostrava. Como é que essa suavidade, esse afeto, essa emoção que tu negavas, como é que isso concretamente aparece na tua vida, no teu dia-a-dia, na tua relação com o outro?

A emoção e o desejo, isto é, a instintividade sempre foram muito complicado para min.

Assis Brasil – A emoção e o desejo, isto é, a instintividade sempre foram coisas muito complicadas para mim. Eu sempre desenvolvi uma disciplina rigorosa.

Ivo – Monástica.

Assis Brasil – Dos monges não reformados.

Ivo – Inclusive se pressentia que tudo isso te fazia sofrer.

Assis Brasil – É verdade. Mas aí eu tive duas úlceras. Tive, enfim, perturbação do sono, precisando de comprimidos para dormir. Era a face

que não aparecia. Então eu desenvolvi muito um personagem. Realmente, as pessoas mais astutas ou mais chegadas, sempre se deram conta disso. Foi depois de muito me quebrar que resolvi encarar a sério a psicanálise. Talvez em função do próprio passar do tempo, das experiências e das quebradas de cara é que a gente busca um tratamento. Uma coisa leva a outra e depois repercute como num círculo. E também há outro fato que eu acho muito importante e ainda não foi falado. É a questão de que não estou mais trabalhando em administração pública, onde trabalhei nos últimos quinze anos, normalmente em cargos de direção. Isso me limitava muito. Muitas vezes, eu era cobrado de atitudes mais positivas e, embora concordando com elas, procurava uma posição mais conciliadora e muito mais limitada. E isso me causava problemas muitos sérios, inclusive problemas éticos. Muitas vezes eu me via tendo que praticar uma injustiça em benefício de alguma coisa em que, eventualmente, eu nem acreditava muito. Então, foi um grande alívio, uma libertação, não ter mais que dirigir pessoas, não ter que tomar decisões que envolvam outras pessoas, não ter de aceitar decisões tomadas por outros. Isso aconteceu há dois anos e coincidiu com a minha procura de um processo psicanalítico mais intensivo e mais sério. Então, acho que isto é muito importante e deve ser levado em consideração. É uma experiência muito difícil. Todos querem o poder, inclusive eu queria por razões, enfim, que nem eu sei conscientemente, pelo menos. Mas o poder é um grande peso. Até certo momento, ele nos encanta, depois ele nos amarra e, às vezes, nos destrói.

In Instituto Estadual do Livro – *Autores Gaúchos* [18]. Porto Alegre: IEL,

1987.

OS MUCKERS, TEMA PARA ASSIS BRASIL

Entrevista a Higino Barros

A saga dos Muckers, um grupo de religiosos alemães radicados no morro do Ferrabraz, em Sapiranga, já rendeu um filme dirigido por Jorge Bodansky e Wolf Gauer, algumas livros e teses acadêmicas, mas nunca recebe um tratamento romaneado. Pois o episódio, com todas as suas conotações históricas e possibilidades literárias é o tema do próximo “Folhetim, Uma Leitura de Inverno”, que o Diário do Sul irá publicar em 1988, de autoria do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil.

Acostumado a trabalhar em textos mais intimistas, com personagens delineados em cuidadosos perfis psicológicos, Assis Brasil considera um verdadeiro desafio escrever um folhetim, que exige ação e movimento quase o tempo todo. “Acredito que o tema dos Muckers vai ajudar neste sentido, pois é um episódio que está a merecer um tratamento literário contemporâneo. Os Muckers fazem parte de um processo da história do Brasil pouco conhecido ou conhecido através de visões parcializantes. Mas não será um romance histórico e sim de personagens, cuja estrutura narrativa é conduzida pelos personagens, sem contrariar a verdade histórica”, explica o autor.

Uma das razões que levou Assis Brasil escolher os Muckers como tema do seu folhetim é que se trata da única revolução, ou episódio bélico, como prefere chamar, ocorrido no Rio Grande do Sul que não teve um conteúdo político-partidário, mas sim metafísico e religioso. “Daí as imensas possibilidades que o episódio oferece do ponto de vista ficcional”, argumenta o escritor, lembrando que antes de morrer o escritor Josué Guimarães também pesquisava para escrever sobre os Muckers.

Luiz Antonio de Assis Brasil tem 32 anos e já publicou seis obras: “Um quarto de légua em quadro”, “A prole do corvo”, “Bacia das almas”, “Manhã transfigurada”, “As virtudes da casa”, “O homem amoroso” e por sair “Cães da província”, tese de doutoramento em Letras na Puc, quando pela primeira vez um romance foi aceito como tese acadêmica. Além de sua atividade como escritor, Assis Brasil dirige a Oficina Literária do Curso de Letras da Puc e é assessor jurídico da Fundação Nacional Pró-Memória.

Porto Alegre, *Diário do Sul*, 29.ago.1987.

ASSIS BRASIL REINVENTA TRAMA EM QORPO SANTO

José Antônio Silva

Espécie de ponto de luz – e de sombras – na colonial e provinciana Porto Alegre do século passado, a figura do dramaturgo. Qorpo Santo quebrou a mesmice de então, com suas opiniões avançadas, sua polêmica “insanidade”. Misto de gênio e louco, da estripe dos malditos, sofreu internação em sanatório e, em sua época, praticamente só incompreensão e deboche. Exatamente este homem – o mestre-escola Joaquim José de Campos Leão, auto-dominado Qorpo Santo – inspirou a trama central do mais recente romance de Luiz Antonio de Assis Brasil. Cães da província, sétima obra do escritor, tem 252 páginas, custa Cz\$ 507,50 o exemplar e será lançado pela Editora Mercado Aberto em sua própria livraria da rua Riachuelo, 1291, com coquetel e autógrafos a partir das 17h30 de hoje.

“Mas Qorpo Santo não é o único foco dramático do livro”, esclarece Assis Brasil, um porto-alegrense de 42 anos que divide metodicamente seu tempo entre o trabalho literário, o cargo de advogado da Sphan e as aulas que ministra no curso de Letras da PUC. “Cães da província não trabalha só sobre a figura de Qorpo Santo”, reafirma o escritor, “Como contraponto à sua ‘loucura’, mostro a comoção na cidade com os famosos Crimes da Rua do Arvoredo, o mais famoso caso policial que Porto Alegre conheceu, e que passou-se no mesmo momento histórico em que Qorpo Santo escreveu sua obra”.

IMAGINÁRIO

Os crimes – sete assassinatos que ficaram insolúveis por vários meses – foram cometidos por um casal que tinha um açougue na então Rua do Arvoredo (atualmente Fernando Machado). Em consequência, correu pela cidade o boato de que as linguiças que o estabelecimento vendia eram feitas com carne humana... Mas há ainda um terceiro pólo dramático no novo romance de Luiz Antonio de Assis Brasil: uma história passionai

XXXXX

Brasil, divide com o autor confessadas passagens biográficas. Afinal, o próprio escritor foi por 12 anos, violoncelista da OSPA. Como pano de fundo, o pior período da ditadura no Brasil. O livro mostra um fato real: o governo militar colocando todos os músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre num avião, num sete de setembro, e levando-os à Brasília para tocar para o corpo diplomático no Itamarati – independente da vontade de cada instrumentista ou mesmo da direção da orquestra.

Ambientação literária que refaz o passado sem perder de vista os limites da ficção

Assis Brasil diz que não se trata de sua própria história, mas reconhece que esse livro, “no plano pessoal, é uma reflexão sobre a minha passagem pela

marca dos 40 anos de idade”. Acres- xxxx narrativos e chega à fixação dos tempos verbais que pretende usar. Geralmente termina escrevendo seus livros na 3ª pessoa do singular: as exceções ficam por conta de *Um quarto de légua em quadro* e o *O homem amoroso*, em que utilizou-se da 1ª pessoa. Influências, autores que admira? “Tenho meus ídolos”, diz tranquilo. “com eça de Queiros aprendi muito sobre estruturação de um romance, ele teve mesmo um papel decisivo na minha decisão de me tornar um escritor”.

Assis Brasil gosta igualmente de Maupassant e Flaubert, e garante que relê Mme. Bovary uma vez por ano. Quanto ao seu ícone Eça de Queirós, lê toda sua obra de cinco em cinco anos. Tem também certa preferência pela literatura norte-americana deste século. “Faulkner é genial como criador de estruturas e na multiplicidade de focos narrativos, John dos Passos é um narrador impecável, e também gosto do Hemingway”. Ele esquia-se em citar autores gaúchos (“por uma questão de ética”), mas em termos de escritores brasileiros xxx pessoais, mais é impossível descolar de sua folha de prestados ao Rio Grande do Sul os 11 anos em que dirigiu vários órgãos estaduais ligados à Cultura. Entre outros cargos, foi subsecretário estadual da Cultura e diretor do Instituto Estadual do Livro (IEL). Neste período, apesar do processo de “abertura” já estar em andamento, o Brasil ainda não tinha saído totalmente do regime autoritário que instalou-se, *manu militari*, no poder em 64. em consequência, não faltaram cobranças acerca da postura de Assis Brasil. “Quando me colocavam diretamente a questão de ocupar um cargo naquele regime, eu respondia simplesmente: - Se você pudesse escolher, preferiria que nesse lugar estivesse eu ou um coronel?”

DEVER

Hoje, garantir que se sente com a sensação de um dever – “auto-imposto” – cumprido. “Quis dar uma mão, ajudar no tratamento das coisas da Cultura do estado, em especial deter a decadência em que estava em- xxxx “Basta ver a porcentagem do orçamento do estado que é dedicada à cultura, para um ano inteiro: 0,034%. Isso corresponde, em termos financeiros, ao custo de 800 metros de estrada asfaltada – menos de um quilômetro...”. Assis Brasil lembra que a Unesco recomenda que sejam repassados de 1 a 2% dos orçamentos públicos para o trato das coisas culturais.

O ex-diretor do Instituto Estadual do livro também diz que, evidentemente, o estado não pode se envolver na criação cultural e artística. Mas tem a obrigação de amparar, estimular e proteger a circulação dos bens da cultura. E afirma: “A lei Sarney não é a panacéia para a questão cultural. O estado tem que investir mais e diretamente, para que a circulação dos bens culturais seja mais barata, mais rápida e a mais eficaz possível”.

O NOME

Porto-alegrense com origens na mais tradicional aristocracia rural do estado, ele carrega o peso xxx artificial “ufanismo que está cristalizado nos CTGs”.

Nesse sentido, como lembra o também romancista Tabajara Ruas. As virtudes da casa, que Assis Brasil lançou em 1985, pleno ano do sequicentenário da Revolução Farroupilha, pode ser considerado o outro lado da épica rio-

grandense, num clima feminino e recluso, com ciúmesa, incesto e outros temas menos prestigiados pelos apologistas da glória gauchesca. Assis Brasil admite que as Virtudes poderia realmente ter servido para dar início a um debate sobre a realidade e o sentido mais profundo da história e da formação do Rio Grande, mas que os ufanistas não entenderam assim o livro:

“Eles só entenderiam um desafio muito mais direto. Continuam aferrados a uma visão falsa e doentia do passado”.

Porto Alegre, *Cultura*, 19.out.1987.

*Livros***COM A POSTURA DE UM BRUXO, ELE DEBRUÇA-SE NO PASSADO.**

Entrevista a Tabajara Ruas

No pequeno quarto onde escreve seus livros, cabem apenas Luiz Antonio de Assis Brasil e o passado. Como um bruxo, ele debruça-se sobre páginas amareladas, examina gravuras antigas, remove ignotos rincões da memória e desprende a imaginação em vôo cego que vai povoando o quarto, lentamente, de sua arte de escritor; homens a cavalo, cidades incendiadas, negros açoitados, padres torturados pela carne, mulheres prisioneiras da solidão, negociantes desonestos, guerreiros covardes, luxúria reprimida, sentimentos de rejeição, explosões de cólera e loucura, desespero, sacristias, galpões, cobiça, avareza, incesto e o pampa abraçando a todos em sua mortalha de silêncio.

Que enigma busca decifrar Luiz Antonio de Assis Brasil entre as paredes de seu pequeno quarto? Nossa identidade de habitantes do Sul, ele responde; mas isso não tem importância. Há um mistério maior em seus livros, e esse mistério é o poder de sua arte. É através dela que ele edifica esse território de solidões espantosas povoados de gente ásperas e ambíguas: o coronel Baltazar Antão, Dona Camila, Isabel e Micaela, Laurita, Filhinho, o coronel Chicão... São nossos bisavós e suas perplexidades, narradas por voz em surdina no canto de uma sala iluminada pela luz suave, mas reveladora, de uma vela.

Luiz Antonio de Assis Brasil é um homem urbano, ponderado, culto, extremamente gentil. Algum demônio habita seu pequeno quarto e lhe sussurra essas histórias densas de amargura, fortaleza e violência. Ele sabe que o Rio Grande está ali, num desses livros tão temidos. Porque só podem ser temidos: no ano do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha ele lançou *As Virtudes da Casa*, história de mulheres isoladas numa estância perdida no pampa. Mais do que nunca, com paixão e lucidez, ele busca nesse livro as matrizes de nossa maneira de ser. Ninguém aceitou o desafio de responder a essas páginas turvas, cheirando a sexo, incenso e campo. Não aceitaram nossos intelectuais que discutem Kundera no Borgart; não aceitaram nossos tradicionalistas que aos domingos se fantasiavam com bombachas e outras indumentárias curiosas.

Em qualquer país culto, não colonizado culturalmente, um livro como *As Virtudes da Casa* provocaria discussões intensas e ricas. Aqui prefere-se discutir o sexo em Praga ou Nova Iorque. Luiz Antonio de Assis Brasil nos propõe outro desafio: já está nas livrarias. Os Cães da Província, onde vamos encontrar nossa loucura, nossa genialidade e nossas perversões. É possível que para todos seja mais confortável ler sobre essas coisas acontecendo num país distante, como é mais cômodo que continuemos brincando com nosso sonho infantil de heróis mitológicos. O Rio Grande do Sul verdadeiro e secreto que o escritor nos oferece é incômodo demais. E além disso, ainda não virou moda.

Porto Alegre, *Diário do Sul*, 15.out.1987

ASSIS BRASIL REINVENTA TRAMA EM QORPO SANTO

O escritor lança seu novo romance, onde focaliza a província numa época obscura.

Entrevista a José Antônio Silva

Espécie de ponto de luz – e de sombras – na colonial e provinciana Porto Alegre do século passado, a figura do dramaturgo. Qorpo Santo quebrou a mesmice de então, com suas opiniões avançadas, sua polêmica “insanidade”. Misto de gênio e louco, da estripe dos malditos, sofreu internação em sanatório e, em sua época, praticamente só incompreensão e deboche. Exatamente este homem – o mestre-escola Joaquim José de Campos Leão, auto-dominado Qorpo Santo – inspirou a trama central do mais recente romance de Luiz Antonio de Assis Brasil. Cães da província, sétima obra do escritor, tem 252 páginas, custa Cz\$ 507,50 o exemplar e será lançado pela Editora Mercado Aberto em sua própria livraria da rua Riachuelo, 1291, com coquetel e autógrafos a partir das 17h30 de hoje.

“Mas Qorpo Santo não é o único foco dramático do livro”, esclarece Assis Brasil, um porto-alegrense de 42 anos que divide metodicamente seu tempo entre o trabalho literário, o cargo de advogado da Sphan e as aulas que ministra no curso de Letras da PUC. “Cães da província não trabalha só sobre a figura de Qorpo Santo”, reafirma o escritor, “Como contraponto à sua ‘loucura’, mostro a comoção na cidade com os famosos Crimes da Rua do Arvoredo, o mais famoso caso policial que Porto Alegre conheceu, e que passou-se no mesmo momento histórico em que Qorpo Santo escreveu sua obra”.

IMAGINÁRIO

Os crimes – sete assassinatos que ficaram insolúveis por vários meses – foram cometidos por um casal que tinha um açougue na então Rua do Arvoredo (atualmente Fernando Machado). Em consequência, correu pela cidade o boato de que as linguiças que o estabelecimento vendia eram feitas com carne humana... Mas há ainda um terceiro pólo dramático no novo romance de Luiz Antonio de Assis Brasil: uma história passionnal envolvendo um português (“um personagem completamente ficcional”) amigo do perturbado dramaturgo.

Ele apressa-se, no entanto, a deixar claro que não se trata de uma biografia de Qorpo Santo. “O livro é muito mais a recriação do imaginário que o envolvia”, diz. “E também não se trata de um romance histórico. Tomei liberdades ficcionais que afastam muito o livro desta classificação. Na verdade estabeleço o conflito e discuto os conceitos de sanidade e loucura”. Muito mais do que por seu temperamento e atitudes insólitas e desconcertantes, Qorpo Santo destacava-se por sua obra teatral de talhe original e por suas opiniões e idéias à frente da época e do lugar. “Ele era contra a escravidão, defendia o divórcio e em suas peças abordava temas como o homossexualismo – assunto que nem a literatura européia de então tratava sem dificuldades”, compara Assis Brasil.

Uma obra teatral de vanguarda, tanto que se adiantava ao que se fazia na Europa

A facilidade para manipular fatos e figuras da trajetória sulista é decorrência, segundo ele, de seu arraigado amor ao estudo da história. “eu até já quis ser historiador, antes de me dedicar à literatura”, confessa. “Estudei bastante e conheço mais a saga rio-grandense do século passado do que entendo o Rio Grande atual”, brinca. Tendo iniciado sua obra com o romance *Um quarto de légua em quadro* (Editora Movimento, 1976), também ambientado no extremo sul do Brasil do século XIX, mas no meio rural, Luiz Antonio só quebrou sua característica ficção de face histórica no contemporâneo *O homem amoroso*, lançado ano passado.

O MÚSICO

Ali, em vez do meticuloso ficcionista recuperador de traços históricos regionais, ele revela-se como homem urbano e moderno, num romance – quase – autobiográfico. O livro foi escrito no intervalo da criação de *Cães da província*, de forma rápida e, diz o autor, de “maneiras aproximada ao jornalismo, sem maiores compromissos com a linguagem”. Em *O homem amoroso*, ele retrata “fundamentalmente a situação de um músico erudito num país do Terceiro Mundo”. O país é o Brasil, a cidade é Porto Alegre e o protagonista, se não se trata exatamente de Luiz Antonio de Assis Brasil, divide com o autor confessadas passagens biográficas. Afinal, o próprio escritor foi por 12 anos, violoncelista da OSPA. Como pano de fundo, o pior período da ditadura no Brasil. O livro mostra um fato real: o governo militar colocando todos os músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre num avião, num sete de setembro, e levando-os à Brasília para tocar para o corpo diplomático no Itamarati – independente da vontade de cada instrumentista ou mesmo da direção da Orquestra.

Ambientação literária que refaz o passado sem perder de vista os limites da ficção

Assis Brasil diz que não se trata de sua própria história, mas reconhece que esse livro, “no plano pessoal, é uma reflexão sobre a minha passagem pela marca dos 40 anos de idade”. Acrescenta que quando escreveu – *O homem amoroso* estava exatamente com 40 anos – e o quase inevitável balanço existencial e de realizações, além da sensação de finitude da vida, o atingiram “com a força de uma motoniveladora”.

É, porém, *Manhã transfigurada* (editado pela L&PM) que a crítica costuma apontar como autêntico divisor de águas em sua obra. Ele não nega: “Esse romance inaugurou um maior cuidado com a linguagem a também aprofundamento meu no estudo da alma humana”. Assis Brasil afirma que a partir de *Manhã* sua prosa ganhou nova riqueza, com uma preocupação em valorizar o

colorido e a exata sonoridade da linguagem. Mas que iss: “Anteriormente eu também não me permitia chegar aos abismos da alma; tinha muitos bloqueios”. Essa liberdade, relato sereno, veio após a morte da mãe. O livro, de 1983, já mostra-se em sua própria análise – como um passo a mais no caminho de uma certa libertação pessoal.

MÉTODO

Em termos de estrutura narrativa, *Manhã transfigurada* rompe também com o método – ou falta de método – de seus livros anteriores. “Meus romances até então eram construídos quase que só intuitivamente. Eu aí para a maquina e escrevia”, relembra. Hoje, antes de partir para a escritura propriamente dita, redige (“sempre à maquina”) um resumo da história, com cerca de 20 páginas. Também traça esquemas, estruturas formais, Metódicos, sempre escreve pela manhã, e tem na mulher, Valeska, uma “leitora inteligente”, com quem discute passagens e idéias do livro em formação.

Seu cuidado passa pela escolha dos personagens, pelo estabelecimento dos principais focos narrativos e chega à fixação dos tempos verbais que pretende usar. Geralmente termina escrevendo seus livros na 3ª pessoa do singular: as exceções ficam por conta de *Um quarto de légua em quadro* e o *O homem amoroso*, em que utilizou-se da 1ª pessoa. Influências, autores que admira? “Tenho meus ídolos”, diz tranqüilo. “Com Eça de Queiros aprendi muito sobre estruturação de um romance, ele teve mesmo um papel decisivo na minha decisão de me tornar um escritor”.

Assis Brasil gosta igualmente de Maupassant e Flaubert, e garante que relê Mme. Bovary uma vez por ano. Quanto ao seu ícone Eça de Queirós, lê toda sua obra de cinco em cinco anos. Tem também certa preferência pela literatura norte-americana deste século. “Faulkner é genial como criador de estruturas e na multiplicidade de focos narrativos, John dos Passos é um narrador impecável, e também gosto do Hemingway”. Ele esquia-se em citar autores gaúchos (“por uma questão de ética”), mas em termos de escritores brasileiros contemporâneos não vacila; considera Austran Dourado e Antonio Callado dois grandes mestres da escrita.

Entre os autores gaúchos só fala de Simões Lopes Neto: “Este foi, talvez, o primeiro escritor rio-grandense, cronologicamente falando, que, pela força expressiva, deu dignidade a nossa literatura”. Mas ressalta: “Os temas dele é que não me agradam; me agridem, num certo sentido. Acho que Simões Lopes trata com perversidade seus personagens e seus temas, embora quase som genialidade”.

INFLUÊNCIA

Assis Brasil diz também que no Rio Grande do Sul todos os atuais romancistas sofreram alguma influência de Érico Veríssimo. “Talvez meu gosto pelo passado tenha vindo da leitura de *O Tempo e o Vento*, quando jovem. Aliás, há alguma nome, na atual literatura sulista, que não deva nada ao Érico?” Nos outros gêneros da escrita nunca se aventurou. Nem sonetos adolescentes

cometeu, e garante que só escreveu um único conto na vida: “Por insistência do editor. E não gostei da experiência”.

De maneira atípica, quando se dispõe a escrever, partiu logo para o romance. Até então, ainda sonhava desenvolver uma carreira como historiador. Ambições existências, na realidade, nunca lhe faltaram: “eu queria ter dez vidas para ser plenamente várias coisas”, diz, ar infantil. “Historiador, romancista, músico, diretor de cinema (‘se tivesse dinheiro faria filmes em vez de escrever romances’), arquiteto, cirurgião (‘acho que ainda vou estudar medicina’), professor, astrônomo e até motorista de caminhão”.

Ele não cita a administração pública entre as suas predileções pessoais, mais é impossível descolar de sua folha de prestados ao Rio Grande do Sul os 11 anos em que dirigiu vários órgãos estaduais ligados à Cultura. Entre outros cargos, foi subsecretário estadual da Cultura e diretor do Instituto Estadual do Livro (IEL). Neste período, apesar do processo de “abertura” já estar em andamento, o Brasil ainda não tinha saído totalmente do regime autoritário que instalou-se, *mamu militari*, no poder em 64. em consequência, não faltaram cobranças acerca da postura de Assis Brasil. “Quando me colocavam diretamente a questão de ocupar um cargo naquele regime, eu respondia simplesmente: - Se você pudesse escolher, preferiria que nesse lugar estivesse eu ou um coronel?”

DEVER

Hoje, garantir que se sente com a sensação de um dever – “auto-imposto” – cumprido. “Quis dar uma mão, ajudar no tratamento das coisas da Cultura do estado, em especial deter a decadência em que estava então o IEL”, afirma. Mas esclarece que nunca se deixou “emocionar por estes cargos”. “Dedicava todo meu empenho à administração cultural, no horário estabelecido, mas separava bem as coisas. Nunca levei trabalho para fazer em casa”. Em casa, a lavra da literatura o absorvia.

Manhã transfigurada inaugura cuidado na linguagem e mergulho pelo espírito humano

“Tanto que nunca parei de escrever. Sempre vi os cargos administrativos como o que realmente são – transitórios. Mais importante foi e é meu trabalho de escritor”. Diz também que atualmente não aceitaria mais qualquer posto público: “Já dei minha cota de sacrifícios”.

O que não o impede de lamentar o descaso com que o fenômeno cultural é tratado no Brasil.

“Basta ver a porcentagem do orçamento do estado que é dedicada à cultura, para um ano inteiro: 0,034%. Isso corresponde, em termos financeiros, ao custo de 800 metros de estrada asfaltada – menos de um quilômetro...”. Assis Brasil lembra que a Unesco recomenda que sejam repassados de 1 a 2% dos orçamentos públicos para o trato das coisas culturais.

O ex-diretor do Instituto Estadual do livro também diz que, evidentemente, o estado não pode se envolver na criação cultural e artística. Mas tem a obrigação de amparar, estimular e proteger a circulação dos bens da cultura. E afirma: “A lei Sarney não é a panacéia para a questão cultural. O estado tem que investir mais e

diretamente, para que a circulação dos bens culturais seja mais barata, mais rápida e a mais eficaz possível”.

O NOME

Porto-alegrense com origens na mais tradicional aristocracia rural do estado, ele carrega o peso do nome Assis Brasil com um misto de reconhecimento e desagrado. “Até sem que eu desejasse, meu sobrenome meu abriu muitas portas”, admite. “Por outro lado, constitui-se num aborrecimento grave; por causa do nome, muitas pessoas esperam que eu tenha este ou aquele pensamento político”. O romancista diz que na verdade rompeu completamente com os Assis Brasil. “Não tenho nada que me ligue a eles. Hoje tenho até mais contato com os familiares da minha mãe”.

Ele conta que em *Cães da província*, “até incoscientemente”, criou um personagem, que aparece nos delírios de Qorpo Santo, que é Napoleão III. “Essa homem queixa-se de que não consegue se libertar do fantasma de seu tio, Napoleão Bonaparte”, relata Luiz Antonio de Assis Brasil, traçado certa analogia com sua própria situação. Nada tão dramático, claro. Profundamente ligado às raízes e à história do Rio Grande – tema constante e quase único de sua obra – o escritor prefere centrar seu fogo no artificial “ufanismo que está cristalizado nos CTGs”.

Nesse sentido, como lembra o também romancista Tabajara Ruas. As virtudes da casa, que Assis Brasil lançou em 1985, pleno ano do sequecentenário da Revolução Farroupilha, pode ser considerado o outro lado da épica rio-grandense, num clima feminino e recluso, com ciúmesa, incesto e outros temas menos prestigiados pelos apologistas da glória gauchesca. Assis Brasil admite que as Virtudes poderia realmente ter servido para dar início a um debate sobre a realidade e o sentido mais profundo da história e da formação do Rio Grande, mas que os ufanistas não entenderam assim o livro:

“Eles só entenderiam um desafio muito mais direto. Continuam aferrados a uma visão falsa e doentia do passado”.

A leitura sistemática de Eça de Queirós, a maior influência da literatura portuguesa

Com sete livros lançados, numa trajetória que o publicou assimilou e em que a crítica identifica um constante crescimento, o romancista diz que não pretende se tornar um escritor nacional. “E isso não é falta de ambição”, vai avisando. “Sou um escritor provincial que tem ainda muito por fazer. Temos no Rio Grande um *corpus* cultural bem identificado, e quero trabalhá-lo bem”. Uma visão de sua própria obra? Ele não vacila em projetar o futuro: “Quando tiver chegado a minha plenitude como autor, com uma obra estabelecida, digamos aos 65 anos, por exemplo, gostaria de colaborar com a compreensão da alma rio-grandense. Gostaria que de alguma maneira minha obra tivesse tocado todos os pontos nevrálgicos do Rio Grande do Sul”.

Porto Alegre, *Cultura*, 19.out.1987, p. 15

ASSIS BRASIL LANÇA “CÃES DA PROVÍNCIA”

Entrevista a Danilo Ucha

Uma personagem curiosa e polêmica da vida literária rio-grandense no século passado, José Joaquim Campos Leão (1829-1883), redescoberto há pouco mais de 20 anos, quando começaram a ser encenadas suas peças e aprofundados estudos sobre sua vida e sua arte, encontrou, agora, em Luiz Antonio de Assis Brasil, o romancista de sua vida. Desafiando os limites entre a ficção e o documento, Assis Brasil, que já mostrou seu talento numa série de romances que também recuperam períodos do passado rio-grandense, escreveu agora **Cães da província**, ficção na qual tenta recompor o que deveria passar-se na alma de Qorpo Santo, figura invulgar num cenário certamente estranho e pouco receptivo para sua personalidade incomum: em pleno século XIX, no interior do interior do mundo, no Rio Grande do Sul, “a obscurecida genialidade de um dramaturgo perturba a discreta ordem da mediocridade provinciana com rasgos da mais delirante lucidez”, como observam os editores.

Cães da província, que nasceu como tese de doutoramento em Letras na PUC/RS, em agosto deste ano, foi publicado pela Editora Mercado Aberto e será lançado, hoje, a partir das 17h30min, nas Livrarias Mercado Aberto (Rua Riachuelo, 1291). De acordo com os editores, trata-se de um romance exemplar: “Primeiro, por razões de ordem técnica: Assis Brasil, um habilíssimo artífice da palavra, trabalha com a precisão de um lapidador cad uma das páginas que compõem o seu romance. Esta habilidade permite-lhe ir ao limite das possibilidades narrativas, sem experimentalismos e sem deslizos: o tempo, em **Cães da província**, fragmentado em breves retrospectivas, converge sempre oportunamente para o seu eixo original; os cenários se alternam equilibradamente; e uma galeria de curiosos personagens gravita em torno do inesquecível protagonista”.

“Por outro lado – continuam – sendo profundo conhecedor do homem rio-grandense do século XIX – que já demonstrado em **As virtudes da casa** – Assis Brasil reconstitui, com o interesse fotográfico de um cronista, o cotidiano da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a Porto Alegre do século passado, isolada ao sul do grande Império. E, para perturbar a miséria provinciana, recria a memória de um personagem contraditório, ambivalente e deslocado de seu tempo: Joaquim José de Campos Leão, o Qorpo Santo. Difícil saber até onde vai a História e onde começa a ficção. Costuma-se dizer que as duas, no mais das vezes, andam confundidas. Em **Cães da província** não é diferente: a recriação verídicos e as belas páginas de intenção metaliterária refletem, ao gosto da modernidade, a insuficiência da criação diante da perturbadora irregularidade da vida”.

O próprio Assis Brasil ressalta que não se trata de uma biografia de Qorpo Santo, dramaturgo que chegou a ser considerado, por mais de um estudioso, precursor do teatro do absurdo que floresceria com Samuel Beckett, Ionesco Alfred Jarry neste século. Assis Brasil diz que “é o imaginário deste personagem contraditório da literatura dramática brasileira”. Vivendo na Porto Alegre do século

XIX, Qorpo Santo ultrapassou os limites de seu tempo, criando um universo ficcional que recém - agora está sendo descoberto e valorizado pela crítica e pelo público, mais de 100 anos após seu melhor período de criação. Vítima de um processo de interdição por loucura, foi um homem cuja superioridade intelectual não foi entendida por seus contemporâneos.

“Ao mesmo tempo em que trata deste genial criador – concluem os editores – Luiz Antonio de Assis Brasil desvela um mundo que, sob a aparência de um burgo tranqüilo, encerrava as mais fantásticas histórias de crimes, adultérios, incestos e crueldades”.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 21.out.1987, p. 2
Segundo Caderno

DOUTOR EM QORPO SANTO

Entrevista a Juarez Porto

PORTO ALEGRE – Ex-violoncelista, doutor em letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor de criação literária, o gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, 42 anos, com seu sétimo romance **Cães da província**, passou desde 1987 à condição de um dos autores mais lidos em seu estado. A obra, lançada pela Editora Mercado Aberto, serviu como tese para o seu doutorado, e aborda uma das personagens mais instigantes da intelectualidade rio-grandense: o controvertido dramaturgo Qorpo Santo, do século XIX, considerado por alguns como “precursor do teatro do absurdo”.

Assis Brasil foi procurar no universo emocionalmente conturbado de Qorpo Santo (pseudônimo adotado por José Joaquim de Campos Leão) a inspiração para recriar a sociedade conservadora da província gaúcha, incapaz de absorver a crítica e o escárnio do teatrólogo. Tido por muitos como louco, Qorpo Santo foi marginalizado, ridicularizado e acabou interditado pelos familiares.

O título do livro **Cães da província**, foi tirado da própria obra de Qorpo Santo, que assim se referia aos seus contemporâneos. A partir da personalidade singular do dramaturgo, Assis Brasil resgata um mundo pouco conhecido de brasileiros e de gaúchos em particular: o dos primórdios da formação da sociedade do Rio Grande do Sul, que, em alguns aspectos, para ele, ainda “guarda muito do preconceito e da idiosincrasia da época colonial”.

Além de **Cães da província**, Assis Brasil já publicou os seguintes livros de ficção: **Um quarto de légua em quadro**, 1978; **A prole do Corvo**, 1979; **Bacia das almas**, 1982; **Manhã transfigurada**, 1983; **As virtudes da casa**, 1984; e **O homem amoroso**, 1986, quase todos com mais de uma edição.

ID – Quando lhe surgiu a idéia de escrever uma ficção em que a personagem central fosse o controvertido Qorpo Santo?

AB. – trata-se de uma antiga atração intelectual, desde as primeiras montagens de suas peças, na década de 60, quando ele praticamente foi redescoberto pelo diretor Aníbal Damasceno Ferreira. Na verdade, ele escreveu pouco, e eram tiragens pequenas, na sua própria tipografia. Li tudo o que Qorpo Santo escreveu e recolhi depoimentos de pessoas mais velhas, que viveram em tempos mais próximos do século passado, para encontrar os referenciais que aparecem no livro. Era um homem de absoluta vanguarda, não poderia ser entendido pela sociedade da época: considerado louco, pó uns, normal por outros. A justiça pediu que fosse examinado por psiquiatras, e os dois consultados – personagens do livro – tiveram posições divergentes. Ele foi mandado para o Rio a fim de ser examinado na clínica do Dr. Eiras, e retornou ao sul com o laudo de completa sanidade. Por pressões, porém, o juiz teve que interdita-lo e declará-lo incapaz de administrar a si mesmo e aos seus bens. Morreu interditado. Particularmente, acredito que Qorpo Santo sofreu de algum tipo de desequilíbrio, era paranóico, mas também dono de uma genialidade ímpar.

ID – De onde ele tirou o apelido Qorpo Santo, que o celebrizou?

A.B. – Na sua autobiografia, que é muito curiosa e divertida, explica que esse nome foi escolhido devido a uma frase em que ele havia prometido purificar-se, ficando bom tempo sem contato com mulheres, tornando-se um “Qorpo Santo”. Afora isto, o que pouco sabem, também se arriscou a mudar a grafia das palavras, defendendo que a língua portuguesa deveria ser simplificada, eliminando-se as letras mudas nas palavras, os **H**, os dois **LL**, ou evitar letras com a mesma sonoridade. Por exemplo, o **C** tendo som de **S** deveria ser suprimido das palavras em que aparecesse com som de **K** ou **Q**. por isso, no seu pseudônimo escreveria Corpo com Q. no seu raciocínio, isso era o correto. Interessante é que, posteriormente, muitas das suas teorias idiomáticas foram efetivamente adotadas na língua portuguesa.

ID – Em sua obra, a criação de personagens vem sempre associada ao sarcasmo. Por quê?

A.B. – É verdade. Eu não acredito em pessoas sérias, monoliticamente sisudas. Sempre procuro ver o outro lado das pessoas, os seus pontos fracos, onde caem as suas mascaras e aparece a verdade.

ID – O portoalegrense tem ou teve naquela época alguma peculiaridade psicossocial só dele, de uma maneira de ser?

A.B. – Não, a cidade e a sociedade não diferiam muito das outras da época. Sua vida estava alicerçada ao comércio de importados. Importava-se tudo: desde agulha até moveis. Aqui só se produziam selas de cavalos e alguns utensílios domésticos. Assim se formou uma burguesia ligada a esse comércio. Era uma sociedade também muito presa à moral católica. Só na segunda metade do século passado foi que ela começou a ter uma vida intelectual mais ativa, principalmente depois da criação do Partenon Literário, que reunia os escritores, poetas e homens cultos da cidade. Foram eles que criaram a imagem estereotipada do gaúcho, “centauro dos pampas”, valente, heróico, íntegro, leal. Este conceito, porém, começou a ser contestado na década de 1960, e mais ainda nos anos 70, porque era uma imagem irreal, alheia ao homem do campo, que passa fome e anda de chinelo-de-dedo.

ID – Essa realidade é o tema central do seu livro A prole do corvo.

A.B. – De fato, eu questiono essa mítica do gaúcho. E arranjei muitos problemas com os tradicionalistas mais exacerbados, que quase me fuzilaram por abordar o gaúcho sem nenhuma paixão. Acharam que era deboche.

ID – Como foi essa história de transformar o romance numa tese?

A.B. – Eu queria me doutorar em letras. Não só queria, como precisava. Expus à reitoria da PUC minha situação: a minha produção intelectual aí está, expliquei. Imediatamente a direção do curso de letras, o pró-reitor de graduação, professor Elvo Clemente, e a coordenação de pós-graduação aceitaram a idéia. Foi um gesto de vanguarda da universidade. **Cães da província**, no entanto, precisa ficar claro, não é uma tese nem procura demonstrar nada, é só um produto intelectual que foi apresentado e julgado.

ID – Antes de você, parece que houve apenas o caso de Esdras do Nascimento, no Rio, apresentando uma obra de ficção como tese.

A.B. – Sim, no Brasil isso é pouco comum. Já vem acontecendo há algum tempo nos Estados Unidos, principalmente nas áreas de artes plásticas, em que o artista monta uma exposição e a submete a uma banca como trabalho de mestrado. O importante no meu caso e do Esdras é que esse posicionamento é uma abertura cultural da universidade brasileira.

ID – Na sua opinião, o romance brasileiro, como pretendem alguns críticos, está atravessando uma fase de estagnação nestes anos 80?

A.B. – É, sem dúvida, estamos numa fase difícil. Estamos atravessando um momento de perplexidade. Veja bem, se tomarmos a listas dos doze mais vendidos aqui ou em outro estado, em ficção, só vamos encontrar autores estrangeiros. Isso é muito sério, e merece ser analisado o que está acontecendo com o autor brasileiro. Formou-se um certo vácuo: não estamos numa ditadura, nem em plena democracia. Há um vazio e me parece que os intelectuais estão muito apreensivos com isto e com a sua própria sobrevivência. No tempo da repressão, por exemplo, Ignácio de Loyola Brandão lançou **Zero**, e teve um grande impacto. Agora nós não vemos muito nítido contra o que lutar, e sim tentamos ser úteis neste momento tão complicado.

ID – A crise econômica atingiu a criação cultural e o bolso do consumidor de cultura?

A.B. – É claro. A gente vê, por exemplo, a lista dos mais vendidos e pensa que venderam horrores, quando na verdade foram 3 mil ou 4 mil exemplares, num país de 120 milhões de habitantes. E o fenômeno da estagnação, acredito, é momentâneo; depois as coisas tendem a voltar ao normal na literatura, tanto em quantidade como em qualidade.

JD – As editoras também foram atingidas pela crise econômica a ponto de dispensarem autores?

A.B. – Eles estão com os dois pés atrás. Alguns reduziram em 50% os lançamentos de novos títulos. Não diminuíram as tiragens, porque quanto maiores elas forem mais barateiam o livro. A tática é só lançar livros com venda absolutamente certa.

ID – As características dos seus livros, seu estilo, sua temática, conseguem ser regionais sem serem regionalistas. Como é isto?

A.B. – O regionalismo, como expressão literária, está morto. A pau e corda sobreviveu até a década de 30, com Simões Lopes Neto. Depois, o que se produziu no chamado texto regionalista foi sub-literatura.

ID – Você não é de economizar palavras...

A.B. – Sou muito barroco. Talvez seja um barroquismo típico da literatura latino-americana. Alejo Carpentier tinha uma teoria muito curiosa para explicar isto. Perguntaram por que ele escrevia barroco e ele disse que numa carta de Herman Cortez ao rei da Espanha, ele finalizava dizendo que muito mais teria a dizer a sua majestade a respeito das coisas da América, mas lhe faltavam palavras “para explicar todas essas coisas”. A partir dessa carta, Carpentier faz uma reflexão muito interessante: estamos num mundo, a América - Latina, que é novo até hoje. Tudo é muito recente, então precisamos de muitas palavras para falar deste mundo. Nosso idioma, como o espanhol, se presta a transformações. Do verbo se faz substantivo, se adjetiva o inanimado, se formam novas palavras.

O francês, por exemplo, é o mesmo desde o século XVII. E eu gosto de palavras, de encher a frase, gosto de barroquismo.

ID – Por que seu nome, apesar da produção literária significativa, ainda não conseguiu o reconhecimento dado a outros autores gaúchos?

A.B. – Minha temática não é tão acessível. Muita gente ainda pensa que eu escrevo romances históricos. Só passei a ser mais requisitado, de fato, na última Feira do Livro (em outubro do ano passado), quando meu livro foi o mais vendido. As coisas só começaram a acontecer para mim depois do sétimo livro. Curiosamente, antes eu tinha conseguido melhor ressonância fora do estado do que aqui. No Rio Grande do Sul, por razões que nem vale a pena abordar, não temos espaços para a crítica literária. Por isso fica complicado um autor ser conhecido. Acaba acontecendo o inverso: só é respeitado depois de ser aplaudido lá fora.

ID – Como o Rio Grande do Sul conseguiu um mercado editorial autônomo, autores que vedem grandes tiragens só dentro do estado?

A.B. – Temos um circuito, fantástico, formado entre editor – livreiro – autor – leitor, característico nosso. E isto se deve ao fato de que nosso leitor consome preferencialmente os autores locais. Se o Moacyr Scliar tivesse lançado um livro na Feira do ano passado, ele seria o mais vendido. Como não lançou, eu acabei sendo o mais vendido, por ser gaúcho e por ter uma obra relativamente significativa. Dois fatos concorrem para essa situação: o trabalho dos professores na sala de aula, trabalhando sobre autores gaúchos. Qualquer autor regional, hoje, se fosse atender a todos os pedidos de escolas para palestrar, não teria tempo para escrever uma linha. É um fenômeno que vem ocorrendo de 10 anos para cá. Nossos maiores consumidores são os jovens estudantes. Outro fator importante para a difusão do autor local é a situação do Instituto Estadual do Livro, que promove os novos.

ID – Mas isto não limita a visão do leitor gaúcho apenas à realidade literária regional?

A.B. – Eu sempre alerto os professores sobre isto. A iniciação do estudante deve começar pelos autores gaúchos, mas nunca torna-se um fim.

ID – Que importância têm as feiras de livros, em praça pública, tão difundidas no interior do estado?

A.B. – Elas são a vitrine da literatura. Hoje há mais de vinte feiras importantes no interior – Pelotas, Santa Maria, Bagé, São Borja, Bento Gonçalves etc., todas ótimas – e outras tantas menores ainda começando. E a inspiração foi a feira de Porto Alegre, que já está completando 35 anos. Isto fez com que o gaúcho seja um dos maiores consumidores de livros do país. Talvez só perca para São Paulo.

Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 26.mar.1988

O GÊNIO DA PROVÍNCIA

Entrevista a Ida Vidcenza

JOSÉ DE CAMPOS LEÃO, o Qorpo Santo, encontrou finalmente seu romance. Organizador de uma reforma ortográfica que não saiu do papel, planejador de uma enciclopédia, precursor do teatro do absurdo, editor do periódico **A justiça**, declarado louco pelos contemporâneos, privado dos bens que lhe amealhara em vida e, por último, da própria liberdade – Qorpo Santo está de corpo inteiro em **Cães da província**, um irresistível romance de Luiz Antonio de Assis Brasil. Com o qual, aliás, para ser digno do seu incomum personagem, pretendeu não apenas divertir os seus leitores, mas alcançar também um título de doutor em Letras.

De saída, convém registrar que **Cães da província** é muito mais do que uma biografia romanceada ou um romance que, tomando somente algumas liberdades, movimente-se apenas dentro dos limites da biografia do atormentado escritor gaúcho. Poderia ser só isso, pois Luiz Antonio de Assis Brasil não se descuidou no levantamento da documentação necessária à reconstituição da vida de Qorpo Santo, e muito mais ainda do ambiente hostil em que ele viveu a sua amarga aventura. Sob esse aspecto, **Cães da província** satisfaz ao leitor à procura de elementos biográficos, porém satisfará ainda mais quem quiser saber como era no final do século XIX a Porto Alegre que Assis Brasil já havia descrito em uma série de outros romances com os quais vem acompanhando o seu desenvolvimento desde a chegada dos primeiros colonizadores.

Assis Brasil, entretanto, não iria desperdiçar a contraditória riqueza de uma vida como a de Qorpo Santo, limitando-se a extrair dela um romance simplesmente realista. O que fez pôr a sua própria imaginação a trabalhar numa voltagem, próxima à do teatrólogo, transpondo assim as fronteiras do documental, da realidade palpável, a fim de criar o que poderia ser o rico e inusitado universo das fantasias de Qorpo Santo.

Desse modo, o leitor se verá de vez em quando transportado do escritório onde o escritor esboça as suas peças, os seus artigos, as suas criações gramaticais, para as ruas de Paris, onde Qorpo Santo dialoga com Napoleão III, em longas conversas sobre a guerra e a rebeldia dos trabalhadores franceses impregnados das idéias do socialismo. No passo seguinte, Assis Brasil nos reconduz à Porto Alegre das mesquinharias provincianas, das intrigas e das mortes misteriosas, a Porto Alegre burguesa que não suporta a presença de um gênio marginal.

Além desses mergulhos na fantasia, **Cães da província** é um romance rico em tramas paralelas, com um elenco de personagens cujos dramas passam ao leitor uma forte carga de emoção, embora o tom de Assis Brasil esteja quase sempre mais próximo da ironia e da sátira. Este é o caso da mestiça Lucrecia e seu marido Eusébio, que Assis Brasil explora em duplo sentido – para mostrar como se dá a criação e tornar possível, dentro da história, o episódio que inspirou Qorpo Santo a escrever a peça **O homem que enganou a província**. Lucrecia e

Eusébio são veículos do autor; sua história (ficção) encontra um lugar história (verdadeira) do dramaturgo.

O processo que levou Qorpo Santo a realizar uma obra sob tantos aspectos inusitada tem sua contrapartida na influencia que exerce sobre o autor do romance. Através de personagens que poderiam ser criaturas de Qorpo Santo, Assis Brasil alarga o horizonte do mundo em que viveu o dramaturgo, ampliando também o espaço abarcado pelo seu irônico olhar sobre a condição humana; de sua visão que, embora sardônica, não perde nunca a elegância.

Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 28.mar.1988.

ASSIS BRASIL FALA DE SUA VIDA SEM FAZER FICÇÃO

Ele trocou a música para dedicar-se à literatura.

Entrevista a Clara Gularte

“Minha responsabilidade como escritor chegou a um plano quase indescritível depois da publicação do romance “Cães da província”. Ele foi o primeiro lugar em vendas na última Feira do Livro de Porto Alegre, e já está, inclusive, indo para a 2º Edição”. A afirmação é do escritor gaúcho, Luiz Antonio de Assis Brasil, 43 anos, revelando, ainda, que neste romance cometeu a ousadia de tratar a sociedade rio-grandense do século XIX, como **a atual de sempre pronta a segregar aquelas pessoas que não se comprometem com a hipocrisia e a desonestidade.**

Ex-músicoda Orq2uestra Sinfônica de Porto Alegre, violoncelista doze anos, ele trocou as cordas para dedicar-se à literatura, onde desde seu primeiro livro “Um quarto de légua em quadro” (1976, 5º edição), soma-se sete até hoje, sendo seis romances, entre eles “As virtudes da casa” (1985, 2º edição), e uma novela “Homem Amoroso” (1986, 2º edição). Embora sua notoriedade, Luiz Antonio de Assis Brasil confessa que leva uma vida bastante regular, como se recomenda a qualquer romancista. Divide seu tempo entre as aulas nas concorridas Oficinas de Criação Literária I e II, que funcionam no prédio oito da Puc, o, curso de direito onde é professor de Introdução à Ciência do Direito e o trabalho de escrever.

FICÇÃO X REALIDADE

Assis Brasil, como é chamado por todos, é considerado para o contista e romancista Laury Maciel autor do romance “Noites no Sobrado”, um dos principais escritores do Rio Grande do Sul. “A temática de seus livros trata de reconstruir a história do Rio Grande do Sul, sem fazer romance histórico. “Ele faz ficção com o século passado”, acrescenta Maciel. Mas se por um lado Assis Brasil não faz romance histórico, por outro lado, o próprio escritor costuma afirmar, que, em “Cães da província”, por exemplo, ele deu um tratamento ficcional, indo além da realidade, mas nunca fugindo da verdade, referindo-se ao personagem principal da história. Acostumado a manusear seus personagens com intimidade de quem conhece cada um como a si mesmo, Assis Brasil também revela bastante conhecimento quando fala de assuntos como Reforma Agrária, AIDS, e Forma de Governo. Simpatizante do parlamentarismo, ele acredita que é o sistema de governo mais civilizado, onde as forças políticas dispõem de um espaço para composição e um governo incompetente não se mantém, caí por um voto de desconfiança do Parlamento. “Embora nossa tradição latino-americana seja presidencialista, considero-a um fruto de nossa irresistível tendência para os governos fortes, absolutamente inadequados ao novo século que se aproxima”.

Longe de ser um problema, em seu primeiro romance que trata da colonização Açoriana, a Reforma Agrária para Assis Brasil é considerada uma necessidade”, desde que feita com as regras do jogo plena e previamente definidas e não cair na improvisação tão comum à nossa realidade brasileira”.

Para o escritor, vale a mesma necessidade quando tratamos da AIDS. “Embora seja um terrível mal, há dois aspectos a serem considerados. “O primeiro, é que todas as grandes epidemias históricas, como o caso da peste negra, por exemplo, tem um ápice e depois naturalmente declinam e até se extinguem. O segundo, é que a AIDS servirá para repensarmos nosso comportamento; nos encaminharão para uma convivência mais sadia e equilibrada entre as pessoas”, alerta Assis Brasil.

Porto Alere, Jornal da FAMECOS, abr. 1988, p. 6

O FOLHETIM POLÍTICO DE ASSIS BRASIL

Advogado e autor de sete livros, entre os quais incluem-se títulos como A prole do corvo, As virtudes da casa e Cães da província, Luiz Antonio de Assis Brasil partilha com Alejo Carpentier da crença de que, na América Latina, convivem todas as épocas. “Temos gente no fim do século XX que ainda vive neolítico”, ele explica. Pensando assim, Assis Brasil escreveu o folhetim Breviário das Terras do Brasil, que o Diário do Sul começa publicar a partir de hoje como leitura de inverno. É uma história sobre a Inquisição portuguesa em terras brasileiras, remontando ao século XVIII para falar sobre métodos de repressão que lamentavelmente, observa o escritor, permanecem atuais neste continente em transe.

Entrevista a Liliana Reales

O Cristo que o salvou foi o mesmo Cristo que o condenou. A literatura gosta de revelar estes paradoxos: foi numa noite de tormenta, no Rio de La Plata, no fim do século XVII. A pirágua em que viajava o índio Francisco Abiaru, rumo à Argentina, naufragou. Era uma viagem de negócios. Ele e seu mestre, um jesuíta das missões do alto Uruguai, planejavam vender, em Buenos Aires, a escultura em tamanho natural de um belo Cristo de olhos amendoados. O índio Abiaru, meio engolido pela água, consegue salvar-se abraçado à imagem de madeira. É socorrido por um navio português onde, mais tarde, será descoberta a heresia dos olhos amendoados do Cristo salvador. É a história de um aborígene guarani, vítima da Inquisição portuguesa em terras brasileiras. Esta temática, tão pouco explorada no país, é o fio condutor do folhetim de autoria do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil que o Diário do Sul publica a partir de hoje no seu caderno de Cultura e Lazer.

Assis Brasil, 42 anos, advogado e autor de sete romances de impecável valor literário, aventura-se agora em um novo gênero, o folhetinesco. Um gênero prestigiado, através do tempo, por autores como Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, José de Alencar e Machado de Assis (veja matéria nesta página). Um gênero que representa um desafio, como o próprio Assis Brasil reconhece: “Aceito a proposta deste folhetim porque gosto de desafios”. Envolver o leitor na ação ficcional, com diálogos e situações que criem intriga e certo suspense e saber contar cada capítulo, deixando o fio pronto para o seguinte, tudo imerso numa temática de rica complexidade, não deixa de ser um instigante desafio.

“Este é o meu primeiro texto que aborda uma temática nacional, porque até agora tenho só tratado da temática regional”, conta Assis Brasil. O folhetim alcança abrangência nacional “no sentido de busca das nossas raízes culturais nacionais. Também, no sentido de discutir, em particular, a colonização portuguesa no Brasil”. A ação situa-se na passagem do século XVII para o século XVIII, “com uma presença portuguesa muito forte através de todos os mecanismos administrativos que não se expressam só no plano civil, mas também no militar e eclesiástico”. Francisco Abiaru, o personagem principal, guarani das missões jesuíticas, é, como tantos outros que a história registrou, um índio educado e formado pelos jesuítas, que desenvolve uma forte inclinação pela escultura e pela

música. Abiaru não só é alfabetizado em espanhol como também aprende o latim. Seu naufrágio coloca-o perante ao próprio naufrágio da sua vida e o leva a defrontar-se com a sinistra administração eclesiástica da época: o Santo Ofício, o braço repressor mais aprimorado e eficaz que a História inventou, em cujo método de ação inspiram-se, até hoje, sistemas repressivos das truculentas ditaduras. Essa, parece ser a porta, a ponte que une passado e presente e que une o Brasil e o resto do mundo. A temática, partindo duma ação nacional, torna-se universal e atual.

“O que havia detrás da acusação contra Francisco Abiaru era, na verdade, uma disputa entre jesuítas e beneditinos porque os jesuítas, por princípio, eram contra a escravização dos índios. Os jesuítas tiveram uma certa dificuldade em aceitar a Inquisição pelo que a Companhia sempre foi muito mal vista pelo Santo Ofício”. No navio português que socorre Abiaru, viajava um monge beneditino, o qual vê na imagem de Cristo com os olhos puxados oportunidade de acusar não só o índio, como também de incriminar os próprios jesuítas”. Abiaru é levado à inquisição portuguesa do Rio de Janeiro.

“O que pretendo não é mostrar a outra face da Inquisição, mas trazer alguma luz em relação a esse assunto. Na verdade, ela foi um instrumento de dominação política antes de mais nada. No período absolutista, ela estava ao serviço do poder civil, do poder real. Mecanismo que reforçou-se com a descoberta do ouro”.

Quando Abiaru é levado ao Santo Ofício do Rio de Janeiro, chega, de Portugal, visitador da Inquisição para controlar os processos. Este personagem, muito especial “porque não é propriamente um repressor, havia caído em desgraça em Portugal e tinha sido nomeado Custódio dos Arquivos – posto absolutamente secundário. O visitador começa a folhear os processos e descobre a verdade por detrás daquilo tudo. Principlamente, as testemunhas falsas e a descoberta do processo do Padre Antonio Vieira”. Este é um dos pontos altos da narrativa. O encontro violento da realidade com a ficção e a revelação das humilhações a que foi submetido o Padre Vieira, em linguagem ficcional com uma carga dramática que envolve o leitor.

Luiz Antonio de Assis Brasil leva ao papel, com maestria e apoiado em rigorosas pesquisas, uma quase radiografia da sociedade colonial e dos mecanismos de dominação do Estado. É apresentado o processo de “deteriorização” dos nativos. É apresentado o choque cultural e a frustrada tentativa de dominação total.

Os fantasmas existem e os artistas são os seus perseguidores favoritos porque ninguém mais sensíveis do que eles para senti-los e temê-los e, depois, deseja exorcizá-los como aos demônios. A história de América Latina é transitada por infinitos fantasmas. “Eu não sabia porque tinha este interesse pelos fatos passados e nem como justificá-los. Até que li uma conferencia de Alejo Carpentier onde ele fala justamente nesse tema. E já havia publicado seis romances com fatos acontecidos no passado. Ele, Carpentier, disse que a realidade latino-americana é tão diferente que aqui, na América Latina, convivem todas as épocas. Temos gente no fim do século XX que vive no neolítico, temos gente que vive no século XIX. Todas as épocas se interpretam”.

Porto Alegre, *Diário do Sul*, 19.jun.1988

ESSÊNCIA VERBAL DA DIGNIDADE

Entrevista a Renato Lemos Dalto

A obstinação pela síntese não tem data para começar. Nem para terminar, ou melhor, nunca termina. Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor, dedica-se diariamente a este ofício da busca da expressão idéia para contar suas histórias. Hoje às 18 horas, na Sala de Exposições do Theatro São Pedro, será lançado o fascículo “Autores Gaúchos”, do IEL, enfocando sua obra. É um momento especial do escritor, que agora deburça-se sobre a história brasileira, elaborando com cuidado o seu “Breviário das terras do Brasil”, que deve ser concluído até o fim do ano. Por enquanto, o romance aparece em forma de Folhetim no Diário do Sul. Assis Brasil sai dos limites das terras gaúchas para buscar a universalidade das questões da formação brasileira.

No fascículo, uma entrevista à jornalista Cida Golin e ao teatrólogo Ivo Bender, além de um estudo crítico de Léa Masina, tetam demarcar o terreno da obra. São passagens pela história do Rio Grande, com destaque para “Cães da província”, uma incursão ficcional pela vida do dramaturgo Qorpo Santo. O mergulho na vida rio-grandense é a tentativa de buscar o que chama de “essencialidade”. Ou a visão de um humanista preocupado com a dignidade.

Sua referencia é clássica. “Os clássicos são um parâmetro do que se conseguiu de melhor, pois colocam os conflitos básicos da existência”, afirma. Cita influências como Eça de Queirós e Alejo Carpentier, este último como uma lição da necessidade de se apegar ao passado para contar a história da América Latina. “Neste continente, convivem todas as épocas, pois existem lugares que ainda vivem no período neolítico”. Esta época é reconstruída através de pesquisas que costuma fazer. Depois traça uma linha de tempo, onde vai demarcando e arquitetando a própria vida dos personagens.

O momento que Assis Brasil vive pode ser identificado como a busca da profissionalização como escritor. Escreve religiosamente durante três manhãs e suas tardes da semana, orienta a oficina literária do curso de Letras da PUC e acaba de conjugar sua literatura com cinema. A produtora Cinefilmes – dos cineastas Eduardo e Lauro Escorel e José Tadeu Ribeiro – acaba de acertar o contrato para transformar “Cães da província” num longa-metragem. “Se eu não fosse escritor, seria diretor de cinema”, comenta Assis Brasil. E assim, costuma sublimar isso em descrições literárias absolutamente cinematográficas.

Advogado, ex-diretor do Instituto Estadual do Livro e titular da extinta Subsecretaria de Cultura do Estado durante o governo Jair Soares, ele diz que jamais autorizaria a publicação de um fascículo sobre sua obra se ainda estivesse à frente de algum desse órgãos. Foi violoncelista da OSPA e sua experiência no mundo da música está retratada em “O homem amoroso”. Mas explica que não faz literatura autobiográfica, embora admita que o escritor é também os personagens que cria. Há alguns depoimentos sobre a personalidade da Assis Brasil que são esclarecedores na relação criador e obra, como escreve Sérgio Faraco. “O escritor é assim, jeitoso, insinuante, mas sob a mascara dos signos,

como sob a lingerie de virgens suspirosas, resolvem-se as paixões de nossa humanidade, como se ele se disputasse a nos mostrar delicadamente, como é de seu feitio, como nós somos tão grandes e ao mesmo tempo tão pequenos”.

Porto Alegre, *Diário do Sul*, 8.ago.1988.

Luiz Antonio de ASSIS BRASIL

O escritor da província tem 45 anos. Nasceu na capital, e depois do sucesso de seu primeiro livro- Um quarto de légua em quadro – abandonou música (era violoncelista da OSPA, ocupou diversos cargos ligados ao livro e à cultura. Enquanto prepara seu oitavo romance (sobre os Muckers), circula disfarçado na Feira do livro para evitar os chatos que vieram junto com o extraordinário sucesso de sua obra.

Entrevista a Paulo Seben

“Querer reconhecimento nacional é a maior prova de provincianismo”

CM – Assis Brasil você hoje é um escritor profissional?

AB – Sim. No sentido de que eu encaro o meu trabalho como escritor como algo que diz respeito a minha própria vida e a minha razão de ser, de estar vivo, sim. Sim, sem dúvida nenhuma, embora não haja nenhuma compensação de natureza financeira. Se for quanto a viver de literatura, até que eu não seria, mas se a gente pensa em profissão como algo que ocupa, que envolve, que prende, que nos anima a seguir a trajetória, sim.

CM – Podemos dizer que hoje você é preferencialmente um escritor e que o outro trabalho é para manter o escritor?

AB – Nem tanto, porque eu tenho a sorte de trabalhar exatamente com literatura, com criação literária, nas Oficinas de Criação Literária que eu coordeno na PUC. Por essa razão, eu considero as oficinas, quase uma extensão do meu trabalho de escritor. Felizmente, estou podendo assim ter um trabalho, ter um emprego do qual eu vivo e que tem tudo a ver com o meu trabalho de escritor.

CM – Há quanto tempo você deixou de ser músico?

AB – Não sei, eu acho que há uns 10 anos. Os motivos foram seguramente três. Primeiro foi que eu estava realmente me encaminhando para o trabalho de literatura, mas depois houve outras questões circunstanciais, como o baixo salário na orquestra sinfônica e também a impossibilidade de ter a dedicação integral que a música exige. Eu não poderia realizar como músico simplesmente um trabalho burocrático, trabalhar 3 horas por dia, que é o tempo de ensaio e não estudar, isso eu não admito.

CM – Fora a novela O homem Amoroso, você nunca se interessou em escrever sobre música e conciliar essas duas paixões?

AB - Nesse sentido, há uma pessoa que eu respeito muito: Alejo Carpentier, um grande escritor cubano que de fato conseguia conciliar a crítica musical e o trabalho de escritor sobre música com o trabalho literário. Isso ainda chegou a passar pela minha cabeça, embora por vezes eu sinta vontade, por exemplo, de retornar a crítica de discos que eu tinha no extinto Diário do Sul.

“ Pretendo escrever a obra definitiva sobre os muckers”

CM – Além de músico você era professor de Direito, também largou?

AB – Eu ainda tenho uma turma de Introdução ao Direito, embora eu esteja lotado no Instituto de Letras e Artes para o qual me transferi.

CM – Você não se filia à escola dos que acham que o escritor deve se dedicar única e exclusivamente à literatura e ter que viver só disso?

AB – Não. O escritor não pode perder o contato com a realidade. Não acho que o escritor deva só escrever. Nestas ocasiões eu só escrevo, durante as férias, eu vou sentindo aos poucos a necessidade de tomar contato com a vida, com a realidade. Então, eu acho que eu vou manter sempre um trabalho paralelo, ligado à literatura.

CM – Você tem participado de todos os Encontros de Escritores, da vida literária. O escritor tem que ter alguma participação ativa na sociedade enquanto escritor?

AB- Este é um velho problema. Nos países do terceiro mundo, existe a idéia de que o escritor tem um relevante papel social. Por essa razão, sempre se cobra do escritor uma participação maior na vida política do país, e alguns até se deixam seduzir por isso. Mas, fundamentalmente, o escritor deve pretender escrever cada vez melhor, ter a maestria no seu trabalho literário. E esse é o principal trabalho do escritor.

CM – Suas obras se passam num passado bastante remoto daqui do RS. Como é que essa visão desse nosso passado remoto dá essa participação do escritor?

AB- É muito fácil. Esse passado é apenas uma metáfora do presente. Quando eu trato, por exemplo, de Qorpo Santo e da repressão social que ele sofre, na verdade eu estou falando de repressão e da marginalização que sofre por princípio todo intelectual em todas as épocas. Dessa forma, o passado para mim é apenas o motivo, um mote para falar do presente.

CM- Cães da província está tratando de um escritos gaúcho. No seu primeiro livro também tinha um escritor que relatava num diário. Que relação você faria entre estes personagens escritores e você?

AB – É um vício muito comum dos escritores escreverem sobre escritores. Se tu examinares as obras dos grandes escritores dificilmente tu vais encontrar um que tenha alguma vez tido um personagem que não fosse escritor. Eu acho que o escritor se preocupa tanto com seu próprio trabalho que ele acaba transformando aquilo em símbolo e acaba transformando o escritor, isto é, ele mesmo, em personagem. Por exemplo, o Érico Veríssimo, na última faixa do *Tempo e o Vento*, o escritor era ele mesmo, Floriano é o próprio Érico.

CM – Se você fosse escrever um livro em que o escritor fosse você mesmo, qual seria a grande questão do personagem?

AB - Eu acho que é a luta contra morte. Na medida em que se quer escrever, assim como se quer pintar, se quer fazer escultura, sempre é uma luta contra o destino, contra o desaparecimento, uma tentativa de permanecer, de ficar através da obra. Uma pretensão tola, uma pretensão vazia, sem dúvida nenhuma. Mas imagino que seja isso.

CM – Essa pretensão de ficar pode trazer futuramente uma pretensão à Academia Brasileira de Letras?

AB – Não. Não porque a obra é mais importante. A obra é que não morre. Quanto às academias, em tese eu não tenho nada contra. Eu tenho contra a academia Brasileira pelos maus critérios que têm adotado para admissão de seus membros. Eu não sou das pessoas que infantilmente se revoltam contra o pai, que jogam pedras na academia totalmente para pensar o que é o fenômeno da academia num país, Lamento apenas os rumos da Academia Brasileira, o que eu não lamento da Academia Francesa.

CM - eu tal foi a adaptação de Cães da província para o teatro?

AB - Gostei. Achei muito boa, muito bem feita, muito bem costurada. Uma adaptação digna. Naturalmente que eu levo em consideração a dificuldade enorme que é levar em uma peça de 1 hora e 20 minutos de duração todo um romance. E nesse sentido o resultado foi alcançado, e foi captada com muita precisão, muita verdade, a idéia central de meu livro.

CM – E qual a expectativa para o filme que o Eduardo Scorel pretende filmar?

AB – A expectativa é boa. Considerando que o Scorel é um diretor não só competente, o que demonstrou em Lição de Amor, mas também sério, o que é raro no cenário cultural brasileiro.

CM – O que você diria do romance sobre os Mucker, que você está preparando?

AB - Considero a minha empreitada literária mais importante, pela complexidade, pelo respeito que eu tenho que ter por aquelas mulheres e aqueles homens que fizeram o movimento Mucker. Não posso adotar nenhuma atitude de considera-los santos ou demônios, e sim de considera-los como pessoas que, em determinado momento, devido à miséria em que viviam relativamente aos centros que se industrializavam como São Leopoldo, estavam à margem do processo produtivo capitalista. Em determinados momentos, essas pessoas, tomando como esperança e motivos o misticismo e o messianismo, marcaram sua inconformidade contra essa marginalização. Eu já tive a idéia de fazer isso antes, e não me julgava em condições, mas agora acho que posso fazer, e tem sido uma experiência muito boa, muito bonita, muito enriquecedora. Sem querer ter nenhuma pretensão, eu me coloco como objetivo escrever a obra definitiva sobre os Mucker, pelo menos no plano ficcional, mas a gente tem que viver de ousadias e estou trabalhando numa complexidade de personagens de eventos eu por vezes até me assombra, e talvez para poder encarar melhor todo esse material que eu tenho nas mãos é que eu precisei estabelecer uma arquitetura tão rígida. Senão eu poderia acabar me atendendo demais. Sobre os aspectos do messianismo e até do caráter carismático de Jacobina Maurer quando na verdade o que eu quero, o que eu pretendo dar é uma visão sociológica e antropológica do homem.

Porto Alegre, *Caderno Multiarte Nº 20* – Nov.1989

ASSIS BRASIL, SENHOR ROMANCISTA

Entrevista a Julio César Caetano

Este é um sábado único para os aficcionados da literatura, com a presença de Luiz Antonio de Assis Brasil e Valesca de Assis, que autografarão suas obras no 2º Encontro com a Literatura, dentro das programações da Semana do Município, no antigo prédio de Gattiboni. O livro de Valesca de Assis já foi comentado aqui e agora trataremos de dar um resumo de cada uma das obras de Assis Brasil, para informar os leitores e ajudar na definição da literatura.

Um quarto de légua em quadro

Sob a forma de diário, o Doutor Gaspar de Fróis, médico de bordo, narra a vinda dos imigrantes açorianos para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, suas expectativas e as dificuldades que enfrentam no processo de adaptação às colônias. Paralelamente a isto, transcorrem os conflitos da personagem.

A prole do corvo

Na campanha gaúcha desenrola-se o drama de Filhinho, incorporado às tropas de Bento Gonçalves para lutar por uma causa que desconhece. Em plena Revolução Farroupilha ressalta o “nonsense” da guerra e a ironia amarga de um povo levado à luta interesse econômico e político das oligarquias.

Manhã transfigurada

No Rio Grande de Setecentos, na Vila de Viamão, a jovem Camila, repudiada pelo marido, aguarda o desenlace do processo canônico de anulação de casamento. Solitária, Camila termina por seduzir o sacristão na Igreja Matriz e ainda o próprio pároco, perdida ela própria sem seus devaneios e fantasias.

As virtudes da casa

De passagem pela Estância da Fonte, Felicién de Clavière, naturalista francês, desperta a paixão das mulheres da casa, mãe e filha, que passam a disputar o seu afeto. Em meio a isto, retorna o Coronel Antão, pai e marido ausente pela guerra, conduzindo a narrativa á um desenlace trágico.

Bacia das almas

Nara a decadência de um classe proprietária rural, a dinastia do Coronel Trajano Henriques de Paiva, senhor de Santa Flora e prefeito de Água Clara, adepto do Castilhismo. A narrativa desenvolve-se nas três primeiras décadas de 20. morto o tirano, seu poder perpetua-se sobre a família e a comunidade, tornando a todos incapazes como agentes de seus destinos.

O homem amoroso

Luciano, músico profissional, Nara a complexidade do bastidores de uma Orquestra em que, sob a harmoniosa aparência dos concertos, vivem os homens acossados por problemas pessoais, econômicos e políticos. Perpassa a narrativa a crise existencial do personagem narrador que questiona seu casamento e suas relações familiares.

São Luiz Gonzaga, RS, *A Notícia*, 2.jun.1990 (Segundo Caderno)

OS FRUTOS DOS HOMENS

Assis Brasil escreve sobre os Muckers em seu recente livro

Entrevista a Simone Saueressig

Longe de solucionar problemas, a literatura tem por atributo mágico, fazer pensar. À força de palavras, idéias são transmitidas, mas, à força de pensamentos, todas devem ser questionadas. Assis Brasil não queria tomar partido, ao escrever seu mais novo romance. *Videiras de cristal*, editado no finzinho do ano passado e já aplaudido pela crítica de saída. O autor parece desejar que seus leitores pensem a respeito do homem, do certo e do errado, e do que aconteceu há tantos anos. Na entrevista que aconteceu ao Caderno de Domingo, falou de seu livro e do trabalho de fazê-lo. E na incerteza dos que leram suas palavras, acredita ter atingido seu objetivo.

CD – De onde surgiu a idéia de escrever *Videiras de cristal*?

Assis Brasil – era uma idéia que eu tinha, de voltar a ver o assunto dos “muckers” trabalhado, pois Josué Guimarães tinha idéia de usá-lo. Idealizou o romance, mas, infelizmente, não terminou. Ia se chamar, “Tempo de Angústia”. Mas o assunto me interessava porque é, talvez, um dos episódios mais obscuros na História do Rio Grande do Sul. Muito falado, mas pouco conhecido, com elementos muito bons e muito fortes para serem trabalhados e que poderia me render uma boa história. Eu não tenho condições de fazer “olha, foi a partir deste momento”. A idéia foi se consolidando. O tema está aí, estava pedindo para ser trabalhado. E até um espanto que não tenha sido escrito antes. Mas, tudo bem, está aí. Já é uma realidade.

CD – O senhor chega a considerar *Videiras de cristal* um fruto do trabalho de Josué Guimarães?

Assis Brasil – Não, absolutamente. Ele é separado. Tínhamos maneiras diferentes de entender a própria escrita, eu e Josué. Enquanto ele era um autor que usava poucas personagens que narravam suas histórias, eu gosto de fazer painéis com várias personagens, com várias histórias, mais polifônico, digamos assim, em relação ao Josué. Além do mais, eu não tive contato com o trabalho de pesquisa dele. Eu considero o livro inteiramente meu.

“As almas dos colonos são como videiras de cristal”.

CD – De onde vem o título?

Assis Brasil – Numa das passagens do livro, um padre jesuíta diz que as almas dos colonos são como videiras de cristal, que são fecundas no verão de dias melhores mas que resistem quando o inverno começa a chegar. Isso me passa a imagem dos colonos. Achei que era o título certo.

CD – O senhor teve acesso fácil ao material de pesquisa ou foi mais difícil com dificuldades como ausência de material, por exemplo?

Assis Brasil – tive acesso fácil porque me guiei pela obra do Moacyr Domingos, que considero a melhor, mas também as obras clássicas, a do padre Shupp, do Leopoldo Petry... a parte disso, outras fontes, como o jornal. Existe alguma coisa mais que está em mãos de particulares e a que não se pode ter acesso.

CD – O senhor chegou a visitar a região?

Assis Brasil – sim. Mas aí foi mais por uma questão de espaço, de ver o espaço. Eu fui algumas vezes lá e tive um cicerone, o Sr. Hugenthobler, que tem uma livraria em Sapiiranga. Ele me levou por tudo para que eu visse a paisagem, as distancias, o solo, a vegetação, a topografia e também um lugar e outro...

CD – O senhor chegou a falar com algumas famílias do lugar?

Assis Brasil – Sim. Ocorre que ainda existe um algum receio por parte de certas famílias de se mostrar abertamente. Eu respeito essas pessoas. Eles também não poderia saber das minhas intenções. Mas o fato é que existem documentos nas mãos destas famílias. Inclusive muito material foi destruído porque as pessoas não queriam ter compromisso, ligação, com o episódio. Muita coisa importante, de valor, não existe mais, como material fotográfico...

“O fator mais importante foi a questão política”.

CD – Como é trabalhar com o fato histórico, com personagens que de fato existiram? Não tolhe o seu trabalho?

Assis Brasil – acho que ajuda. Ajuda no sentido de serem pessoas verdadeiras. Acontece que não se sabe muito sobre essas pessoas, como Jacob Mula, Jacobina, e outros personagens históricos. Então a partir daí eu fui

construindo uma história para cada um. Aconteceu o contrario: em vez de tolher, isso deu um impulso para a criação das personagens. Eu posso até eventualmente, ter alterado um pouco na história de cada um e na personalidade. Agora, uma coisa muito importante é que tratei a cada um deles com muito respeito. Porque são pessoas que existiram, estiveram envolvidas no episódio, moralmente, de boa fé. Algumas das pessoas que leram o livro já me disseram que não sabem de que lado ficar, se a favor ou contra os “muckers”. Isso veio do encontro ao que eu queria: escrever um livro que desse o conhecimento deste acontecido ao leitor. É importante ressaltar que o fato que mais pesou no episódio foi o fator político. Existia, é claro, o fator religioso. Mas foi tudo uma secessão de agressões. Me parece que se o governo fosse mais compreensivo, os “muckers” teriam ficado lá e provavelmente não teriam crescido...

CD – Não teriam se espalhado...

Assis Brasil – Exato, teriam ficado concentrados. A questão toda é que a colônia, na época, estava num estado de completo abandono. Abandono material e espiritual. O que acontecia é que São Leopoldo crescia muito na época. E crescia concentrando renda comercio e industria. O grande comércio estava concentrado lá. Então como defesa os artesãos de Sapiranga e arredores forma se unido. Outros que não passavam dificuldades se ligaram ao grupo por questões de fé. Os outros foram por questões políticas. Eles encontraram lá uma esperança. Então, à partir desse esperança eles se reuniram. Jacobina foi um catalisador dos acontecimentos. Sem dúvida, me parece que se não houvesse esse desequilíbrio social entre os colonos de Campo Bom, Quatro Colônias, Sapiranga e, de outro lado do rio, Lomba Grande, com São Leopoldo, dificilmente o episódio teria acontecido. Nós temos no fundo, na base, o conflito social. Lógico que o fato religioso também foi importante. Houve pessoas que se envolveram por razões estritamente de fundo espiritual.

CD – Quanto tempo levou o trabalho?

Assis Brasil – não foi muito tempo. Talvez um ano. O trabalho maior foi organizar o roteiro da obra, quantos capítulos, dividir os capítulos em cenas... Agora, escrever, levou dois anos e pouco. *Videiras...* é um livro grosso.

CD – Quando o senhor começou a escrever o “Videiras...” esperava que fosse tão bem aceito?

Assis Brasil – olha, em parte sim, já sou publicado há bastante tempo. Mas especialmente por causa do tema. Havia muitas ameaças no ar de que ele seria feito. Mas eu tinha certeza de que seria bem aceito e que as vendas seria interessantes. Quanto a crítica... bom, a crítica sempre é um ponto de interrogação. A gente nunca sabe. Contudo, as vendas têm me surpreendido bastante.

CD – O senhor acredita que o assunto tenha sido esgotado com o seu livro?

Assis Brasil – absolutamente. Acho que tem muita coisa para ser vista. Muita coisa a ser descoberta, como eu disse, em arquivos particulares.

CD – Existe algum interesse me editar seu livro no exterior?

Assis Brasil – existe uma agente literária que é apaixonada pelo Brasil, fez sua tese aqui e é tradutora. Ela já fez a tradução de alguns livros brasileiros para o Alemão. Ela já me pediu algumas vezes para traduzir alguns dos meus livros, mas eu sempre achava que minha literatura não tinha nada a dizer para os alemães. Agora, entretanto, pode ser que isso aconteça. Wolf Gauer, roteirista do filme “Os Muckers”, também se mostrou interessado. Enfim, me parece que o livro estará em boas mãos, se isso acontecer.

As Letras por opção

Luiz Antonio de Assis Brasil é um homem simpático e atencioso. Não fala muito alto, mas tem uma voz agradável e nada do que diz fica pelo meio. Mora num apartamento, num bairro retirado de Porto Alegre. Vai ao centro todos os dias (seis quilômetros de distancia) a pé. O que, contribui para seu bem estar, já que sua atividade sedentária, aos quarenta e seis anos, ocupa-lhe as manhãs. Assis Brasil escreve, e, quem o conhece que o endosse, não é de há pouco. Formado em direito, músico que já atuou como violoncelista junto à OSPA, a veia das letras falou mais alto. Escrever é, provavelmente, uma daquelas atividades que quando se começa, apaixona, não dá mais para parar. Assis Brasil largou tudo e tornou-se um dos bons escritores que enobrecem a galeria dos gaúchos. Não da noite para o dia, certamente. Mas não há que se negar que se títulos como *A prole do corvo*, *Bacia das almas* e *Manhã transfigurada* foram degraus em sua vida literária, *Videiras de cristal* é um marco. Tanto quanto o Premio Érico Veríssimo concedido pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, em 1987, pelo conjunto de sua obra. Frutos de sonhos de um homem para seus semelhantes. Nem sempre doces. Nem sempre salgados. Na literatura tudo se equilibra, nada se desfaz no ar.

UMA ALCUNHA PARA A LUTA

No Ano de Nosso Senhor de 1872, uma tempestade começou a se formar para os lados da “Fazenda Leão” (atual Sapiranga), ao redor do morro do Ferrabrás. Uma tempestade que, na verdade, era apenas o reflexo de um estado sumário de abandono material e espiritual, que o governo do segundo Império havia legado aos colonos.

Ninguém sabe exatamente quando ou porque o episódio dos Muckers passou de uma escaramuça social, ao massacre sumário. Os fatos são que entre 1872 e 1874, o grupo que se reunia em torno da figura carismática de Jacobina Mentz, foi o eixo de um dos episódios mais obscuros e tristes da História do rio Grande do Sul. A alcunha que os colonos da região puseram nessa comunidade – os “mucker” – queria dizer “santarrões”. Isso mascarou o episódio durante anos, como se fosse um acerto de contas sangrentos em nome da religião. Ledo engano. Josué Guimarães já colocou de maneira inequívoca a situação social precária desses homens e mulheres que lutavam contra a terra, o medo e as doenças tropicais sem o menor auxílio em “A Ferro e Fogo”. Luízk Antonio de Assis Brasil, em seu mais novo romance, “Videiras de cristal”, levanta a questão que leva todos os homens à luta: a política. A política da paz, que fosse. Se não tivessem sido hostilizados, os “mucker” provavelmente não teriam passado para a história como algo mais do que meros fanáticos que sentavam-se em torno de uma mulher que lia e interpretava a bíblia, uma conquista, alias, de sua própria iniciativa, pois o ensino rural daqueles dias era, senão inexistente, no mínimo quase isso. Jacobina aprendeu a ler na Bíblia e sozinha.

Mas na reação deles teria cabimento tanta violência: E terá sido justo o uso de canhões contra homens que lutavam, quando muito, com carabinas velhas, amoitados em competentes grupos de guerrilha no meio da mata? Hoje ninguém mais sabe responder. O que se sabe é que eles foram hostilizados, humilhados e ignorados, quando precisavam ser reconhecidos como seres humanos com direito iguais aos dos outros. Porque ninguém deveria ter vergonha de sua fé e de sua luta por um mundo melhor. Política e fé. Forças que levam os homens a remover montanhas.

Passados os anos, tudo ainda permanece muito obscuro. Jacobina era vidente ou apenas epilética? João Jorge um curandeiro ou um milagreiro? Houveram profecias, vidências, ou meras coincidências? A literatura oral desta região tão proximamente atingida (Campo Bom, Sapiranga, Quatro Colônias, Lomba Grande, Ivoti, Dois Irmãos e as “linhas” interiores que ligavam estas localidades) transformou homens em feras, “muckers” em bárbaros, e colonos adversários a seita, em vítimas. A versão dos vencedores, enfim. Mas o que aconteceu a nível geral foi um “episódio” que chamou a atenção do Império sobre o estado de desorganização em que viviam os imigrantes alemães. A intervenção das tropas federais comandadas por Genuíno Sampaio foi uma maneira de mostrar isso.

Mas era um tanto ou quanto tarde demais. Os frutos dos homens haviam revelado ser do sumo salgado das lágrimas.

São Leopoldo, *Jornal do Vale*, 6.jan.1991.

“Rompi com a grande família”

Entrevista a José Mitchell

- A obsessão do escritor inglês Graham Greene era a de buscar deus por meio das relações humanas. Qual sua obsessão?

- Escrever cada vez melhor. Não sei se o poeta ou o contista precisam de disciplina, o romancista precisa. No texto, sou menos transcendental do que Greene: busco entender nossa realidade, nossa alma gaúcha e brasileira através da História.

- Há uma tradição de romances históricos entre os escritores gaúchos?

- Só pela história se entende um povo e sua cultura. Mas não sou escritor de romances históricos. O que me interessa é entender os personagens, o que está por baixo. As pessoas mais do que o fato histórico, que é o pano de fundo. Muitos acham que tenho vocação para destruir mitos, mostrar os podres dos personagens históricos e grandes famílias. O que é trazer à luz a paixão. O desespero, a tragédia pessoal de cada um.

- Isto sem abandonar os mitos, como a seita dos Muckers em Videiras de cristal e o Qorpo Santo em Cães da província?

- Exato. O mito é revisitado para se descobrir sua humanidade. Nós gaúchos temos uma tendência mitificadora muito grande, desde o chamado machismo à coragem pessoal até o cavalheirismo. Nós nos alimentamos desses mitos que, como todos, são falsos. Sou incompreendido por isso e por mostrar que na raiz de tudo está a natureza humana.

REVISITO O MITO PARA ACHAR SUA HUMANIDADE. NA RAIZ DE TUDO ESTÁ A NATUREZA HUMANA

- Se escrevesse um livro sobre Bento Gonçalves (líder da Revolução Farroupilha) incluía o fato de que ele foi também contrabandista?

- Se fosse necessário à trama romanesca, sim. Faço isso em A prole do corvo, que tem como pano de fundo a revolução Farroupilha. Ali, Bento Gonçalves aparece como homem de sua época, grande fazendeiro liderando uma revolução de estancieiros que se criam prejudicados nos seus interesses. Uma revolução que não era popular. A constituição farroupilha era mais racionaria do que a do Império. O acesso ao voto era mais elitista, havia censura à Imprensa e a escravidão era incentivada.

- Falam-se muito em separatismo. O gaúcho é separatista?

- A característica cultural do gaúcho é uma tendência ao separatismo. A Revolução Farroupilha tornou-se separatista a partir de 1836, quando foi proclamada a República riograndense. Nos jornais da época as notícias do império eram dadas como do exterior. Hoje o movimento está ligado a um comportamento de direita, desvirtuando. Não sei se no momento da verdade – de uma efetiva separação – todos a apoiariam.

- Há mesmo uma linhagem de escritores gaúchos, de Simões Lopes Neto a como Érico Veríssimo, de Josué Guimarães a Assis Brasil?

- Acho que sim. Eles procuram entender as relações do nosso estado com o Brasil. A minha geração se situa no momento mais crítico desta linhagem, porque não entende a grande família como o supra-sumo da expressão da verdade riograndense, mas como causadora de males. A grande família, na sua arrogância, começou talvez com *Incidente em Antares* do Érico Veríssimo – não *O Tempo e o Vento*, que ainda mostrava certa sedução pela grande família. Eu rompi com a grande família. A mim talvez corresponda até uma “vingança psicanalítica”, como bem disse o Wilson Martins no JORNAL DO BRASIL.

- Como foi sua passagem pelo Exército durante a repressão política?

- Fiz o serviço militar de 1965 a 1966 e de 1968 até 1971 fui aspirante a oficial. Larguei quando me formei em Direito. Era um jovem de 19 anos, não tinha juízo crítico e foi uma coisa difícil de suportar. Fiz apenas trabalhos burocráticos. Muitos oficiais se sentiam constrangidos com a situação e eram malvistas. Percebi que havia uma distinção: nós, militares, e eles, civis, lá fora. Eu não era nem militar profissional nem estava do lado de fora. Não assisti a atos de repressão, mas todos sabiam e comentavam a existência de torturas em presos políticos. Quando deixei o Exército, soube de casos de corrupção na Intendência, onde trabalhei. Talvez eu tenha sido um pouco ingênuo.

- O escritor deve ser engajado ou apenas contar uma boa história?

- Escrever uma boa história é o primeiro requisito do escritor. Não apoio nem recrimino as obras engajadas, pois há livros assim que são obras-primas, como *O Germinal* de Zola ou *Mephisto* de Klaus Mann.

- Gosta dos primeiros livros de Jorge Amado, que eram bem engajados?

- As primeiras forma, talvez, as melhores obras dele e também alguns dos melhores momentos da literatura brasileira. Depois se tornou um pouco repetitivo. Mas ele deselitizou a literatura, chamando a atenção para a realidade brasileira com objetivo literário em si.

- Como trabalha ficcionalmente figuras de sua própria família, por exemplo, Joaquim Francisco de Assis Brasil, o Doutor do livro?

- Não sou cínico para negar a semelhança do Doutor com Joaquim Francisco. O Doutor também é Joaquim Francisco, embora não seja só ele, não é idêntico. Me permito usar a mitologia. A mitologia em torno da figura real para criar meu personagem, o que vem gerando incompreensões. Parentes dele acham que estou denegrindo o patriarca e a família. Meu personagem é outra coisa. Outras famílias, ligadas a Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros também se acham ameaçadas, mas então, me

mostrem onde está a ofensa, não fiquem nesse *zunzum* de bastidores. No meu livro, sigo a saga da família, do patriarca, da formação do Estado, desde a Revolução de 1893 até a Revolução de 1923, e mostro que o Doutor traiu; aliás, foi um traidor toda sua vida.

- Cita Eça de Queiroz no seu romance. Foi mesmo comparado ao Eça de Os Maias. Qual sua relação com o escritor?

- A comparação só me envaidece, porque considero Eça o maior escritor português e um dos maiores romancistas do mundo. Aprendi com ele a estrutura do romance, muita técnica. No segundo volume, que estou escrevendo, faço plágio deliberado, usando um parágrafo inteiro dele.

- Além de Eça, quais os seus grandes autores?

- Flaubert, Zola e Balzac entre os clássicos. Entre os contemporâneos, os autores portugueses, que são a ponta da literatura europeia. E não é só José Saramago, mas também outros tão bom quanto ele, como José Matias Garcia, Agustina Bessa-Luiz, Urbano Tavares Rodrigues.

- É possível ser escritor sem ler os clássicos?

- Eu achava que não, mas estou mudando. Aqui na PUC há jovens de 17, 18 anos, que nunca leram romances clássicos e que escrevem de uma forma brilhante. Se persistirem, serão bons escritores. Aprendo muito com os jovens, discuto com eles meus próprios processos criativos.

- E os best sellers?

- São ideologicamente muito equivocados, literariamente muito discutíveis, porque seus personagens são planos e a sequência previsível. Mas prefiro um *best seller* a livro nenhum na mão de uma pessoa. Podem ser instrumento importante para despertar o interesse pela leitura.

- Como situa a literatura gaúcha em relação a do resto do Brasil? E diante das literaturas da Argentina e Uruguai?

- Temos aqui um ciclo completo: escritor, editor, distribuidor, livreiro e leitor. No Rio Grande um escritor pode vender 20 mil, 30 mil exemplares, o suficiente para sustentar qualquer carreira. Há escritores gaúchos que vendem mais aqui do que alguns nomes nacionais vendem no Brasil inteiro. Exemplo? Eu. *Perversas famílias*, lançado em janeiro, já vendeu duas edições (9 mil exemplares) e a terceira está para sair. Outro gaúcho, Charles Kiefer, já vendeu 100 mil exemplares de *Caminhando na chuva*. Temos aqui a maior classe média do país, conforme o IBGE. Quem compra livre é a classe média; o rico viaja e o pobre não tem dinheiro. Por isso temos 10 editoras que sobrevivem muito bem. Somos o terceiro mercado editorial do país. Temos uma temática próxima das literaturas Argentina e uruguaia. Os escritores locais procuram retratar sua realidade e cultivam uma espécie de cultura pessoal.

- Gostaria de escrever sobre temas não rio-grandenses?

- Como qualquer escritor, quero o reconhecimento nacional e até internacional. Mas tudo virá como acréscimo. Não sinto esse apelo de ir da realidade rio-grandense, mas ao retrata-la não sou um autor regional. Trabalhando a realidade local, pode-se passar valores universais. É isso só dá perenidade a uma literatura. Procuro, através de um pequeno problema, discutir um grande tema do ser humano.

PORTO ALEGRE – Comparado ao Eça de Queirós de *Os Maias*, o escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil vem provocando polêmica desde que publicou o romance *Perversas famílias*, em que se propõe a demolir alguns mitos da tradição local. O livro faz parte da série *Um castelo no pampa*, cuja sequência, sob o título provisório de *Malditos doutores*, está escrevendo. Luiz Antonio prevê mais polêmicas, já que continuara em cena seu personagem contribuindo a partir de uma das figuras do panteão do Rio Grande, Joaquim Francisco de Assis Brasil, de quem aliás é descendente e que considera “um traidor na Revolução de 23”. De ouvidos fechados aos que o acusam de estar simples e gratuitamente denegrindo as famílias de que vieram, além de Assis Brasil, outros célebres atores políticos do estado, como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, o romancista deixa claro que não vai desistir de atacar os mitos, e descrever o “ser humano integral, perverso e generoso, com todas as pessoas”. Luiz Antonio sente a sua independência fortalecida pelo vigor do mercado editorial rio-grandense, que na sua opinião é capaz de sustentar “qualquer carreira literária”. Sabe também que integra a linhagem de escritores gaúchos, que vem de Simões Lopes Neto, passa por Érico Veríssimo e chega a Josué Guimarães. Está ligado a esses autores pelo fato de trabalhar a mesma realidade, tendo a mesma história como pano de fundo. Mas acha que se distancia deles por ter radicalizado em um ponto fundamental: “Rompi com a grande família”.

Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 3.jul.1991, p. 10 (Idéias)

ASSIS BRASIL RENOVA OS MITOS DO PAMPA

O escritor gaúcho lança amanhã o romance **Perversas famílias**, que inaugura uma nova fase no seu trabalho ficcional

Entrevista a Ricardo Carle

Em *A Dialética da Colonização* (Campanha das Letras), o crítico literário Alfredo Bosi retoma um tema que se torna cada vez mais obsessivo entre os intelectuais brasileiros. Algo que Roberto Schwarcz classificou de “idéias fora do lugar”. Luiz Antonio de Assis Brasil não teve influência direta desses exemplos, mas, ao decidir plantar um castelo em estilo vagamente medieval no pampa gaúcho, retorna à concepção. O dono dessa excentricidade arquitetônica é Olímpio, o Doutor, um verdadeiro aristocrata gaúcho com estranhos ideais progressistas, republicano e abolicionista de primeira hora das últimas do século passado. Os antepassados ilustres do autor sopraram-lhe confidências aos ouvidos e certamente espiaram o tempo todo por cima de seus ombros enquanto o primeiro livro da série *Um castelo no pampa*, intitulado *Perversas famílias*, estava sendo gerado.

A chácara de Pedras Altas, de onde Joaquim Francisco de Assis Brasil comandava seus aliados políticos, encontra reflexos no castelo de São Felício, sede do poder manipulado por Olímpio, que, como o parente do escritor, é formado na Faculdade de Direito de São Paulo. “É o meu livro mais ficcional”, garante, no entanto, Assis Brasil. Segundo ele, *Perversas famílias* foi a obra em que mais deixou transparecer suas emoções. E, completando uma tríade de ingredientes, acrescenta que a sátira é o elemento mais destacado no romance.

O escritor esmerou-se na construção de imagens e no recorte dos personagens. Com certa desenvoltura, passeia, por diversas mudanças de narradores e de narrativas, tecendo com destreza a rede em que o leitor vai vislumbrando o grande mosaico do livro. Os rompantes do Doutor são intercalados por momentos intimistas de sua mãe, D. Plácida, a Genebrina, ou por surpresos e inteligentes raciocínios do pequeno Páris, além da presença do narrador onipotente. Assis Brasil diz que reuniu conceitos de romances intimistas e de *bildungs-roman*, ou romance de formação.

Mitologia – admitindo explicitamente, com citação, a influência de Eça de Queiroz e identificando a passagem em que usa Érico Veríssimo, Assis Brasil diz que leitores atentos poderão receber referências literárias várias pontuando a narrativa. Mais explícitas, além das citadas, são os nomes gregos das personagens principais – Olímpio (de Olímpio), Páris (filho de Priamo, raptor de Helena), Selene (a Lua, a quem Helena está ligada), Arquelau (irmão de Heracles ou Hércules), Astor (masculino de Astréia, divindade que formou a constelação de Virgem). A mitologia dos centauros dos pampas dilui-se e o autor procura reinventar a sua própria com a ajuda de helênica.

Depois de *Videiras de cristal*, em que constitui a saga dos Muckers e foi considerado um de seus melhores livros, Assis Brasil decidiu abandonar o romance histórico. “Tornou-se já um clichê identificar-me com este gênero. E,

como todo clichê, isso é falacioso”, garante, embora reconheça características de suas outras obras repetidas nesta. O escritor pretende gastar quatro anos para concluir *Um castelo no pampa*. Ele prefere dominar o conjunto dos três volumes planejados de “série”, descartando a classificação “trilogia”, por considerá-la “desgastada”. A Mercado Aberto resolveu caprichar na inauguração desta nova fase do escritor mais renomado da editora. O lançamento de *Perversas famílias*, que acontece amanhã, a partir das 19h, no Centro Municipal de Cultura (Érico Veríssimo 307) está sendo divulgada em out-doors e o preso de capa (ver quadro) é especial neste período que antecede ao Natal.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 16.12.1992, Segundo Caderno.

O ADVOGADO CEDE LUGAR PARA O TALENTOSO ESCRITOR

Seguir o impulso e esperar que o tempo coloque as coisas nos devidos lugares foi a conduta adotada por Luiz Antonio de Assis Brasil para chegar à realização. No caso dele, esta atitude significou cursar Direito para, em seguida, quando começou a exercer a profissão, dar-se conta que não era aquilo que queria fazer na vida. Deixou de ser advogado, mas não abandonou o magistério, uma atividade que, assim como a literatura, ainda hoje lhe dá muito prazer.

Ninguém está condenado a viver frustrado por causa de uma opção feita ainda na adolescência. Talvez seja esta a principal lição a ser tirada da carreira do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Influenciado por parentes magistrados, ele também sonhava em fazer parte do mundo do Direito e, quem sabe, se aposentar como desembargador.

Foi por isso que Assis Brasil se candidatou a uma das vagas para Direito oferecidas pela PUC e UFRGS, em 1965. É bem verdade que decidiu na última hora e o número de sua inscrição – 313 – foi o último na faculdade particular. A coincidência de horários nas duas universidades exigiu mais uma opção dele, que decidiu fazer apenas o vestibular da PUC. O vestibulando despretensioso acabou por ser o segundo da lista de aprovados, num tempo em que ainda havia provas orais e as escritas eram dissertativas.

Na hora do exame, valeram os conhecimentos adquiridos no Colégio Anchieta e a leitura de muitos clássicos. Na prova oral de História, Assis Brasil teria de falar sobre Revolução Francesa. Nem chegou à Queda da Bastilha. O professor examinador o interrompeu muito antes, impressionado apenas com suas explicações sobre os antecedentes da Revolução Francesa.

DECEPÇÃO – O futuro escritor de sucesso cursou o Direito da PUC numa época em que, entre os professores, havia nomes como os de Paulo Brossard, João Leitão de Abreu e José Nery da Silveira. “Eram verdadeiros juristas”, elogia. Os colégios agora também são nomes conhecidos da política local e nacional: José Fogaça, Ailton Vargas, Reginaldo Pujol.

A faculdade deu a Assis Brasil uma visão mais clara da sociedade a respeito do desenvolvimento de um raciocínio lógico. Ele não se decepcionou com que encontrou. Ao contrario, continuava um apaixonado pelo Direito. Tanto que até hoje é professor de Introdução à Ciência do Direito na PUC, uma carreira iniciada em 1974 como assistente de Paulo Brossard na cadeira de Direito Civil.

Na verdade, o que decepcionou o escritor que já tem nove livros publicados foi a prática da advocacia. “É desgastante”, resume. Assis Brasil foi ficando cansado por causa da lentidão dos processos, pela ansiedade permanente dos clientes, que esperam soluções rápidas.

Um dia, resolvi dar um basta a tudo isso. Em pleno tribunal, o advogado Assis Brasil sentiu-se muito mal. Depois de controlar os enjôos, passou a distribuir entre os colegas, nos corredores, todas as causas que estava defendendo. Até então, só havia escrito algumas poucas crônicas no jornalzinho do Colégio Anchieta. Decidiu ser apenas professor. Começa a nascer aí o escritor.

As perdas às vezes são conquistas

Nove livros depois, Luiz Antonio de Assis Brasil, não está arrependido de sua decisão. “Me considero perfeitamente realizado”, garante. O primeiro livro, *Um quarto de légua em quadro*, foi publicado em 1976.

“Quando vi, estava escrevendo”, simplifica. Por esta época, Assis Brasil era também violoncelista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Depois de 13 anos de orquestra, quando a literatura se revelava muito mais importante que a música, resolveu abandonar a OSPA.

E somente dez anos depois da publicação da primeira obra, quando já coordenava as oficinas literárias até hoje oferecidas pela PUC, Assis Brasil fez o doutorado em Letras. Pioneiro, foi o único a inscrever-se no exame e foi também o primeiro no Rio Grande do Sul a apresentar um romance como tese de doutorado – no caso, *Cães da província*, sua sétima publicação.

APRENDIZADO – agora, com exceção das aulas na faculdade de Direito, Assis Brasil respira literatura o dia inteiro. Pelas oficinas literárias que coordena na PUC já passaram 15 turmas e foram publicadas 10 analogias. Como o escultor ou pintor, compara, o escritor também não nasce pronto. Além do talento natural, é preciso aprimorar a técnica. Assis Brasil teve de aprender por conta a técnica do diálogo e gastou bom tempo nisso.

Para os vestibulandos, candidatos a qualquer curso, Assis Brasil dá um conselho apoiado na experiência pessoal. Na hora de decidir o futuro profissional, o jovem deve seguir seu impulso. “Depois, o tempo vai de encarregar de acomodar as coisas”, sugere.

OS LIVROS DO ESCRITOR

Um quarto de légua em quadro

A prole do Corvo

Bacia das almas

Manhã transfigurada

As virtudes da casa

O homem amoroso

Cães da província

Videiras de cristal

Perversas famílias, 1º vol. Da série

“Um Castelo no pampa”

Porto Alegre, *Zero Hora*, 2.jan.1993. Jornal do VESTIBULAR

PODIUM

Entrevista a Maria Wagner

Enquanto me oferece o melhor lugar no sofá, o senhor do castelo atende ao apelo do gato Mitzi e informa que gosta do inverno e das horas diurnas. O cachimbo dos vagares e o telefone “high-tech” dividem a mesinha lateral. Tivesse nascido no outro lado de Greenwich, ao sul da América, **Luiz Antonio de Assis Brasil** seria um inglês oficial. Porque fôlego não falta a esse incansável escultor de textos.

O que é a idade de uma pessoa?

- É o acúmulo de experiências.

A sua infância – Foi uma infância boa, passada em Estrela, na colônia alemã do Rio Grande do Sul. Prefiro minha idade atual.

Primeiro livro que leu – “Os Melhores contos de fadas Chineses”, de um autor anônimo.

Livro de cabeceira hoje – Obras de Eça de Queirós.

Livro que gostaria de ter escrito - “Os Sinos da Agonia”, de Autran Dourado.

Por onde começar uma biblioteca? – Por “Dom Quixote”, de Cervantes, “Madame Bovary”, de Flaubert e “A Capital”, de Eça de Queiros.

Político que lê – Fernando Henrique Caroso.

A que lugar voltaria? – Viena d’ Áustria.

Ao qual não voltaria? – Tramandaí.

O que é texto? – É a sabedoria da colocação das frases certas nos lugares adequados. É também ser necessário e suficiente

Um filme – “Morte em Veneza”

Uma rua – A Herrengasse, de Wittenburg-ob-der- Taube.

Bebida – Vinho tinto

Uma mania – Almoçar às onze e meia

Horário – Sim. De maneira obsessiva

O que lhe deu de nascer nas pessoas?

A falta de lealdade.

Matéria-prima – A História.

Família – A experiência indispensável a qualquer ser humano.

Se ganhasse a Sena sozinho? – Editaria todos os meus amigos que escrevem bem.

Um país a visitar – Alemanha

Uma parte do Brasil que encanta – As cidades históricas de Minas Gerais.

Teatro – Penso que seria a hora de se dedicar mais atenção aos clássicos. Em Porto Alegre, para mim, teatro é Júlio Conte e Patsy Ceccato.

Do que foge? De má literatura.

De que seria sua loja? – Seria um restaurant.

Lê críticas? – Sempre (De seus livros, de cinema, de teatro)

Esporte – Longas caminhadas diária.

Curte Copa do mundo? – Não.

Convidados especiais para um jantar – Goeth, machado de Assis, pasxhi=oal, Carlos Magno e todos meus antepassados.

Profissionalismo – Algo que recém agora no Brasil se começa a descobrir.

Aluno ideal – O que me ultrapassa.

Projetos – Levar avante a minha trilogia, da qual terminei o primeiro volume “um castelo no pampa”

Um compoitor – Mozart.

Trabalho – fechado no estúdio. Já trablhei com música mais percebi que trabalho melhor no silêncio absoluto.

Supermercado – Em viagens

Hore Vidal – Não li.

Biografia – De Napoleão, escrita por Emil Ludwig.

Saramago – Um dos bons escitores portugueses. Lamento apenas que a sua apropriação pela mídia tenha abadado uma geração inteira de escritores de Portugal.

Salman Rushdie – Um abominável cado de intolerância.

Porto Alegre, *Trinta dias de Cultura* nº 40, Set. Out, 1992.

IDENTIDADE DO GAÚCHO É A TONICA DAS NOSSAS LETRAS

O Rio Grande do Sul é o Estado que mais lê. Temos aqui uma família de escritores regionais, entre os quais me incluo. Das Oficinas Literárias saíram os escritores brasileiros e Porto Alegre é o maior centro de oficinas do País. É impossível ao escritor viver de literatura. Estou ultimando um novo romance. Meu modelo? Eça de Queirós. Essa e outras questões são levantadas, detalhadamente, por Luiz Antonio de Assis Brasil, um dos grandes expoentes da literatura gaúcha.

Jornal do Comércio – sobre oficinas literárias, Lídia Jorge, escritora portuguesa, enfatizou, em recente entrevista ao Jornal Letras e Artes, a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido no Brasil. Dentro disso, como fica o RS?

Assis Brasil – esse trabalhos já existe, na França, na Espanha e nos Estados Unidos. Aqui, apesar de novo, já tomou impulso, Porto Alegre constituindo-se no maior centro de oficinas literárias do País. A jornada do dia 22 último foi a primeira em nível nacional e a tônica foi a utilidade das oficinas, visto que delas sairão os escritores brasileiros. Atualmente correm como cursos livres, particulares ou de extensão universitária, mas seria desejável entender as oficinas de 3º grau, nas faculdades de Letras. A carreira literária é difícil e os resultados a longo prazo, mas vários oficineiros já lançaram livros individuais, outros receberam livros literários. Estão ainda previstos lançamentos de 11 autores pela Movimento, egressos da Oficina da PUC, enquanto outros colaborara com contos na imprensa.

JC – Como se divides entre lecionar, escrever e outras atividades?

AB – As duas primeiras coisas se harmonizam, pois passo 24 horas na literatura. Quanto ao Direito, restrinjo-me a algumas aulas na PUC e o caminho natural é abandona-lo, como abandonei a música.

JC – Quantas obras publicadas e qual a “menina dos olhos”?

AB – Oito obras publicadas, seis romances e duas novelas. Minha preferida? **As virtudes da casa**, porque nela consegui a maior carga de emoção. No momento, estou ultimando o primeiro volume de uma série de três, que não quero chamar de trilogia: **Perversas famílias**, volume inicial de **Um castelo no pampa**. Trata-se de uma história abrangendo 80 anos de aristocracia rural rio0-grandense, tendo Pelotas como palco. Época: 1870/ 1964. Assunto: as charqueadas como fator de desenvolvimento econômico.

JC – Linha do autor comparativamente á linha da literatura gaúcha. Panorama histórico, linguagem...

AB – Existe uma certa família de escritores regionais, onde me incluo, junto com Érico, Josué e Cyro Martins. Nela, a preocupação maior é a “identidades do gaúcho”. Abrange história, indagação das raízes políticas e culturais. Desenvolve uma linguagem que se preocupa com o que diz, não como diz, sem preocupação de revolucionar o idioma literário.

JC – Influências temáticas e estilísticas?

AB – No que diz respeito à estilística, Eça de Queiroz, é por extensão, Gustave Flaubert.

JC – Sobre a qualidade da literatura gaúcha, o que opinas?

AB – Sem citar nomes, o RS está bem contemplado no que se refere a gêneros, pois temos aqui boa poesia, boa literatura intimista, urbana, político-social... A literatura não é produto, mas criadora de cultura. Esta em si não existe, se não for traduzida em códigos acessíveis. Existe como entidade desarmônica, desorganizada, cabendo à literatura organiza-la. O trabalho criador não se restringe aos temas tratados, pois, se assim fosse, nossa literatura não seria distinta da que se pratica no Cone Sul. O que se restringe é a sua mundividência, visão de mundo, no sentido de nos considerarmos outros em relação ao Brasil. Não se trata de vaidade, mas de consciência de peculiaridade.

JC – Sobre o retorno financeiro, em relação à literatura?

AB – É impossível viver dos livros, existindo um descompasso muito grande em relação às outras artes especialmente as plásticas. No Brasil, nenhum escritor vive dos livros. Jorge Amado e Rubem Fonseca vivem da literatura, mas não dos direitos autorais. A questão é complexa.

O brasileiro lê pouco e o RS é talvez o maior pólo leitor do País, pois aqui se concentra a maior classe média, a verdadeira elite cultural brasileira.

Além disso, conforme Affonso Romano de Sant' Anna, há aqui o mais perfeito ciclo do livro: escritores, editores, distribuidores, livreiros e leitores. Em relação aos últimos, pode-se dizer sem erro que 2º e 3º graus são responsáveis pela maior parte do consumo dos livros gaúchos. O atual estágio da literatura gaúcha deve-se, sem dúvida, ao consumo das escolas.

Porto Alegre, *Jornal do Comércio*, 3.nov.1992

A ÂNSIA NATA DE MEXER COM TODAS AS EMOÇÕES

Escritor Luiz Antonio de Assis Brasil revela paixão pela arte que desenvolve

Entrevista a Diony Soares

Caxias do Sul – esposa escritora, filha jornalista, tranquilo, quase meditativo, talvez maternal, Luiz Antonio de Assis Brasil, 48 anos recém feitos, reflete que não poderia fazer outra coisa que não mexer com emoções. Ele próprio especula que pode ser fruto de uma infância protegida. “Eu não podia jogar bola. Meu irmão era bem mais velho. Meus pais e minha madrinha me davam livros”. Questões que acabam ficando no rol das curiosidades para leitores fieis há 17 anos a um Assis Brasil que integra o primeiro escalão dos escritos gaúchos contemporâneos e tem reconhecimento nacional de público e crítica especializada.

O primeiro livro, *Um quarto de légua em quadro*, foi publicado em 1976. após, vieram *A prole do corvo*, *Bacia das almas*, *Manhã transfigurada*, *A Virtude da Casa*, *O homem Amoroso*, *Cães da província*, *Videiras de cristal* e *Perversas famílias*. Até dezembro, o escritor pretende lançar o décimo livro, por enquanto, sem título definido. Talvez *Malditos Doutores* ou *O Rei dos Pardais* ou qualquer outra inspiração que surja antes da conclusão da obra, a segunda de uma trilogia iniciada com *Perversas famílias* e que, nos planos do escritor, deverá estar completa até o final de 94. Assis Brasil esteve em Caxias esta semana para falar mais uma vez com os estudantes do Colégio Nossa Senhora do Carmo e aproveitou para contar um pedacinho do seu mundo real.

Autor rebate os rótulos

Assis Brasil que fugiu dos rótulos literários. Algumas críticas já classificaram seus livros de romances históricos. Isso não chegou a causar mal estar no escritor, mas também não impediu o rebate e a garantia de que não passam de meros clichês. O fato de escrever, por exemplo, sobre a vinda dos imigrantes açorianos, a figura de Qorpo Santo, o movimento dos *muckers*, não é suficiente para fechar uma classificação, acredita.

A escolha de temas de época é um mero artifício para delinear romances psicológicos. “O passado é desafiador, permite maior liberdade ficcional, exige mais”. O escritor confessa que criar coisas do passado gera emoções e paixões mais intensa. Mesmo assim, usa *O homem amoroso* para expor as veias contemporâneas da sua produção. Questionado – no aproveitamento da deixa – foge do tema e cita dois títulos de romances próprios que ocupam lugar especial. *As virtudes da casa*, pela emoção que suscitou, e *Videiras de cristal*, pelo domínio da técnica.

Caxias do Sul, RS, *O Pioneiro*, 26 e 27.jun.1993, p. 5 (Variedades)

O RIGOR LITERÁRIO CAMINHA PELA HISTÓRIA

Com disciplina de operário da palavra, Luiz Antonio de Assis Brasil está escrevendo o segundo livro da série *Um castelo no pampa*

Entrevista a Jerônimo Teixeira

A caminhada matinal de todos os dias não é para manter a forma física. “É caminhando que tenho as melhores idéias”, diz o romancista Luiz Antonio de Assis Brasil, 47 anos. O bucolismo de um passeio pelas ruas calmas do bairro Petrópolis ao amanhecer pode sugerir a busca de inspiração. Mas Assis Brasil acredita muito mais na disciplina, no trabalho de operário da palavra.

Com a companhia única e silenciosa do gato siamês Olívio, o autor de *Videiras de cristal* passa de quatro a cinco horas diárias no quarto que, no projeto original do apartamento onde vive com a também escritora Valesca de Assis (*A Colheita dos Dias*) e a filha do casal, deveria ser uma dependência de empregada. É ali que está instalado o computador em que o romancista constrói o segundo livro da série *Um castelo no pampa*, cujo título provisório é *Malditos Doutores*. Afixados com alfinetes nas paredes forradas de cortiças, planilhas de rigoroso planejamento ajudam o escritor a estender a saga familiar começada em *Perversas famílias* por novos 34 capítulos, cobrindo o período de 1893 a 1923. Assis Brasil nunca inicia um livro sem antes determinar o número de capítulos e o conteúdo de cada um deles. “O texto longo exige disciplina”, afirma.

A disciplina não é só um princípio estético, mas também uma contingência cotidiana. “Minha atividade primeira é a de professor universitário”, explica. “Escrevo nos intervalos”. Na existência regrada do romancista, o “intervalo” é sempre pela manhã. A tarde é dedicada às aulas na PUC. Como professor, Assis Brasil também não se afasta do trabalho com a palavra. No curso de pós-graduação em letras da PUC, coordena a mais tradicional oficina de criação literária da cidade, que já publicou nove analogias com contos de iniciantes.

Admirador de Gustave Flaubert e Eça de Queirós, Assis Brasil vem empregando as austeras lições formais dos dois mestres na revisão da história gaúcha. Em seus romances, a tradição literária nacional passa pelo Rio Grande – em *As virtudes da casa*, por exemplo, recria o mítico assassinato de Agamenon em uma estância. Mas Assis Brasil detesta que rotulem seus romances de “históricos” – eles seriam apenas situados no passado.

O autor de *Videiras de cristal* confessa que, quando começou a escrever, tinha o desejo de ser reconhecido. Aprendeu que em literatura a fama não corresponde à fortuna. “Se eu quisesse viver só da literatura, teria de publicar um livro por mês e vender toda a tiragem”, calcula. Hoje, constrange-se enormemente quando o reconhecem. “As pessoas geralmente vêm sugerir alterações nos meus romances”.

Assis Brasil, no entanto, também busca sugestões para seus livros – antes de publicados. Sua nova obra deve estar finalizada em novembro, quando será submetida a alguns amigos críticos. Nas férias de verão, com o segundo volume

de *Um castelo no pampa* entregue à editora Mercado Aberto, Assis Brasil pretende viajar, provavelmente pela Europa. Depois, será tempo de afixar novos gráficos no quarto da empregada, sob o olhar siamês de Olívio.

Porto Alegre, Zero Hora, 25.jul.1993, p. 7, (Segundo Caderno)

ROMANCE RETRATA HISTÓRIA DO RS

A Editora Mercado Aberto lança em Pelotas sexta-feira, às 19h, na Biblioteca Pública, o romance *Pedra da memória*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Trata-se do segundo volume da série *Um castelo no pampa*, iniciada com o livro *Perversas famílias*.

Segundo o autor, *Um castelo no pampa / Pedra da memória* (cujo título é inspirado em poemas de Vitorino Nemésio e Carlos Drummond de Andrade) segue na linha iniciada por *Perversas famílias*, ensejando uma reflexão crítica sobre a aristocracia rural do Rio Grande do Sul.

Assis Brasil garante que todos os integrantes presentes no *Perversas famílias* aparecem no *Pedra da memória*, “se bem que com maior força, a começar pela trajetória do doutor Olímpio, o patriarca e construtor do castelo, agora às voltas com as revoluções de 1893 e 1923”. O autor enfatiza que, com relação às duas revoluções, são descritas cenas de batalhas e degolas, que notabilizaram sobretudo o episódio da Revolução Federalista.

Quanto às demais personagens, o autor desenvolve as vidas dos parentes do doutor Olímpio, acompanhando as peripécias de Áster – o bêbado –, do jovem Páris, do médico Proteu, além dos serviçais do castelo: o jardineiro, a copeira, a ama, a cozinheira e a governanta.

O cenário do livro alterna-se: Pelotas, Porto Alegre, Viena, Lisboa e Buenos Aires, sempre seguindo o destino das personagens. *Pedra da memória* é uma espécie de painel complexo das múltiplas contradições da aristocracia rural, às voltas com a modernização do estado e com o “intransigente” governo de Borges de Medeiros. No entanto, o enredo do romance não é fidedigno a lugares e fatos: o autor, antes dos fatos, procura representar o imaginário de uma classe social, o que exige do leitor a necessária dose de fantasia e liberdade ficcional.

Pelotas, *Diário Popular*, 12.dez.1993.

A METÁFORA GAÚCHA DO EXÍLIO

Assis Brasil lança “Pedra da memória”, o segundo volume de “Um castelo no pampa”

Entrevista a Jerônimo Teixeira

O exílio é uma condição comum aos escritores. Não simplesmente a expulsão da terra pátria. Mas o sentimento de deslocamento em relação ao seu ambiente cultural, que encontra seu exemplo clássico em Franz Kafka, o tcheco que escrevia em alemão e trabalhava ignorado em uma repartição pública de Praga. Luiz Antonio de Assis Brasil, 52 anos, um dos mais consagrados escritores gaúchos, escreve em sua língua materna e trabalha como professor de literatura na PUC. Mas compartilha um sutil sentimento de inadequação. “Quando estou viajando, me sinto muito gaúcho, mais do que brasileiro”, conta. “Mas aqui no Rio Grande do Sul não me sinto exatamente no meu lugar”.

Este “descentramento” cultural encontrou sua metáfora na obra de Assis Brasil: um castelo medieval situado em pleno pampa gaúcho. “O castelo é um símbolo europeu, medieval, repressivo”, explica. “O pampa é a liberdade, o Novo Mundo”. O escritor lança hoje o segundo volume da série *Um castelo no pampa*. O título, *Pedra da memória*, é extraído de um poema de Vitorino Nemésio, que serve de epígrafe do romance. A edição, pela Mercado Aberto, sai com uma tiragem de 6.500 exemplares, excepcional para o Brasil, onde as tiragens médias são de 3 mil livros.

Busca Existencial – *Pedra da memória*, como o primeiro livro da série, *Perversas famílias*, é uma extensa viagem ficcional pela história gaúcha. “Acho que escrevo sobre o Rio Grande por uma busca inconsciente de um espaço existencial no mundo”, divaga Assis Brasil. O escritor se permite, porém, algumas infidelidades com os fatos. “Quem for ao meu romance esperando encontrar as personagens históricas vai se frustrar”, avisa.

Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, no entanto, aparecem em *Pedra da memória*. E o personagem central, Olímpio, é pelo menos inspirado em um antepassado histórico do escritor – Joaquim Francisco de Assis Brasil, que no seu castelo de Pedras Altas assinou o armistício da Revolução de 1923, episódio que encerra *Pedra da memória*.

“Seria muito cinismo meu dizer que não nenhum traço de Assis Brasil em Olímpio”, admite Assis Brasil, o escritor. “Mas a personagem é composta por esta figura histórica e muitas outras do mesmo viés”. De seu exílio literário, Assis Brasil recria a história.

As diversas vozes da história

A série *Um castelo no pampa* retoma um leitmotiv que Luiz Antonio de Assis Brasil já explorou em seu terceiro romance, *Bacia das almas*: a família que, esmagada por uma figura paternal poderosa, dominadora, acaba por se degenerar, sem que nenhum dos filhos escape à desgraça pessoal. Só que, em *Um castelo no pampa*, o centro do romance não é tanto o patriarca Olímpio, o Doutor, mas sua criação, o “Castelo da Liberdade”. Em torno desta inusitada edificação, Assis Brasil constrói um vigoroso painel histórico, alternando, nos diferentes capítulos, várias épocas, vozes, personagens.

Em *Pedra da memória*, Assis Brasil intercala habilmente as histórias das empregadas do Castelo com o enredo principal desenvolvido pelos aristocráticos moradores. Astor, o irmão bastardo e bêbado de Olímpio, também apresenta sua biografia, uma sucessão de fracassos patéticos mas de grande efeito cômico. A diversidade de personagens quase eclipsa o Doutor Olímpio, no entanto, é um personagem rico de contradições – um misto de dândi e caudilho preso pela circunstância do nascimento a um estado pecuário e atrasado. Seu esforço modernizante esbarra na realidade bárbara e em seu próprio autoritarismo.

Pelo menos um personagem escapa à maldição de sua perversa família: o irreverente Páris. Assis Brasil planejou-o como um contraponto de Proteu, o melancólico filho médico de Olímpio. Páris já era um dos melhores personagens de *Perversas famílias*, e cresce muito em *Pedra da memória*. É através dele que Assis Brasil, escritor tributário do realismo de Flaubert e Eça de Queirós, introduz sutilmente uma nota metalingüística no texto. Entre os escritores de Páris, há uma paráfrase de *A Missa do Galo*, de Machado de Assis, e um parágrafo inteiro extraído de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça, esperando pela garimpagem do leitor mais atento.

Porto Alegre, Zero Hora, 16.12.1993, p. 4 (Segundo Caderno)

É BOM SER ENTENDIDO!

Com o lançamento de *Os senhores do século*, último volume da consagrada série *Um castelo no pampa*, Contado editorial entrecista o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Em entrevista a Antonio Madalena e J. H. Dacanal, feita por fax, Assis Brasil fala de sua atividade como escritor, sua rotina e método de trabalho, a importância de *Um castelo no pampa* na sua biografia, o papel das oficinas literárias, a filiação a uma tradição literária e literatura pós-moderna.

CE – Um colega seu, ficcionista aqui do Rio Grande do Sul, diz que escreve por necessidade, vaidade e dinheiro. No seu caso, o que é que pesa mais, a necessidade, a vaidade ou o dinheiro?

- O gosto.

CE – Por falar nisso, você ganha muito dinheiro com literatura?

- Privata quæstio.

CE – Qual a sua visão sobre a atividade dos editores?

- Não há sistema literário sem editores corajosos. Roque Jacoby é um destes.

CE – Há muitos anos atrás, um então crítico literário (que, aliás, é um dos entrevistadores...) disse que você era uma espécie de continuador de Érico Veríssimo. Evidentemente, você deve ter gostado da comparação. Mas você não acha que ela é exagerada?

- Não, hoje sei que era apenas equivocada.

CE – Você já explorou quase todos os temas úteis para obras de ficção para a história, digamos, tradicional do Rio Grande do Sul. Comercialmente isso é muito inteligente. Mas sobra algum tema ainda? Como você é novo ainda, não vão faltar temas?

- Se eu continuar inteligente – como dizes – não me faltarão temas.

CE – Qual o significado e a importância de *Um castelo no pampa* na sua trajetória de escritor?

- *Um castelo no pampa* significa a realização de uma idéia: a de reavaliar o papel e as contradições da aristocracia pecuária do Brasil meridional. Representa, também, a summa de tudo o que escrevi até o presente momento. No plano formal, explorei todas as (minhas atuais) possibilidades narrativas. E, depois de tanto trabalho, o prestígio do público é fascinante e confortador. Bom chegar ao planalto dos cinquenta anos com essa obra concluída e – o principal – entendido pelo meu povo.

CE - Como surgiu esse projeto, qual foi sua gênese? E como foi o processo de criação e execução dele?

- Esse projeto surgiu da dialética existente entre o castelo (a Europa, a repressão, o fechamento) e o pampa (o Novo Mundo, a liberdade, a amplidão). Por outro lado, sempre me seduziram as formas simbólicas que a riqueza assumiu, por exemplo, em Pelotas. Sem falar nessa figura poderosa que foi o construtor do Castelo, um homem que possuía um discurso político vagamente literário, mas que na intimidade comportava-se como um sátrapa. Materialmente, a inspiração aconteceu num desses insights inexplicáveis, quando eu pensava a

respeito do Castelo de Pedras Altas, que é um castelo “real”. Essa epifania, depois, foi submetida à razão. Desde logo dei-me conta de que seria uma obra imensa, e a opção pelos três volumes surgiu naturalmente, não foi algo desejado. E passando à razão, criei as personagens, a geografia do romance, estabeleci o número aproximado de páginas, de capítulos e de “cenas”. Trata-se de ar limites ao sonho: não consigo trabalhar de outro modo, e admiro e respeito os autores que começam uma narrativa como um vôo cego e, mesmo assim, realizam obras-primas.

CE – Você pode ser considerado como um exemplo de profissionalismo na literatura, embora as suas outras atividades de professor universitário e orientador de oficinas de literatura. Fale-nos um pouco da sua disciplina como escritor, no seu dia-a-dia.

- consigo fazer tantas coisas porque me submeto a um rigor conventual, com autênticas horas canônicas. Para escrever, há as manhãs, que é o momento do dia em que me sinto mais criativo. Tenho privilegio de dormir pouquíssimo e acordar com um bom-humor à Mickey Mouse. E não há exclusões: escrevo também nos domingos e feriados. Afinal: se a arte é longa, a vida é curta – como dizia Hipócrates. A me amparar, tenho o apoio irrestrito da Valesca, que, por ser escritora e admirável ser humano, entende essas coisas.

CE – Como um escritor que recupera temas da nossa história, gostaria que você falasse um pouco de metodologia de pesquisa que você utiliza. Como foi isso no caso de Um castelo no pampa?

- Na verdade, não pesquisei tanto quanto as pessoas imaginam. Vou até o limite em que a pesquisa começa a me sufocar –

Porto Alegre, *Contexto Editorial*, dez.1994.

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
(Porto Alegre, RS, 1945)

Entrevista a Giovanni Ricciardi

-
-
- *Qual é o processo criativo dos teus livros? Quais são as fases de elaboração?*

- Eu sou muito organizado, parto uma idéia. A partir da idéia, eu faço um esboço prévio, pequeno, que deve ter umas oito ou 10 páginas, com começo, meio e fim. Aí, esse material eu discuto com pessoas. Discuto com minha mulher, discuto com amigos, colho opiniões. E essas opiniões, por vezes, são muito importantes, porque me evitam enveredar por caminhos que não tem nada ver comigo. Então, depois eu passo à divisão em capítulos ou em partes, em cenas e tal. E vou organizando. Normalmente eu passo isso para uma folha de papel bem grande; faço graficamente uma espécie de arquitetura do texto.

Videiras de cristal, o livro que deve sair agora em dezembro de 90, foi dividido em três partes, cada parte foi dividida em quatro capítulos, cada capítulo foi dividido em cinco cenas, de aproximadamente 17 a 20 páginas.

- *Como surgiu a idéia?*

- Bom, eu posso dar uma resposta que, talvez, na primeira parte, valha para todos os outros livros. É algo inexplicável. Nesse sentido, não sou muito original, mas é algo inexplicável. A idéia ocorre, às vezes, por circunstâncias absolutamente fortuitas e menores. Por vezes é até uma palavra que me dizem, um gesto, um filme, uma imagem. No caso de *Bacia das almas*, o que me levou a trabalhar foi a imagem de um cavalo que eu vi. Era um cavalo muito bonito, muito forte, que, não sei como, despertou elementos no inconsciente; a partir dali surgiu, quase que pronta, na minha cabeça, a idéia de um coronel do interior do Rio Grande Sul; então eu acho que a força e o vigor daquele cavalo tenham-me levado, por uma sucessão de idéias, à figura do coronel.

- *Luiz Antonio, qual é a tua relação com a escrita, com a palavra?*

- Eu tenho sempre a impressão, pouco antes de me sentar à máquina pra escrever, diariamente, que eu não sei escrever, que eu não vou conseguir unir uma palavra com a outra, mas, depois que eu sento e começo a escrever a primeira, a segunda linha, vou adquirindo uma nova familiaridade. Isso é uma conquista diária. Agora, meu maior problema com as palavras é que eu tou sempre pensando se já não escrevi o que estou escrevendo, se não estou repetindo.

- *Então, especifique o seu trabalho literário. Prevalece a interrupção ou a continuidade? Há crises, e se há, de que gênero?*

- Olha, eu trabalho continuamente. Continuamente. Só interrompo por razões absolutamente matéricas, uma viagem, por ex., algo assim, mas eu trabalho diariamente, a partir das 7 da manhã até ao meio-dia. Não há crise. Se há crise, ela existe entre um livro e outro. Realmente, aí, eu entro um pouco em crise, porque eu acho que já escrevi tudo o que tinha de escrever.

- *Há momentos felizes ou ideais pra escrever?*

- Sim, há. Quando se está com saúde; saúde física é muito importante. Quando não se tem dor nas costas. Quando não se está apertado com dinheiro, né, quando não se está envolvido em nenhum conflito. Pessoalmente, preciso dessa paz, dessa paz física e dessa paz emocional para escrever.

- *Quando escreve, é a vontade que puxa a escrita ou é neurose, prazer da inteligência ou prazer da fantasia?*

- Eu acho que é mais a vontade. É mais a vontade e o desejo de escrever. Como eu tenho uma estrutura muito racional nas minhas obras, né, eu vou atrás dela e as personagens não me fogem.

- *Por que é que você escreve?*

- Pó, a clássica pergunta, né? Eu estive pensando sobre isso, estive pensando objetivamente. Eu tive uma infância muito limitada. Eu era impedido de jogar bola, de fazer as coisas que os outros meninos faziam. Só tinha livros, me davam muitos livros, porque queriam me ver em casa lendo. Então, foi o que me sobrou. Me faltou a vida, mas me sobrou a literatura. Então, coisas que eu vivi e que não vivo e que ainda não me permito, porque esses pais ainda estão vivos dentro de mim, eu vivo através da literatura, vivo através dela; as pessoas, às vezes, se espantam. Muitos dizem assim: “O Assis, você que é tão bom, tão doce, como é que escreveu as coisas terríveis, que estão nos seus livros?”. Eu acho que isso foi o que me sobrou: viver através das minhas personagens aquilo que não me foi permitido e que ainda não me sinto em condições de viver.

- *Onde encontra estímulo, pretextos para escrever?*

- Fundamentalmente, no passado riograndense; alguns, mais apressados, dizem que eu faço romances históricos. Eu não aceito. São pessoas que não leram atentamente. Na verdade, eu faço romances psicológicos, isso sim, me interessa muito mais o destino dos homens, do que a História com “H” maiúsculo. Então, eu procuro no passado riograndense o cenário e a inspiração para o meu trabalho, com exceção de *O homem amoroso*.

- *Você disse que escreve regularmente, mas você nunca teve uns raptos assim de se levantar à noite e de escrever, de ficar três dias, quatro dias, uma semana.*

- *Fazendo o que?*

- Escrevendo.

- Ah, escrevendo? Ah, isso já me aconteceu, em férias, em situação de férias. Mas, acho que eu nunca sou “possuído”, porque eu tenho certos rituais, por exemplo, o horário das refeições; eu posso estar numa cena capital, mas eu interrompo, porque é horário da refeição. Depois eu retomo; eu sou uma espécie de burocrata da escrita, né.

- *E qual é o papel que o imprevisto desempenha no seu trabalho criador?*

- Olha, o que pode acontecer é que o imprevisto me impeça de trabalhar (uma doença, uma viagem), mas não chega a interferir no que estou escrevendo. Sabe, eu ajo mais ou menos como um funcionário público. Eu tenho aquela hora de ir para máquina e tal, depois tenho aquela hora de terminar e não saio desse esquema. Isso me dá muita segurança, inclusive segurança emocional, para trabalhar. Então, o imprevisto pode, digamos, impedir que numa manhã eu não escreva, mas sei que no dia seguinte, às sete horas eu estarei escrevendo. Essa regularidade, pra mim, é essencial, é fundamental, não poderia viver sem ela.

- *Quanto pesa na tua vida literária a expressão “baixa o santo”?*

- Nada, o santo não baixa. Eu, talvez por ter excessivamente cartesiano, acho muita graça nessa coisa que, por vezes, os colegas falam. “Baixar santo”, nem mesmo como metáfora consigo aceitar. As coisas me vêm, me vêm com uma certa naturalidade, se são boas ou más isso é outra questão, mas me vêm com uma certa calma naturalidade, mesmo quando devo escrever momentos extremamente dramáticos ou violentos ou, enfim, eróticos. Eu sempre mantenho a coisa bastante lúcida dentro de mim.

- *Existe o prazer de escrever?*

- Ah, claro, sem dúvida, sem dúvida. Porque eu acho que ninguém faria uma coisa desprazerosa durante uma vida inteira, né? Realmente, é porque gosta. Há momentos em que a gente luta com as palavras. Mas o momento, aquele momento de trabalho, de verdadeiro encantamento, em que a gente sai um pouco desta realidade cotidiana e vive num outro universo, o universo da imaginação, é muito bom, muito bom!

- *Quando escreve, percebe autocensuras, tem medo de se revelar, laços, impedimentos?*

- Sim, é uma boa pergunta, viu? Tenho, tenho sim, tenho impedimentos, autocensuras decorrentes, como eu disse, ainda da imagem materna e paterna muito fortes dentro de mim, que, por vezes, me impedem de seguir adiante, quando eu estou escrevendo determinada cena. Isso ainda é muito forte.

In RICCIARDI, Giovanni, *Escrever 2*. Bari (Itália): Ecumênica, 1994

A SAGA DA NOBREZA PAMPIANA CHEGA AO FIM

O gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil lança “Os senhores do século”, última parte da série “Um castelo no pampa”

Entrevista a Jerônimo Teixeira

Luiz Antonio de Assis Brasil garante que nunca foi supersticioso. Mas, enquanto escrevia a saga de Olímpio e sua família de nomes mitológicos, surpreendeu-se com uma irracional e compulsiva obsessão numerológica. “Era uma imposição meio mítica”, explica. “Eu queria terminar o livro antes de fazer 50 anos”. Hoje, aos 49 anos, Luiz Antonio de Assis Brasil lança Os senhores do século, terceiro e último livro da série Um castelo no pampa, no restaurante Birra & Pasta do Praia de Belas Shopping, às 19h.

Os senhores do século (o título vem de uma frase pronunciada, no romance, por Getúlio Vargas) conclui a história começada com Perversas famílias, de 1992, e continuada em Pedra da memória, de 1993, todos editados pela Mercado Aberto. Assis Brasil considera Um castelo no pampa como uma única obra. “É uma suma de tudo o que sei fazer na literatura”, diz. Depois de três anos de trabalho em Um castelo no pampa, Assis Brasil pensou em conceder-se um ano apenas para leitura. Não conseguiu: já está trabalhando um novo livro, de proporções menos épicas, uma novela cujo título provisório é Concerto campestre. É a história de um estancieiro que resolve criar uma orquestra nos rudes campos gaúchos. A idéia guarda semelhanças com o tema central de Um castelo no pampa – o deslocamento da civilização no Rio Grande bárbaro das oligarquias pecuaristas e dos revolucionários degoladores.

O castelo no pampa – inspirado no Castelo de Pedras Altas, cenário real do armistício que pôs fim à Revolução de 1923 – representa, de certo modo, essa inadequação. Neste último livro da série, o protagonista Olímpio sonha construir uma cidade ideal em torno de sua imponente moradia, habitada somente por intelectuais, com ruas simétricas e uma prefeitura com perfil de templo grego. Não se decide a começar porque as escavações das obras vão produzir lama, conspurcando sua concepção ideal da cidade de Olímpia.

Contrastando com a impotência intelectual e a velhice de Olímpio, Os senhores do século avança até o golpe militar de 1964 para concluir a história do jovem lunático Páris. A narrativa em primeira pessoa de Páris contrasta com o tom realista da obra como um todo. Narradas em primeira pessoa, com uma nota farsesca que faz o leitor duvidar da honestidade do narrador, as viagens e aventuras de Páris confundem-se com citações de Eça de Queiroz, Shakespeare, Flaubert.

Oposto como parecem ser o dionisíaco Páris e seu apolíneo avô Olímpio, os dois de certo modo encontram-se no fracasso de suas elocubrações da fantasia ou do raciocínio – ainda que Páris encare seus fracassos não com melancolia, mas com um bom humor algo cínico. Ao lado dos dois personagens, Os senhores do século traça uma terceira linha narrativa para contar a vida de Nini, dama da sociedade pelotense no século passado, uma espécie de Madame

Bovary bem-resolvida, se tal é possível. Por sua obstinação feminina e por sua argúcia ao mesmo tempo calculista e apaixonada, a amante de Olímpio é talvez o melhor personagem de toda a série.

Porto Alegre, *Zero Hora*, 5.dez.1994 (Segundo Caderno)

O ROMANCE GAÚCHO E SEU SENHOR

Autor de escrita precisa, Luiz Antonio de Assis Brasil produziu uma obra que mantém uma ligação íntima com as raízes culturais do Rio Grande do Sul. A Guerra dos Farrapos serviu de cenário para **A prole do corvo**, a figura do dramaturgo Qorpo Santo foi recuperada em **Cães da província** e Jacobina Maurer teve sua saga retratada com maestria em **Videiras de cristal**. Se a temática é o início de sua jornada literária, o escritor avança nos limites da fronteiras da narrativa e, com isso, tem garantido o sucesso junto aos leitores. Em 1994, ele recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura e publicou o último volume da série “Um castelo no pampa”, **Os senhores do século** (sessão de autógrafos neste sábado). O livro está em sua terceira edição e, junto com os outros dois primeiros títulos da série, já vendeu mais de 14 mil exemplares.

P&V: Como tu recebeste a declaração do crítico Wilson Martins, do jornal O Globo, de que o melhor romance está vindo do Rio Grande do Sul e citando o teu nome como destaque?

LAAB: Me parece que o Rio Grande do Sul está fazendo uma literatura de primeiro nível e isto proporciona uma boa repercussão e a obtenção de reconhecimento no centro do país. Eu recebi como um forte estímulo a declaração de Wilson Martins, conhecido pelas suas opiniões fortes sobre a literatura brasileira.

P&V: Esta tua ligação com a cultura rio-grandense é proposital no teu processo criativo?

LAAB: O tema se impõe, eu só posso escrever da realidade que conheço, é dela que eu posso falar.

P&V: A resposta do público está relacionada com a temática de tuas obras?

LAAB: Acredito que coincide com o gosto do leitor, há uma busca de identidade do público que pode ser encontrada em minha obra.

P&V: O teu próximo livro segue este caminho?

LAAB: No ano que vem, no primeiro semestre, deve estar pronto o romance *Concerto campestre*. Nele, eu discuto as oposições entre o Novo e o Velho Mundo. A narrativa se passa numa estância do século passado, uma estância na qual havia uma orquestra. Não é uma ficção completa, a idéia. Dom José de Almeida e o Visconde da Graça, pai de Simões Lopes Neto, tiveram orquestras nas suas estâncias. Uso o imaginário, então, para trabalhar com esta idéia, o contraste de uma orquestra num ambiente tão rústico.

ESCREVENDO E ENSINANDO A ESCREVER

Entrevista a Valéria Chalegre

“Para mim, os escritores eram ídolos. Eu tinha até a fantasia de que todos já eram mortos. Era difícil acreditar, por exemplo, que Érico Veríssimo era pessoa viva”

“Inspiração se provoca, se faz com que aconteça. Nós temos eu estar abertos a ver o outro lado das coisas, isto é, a ter o olho de escritor. É um olho diferente, que não vê simplesmente. Vê transformando. Não é um olho plano, é um olho esférico.”

O escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil está em efervescente atividade literária. Tendo lançado recentemente a trilogia *Os senhores do século*, ainda para este ano promete o lançamento de mais um romance. Falando de seu início na vida literária, do seu trabalho como escritor e dando a sua opinião sobre o mercado editorial brasileiro e o do mercosul, em uma entrevista para o nosso correspondente em Porto Alegre, Assis Brasil nos conta sua forma de ver o mundo. Com fala mansa, no seu gabinete na pontifícia universidade Católica (PUC) onde coordena uma oficina literária, ele diz acreditar na renovação da literatura gaúcha.

Caderno Sábado – Como foi o início da sua atividade literária? A escola teve influência?

AB – No tempo em que fiz a escola primária e secundária, não havia muito estímulo à leitura. Nós tínhamos a leitura de alguns clássicos da literatura francesa, inglesa e latina, mas da brasileira não. É claro que isto foi importante, na medida em que conhecer a literatura mundial me possibilitou posteriormente compreender melhor a literatura brasileira. Estimular a leitura é um fenômeno recente nas escolas, de uns 15 anos para cá. Aliada a isto, leva-se hoje o escritor para as salas de aula, o que no meu tempo não existia. Para mim, os escritores eram ídolos. Eu tinha até a fantasia de que todos já eram mortos. Era difícil acreditar, por exemplo, que Érico Veríssimo era uma pessoa viva. Hoje há um diálogo muito mais próximo do escritor com os alunos.

Sábado – e o estímulo para escrever partiu de onde, no seu caso?

AB – Eu venho de uma família em que as pessoas liam bastante. Por outro lado, eu tinha uma madrinha que me dava livros de Natal, Páscoa, aniversário. Então passei a fazer boas redações, eram muito elogiadas, badaladas, prestigiadas. Eu recebia muito estímulo, principalmente por parte do meu pai.

Sábado- O senhor acredita que esteja acontecendo renovação no cenário literário do rio Grande do sul?

AB - Sem dúvida. E neste sentido acho que as oficinas literárias desempenham um papel muito importante. Acho que no futuro os escritores todos vão sair de oficinas literárias. E há uma renovação, sem dúvida. Eu tenho muitos ex-alunos que estão publicando, ganhando prêmios. Há uma geração muito boa na faixa dos 25 a 35 anos, e se espera muito deles. Esta renovação está

acontecendo em todos os segmentos literários. Então tem gente que faz humos, tem gente indo para o romance, uns históricos, outros intimistas.

Sábado - Como o senhor, que já foi diretor do Instituto Estadual do Livro (IEL), vê a atuação das instituições estatais para o incentivo à literatura?

AB - Realmente está havendo um estímulo muito grande aqui, da Prefeitura de Porto Alegre e do governo do estado. Do governo federal, não, não vem nada. Mas está sendo feito um trabalho muito bom, muito extenso. Tanto que o que acontece de cursos, palestras e seminários aqui em Porto Alegre, acaba obrigando as pessoas a fazer opções. Não dá para ir em tudo.

Sábado - E em relação ao interior do estado?

AB - Bom, eu noto que cada vez mais eu recebo convites para realizar trabalhos no interior. Feiras do livro, quase toda cidade tem, e conjugam isto com encontros de autores com estudantes. Eu só não aceito mais por que passaria o tempo todo viajando para o interior.

Sábado - O senhor se acredita herdeiro de uma escola estilo Érico Veríssimo, com cenários históricos do rio Grande do Sul nos seus romances?

AB - Nós só temos um passado. Nenhum escritor vai poder inventar um passado, a não ser que esteja escrevendo um romance surrealista. Pode dar a impressão de que quem coloca o passado do rio Grande do Sul no seu romance está fazendo o mesmo que Érico fez. Mas na verdade nós temos o mesmo passado, apenas. Além do mais, a minha visão é muito diferente da dele. Eu tenho outro olho, outra visão histórica.

Sábado - Que relação o senhor tem com Pelotas? A trilogia que o senhor lançou recentemente se passa lá, por exemplo.

AB - É, Pelotas talvez tenha sido o cenário mais importante desta trilogia. Eu não tenho nenhuma relação especial com a cidade. Tenho alguns amigos lá, vou com uma certa frequência. Acontece que sempre me seduziu muito esta história de Pelotas como o centro da aristocracia pecuária do rio Grande do Sul, aquela coisa de luxo, riqueza e cultura que Pelotas tinha. Pelotas foi muito mais importante culturalmente que Porto Alegre. Teve o primeiro teatro, orquestras, etc. Então parece que Pelotas é o ponto de transcendência do Rio Grande do Sul. É a ligação do Rio Grande do Sul com a cultura internacional. Tem toda esta coisa quase mítica que me agrada muito.

Sábado - E para quem pretende trabalhar com literatura, na sua opinião, por que pressupostos passa a criação literária?

AB - Muita leitura, antes de mais nada. A leitura é muito mais importante que qualquer oficina. Porque assim como uma criança aprende a falar ouvindo, também se aprende a escrever lendo. É a melhor coisa que existe. Outra coisa é escrever muito. Tem até um princípio latino que diz: "Nenhum dia sem uma linha". Isto me parece muito importante. Não esperar pela inspiração. A inspiração se provoca, se faz com que aconteça. Nós temos que estar abertos a ver o outro lado das coisas, isto é, a ter o olho de escritor. É um olho diferente, que não vê simplesmente. Vê transformando. Não é um plano, é um olho esférico. Também é preciso não ter censura. As pessoas impõem-se muitas barreiras, principalmente as mulheres. Além disso é muito importante saber ouvir. Não se trata de humildade, mas de inteligência. O nosso próprio olho às vezes não vê o que para os outros parece gritante.

Sábado – O senhor acredita que é possível viver de literatura hoje?

AB – Depende do que se quer dizer com ‘viver de’. Eu tenho um amigo que diz viver de literatura. Só que a cada seis meses ele é despejado de um apartamento por falta de pagamento. Em segundo lugar, eu faço uma distinção entre viver de literatura e viver de direitos autorais. Acho que são coisas diferentes. Viver de direitos autorais é praticamente impossível. Significa receber 10% sobre a venda de cada livro vendido. E com isso não dá para viver. Agora, viver de literatura pode ser diferente. Pode significar vender direitos autorais para a TV, para o teatro, ou ter coluna fixa em algum jornal.

Sábado – Como o senhor vê a influência dos meios de comunicação na literatura?

AB – Bem, me refiro mais diretamente ao jornal, que tem um papel fundamental na difusão da literatura. É inegável. Entrevistas com autores, participação em programas de rádio e agora de TV, por exemplo. Os meios de comunicação tem um papel vital, fundamental, imprescindível, na literatura.

Sábado – Quais são os seus planos depois de lançada a trilogia?

AB – Estou trabalhando agora em um novo romance. Tem o título provisório de *Concerto campestre*. Como é um romance curto, de pouco mais de cem páginas, talvez eu consiga termina-lo ainda este ano.

Sábado – O senhor acredita que o mercosul vai contribuir para expandir o mercado editorial brasileiro?

AB – Sim, mas a questão é que nós já praticamos o mercosul há muito tempo. O que nós lemos aqui de escritores uruguaios, argentinos e paraguaios é impressionante. A minha editora, a Mercado Aberto, por exemplo, tem editado inúmeras obras traduzidas do mercosul.

Sábado – Mas esse dá o esmo lá? Quantos livros o senhor tem editado em espanhol, circulando no mercosul?

AB – Essa é que é a questão. Nenhum. Pergunta para o Luiz Fernando, para o Moacyr Scliar. Nenhum. Este é o problema, nós já fazemos a nossa parte há muito tempo. Não existe boa vontade com o livro brasileiro.

Sábado – E a respeito da reforma ortográfica, como o sr. pensa?

AB – Olha, a reforma ortográfica vai atingir muito mais Portugal do que o Brasil. Além disso, o idioma não vai mudar. Mas tem um dado que normalmente as pessoas não pensam: o português é o único idioma com suas grafias no mundo. Isso traz uma série de constrangimentos na ONU, por exemplo. Mas eu concordo que a reforma, do jeito que está sendo colocada, não foi debatida. Este assunto tinha que ser muito mais discutido. Ela é prematura.

Santa Cruz, RS, *A Gazeta*. 10/11.julh.1995, p. 4-5 (Caderno de Sábado)

EFERVESCÊNCIA LITERÁRIA DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Entrevista a Valéria Chalegre

O escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil está em efervescente atividade literária. Tendo lançado recentemente a trilogia Os senhores do século, ainda para este ano promete o lançamento de mais um romance. Falando de seu início na vida literária, do seu trabalho como escritor dando a sua opinião sobre o mercado editorial brasileiro e o do Mercosul, Assis Brasil nos conta sua forma de ver o mundo. Com fala mansa, no seu gabinete na Pontifícia Universidade Católica, onde coordena uma oficina literária, ele diz acreditar na renovação da literatura gaúcha.

Informato – Como foi o início da sua atividade literária? A escola teve influência?

Assis Brasil – No tempo em que fiz a escola primária e secundária, não havia muito estímulo à leitura. Nos tínhamos a leitura de alguns clássicos da literatura francesa, inglesa e latina, mas da brasileira não. É claro que isto foi importante, na medida em que conhecer a literatura mundial me possibilitou posteriormente compreender melhor a literatura brasileira. Estimular a leitura é um fenômeno recente nas escolas, de uns 15 anos para cá. Aliado a isto, leva-se hoje o escritor para as salas de aula, o que no meu tempo não existia. Para mim, os escritores eram idosos. Eu tinha até a fantasia de que todos já eram mortos. Era difícil acreditar, por exemplo, que Érico Veríssimo era uma pessoa viva. Hoje há um diálogo muito mais próximo do escritor com os alunos.

Informato – E o estímulo para escrever partiu de onde, no seu caso?

Assis Brasil – No meu caso pessoal, eu venho de uma família em que as pessoas liam bastante. Por outro lado, eu tinha uma madrinha que me dava muitos livros de Natal, Páscoa, aniversário. Então passei a fazer boas recordações: eram muito elogiadas, badaladas, prestigiadas. Eu recebia muito estímulo, principalmente por parte do meu pai.

Informato – O senhor acredita que esteja acontecendo renovação no cenário literário do Rio Grande do Sul?

Assis Brasil – Sem dúvida. E neste sentido acho que as oficinas literárias desempenham um papel muito importante. Acho que no futuro os escritores todos vão sair de oficinas literárias. E há uma renovação, sem dúvida. Eu tenho muitos ex-alunos que estão publicando, ganhando prêmios. Há uma geração muito boa na faixa dos 25 a 35 anos, e se espera muito deles. Esta renovação está

acontecendo em todos os seguimentos literários. Então tem gente que faz humor, tem gente indo para o romance, uns históricos, outros intimistas.

Informato – Como o senhor que já foi diretor do Instituto Estadual do Livro, vê a atuação das instituições estatais para o incentivo à literatura?

Assis Brasil – Realmente está havendo um estímulo muito grande aqui da prefeitura de Porto Alegre e do Governo do Estado. Do Governo Federal, não, não vem nada. Mas está sendo feito um trabalho muito bom, muito extenso. Tanto que o que acontece de cursos, palestras e seminários aqui em Porto Alegre acaba obrigando as pessoas a fazer opções. Não dá para ir em tudo.

Informato – E em relação ao interior do Estado?

Assis Brasil – Bom, eu noto que cada vez mais eu recebo convites para realizar trabalhos no interior. Feiras do Livro, quase toda cidade tem e conjugam isto com encontros de autores com estudantes. Eu só não aceito mais por que passaria o tempo todo viajando para o interior.

Informato – O senhor se acredita herdeiro de uma escola estilo Érico Veríssimo, com cenários históricos do Rio Grande do Sul nos seus romances?

Assis Brasil – Nos só temos um passado. Nenhum escritor vai poder inventar um passado, a não ser que esteja escrevendo um romance surrealista. Pode dar a impressão de que quem coloca o passado do Rio Grande no seu romance está fazendo o mesmo que Érico fez. Mas na verdade, nós temos o mesmo passado, apenas. Além do mais, a minha visão é muito diferente da dele. Eu tenho outro olho, outra visão histórica.

Informata – Que relação o senhor tem com Pelotas? A trilogia que o senhor lançou recentemente se passa lá, por exemplo.

Assis Brasil – É, Pelotas talvez tenha sido o cenário mais importante desta trilogia. Eu não tenho nenhuma relação especial com a cidade. Tenho alguns amigos lá, vou com uma certa frequência. Acontece que sempre me seduziu muito esta história de Pelotas como o centro da aristocracia pecuarista do Rio Grande do Sul, aquela coisa de luxo, riqueza e cultura que Pelotas tinha. Pelotas foi muito mais importante culturalmente que Porto Alegre. Teve o primeiro teatro, orquestra etc. Então parece que Pelotas é o ponto de transcendência do Rio Grande do Sul. É a ligação do Rio Grande do Sul com a cultura internacional. Tem toda esta coisa quase mítica que me agrada muito.

Informato – E para quem pretende trabalhar com literatura, na sua opinião, por que pressupostos passa a criação literária?

Assis Brasil – Muita leitura, antes de mais nada. A leitura é muito mais importante que qualquer oficina. Porque assim como uma criança aprende a falar ouvindo, também se aprende a escrever lendo. É a melhor coisa que existe. Outra coisa é escrever muito. Tem até um princípio latino que diz: “Nenhum dia sem uma linha”. Isto me parece muito importante. Não esperar pela inspiração. A inspiração se provoca, se faz com que aconteça. Nós temos que estar abertos a ver o outro lado das coisas, isto é, a ter o olho de escritor. É um olho diferente, que não vê simplesmente. Vê transformando. Não é um olho plano, é um olho esférico. Também é preciso não ter censuras. As pessoas impõem-se muitas barreiras, principalmente as mulheres. Além disso é muito importante saber ouvir. Não se trata de humildade, mas de inteligência. O nosso próprio olho, às vezes, não vê o que para os outros parece gritante.

Informato – O senhor acredita que é possível viver de literatura hoje?

Assis Brasil – Depende do que se quer dizer com “viver de”. Eu tenho um amigo que diz viver de literatura. Só que a cada seis meses ele é despejado de um apartamento por falta de pagamento. Em segundo lugar, eu faço uma distinção entre viver de literatura e viver de direitos autorais. Acho que são coisas diferentes. Viver de direitos autorais é praticamente impossível. Significa receber 10% sobre a venda de cada livro vendido. E isso não dá para viver, agora, viver de literatura pode ser diferente. Pode significar vender direitos autorais para a tevê, para o teatro, ou ter coluna fixa em algum jornal.

Informato – Como o senhor vê a influência dos meios de comunicação na literatura?

Assis Brasil – Bem, me refiro mais diretamente ao jornal, que tem um papel fundamental na difusão da literatura. É inegável. Entrevistas com autores, participação em programas de rádio e agora de tevê, por exemplo. Os meios de comunicação têm um papel vital, fundamental, imprescindível, na literatura.

Informato – Quais são os seus planos depois de lançada a trilogia?

Assis Brasil – Estou trabalhando agora em um novo romance. Tem o título provisório de Concerto campestre. Como é um romance curto, de pouco mais de cem páginas, talvez eu consiga terminá-lo ainda este ano.

Informato – O senhor acredita que o Mercosul vai contribuir para expandir o mercado editorial brasileiro?

Assis Brasil – Sim, mas a questão é que nos já praticamos o Mercosul a muito tempo. O que nós lemos aqui de escritores uruguaios, argentinos e

paraguaios é impressionante. A minha editora, a Editora Mercado Aberto, por exemplo, tem editado inúmeras obras traduzidas do Mercosul.

Informato – Mas e se dá o mesmo lá? Quantos livros o senhor tem editado em espanhol, circulando no Mercosul?

Assis Brasil – Essa pé que é a questão. Nenhum. Pergunta para o Luis Fernando, para o Moacyr Scliar. Nenhum. Este é o problema, nós já fazemos a nossa parte há muito tempo. Não existe boa vontade com o livro brasileiro.

Informato – E a respeito da reforma ortográfica, o que o senhor pensa?

Assis Brasil – Olha, a reforma ortográfica vai atingir muito mais Portugal do que o Brasil. Além disso, o idioma não vai mudar. Mas tem um dado que normalmente as pessoas não pensam: o português é o único idioma com duas grafias no mundo. Isso traz um série de constrangimentos na ONU, por exemplo. Mas eu concordo que a reforma, do jeito que está sendo colocada, não foi debatida. Este assunto já tinha que ser muito mais discutido. Ela é prematura.

Pelotas, *Diário Popular*, 11.jun.1995.

ASSIS BRASIL: “ROMANCISTA HISTÓRICO NÃO FAZ HISTÓRIA”

O escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil acaba de lançar a trilogia “Um castelo no pampa”, composta com os livros: Perversas famílias, Pedra da memória e Os senhores do Século. A história de uma saga família de um grande proprietário de terras em Pelotas, que tem um deputado, ministro, senador e, depois, embaixador, que liderou uma revolução. Nessa trilogia, Assis Brasil retrata um pouco das contradições histórico - político do homem gaúcho.

Falar sobre “Política e Literatura sul-rio-grandense”, tema de um dos cursos opcionais da Jornada, parece ser fácil e natural para Luiz Antonio de Assis Brasil. Afinal, praticamente toda sua obra 11 livros e outras publicações em jornais e revistas brasileiras, da Alemanha e Canadá traz a temática histórico – político como condição. É fácil entender essa característica em Assis Brasil, descendente de tradicional família rio-grandense. Além disso, “tivemos um passado político – histórico muito marcante. Guerras, revoluções, delimitações fronteiriças e intensa luta política”, afirma Assis Brasil. Com isso, completa o escritor, “me parece natural que a Literatura do Rio Grande do Sul trate o tema político – histórico com tanta frequência”. Sorte de quem se inscreveu no Curso Opcional ministrado por Assis Brasil e sorte do leitor que ganhou uma obra que (em tempo e estilo diferentes) nos remete a Érico Veríssimo. Não tanto por ser uma trilogia, mas pela riqueza da narrativa e pela temática escolhida.

O romance histórico de Assis Brasil está à altura dos grandes romances do gênero, por que soube “recriar a realidade, transformando-a em matéria ficcional”.

Em relação ao Curso, Assis Brasil disse estar impressionado com a participação dos alunos”. Eles mantêm um diálogo muito interessante com o professor, e isto eu percebi nos cursos dos meus colegas também”.

Passo Fundo, RS, *O Nacional*, 18.ago.1995

O INVENTOR DO GAÚCHO

Escritores do Rio Grande do Sul avaliam a herança literária de Érico Veríssimo

Entrevista a Jerônimo Teixeira

O menino Tabajara Ruas achava que a aventura e o encantamento eram exclusividade de Hollywood importadas para as matinês do cinema de Uruguaiana. Até que pelos 13 ou 14 anos, entre um filme de capa-e-escapa e um banguê-banguê, começou a ler *O tempo e o Vento*. “Foi um choque cultural”, recorda hoje o autor de *Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez*. “Descobri que ao meu redor, e não só no cinema americano, estavam acontecendo histórias que valiam a pena ser contada”. Charles Kiefer teve uma experiência análoga na adolescência. Na pequena três de Maio, lendo *Solo de Clarineta*, as memórias de Érico Veríssimo, determinou-se a seguir para Porto Alegre e lá se tornar escritor – como fez o jovem Érico, em 1930, saindo de Cruz Alta para trabalhar na *Revista do Globo*, na capital gaúcha.

A história de Tabajara Ruas dá a medida do vigor da literatura de Érico. Antes dele, houve outro grande mestre da narrativa. Simões Lopes Neto. Mas foi só com Érico que o Rio Grande do Sul começou realmente a ter existência literária – fora do Rio Grande do Sul “Érico universalizou a nossa experiência, o nosso jeito de ser, nossa fala, nossos costumes”, entusiasma-se Tabajara Ruas. “Ele me livrou para sempre do trauma do provincianismo. O gaúcho aparece na obra dele sem vergonha e sem fanfarronice.”

A maioria dos escritores concorda que Érico Veríssimo “inventou” literariamente o Rio Grande do Sul. Há pequenas mudanças no tom desta constatação. Luiz Antonio de Assis Brasil é mais reverente ao observar a criação do Rio Grande do Sul como espaço literário em *O Tempo e o Vento*. Kiefer introduz aí uma desconfiada nota ideológica, questionando a mitificação de tipos gaúchos aventurecos como o Capitão Rodrigo. Ambos concordam, porém, que Érico é uma referência inescapável para os escritores gaúchos contemporâneos.

Moacyr Scliar diz que há uma tradição eminentemente realista na literatura gaúcha, da qual Érico seria o fundador. Aí estariam incluídos escritores contemporâneos como Assis Brasil, Kiefer, Sérgio Faraco. O próprio Kiefer aponta outras influências de Érico sobre a literatura gaúcha: uma certa tendência a obras monumentais, especialmente trilógicas, em detrimento das tentativas experimentalistas. O autor de *Quem Faz Gêmeo a Terra* acredita que o filão temático de Érico, pela abrangência e fôlego de uma obra como *O Tempo e o Vento*, está esgotado. Seria, portanto, difícil chegar a alguma originalidade com grandes sagas familiares. A opção, para Kiefer, poderia estar na exploração de temáticas regionais. O tipo gaúcho já teria um representante insuperável no Capitão Rodrigo. Os colonos italiano ou alemão, por exemplo, ainda não teriam um equivalente literário.

Nem todos, porém consideram Érico um caminho incontornável para as letras gaúchas. Lya Luft, por exemplo, diz que não se sente vinculada a qualquer tradição literária introduzida por Érico. “Eu admirava muito a obra dele, desde que,

quando criança, li *A Vida de Joana D'Arc*", lembra a autora de *A Sentinela*. "E depois de conhece-lo, passei a admira-lo pessoalmente. Mas não sinto influência dele em minha obra. "Lya ponta apenas uma possível exceção: "Talves haja algo da Luzia Teniaguá de "*O Continente*") em minhas personagens. Elas são todas, como Luzia, mulheres desviantes."

A história da influência de *Solo de Clarineta* na decisão de Kiefer ser escritor aponta para outra influência permanente de Erico. O criador de *Olhai os Lírios no Campo* e *Clarissa* não ficou apenas como uma referência liteária: em vários aspectos, o seu exemplo pessoal subsiste.

Especificamente para os escritores, Erico foi um modelo invejável e invejado de como encarar o ofício literário. "Erico Veríssimo representou a consciência do escritor profissional", afirma Luiz Antonio de Assis Brasil. O autor de *Videiras de cristal* observa que antes de Erico poucos escritores gaúchos ou mesmo brasileiros tinham em mente a literatura como sua atividade primordial, como uma forma de *trabalho* pela qual deveriam orientar toda a sua existência.

E o exemplo também permanece nas posturas políticas de Erico, um democrata por excelência. "Erico foi desta espécie extinta dos humanistas, destes que acreditavam ser possível construir um mundo melhor com base na compreensão", observa Moacyr Scliar. O autor de *O centauro no Jardim* lembra que esta postura ponderada mas radicalmente liberal custou muitas cobranças a Erico. De um lado, o do poder, Erico Veríssimo era visto como um contestador. De outro, o da esquerda, como um reacionário.

Relendo Erico
Porto Alegre, Zero Hora, Cultura, 1995.

VIRANDO A PÁGINA PARA O PASSADO

JERÔNIMO TEIXEIRA E EDUARDO STERZI

Luiz Antonio de Assis Brasil e Tabajara Ruas, que autografam juntos hoje na Feira do livro, conversam sobre as particularidades da literatura gaúcha e tentam explicar o sucesso do romance histórico no Rio Grande do Sul.

Luiz Antonio de Assis Brasil, 50 anos, e Tabajara Ruas, 53, estarão na praça hoje. Os dois autografam juntos na 41ª Feira do livro de Porto Alegre, às 18h 30min. Taba assina o recém-lançado Netto Perde sua Alma e a segunda edição revisada de Os varões Assinalados. Assis Brasil autografa Perversas famílias, Os senhores do século e Pedra da memória, os três volumes da série Um castelo no pampa. Os seis livros, editados pela Mercado Aberto, buscam sua temática na História do Rio Grande do Sul, reavivando um tradição que teve seu ápice em Erico Veríssimo. Nesta entrevista conjunta e em seus livros, Assis Brasil e Tabajara também respondem, de modo à pergunta “como passa a literatura gaúcha?”

Zero Hora – ouve-se uma reclamação constante de escritores, editores e críticos sobre a falta de penetração da literatura gaúcha no resto do país. Em termos de consumo, não existe uma fronteira bem demarcada para o escritor gaúcho?

Tabajara Ruas - Existe uma demarcação muito clara que é o limite da nossa competência. Quando nós somos competentes, exportamos nossos livros. Não acredito que paulistas ou cariocas tenham ódio da nossa literatura. Livro é produto. Depois que ele é escrito, deixa de ser vendido. E, para isso, existe o marketing. Até de caixa de fósforo se faz publicidade, mas se faz muito pouca publicidade de livro. Nós nos ressentimos disso. Temos grandes editoras e excelentes escritores, mas temos um tímido e pouco eficaz sistema de divulgação fora das fronteiras do Rio Grande do Sul

Luiz Antonio de Assis Brasil – Me parece que existe uma acusação genérica de regionalismo contra a literatura do Rio Grande do Sul – isso eu já ouvi mais de uma vez. É muito difícil a gente conseguir convencer o regionalismo durante muito tempo, quase com exclusividade – e isso foi um equívoco – ficou esta idéia do regionalismo.

ZH – Qual é exatamente o seu conceito de regionalismo: Tanto a sua ficção quanto a de Tabajara Ruas tem elementos regionais.

Assis Brasil - Eu faria uma pequena diferença entre tratar temas regionais e ser regionalista. O regionalismo ficou marcado como uma literatura e qualidade inferior. Não diria que seja uma visão da universidade – Simões Lopes Neto, por exemplo, tem uma qualidade absolutamente superior. Mas o regionalismo foi palmilhado por má literatura, e a palavra ficou um pouco marcada. A meu ver, acontece isso no centro do país em relação à literatura gaúcha.

Tabajara - Falei que existe uma incompetência do nosso sistema de divulgação, mas existe outra incompetência: a da inteligência paulista ou carioca – é lá que estão os grandes centros – em relação à leitura em geral. Se por um lado

pecamos porque não vamos lá, um editor de um caderno de cultura de qualquer grande jornal de Rio e São Paulo não tem a suficiente humildade, nem o suficiente amor à leitura, para saber olhar um livro escrito no Rio Grande do Sul com outros olhos que não seja os do preconceito (*Assis Brasil balança a cabeça, concordando*). É uma verdade, e sobre isso não me queixo. Se eles não estão lendo *Um castelo no pampa*, o azar é deles. Se eles não estão lendo um escritor novo como Luiz Sérgio Mentz, o azar é deles. Senão estão lendo *Os Contos Completos* de Sergio Faraco, o azar é deles. Nós estamos lendo os *Contos Completos* do Rubem Fonseca com muito prazer.

Assis Brasil – Esse assunto já me preocupou muito. Agora acho melhor gastar meus neurônios em tentar escrever melhor do que em procurar vencer no centro do país, que é uma idéia meio provinciana.

ZH – Além desse caráter regional, a literatura gaúcha é marcadamente histórica. Porque o Rio Grande do Sul produz tanta literatura voltada para o passado?

Assis Brasil – Produz tanta literatura histórica porque tem História, tem algo que contar. Nós, neste extremo Sul, formamos a nacionalidade brasileira. Isso foi construído à custa de muita guerra, muita revolução, muito conflito. E o conflito é matéria-prima da literatura. Por nós termos uma identidade muito forte que é dada pela literatura -, a nossa literatura tem um viés grande voltado para o passado. Os episódios heróicos e pseudo-históricos, grandiosos e não-grandiosos, estão aí por todo lado. Sempre se diz que a literatura é a expressão de uma cultura. Penso o contrário: a literatura é que dá sentido e forma a uma cultura. E a cultura rio-grandense existe porque existe uma literatura que procura investigar o nosso passado, inclusive para encontrar as razões do presente.

Tabajara – Eu não sou um escritor de livros históricos. Dos meus cinco romances, três são contemporâneos e urbanos. Um livro é realmente histórico. *Os Varões Assinalados*. E *Netto Perde sua Alma* é uma ficção com um pé na história. Eu não sei se é bom nossa literatura ser regionalista, ms sei que ela é marcadamente diferente das outras regiões brasileiras. Ela tem uma maneira de falar, de se vestir, de se alimentar, que é diferente. Quando começamos a escrever sobre nós, as diferenças aparecem e a coisa vira regional. A literatura feita no Rio Grande do Sul sobre as pessoas que construíram esse tipo de civilização foi muito especial para mim. Ela me tirou do mundinho da província. Quando eu estava na metade de *O Continente*, comecei a me dar conta de que tudo aquilo que, quando eu era um adolescente nos anos 50, o cinema americano nos passava, estava ao nosso alcance. Erico não fez um livro de desdém. Ele escreveu com respeito, sabendo enxergar o que havia de grande e pequeno, o que era glorioso e o que era mesquinho. Por isso ele fez um grande literatura.

Assis Brasil - Gosto de dizer que fazemos uma literatura brasileira de expressão gaúcha. Esse nosso olhar gaúcho tem uma peculiaridade, tem sua forma e ele é um olhar transformador.

Tabajara - O Luiz Antonio disse que nós escrevemos sobre nossa História porque temos História. Quem me disse isso foi o Paulo Leminski. Ele leu *Os Varões Assinalados* e depois me telefonou: “Agora eu entendo porque há tantos romancistas no Rio Grande do Sul. Vocês tem Histórias. O Paraná, durante um século e meio, foi uma passagem de mulas”.

Assis Brasil – E eles são mais antigos de que nós.

Tabajara – Nós estávamos na fronteira. Enfrentamos praticamente 200 anos de guerra. Da guerra entre as coroas portuguesa e espanhola até as guerras pelas fronteiras nacionais, entre Brasil, Argentina e Uruguai.

Zero Hora – isto é mais sensível para quem vem de Uruguaiana, na fronteira? Esse ambiente de infância e adolescência influenciou o senhor de alguma maneira?

Tabajara – é na adolescência que as coisas se dão. O Rio Grande do Sul é um Estado que tem auto-estima. A gente chega a uma pequena cidade do interior, não precisa ser na fronteira, e eles têm um certo orgulho bem-humorado a respeito do fato de tomarem mate e usarem alpargata. Uruguaiana tem isso mais forte pela fronteira. A gente atravessa o rio, atravessa a ponte, e está em outro país. E em outro país com uma vaidade acentuada, com uma certa disputa alegre. Isso cria uma visão de que nós somos brasileiros, somos gaúchos, e ali do outro lado são os argentinos, são os correntinos.

Assis Brasil - Isso é inegável. E é uma identidade dada pela literatura. Se nós fôssemos dizer o que é o Rio Grande, teríamos que passar pela literatura. Agora, é curiosa essa questão que o Tabajara falou: de seus cinco livros, só dois seriam históricos. Eu tenho onze, e diria que só um se dá no momento contemporâneo.

Tabajara – *O homem amoroso*.

Assis Brasil - Erico tem uma obra grande. Pensando só nessas três pessoas que produzem literatura: o que as torna conhecida? Parece que são os livros que se referem à nossa identidade. Quando se fala do Erico, se fala de *O Tempo e o Vento* em primeiro lugar. Quando se fala no Tabajara, se fala em *Os Varões Assinalados*, principalmente. Eu gosto tanto dos contos rurais quanto dos urbanos de Sergio Faraco. Mas os rurais são inegavelmente mais privilegiados. Existe uma preferência do público por tudo que diga respeito à nossa identidade, sejam essas coisas rurais, sejam históricas.

- Cultura

Porto Alegre, Zero Hora, 28.out.1995 (Cultura).

A LITERATURA GAÚCHA EXISTE ALÉM DO ROMANCE HISTÓRICO?

Entrevista a Andréa Prestes

O que é Literatura “gaúcha”, afinal? É escrita em espanhol ou português? Existem fronteiras-limites geográficos para o fazer literário? O que de tradição permeia a nossa Literatura? E a nossa história contamina em que os textos literários aqui produzidos?

Eis as questões encontradas pelo **Blau** em conversas na busca de uma definição para o que habitualmente chamamos Literatura “gaúcha” com alguns amantes da Literatura: Antonio Hohlfendt, Luis Augusto Fischer, Volnyr Santos e Luiz Antonio de Assis Brasil.

Para responde-las, O **Blau** reuniu alguns escritores e teóricos de destaque no estado. São eles Laury Maciel, escritor e professor universitário, Volnyr Santos, doutor em letras, professor de Literatura Brasileira e escritor, Juremir Machado da Silva, escritor, sociólogo e jornalista, Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor e professor universitário, Léa Masina, advogada, crítica literária e professora universitária, Moacyr Scliar, escritor e médico.

Mas para organizar todas estas dúvidas surgidas. A primeira: **Existe Literatura “gaúcha”? É feita no Uruguai, no Brasil ou na Argentina? Trata de “gaúchos” rurais ou urbanos?**

Respondendo a ela. Moacyr Scliar é enfático: *Não tenho dúvida de que existe, sim, uma Literatura gaúcha, feita em todo o pampa – rio grande do sul. Uruguai, Argentina. É uma Literatura eminentemente rural (gaúcho urbano? Duvido), tem temática, personagens e cenários próprios. Enfim, uma Literatura regional, o que é, ao mesmo tempo sua força – nada mais universal que o autenticamente regional – e sua fraqueza: custa a sair do Sul.*

Mas a dúvida surge com Juremir Machado da Silva, que retoma a questão do regional x universal: *Não sei se existe Literatura gaúcha. Talvez sim: a má Literatura feita com o mesmo anseio de contar o gauchismo. A boa Literatura é sempre universal mesmo que trate de uma região específica. Tenho dificuldade para pensar em arte com base em regionalismos, nacionalismos ou coisas do gênero. Como a democracia, a Literatura não se deixa relativizar com adjetivos. Tenho convicção, porém, que se chega a produzir excelente Literatura no rio Grande do Sul.*

Luiz Antonio de Assis Brasil
“gaúcha”,
gauches
nesses
transitóri
bombac

Não sei se existe Literatura Gaúcha. (...) A boa Literatura é Sempre universal mesmo que Trate de uma região específica.

Juremir Machado da Silva

raz outra palavra para definir a Literatura seria preferível a expressão “Literatura entos comuns a certa Literatura realizada ntretanto, ultrapassam as circunstâncias hábitos e costumes “campestres”, pela carreta, etc. – para se referirem a uma espécie de mundividência própria, representada pela dialética entre a amplidão do pampa e o que ela significa de aprisionamento, de falta de perspectivas. Por suas características, é mais própria, tal Literatura, dos gaúchos rurais.

E só
que existe
países. As
um tipo fron

Por f
entre textos
determinam
responsáveis

Tais elementos, entretanto, ultrapassam as circunstâncias transitórias (...) para se referirem a uma espécie de mundivivência própria, representada pela dialética entre a amplidão do pampa e o que ela significa de aprisionamento, de falta de perspectivas.

Luiz Antonio de Assis Brasil

fisionomia literária muito semelhante à dos nossos vizinhos de língua espanhola. Isso, de certo modo, fez com que se desenvolvessem, de modo paralelo, analogias no tratamento temático e estilístico das questões próprias de cada região. Ainda segundo Volnyr Santos, existe significativo registro de um gaúcho urbano na literatura uruguaia: *em relação ao espaço em que se movimentam os “gaúchos”, parece ser a Literatura uruguaia aquela em que os personagens, em face das condições sociais do vizinho país, migram do pampa para a cidade.*

A segunda
histórico p
romance h

Os aspectos mais significativos da cultura rio-grandense-do-sul vêm de sua história e de sua tradição

Volnyr Santos

Volnyr
significativos

tradição. A índole guerreira, o papel que cabe ao gaúcho no espaço político, bem como as vivências que o passado representou e, de certo modo, ainda representa, na história do rio Grande do Sul, são o suporte para a sua Literatura.

Mas sabemos também o pouco conhecimento que tem o povo gaúcho sobre a História do seu Estado. É sobre isso que Juremir Machado da Silva fala: *Produz-se romances histórico de grande qualidade no Rio grande do Sul. Não cabe dúvida quanto isso. Não acredito, contudo, que exista uma identidade do povo com a tradição e a história regional. Os melhores escritores, intelectuais que são, dificilmente cultuam tradições, pois precisam estar livres para a construção de obras críticas. O povo conhece mal a história do Rio Grande do Sul. Nada de anoral. É assim em quase todos os lugares, a não ser que acreditemos em inconsciente coletivo “histórico”.*

Por outro lado, o romance histórico também pode ser utilizado como instrumento de construção da identidade de um povo. Léa Masina defende esta idéia: *O romance histórico pode resultar do desejo ou da necessidade de construção de uma identidade própria. No caso do Rio Grande do Sul, uma Literatura peculiarizada pela temática, buscando incorporar um certo localismo e com isso construir imaginários próprios.*

Concluindo, laury Maciel estende a discussão para o nacional: *Entendo que o “romance histórico” vem essencialmente da ânsia do escritor brasileiro em registrar nosso passado, o que, só recentemente, a História tem feito verdadeiramente. a partir de Caio Prado júnior e Nelson Werneck Sodré. Diria, mesmo, que é uma tendência do romance brasileiro contemporâneo. Agosto, de*

também a professora Léa Masina: *O esca, comum à Literatura dos três s da fronteira propiciam o registro de que a Literatura acolhe.*

contra um porquê para a identidade eiros: *As condições históricas que Sul, a partir do século passado, são que deram ao nosso Estado uma*

representa como ponto central o romance do sul: **Pode-se dizer que o nosso é a história regional?**

mente que sim. Os aspectos mais do sul vêm de sua história e de sua

Rubem Fonseca; **Avante, soldados! Para trás!**, de Deonísio da Silva; **O Chalaça**, de José Roberto Toureiro (alista é enorme) estai aí para exemplificar.

Moacyr Scliar responde: O romance histórico tem duas vertentes: de um lado, essa identificação e de outro lado a visão crítica do passado. Esta visão no passado as raízes da crise do presente.

Nesse ponto da discussão, **Blau** introduz uma terceira pergunta: **Como explicar que um Estado tradicionalmente conservador como o Rio Grande do Sul tenha uma literatura de fundo histórico tão crítica?**

Scliar continua seu pensamento e diz que, neste caso, existe uma dialética: *O conservadorismo gera a crítica, a contestação. De outro lado, há que notar que o conservadorismo gaúcho é peculiar, contém sempre um elemento de revolta, graças ao componente caudilhesco.*

Léa Masina defende outra explicação: *Embora não concorde com a afirmação inserida na pergunta, respondo que, em tese, isso ocorreria como forma de resistência. Afinal de contas, quem escreve os livros são os intelectuais, os escritores, aqueles que pensam e cuja palavra resiste nas sua inconsciência ao apelo de aparentes ideologias.*

Volnry Santos encontra explicação na crise econômica do Estado para esta característica paradoxal da nossa Literatura: *O caráter crítico que se retira da literatura gaúcha é relativamente novo. Rigorosamente, isso vai ocorrer a partir da constatação, nos anos 30, das precárias condições econômicas do rio Grande do Sul, fazendo com que os escritores (Cyró Martins deve ser lembrado prioritariamente) revelem essa nova dimensão do gaúcho, bem como sua representação estética.*

Além de Cyró Martins, outro escritor é citado na discussão: Balzac, que era um conservador, mas existem intelectuais nessa muralha e fazer ruir algumas fortalezas. Aí entra a noção absurda de “patrimônio”, que dá imunidade a alguns dos “valores” locais. Acredito, ainda assim, que entre os escritores gaúchos predomina a postura crítica. O romance histórico é uma esfera privilegiada dessa postura existencial, afirma Juremir Machado da Silva.

Por fim, o **Blau** pergunta: **Basta ao escritor gaúcho questionar a história para entrar na modernidade?**

A História termina quando termina o documento. Aí entra a Literatura, que também é documento. Sempre foi assim.

Laury Maciel

aproxima História e Literatura: *A História termina Aí entra a Literatura, que também é documento. Balzac: Quem melhor do Balzac estudou a burguesia por sempre é o precursor da modernidade.*

Mas as críticas são muitas, como a de Léa Masina: *Acho que o escritor tem mesmo é que escrever sempre o melhor que puder. Essas preocupações, no meu entender, são estéreis e até perigosas, porque deixam entrever sua natureza reguladora e normativa. Sem esquecer que a Literatura é arte verbal, a relação que o escritor mantiver com o seu tempo e com o seu espaço certamente irá pensar na qualidade da sua obra.*

E a de Moacyr Scliar: *Não. Não basta. A modernidade inclui também uma mudança de estilo literário e uma visão global, cosmopolita, do mundo. Agora, é prediso não confundir moderno com moderninho, ou modernoso, ou modernex. A modernidade autêntica, que representa a rejeição do arcaico, do ultrapassado, é um ideal não apenas estérico, mas ético, que se expressa na declaração dos direitos do homem. Mercado, talvez direitos (e deveres), certamente.*

<p>moder revisar causa moder criticar</p>	<p>A modernidade inclui também uma mudança de estilo literário e uma visão global, cosmopolita, do mundo.</p> <p style="text-align: right;">Moacyr Scliar</p>	<p>erenciação entre moderno e modernidade: A mas no modo como ela é apresentada. Ao gaúchos estão permanentemente pondo em ode-se dizer, de modo simplificado, que o ado; a modernidade é o moderno visto</p>
---	--	--

Juremir Machado da Silva afirma que *questionar a história é essencial, mas não creio que para entrar na modernidade. A minha preocupação ao contrário, é com a construção de mecanismos para sair da modernidade. Eis uma perspectiva que exige o profundo questionamento da história moderna e de sua base ideológica: a modernidade.*

E Assis Brasil encerra a discussão propondo uma nova idéia: *Talvez fosse o caso de falar em pós-modernidade ... Mesmo assim, os caminhos "pós-modernos" que se abrem ao escritor de qualquer espaço geográfico são múltiplos, e não restritos ao "histórico", e são de natureza conteudística, mas também estrutural: a fragmentação narrativa, a intertextualidade, a colagem o simulacro e tantas outras formas emergentes de se fazer Literatura - com temas da realidade de hoje.*

Porto Alegre, Blau, jan. 1996

A BAHIA DA LITERATURA ESPERA GODOT NA ARCA DE NOÉ

O Debate Destinado À Literatura Gaúcha Reuniu Cinco Escritores, Dois Editores E Um Liveiro. Lya Luft e Moacyr Scliar conseguiram ultrapassar os profundos fossos que separam o estado do resto do país. Tabajara Ruas e Luiz Antonio de Assis Brasil têm a venda de seus livros concentrada no Rio grande do Sul. Luiz Sérgio Mentz ocupa a dianteira da produção literária do estado, conjugando a charla do pampa à voz da literatura universal. Ivan Pinheiro Machado é proprietário da L&PM, uma das únicas editoras gaúchas om distribuição nacional. Sérgio Lüdtke, da Artes e Ofícios, tenta seguir o mesmo caminho. Júlio Zanotta Vieira é presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro.

Zero Hora – Uma das questões renitentes, quando se fala em literatura gaúcha, é o isolamento regional. Em que medida romper a fronteira – que, na verdade, não é uma fronteira, mas um limite estadual – preocupa vocês?

Júlio Zanotta Vieira – Nós temos, no Rio Grande do Sul, um conjunto que tem qualidade, talento e um mercado. Mas esse mercado é muito regional. Me parece, às vezes, que a literatura gaúcha vive num estado de isolamento. O Sérgio Lüdtke fala que nós somos a Bahia da Literatura. Nós teríamos de deixar esse estado de isolamento por um estado de comunicação. Parece que nós vivemos numa arca de Noé. Temos todos os gêneros aqui. Temos memorialistas, poetas e romancistas. Temos personagens que têm vida própria, que começam a ser citados no dia-a-dia. A literatura gaúcha não tem tempo pedido para recuperar. Ela vive um presente de *Esperando Godot*. O que vai conseguir projeção? Nós vamos nos impor frente à literaturas nacionais? Vamos ocupar um espaço no cenário internacional? Talvez o próximo milênio tenha respostas para isso.

Luiz Antonio de Assis Brasil - É legítimo que o editor queira aumentar o seu mercado. Agora, em relação aos escritores, sinto que é um grande provincianismo querer vencer no Rio e em São Paulo. Nós temos uma diferença, porque temos um passado diferente. Temos uma formação étnica diferente que nos aproxima mais de outras regiões da América do sul do que, por exemplo, do próprio Nordeste. Nossa diferença tem de ser entendida não só pelos outros mas também por nós.

Lya Luft – Eu não me sinto mais à vontade em Buenos Aires ou no Uruguai do que na Bahia. Sou tataraneta de alemães. Para mim, sempre foi uma questão de honra sr considerada brasileira. Vivi numa cidadezinha pequena que se dividia entre protestantes e católicos, alemães e brasileiros. Meu rito de passagem da infância para a adolescência foi me dar conta de que eu era brasileira. Faço questão de ser tão brasileira quanto qualquer negra descendente de africanos que vende acarajé nas ruas da Bahia. Nós tendemos a mostrar para o resto do país e o Brasil tende a ver em nós, como também tende a ver nos nordestinos, uma coisa um pouco caricata. Sei que dizem, em livrarias de outros estados, que ninguém entende escritor gaúcho, porque ele é muito regional. Momentinho... A literatura gaúcha é regional, mas não é só uma literatura regional. Concordo que a gente não pode ter o afã de editar no eixo. A gente tem que querer escrever o melhor livro que a gente puder. Agora, se vai vender no Rio e em São Paulo... Seria ótimo se vendesse no Brasil inteiro, porque eu ganharia mais dinheiro. Com o dinheiro

que ganho de uma das minhas editoras de São Paulo, posso pagar uma das minhas duas empregadas.

Moacyr Scliar – Antigamente, havia uma classificação dos poetas em municipais, estaduais e federais. Muitas vezes é uma questão de circunstância. Tem muita choradeira nessa coisa. Digamos que, realmente os escritores gaúchos sejam lidos só no Rio Grande do Sul, o que não é verdade... Mas digamos que fosse. São 10 milhões de pessoas. É maior que a população da Suécia.

Ivan Pinheiro Machado – Maior que a de vários países.

Scliar – Aqui tem um público mais do que suficiente para garantir uma literatura. Mas acho que nem isso é verdade. Vamos pegar uma pessoa que não está aqui, o Luiz Fernando Veríssimo, e que vende livros em todo o país. Ele não fica discutindo se o que ele faz é literatura regional ou nacional.

ZH – Como isso fica do ponto de vista do mercado?

Sérgio Lüstke - Há sempre uma diferenciação muito grande entre o papel dos escritores, completamente voltados para a criação literária, e os dos editores, que tem de fazer o trabalho meio sujo da coisa. Eu gostaria de ter um apoio maior dos escritores. Quando iniciei a editora, meu sonho era distribuir nacionalmente os autores gaúchos. Às vezes, eu ficava impressionado: poxa, por que o Ivan não está pegando esse autor aqui? Agora, dou razão a ele. Há uma extrema dificuldade em fazer esse trabalho. Existe um preconceito contra o autor gaúcho lá fora, por ser absolutamente regional. Deveríamos tentar criar intercâmbios.

Scliar – Acho que aí tem um equívoco: fica parecendo que tem coisas que a gente pode fazer para que leiam a gente. Isso é muito relativo. O que transformou Paulo Coelho num best-seller? Foi alguma coisa que ele fez? Não. Ele só aconteceu porque estava no lugar certo no momento certo.

Tabajara ruas – Essa questão não me preocupa muito. Sempre estão achando que nossa literatura é regionalista. Quem fala isso não leu *Hotel Atlântico*, *Reunião de Família*, *As virtudes da casa*. Acham que nós somos um bando de gaudérios bombachudos. Quem não vê que nós fazemos uma literatura universal não nos leu. O fato é que nós estamos aqui no sul do mundo. Não há uma maldição sobre nós. Isso acontece em todos os lugares do planeta. Morei na Argentina. Lá, o pessoal que mora em Rosário ou em Córdoba chora porque não tudo acontece em Buenos Aires.

Lya – é a mesma coisa em toda parte.

Tabajara – É um fenômeno internacional. Nós vivemos numa província, estamos afastados geograficamente do centro. Mas não somos provincianos. Fazemos uma bela literatura. E as nossas editoras trabalham primeiro como o fenômeno local.

Scliar - Nos Estados Unidos, também tem o escritor local. Lá, eu notava o seguinte: o cara está preocupado em identificar o nicho em que ele está. Uma vez conversei com o Saul Bellow e ele disse que dava aulas na universidade. Eu me admirei com o fato de um cara com a fama dele precisar dar aulas. Ele disse: “para o tipo de escritor que eu sou, isso é necessário, porque sou um escritor literário, não sou comercial”. Ele viu que o nicho dele era o de escritor literário. Então, ele tinha de completar a venda dele dando aulas.

Lüdtke – Pode haver uma editora literária que seja comercial?

Lya – Não, porque ela vai entrar pelo cano.

Scliar - mas pode ter a linha literária e a linha comercial.

Lya – No catálogo, deve ter escritor que dá prestígio e o escritor que dá dinheiro. E, eventualmente, um que dá as duas coisas ao mesmo tempo.

Pinheiro Machado – A gente não deve esquecer que a primeira grande editora nacional do Brasil, ao lado da José Olympio, foi a Globo. Vários argumentos se fragilizam diante dessa realidade. O que aconteceu com o Rio Grande do sul? Todos nós sabemos. O rio grande do Sul vem paulatinamente perdendo a importância. Tenho certeza que, dentro desse projeto da Zero hora de reunir todas as alas da produção cultural, isso vai aparecer em teatro, em artes plásticas, principalmente m publicidade. Qual é o sonho de todo publicitário gaúcho? É ir pára São Paulo ganhar 10 vezes mais. Por quê? Porque lá está o mercado. A sobrevivência da L&PM se deve á gente ter admitido isso e ter montado uma distribuidora em São Paulo. O que acontece com as editoras do Rio Grande do Sul? A parte d leão fica com o distribuidor. Eu não vejo nenhum preconceito contra a literatura gaúcha. Nós inventamos uma coleção chamada *A Leitura é uma Aventura*. Já publicamos cinco livros de autores como Luis Fernando Veríssimo, Olga Reverbel, Moacyr Scliar, Josué Guimarães e, agora, Millor Fernandes que nós estamos trabalhando junto aos professores de são Paulo, do rio de Janeiro e de Minas Gerais. A resposta é a melhor possível. Josué Guimarães tinha um livro maldito, *Amor de perdição*. Colocamos nessa coleção e distribuímos de colégio em colégio para professores. O livro já é adotado em escolas do rio e de São Paulo. A gente está confundindo preconceito com falta de força. Não existe um esforço concentrado aqui no rio Grande do Sul. As secretarias de Cultura dos municípios poderiam organizar alguma coisa que garantisse uma visibilidade maior para nossos produtores culturais.

ZH – Quem se debruça sobre um tema especificamente gaúcho – é o caso do Luiz Sérgio Metz – tem mais problemas?

Pinheiro Machado - O segundo maior vendedor de livros da história recente – o primeiro é Paulo Coelho – é *O Analista de Bagé*, com 500mil exemplares vendidos.

Lya - O próprio Erico tem uma literatura supergaúcha.

Scliar – esse negócio de rótulo está em extinção.

Lya – Está cada vez mais forte, eu acho.

Scliar – está mais forte, mas é imposto de fora para dentro. Existe o rótulo de escritor paulista? De escritor carioca?

Lya – Não. Mas existe o rótulo de escritor gaúcho. É uma coisa estranha.

Tabajara – É conosco e com escritor baiano.

Lya – E é tão nosso aqui de dentro, que eu sei, por exemplo, de listas de escritores gaúchos nas quais eu não apareço porque acham que eu não sou uma escritora gaúcha porque não tenho trato de temas gauchescos e não tenho editora gaúcha.

Scliar – O rótulo depende do grau de exotismo que ele contém.

Tabajara – Dentro dessa questão que o Saul Bellow colocou, de que é um escritor literário: o Rio grande do Sul é um estado de escritores literários ou um estado de escritores comerciais? Lá no começo da nossa literatura, já temos João

Simões Lopes Neto. Depois, Alcides Maya, Erico. Vamos pular para nossa geração. Somos um corpo de escritores muito forte. Está aparecendo aí o Paulo Ribeiro com *Vitrola dos Ausentes*. Está aí o Luiz Sérgio Metz com *Assim na Terra*. Eu não tenho a menor dúvida a respeito do que nós produzimos.

Lya – Mas nunca se falou sobre a qualidade da nossa literatura. Temos uma literatura magnífica. E eu gostaria que ela fosse mais conhecida.

Tabajara – Mas, no Rio Grande do Sul, não fazemos livros comerciais.

Scliar – Nós não temos um Paulo Coelho.

Luiz Sérgio Metz - Eu vim de uma cidade pequena, como provavelmente todos nós aqui, com exceção do Scliar...

Scliar – Eu vim de uma cidade pequena que é o Bom Fim. (*Risos.*)

Metz – Uma cidade como Santo Ângelo, por exemplo, tinha várias livrarias. Hoje, procurei saber como as pessoas liam. Algumas me disseram que era mais fácil comprar em porto Alegre. Eu não sei qual é o tipo de orientação que a Câmara Rio-Grandense do Livro tem nesse sentido, porque as pessoas simplesmente não sabem como vender livros. A maior surpresa que eu tive é que existe uma Academia Santo-Angelense de letras, mas não há uma livraria na cidade.

Lüdtke – Quero colocar outra questão. Qual é a responsabilidade do escritor com o mercado?

Lya – Nenhuma. O escritor tem de fazer sua obra de arte. Se eu escrever pensando no mercado, estou frita como escritora. Qual de nós escreve para vender?

Tabajara – Há uma lógica. Se a gente escreve e se compromete com a editora, temos de ajudar a editora a vendê-lo.

Scliar – A coisa mais importante no Rio Grande do Sul, em relação à difusão da literatura, é o trabalho que os professores fazem. É um negócio que comove. Tua vais lá no meio do nada e tem uma professorinha que fez os alunos lerem, fez uma encenação, fez cartazes. Isso é uma coisa heróica.

Zero hora – **Às vezes parece que há um descompasso: muita gente querendo escrever e nem tantos leitores. Seria interessante discutir estas duas pontas: os novos leitores e os novos escritores.**

Assis Brasil – Há um abismo muito grande, que antes não havia, entre o que fazem os jovens escritores e o livro. Não há um estágio intermediário, como havia. Um estágio em que eles possam publicar seus textos e sentir como aquilo repercute, o que as pessoas estão achando, para depois então começar com o livro. Precisamos de um espaço que publique textos primários.

Tabajara – Os principais jornais do Brasil têm cadernos de literatura enormes. Mas eles não publicam ficção. Devemos reivindicar essa publicação. Estive ano passado na Dinamarca e lá estava sendo publicado um clássico no jornal, em capítulos. O que chega para as pessoas? Chega literatura.

“Existe uma omissão criminosa do estado em relação à cultura”

(Ivan Pinheiro Machado)

Ivan – Me parece que nós estamos chegando a alguns temas maiores. Existe, no Brasil, a chamada omissão criminosa do estado em relação à cultura.

Nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Inglaterra, existe uma política completamente definida em relação ao livro. No Brasil, o que nós encontramos? O índice de leitura per capita é de dois livros por habitante. Na Itália, o país de mais baixo índice de leitura da Europa, são nove livros por ano. O Rio Grande do Sul não pode esperar que a Artes e Ofícios, a Mercado Aberto, a Sagra e a L&PM resolvam o problema da produção de livros. Tem que existir um aparelho poderoso do estado para resgatar sua cultura. Quando me perguntam o que eu espero do final do século 20, sempre lembro a coisa do cínico: a nossa vingança é a nossa sobrevivência. Hoje, o governo federal. O governo de Minas compra livros – e compra livros de autores gaúchos: Josué Guimarães, Sérgio Capparelli, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar. Eles não tem nenhum preconceito. A L&PM vendeu 16 títulos para a Fundação de Desenvolvimento da educação do estado de São Paulo. Quantos livros o governo gaúcho compra para dar a suas escolas e bibliotecas. Zero. Porque o governo não compra? Tem verba destinada para isso e não compra.

ZH – O Metz havia falado sobre a questão do Interior.

Zanotta – Na gestão do roque Jacoby na Câmara Rio-Grandense do Livro, há três ou quatro anos, tentamos fazer feiras do livro paralelas no Interior. Foi um fracasso. A idéia era aproveitar essa mídia toda que a feira de Porto Alegre tem. Mas as cidades não se adaptaram. Houve também um problema sério de poder de fogo dos nossos distribuidores: não conseguiam levar livros para todas essas feiras que ocorriam ao mesmo tempo. A câmara se chama “rio-grandense”, mas a atuação dela é porto-alegrense. Até porque não existe o que organizar no interior do Estado. Existe o que criar.

Ivan – Aproveitando para fazer um elogio ao Júlio... A Feira do livro readquiriu uma inércia – no bom sentido da palavra, de prosseguir – graças ao esforço da câmara. Mas é um esforço isolado. Se não fosse o Júlio lá, se fosse uma pessoa abúlica, a feira estaria atirada, isso é um esforço individual.

Zanotta – Eu não diria que é individual. É o resultado de toda uma tradição. A feira é um grande produto.

Lya – O Interior organiza muitas feiras. A gente recebe chamados das cidades mais remotas possíveis. As vezes, surpreendentemente, uma cidade bem pequena tem uma feira do livro razoável. E outras vezes, em cidades razoáveis, vêm três pessoas. Na Feira do Livro de Santa Cruz, que é a minha cidade, dei três autógrafos. E eu era madrinha da feira.

Metz - Queria colocar uma coisa sentida nas viagens que a gente faz pelo Interior. É que encabula a gente oferecer livro. Essa é uma realidade que talvez o editor não tenha notado. Estamos vivendo em meio à miséria. E o professor é o mais humilhado de todos. Ele tem que dizer de uma realidade a que não tem mais acesso.

Lüdtke – A questão mais grave é que a maioria dos professores acaba tendo como única fonte de informação o livro do aluno.

Scliar – Deixa eu fazer uma proposta para isso não terminar melancolicamente: que a gente liste as coisas que deram certo em termos de produção literária e difusão da literatura no rio grande do Sul.

Tabajara – O rio grande do Sul – todos os escritores que vêm de fora para cá dizem isto – tem uma política em relação ao livro e uma organização da

comunidade em relação ao livro bem à frente do resto do país. Isto todos nós reconhecemos: o trabalho do IEL, ao longo de duas ou três décadas, o trabalho de diversas universidades, o trabalho da feira do livro. Por isso não tenho ilusões da coisa lá fora. Claro, todos nós gostaríamos que as tiragens fossem maiores. Mas não vai ser maior no rio ou em São Paulo, e nem o público vai aumentar. O que está por trás das pequenas tiragens e destes desencontros todos é a realidade brasileira, que nos esmaga.

Porto Alegre, Zero Hora, 25.mai.1996.

UM HOMEM GENTIL

Entrevista a Luiz Carlos Barbosa

A definição é do amigo Sergio Fraco, que convive rotineiramente com Luiz Antonio de Assis Brasil. Escritor e professor, Assis Brasil é autor de uma obra transbordante, não apenas de elementos históricos, mas do imaginário simbólico que caracteriza alguns traços essenciais do processo cultural no Rio Grande do Sul. Talvez, por isso mesmo, sua ficção alcance a dimensão do universal e esteja para ser transportada para o cinema pelo diretor Fábio Barreto que, este ano quase ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro com o Quatrilho, a partir do original do escritor José Clemente Pozenato. Discreto no comportamento e metódico no trabalho de criação, Assis Brasil está escrevendo um novo romance em que, a exemplo de Um homem amoroso, emergem acordes de orquestra – com certeza, ecos de um período em que o ficcionista tocava violoncelo na orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

Não é porque domine a língua alemã que o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil tem em Os sofrimentos do jovem Werther um de seus livros de referência intelectual. A obra de Goethe é um clássico do romantismo e da escritura do romance, um paradigma para aqueles autores que fazem literatura. Palavra que, quando pronunciada, faz lembrar Eça de Queirós, Machado de Assis, Cervantes, Dostoiévski, Flaubert, Stendhal, outras fontes com que Assis Brasil não apenas se relaciona como escritor, mas compartilha com os alunos da cadeira de Oficina de Criação literária do Pós-Graduação em Letras da PUC/RS. Para contentamento destes alunos e dos leitores, o ex-músico da Ospa e advogado formado pela PUC, com apenas dois anos no exercício profissional, foi seduzido pela carreira literária.

“Ele escreve bem, tem um estilo clássico. Desenvolve os conteúdos temáticos com uma precisão impressionante, usa as palavras próprias”, depõe o amigo Sérgio Faraco, também escritor, citando a obra mais recente de Assis Brasil, a trilogia Um castelo no pampa. “essa história tem um material ficcional muito rico, cheio de paradoxos, um aristocrata com ideais republicanos e abolicionistas, um castelo no meio do pampa, que é um território de liberdade”, justifica-se com modéstia, comentando a personalidade do político, diplomata, agricultor e revolucionário gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil e seu castelo de Pedras Altas, que inspiraram a trilogia formada por *Perversas famílias*, *Pedra da memória* e *Os senhores do século*.

Mas um perfil tem de descortinar o indivíduo, algo muito difícil quando se trata de Assis Brasil, um homem além de gentil como caracteriza Faraco – discreto e refinado, incapaz de qualquer deslize. Cauteloso, admite que *Um castelo no pampa* encerra “razões de cunho pessoal”, é uma espécie de acerto de contas com os antepassados. “É uma maneira de desmistificar a história de uma família presa ao passado, que vive das glórias de um homem”, acrescenta,. Seu bisavô

é irmão de Assis Brasil – Joaquim Francisco – que denomina ruas e avenidas em, praticamente, todas as cidades do rio Grande do Sul.

Rigorous, ele faz um planejamento prévio dos romances

O avô contava histórias e o pai do escritor chegou a morar no castelo.

“Ele tem uma memória extraordinária e delimita bem o espaço da pesquisa histórica para a criação”, descreve a esposa Valesca de Assis Brasil, também escritora e professora de História relatando que as pesquisas do marido se concentram mais na ambientação dos lugares, muitas vezes exigindo viagens aos locais. Ela é a primeira leitora de um pequeno grupo de amigos íntimos que Lê os originais de Assis Brasil. Faz uma leitura em voz alta, comenta os personagens, a estruturação da obra, que o escritor planeja previamente, com rigor e detalhes como o tamanho dos capítulos.

“É o fim que orienta a escritura da obra, que precisa ser articulado e coerente. Primeiro escrevo bem-humorado: “se um personagem vai morrer de tuberculose no 10º capítulo, tem de começar a tossir no 7º. Parto de uma organização prévia, como faz um diretor de cinema”, compara ele que, durante esta entrevista, assinava o contrato de cessão dos direitos de *Videiras de cristal* para o projeto de um filme de Fábio Barreto. Sua obra, *Cães da província*, sobre a vida de Qorpo Santo, com a qual conquistou o título de doutor em Literatura pela PUC/RS,

foi levada ao palco como *O homem que enganou a província* pelo diretor de teatro Cláudio Cruz.

O rigor e o método exigem disciplina. Valesca revela que o marido costuma escrever, diariamente, das 7 às 11 horas. “Desde que conseguiu se tornar um escritor profissional não abre mão disso”, explica, contando que ele acorda feliz e o período da manhã é o seu horário mais produtivo. Procura a concentração, mas não gosta do silêncio absoluto, precisa do movimento da casa para escrever. Ele se aborrece quando aparece algum compromisso pela manhã e, nas viagens, costuma levar um caderno de capa dura para anotações.

A regularidade e a organização objetiva sustenta o trabalho de criação, que resulta na fixação literária de nuances tão delicadas como a incidência da luz, a cor e os ritmos no outono porto-alegrense, como se verifica em *Um homem amoroso*. A exemplo desta obra, cujo protagonista é um músico da Ospa, Assis Brasil está trabalhando no embrião de um novo livro, com o título provisório de *Concerto campestre*, ambientado numa estância gaúcha do século XIX que possui uma orquestra. Para ele, estância é a palavra adequada, fazenda um termo paulista, caipira. Ele reconhece no escritor a influência do ex-violoncelista da Ospa, atividade que deixou em 1976, exatamente no ano da publicação do seu primeiro romance, *Um quarto de légua em quadro*, há exatos 20 anos. “Hoe sou apenas ouvinte”, resume ele, que aprecia a ópera de Mozart e a MPB, especialmente alguns períodos de Chico Buarque de Holanda e, claro, a obra de Ernesto Nazareth, que faz a ponte entre a música de concerto e a música popular. “Sem a artificialidade de um Villa Lobos, mas com a espontaneidade

de um Noel Rosa, inclusive do ponto de vista rítmico e melódico”. “Tenho uma vida modesta, gasto mais dinheiro comprando discos do que livros”, completa.

Assis Brasil, nascido em Porto Alegre, em 21 de junho de 1945, não toca mais. Vendeu o violoncelo a um jovem músico. “para tocar é preciso estudar permanentemente”, argumenta, classificando de “amaldiçoada” a vida de músico, pelo grau de exigência do trabalho e as dificuldades da profissão. Este aspecto tem um sentido relativamente dramático em *Um homem amoroso*, onde o protagonista denuncia as precárias condições de trabalho e vida dos músicos da Ospa: ensaio todas as manhãs e, à noite, apresentação em casas noturnas para complementar a renda. Não é a única denúncia.

Nesta obra, com sutileza, o autor também mostra a instrumentalização da orquestra pela ditadura militar. “A vertilização do poder e tentacular, a capilaridade da ditadura, da sua estrutura de poder na sociedade alcançava o microcosmo”, analisa Assis Brasil, que chegou a ser antipatizado pela intelectualidade de esquerda quando, no período da ditadura, assumiu funções públicas na Prefeitura e no governo do estado. Ele dirigiu a então Divisão de Cultura do município de Porto Alegre e coordenou a implantação do Centro Municipal de Cultura. Mais tarde foi subsecretário de Cultura do Estado. Próximo ao extinto Movimento Democrático Brasileiro, antecessor do PMDB, lembra que os amigos se surpreenderam quando aceitou dirigir o Instituto Estadual do Livro. “Era preciso salvar alguma coisa”, argumentou na época em que encontrou o IEL comum vigia e uma secretária, Considera natural e coerente sua condição de simpatizante e colaborador do partido dos trabalhadores.

Sérgio Faraco e Assis Brasil se conheceram pessoalmente neste tempo. A ponte foi a literatura, mas hoje é uma relação praticamente familiar. “Quero ele muito bem. Junto com a Valesca, é o meu melhor amigo. É um homem leal e tem uma qualidade rara: é amigo nas horas boas- inclusive quando o sucesso é do outro. Se alegra, manifesta contentamento. Nas horas menos boas fica por perto, demonstra uma lealdade impressionante”, relata Faraco.

Costuma almoçar juntos nos domingos e, em algumas destas oportunidades, em ocasiões especiais, revela-se o talento culinário de Valesca e as preferências de Assis Brasil pela comida gaúcha e pela cozinha portuguesa, principalmente as receitas de bacalhau. Este é o típico lazer do escritor- pai de uma filha de 23 anos, Lúcia, jornalista na TV Bandeirantes – a reunião de pequenos grupos de amigos em volta da mesa. “Gosto dos pastéis, das empadas, destes pratos recobertos, que têm algo a ser revelado, que se desvelam, tenho prazer em descobrir”, conta, brincando que, aos 51 anos, já não dá para enxergar no carreteiro de charque e no espinhaço de ovelha. De qualquer forma, ele é um adepto das caminhadas, muito mais para experimentar certas sensações emocionais do que por um exercício físico. “Gosto de caminhar olhando as paredes das casas antigas, pra dentro de uma janela, ali naquela região do Alto da Bronze e da Rua do Arvoredo (Fernando Machado), é algo muito porto-alegrense e bonito”.

Porto Alegre, *Extra Classe 21*, out. 1996.

O AUTOR EM BUSCA DA LITERATURA

Luiz Antonio de Assis Brasil perseguiu o que no princípio parecia improvável, ganhar a vida como romancista

Natural de Porto Alegre, ele passou a infância e a adolescência na cidade de Estrela, zona de colonização alemã. De volta à capital, estudou com os jesuítas, ingressando logo após no curso de Direito. Nesse período, realizou concurso e integrou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre como violoncelista, conciliando a profissão de músico com a de articulista em jornais da capital.

A música, porém, acabou sendo substituída pela literatura e pela prática da advocacia no magistério superior.

Atuando na área da administração cultural, exerceu várias vezes o cargo de diretor do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre e foi diretor do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. Em sua gestão, iniciou a publicação da série Autores Gaúchos. Por último, foi subsecretário de Cultura do Estado e Conselheiro do Conselho Estadual de Cultura.

Em 1984, foi bolsista do Instituto Goethe na República Federal da Alemanha. Através de Celso Furtado, na época então ministro da Cultura, fez parte, junto com Affonso Romano de Sant'Anna de uma comissão especial que ofereceu sugestão para uma política federal do livro. Entre os anos de 1989 e 1990, foi catedrático convidado de literatura braileira na Universidade de Açores, Portugal. Também foi presidente da Associação Gaúcha de escritores entre 1988 e 1990. membro do Conselho Editorial das editoras da PUC/RS e da Universidade de Caxias do Sul, assim como do Conselho de Administração do Theatro São Pedro. É doutor em Letras e atualmente coordena, no curso de pós-graduação dessa faculdade, uma oficina de criação literária.

Em entrevista, o músico, professor e escritor fala, dentre outras coisas, de sua formação literária e de sua obra.

- Quando começou a sua relação com a literatura?

- A literatura sempre me interessou, como leitor, em primeiro lugar. Eu morava co Estrela, uma pequena cidade do interior, e na época não havia televisão, o rádio era bem precário. Não havia muito o que fazer, a não ser ir ao cinema domingo à tarde. Assim eu lia muito. Eu tinha uma madrinha que me dava livros, muitos livros no Natal, na Páscoa, nos aniversários. Tornei-me um leitor contumaz e permanente. Lia de tudo, lia muito quadrinho também, e aos 11 anos foi quando eu comecei a sentir que dava para a coisa. Na época houve um concurso de redação promovido pela Secretaria Estadual de Educação obre o cinquentenário da aviação. Eu acabei ganhando esse concurso. Isso foi muito estimulante. Porém eu nunca me decidi propriamente a ser escritor. Na verdade, eu queria ser músico.

- E o Sr. Estudou música?

- Sim, eu estudei música depois que eu vim para Porto Alegre. Estudei violoncelo. Fiz concurso público e ingressei na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, onde eu toquei por quatorze anos como músico profissional, e isso para mim era bom porque o salário do músico me ajudava a pagar a universidade. Eu fui aluno da PUC, e me formei em direito, que é outra coisa com que estou ligado até hoje. Mas a prática da música acabou sendo substituída pela literatura.

“Mas acho que muito está ligado a essa idéia de vocação, de pendor, de queda para determinadas questões. Eu sentia que a escrita era o meu meio de comunicação com o mundo”.

- Houve alguma influência direta de seus pais como estímulo à Leitura?

- Da minha família eu não tive propriamente em estímulo para me tornar escritor. Eles gostavam das coisas que eu escrevi. Eu não sei até que ponto, talvez meu pai tivesse alguma idéia a esse respeito, que poderia dar em alguma coisa. Mas na verdade, muito aconteceu por mim mesmo. Eu fui atrás da literatura. Mas acho que muito está ligado a essa idéia de vocação, de pendor, de queda para determinadas questões. Eu senti que a escrita era o meu meio de comunicação com o mundo.

- Quais os autores que o influenciaram?

- No meu caso, eu fui muito formado no realismo literário, com Eça de Queiroz, com Machado de Assis da segunda fase, com Flaubert. Então, eu fui formado pela geração realista. O próprio Erico, o Jorge Amado, essa geração modernista foi a que mais me influenciou, o neo-realismo, foi mais ou menos por aí que eu me achei.

- Porém o senhor optou mais pelo lado histórico.

- É, o caso do histórico é o seguinte: não é que eu tematize a história. Tem histórias que se tornam objeto da minha literatura. É que os episódios ocorrem em um período histórico, eles tanto podem ocorrer hoje quanto no passado, porque o passado tem alguns ingredientes que são mais fortes do que seriam se eu os situassem hoje. Claro que há ingredientes de literatura nova, mas me parece que o mundo atual passa por um processo de banalização, inclusive das emoções, das paixões, uma espécie de neutralização, e parece que no passado essas paixões e essas emoções eram vividas com mais intensidade. É por isso que eu, muitas vezes me situo no passado, pois eu posso trabalhar melhor.

- E quanto à sua concepção do próprio romance historiográfico em forma de triologia, como no caso de Erico Veríssimo, que imprimiu em “O tempo e o Vento” um caráter épico?

- Bom, eu acho que há pontos em que sou bastante diferente do Érico, pois ele preveu a sua triologia. Quer dizer, são três romances que podem permitir uma leitura separada. No meu caso, eu nunca usei a palavra triologia. Isso a crítica e a imprensa usam. Na verdade, é apenas um romance de 1200 páginas

chamado “Um castelo no pampa”, que por questões editoriais e mercadológicas, foi dividido em três partes, assim como poderia ser dividida em quatro ou em duas. Por isso que eu nunca usai a expressão triologia.

- Pode-se dizer então que não haveria condições de se fazer uma leitura isolada?

- É, a leitura isolada é muito complicada, tem coisas que estão no último romance que só serão entendidas com a leitura do primeiro.

Então, realmente, não é uma triologia. É uma série, e cada uma delas tem um nome. A minha idéia, logo que surgiu a questão editoria, era fazer “Um Castelo no pampa” I, II e III. Mas aí se achou melhor dar um título para cada um. Quanto à questão épica, eu tenho as minhas dúvidas, porque acho que é uma visão anti-épica.

- O romance do Erico Veríssimo buscaria a sua finalidade justamente sob a forma de triologia?

- Também até por uma questão ideológica, pois acho que o Erico quis fazer assim. Já “*Um castelo no pampa*” é tudo, menos ético. Ele não é triologia e não é épico. Quer dizer, não há pontos de contato com o Erico, a não ser por ambos tratarem do Rio Grande do Sul. E assim mesmo, são de regiões bem distintas. Um é do planalto e o outro é do sul do estado, que tem uma economia e uma elite sócio-política muito diferente entre si. Por isso que eu acho que é uma questão ideológica. A visão épica, o Erico a perdeu em “*Incidente em Antares*”

- Pode-se dizer que visitar determinado autor significa redimensiona-lo de forma idealizada?

- Sim, tem um pouco disso. Mas não esquecendo que a literatura contemporânea trabalha hoje com uma outra visão, digamos assim, o escritor de hoje é o artista de hoje que interpreta a história com critérios de hoje. Ele se coloca em uma posição dialética em relação ao passado, diferente de Almeida Garret e Paulo Setúbal, que escreviam o passado com os olhos de passado.

- Como o senhor vê a literatura na realidade?

- Nesse período em que vivemos, que as pessoas chamam de pós-moderno, e não sabem o que é, impera uma grande liberdade, não só de tema, mas estética. É fácil encontrar escritores que têm uma postura comportada, como o Garcia Márquez na sua fase atual, até autores que fazem experimentos narrativos, alguns até delirantes. A época propicia essa multiplicidade. É bom que seja assim, pois há público para todos.

- A literatura hoje acaba buscando uma formamais simples...

- Sim, isso realmente ocorre no sentido da linguagem e da simplicidade. Há uma retomada do trabalho do texto, no sentido de que este seja mais simples. Isso tem muito do jornalismo, cria-se um certo hábito, pela necessidade de se escrever para o dia seguinte.

Um dia-a-dia voltado aos seus personagens

Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor pouco efeito a grandes emoções, apreciador da rotina e de seus gatos, transfere para os seus personagens o desejo de quebrar regras. Madrugador compulsivo, ele admite que a literatura moldou seu dia-a-dia. Para o autor de *Perversas famílias*, todos os romancistas que dizem ser desorganizados estão ocultando a rígida metodologia de trabalho que escrever romances impõe. A necessidade de em nenhum momento perder o fio da meada faz das atividades banais como trocar o óleo do carro ou pagar o condomínio uma grande fonte de prazer e segurança. Abaixo, algumas obras já publicadas:

Perversas famílias, os senhores do Século e Bacia das almas.

Porto Alegre, *Mundo Petrópolis*, jun.1996.

CONCERTO CAMPESTRE

O novo livro de Assis Brasil

Assis Brasil diz que “*Concerto campestre*” – uma novela ambientada numa estância gaúcha no século passado – que quanto mais tempo passa mais exigente fica – com os textos dos outros mas, principalmente, com o próprio texto. Assim, que ocupa várias horas por dia. Estará com tudo pronto, talvez, no primeiro semestre de 97. depois de onze romances e depois da prova de resistência que foi “*Um castelo no pampa*”, já não tem pressa de publicar, e só fará isso quando estiver satisfeito com o resultado.

O tema de “*Concerto campestre*” gira em torno do contraste barbárie/civilização. Assis Brasil descobriu que numa estância gaúcha havia uma orquestra, e isso foi o suficiente para incendiar o imaginário do autor de “*Videiras de cristal*”.

A baixo, um trecho:

No momento em que o Maestro entrou no quarto caiado de branco e pendurou o bandolim num prego, e depois, ao dispor as partituras sobre a mesinha de pinho, lastimando o quanto se esfrangalhavam pelas continuas viagens, achou que, enfim, encontrou uma ocupação digna do seu talento. Durante o trajeto para a estância, juntando as idéias, considerara seus trinta e poucos anos e decidira mudar de vida, agora que a ocasião se apresentava. Afinal, ser maestro de orquestra não era pouca coisa: em Minas chegava-se a esse posto lá pelos cinquenta, e ainda dependente de indicação do Bispo, que cuidava com firmeza da moralidade dos seus recomendados, afastando-os ao menor sinal de desregramento público. O emprego civil era, assim, uma benção que o livrava, de um só golpe, do zelo da Igreja e do rigor militar. Deveria arranjar as partituras, originalmente escritas para a banda, precisaria escrever novas músicas e contentar-se com a imperícia dos praticantes que esperava encontrar, mas não lhe faltava ciência: fizera estudos intermitentes mas rígidos nas penumbras das sacristias mineiras, dominando lodo o contraponto e a instrumentação à maneira antiga: ao mesmo tempo, aprendera tocar bandolim e a pôr alma em suas composições com um velho mestre, cego e debochado, á luz dos candeeiros fumacentos do bordel da Sapa: mais tarde, no exército, provara sua autoridade com os soldados. O que lhe faltava? Ficou atento ao escutar algumas frases musicais que vinham de fora. Eram coisas ingênuas, de afirmação duvidosa e que, em outra época, teria abominado. Mas naquele instante eram as sonoridades de uma catedral que ressoavam pelo pampa.

Logo na primeira noite Clara Vitória escutou os ruídos da água despejada na bacia, o som do corpo jogando-se na cama e, por fim, o ressonar pesado do Maestro. Alta madrugada, ele se levantava, e foi preciso tapar os ouvidos com o travesseiro áquilo que ela identificou como um jato bestial de urina, de início apenas um som fino contra o estanho, transformando-se aos poucos num desvario de espumas. Por mais que o travesseiro fosse espesso e ela o apertasse contra a cabeça, era como se Clara Vitória tivesse o homem ali,

dentro de sue quarto. Pela manhã, ela estava com as pálpebras pesadas, e, na cozinha, disse à mãe – “Não sei que maluquice foi essa do pai, trazendo esse aí para dentro de casa”. – “Acho que você deve mudar de quarto”. – “Não. Graças a Deus não se escuta nada”.

Porto Alegre, *Jornal da Câmara Rio- Grandense do Livro*. Out. 1996.

UM MESTRE DA ESCRITA

Entrevista a Mary Carla Rossa

Professor- escritor ou escritor-professor. Difícil definir qual a opção mais adequada. Talvez o melhor adjetivo para qualifica-lo seja o de mestre. Pela paixão e seriedade com que trata as duas atividades. Entre tantas outras atividades e projetos essas são atualmente as que ocupam a maior parte do tempo de Luiz Antonio de Assis Brasil.

Porto-alegrense de nascimento, Assis Brasil passou a sua infância em Estrela, onde iniciou o seu convívio com a música e a escrita. Seu primeiro livro “Um quarto de légua em quadro”, foi lançado na 22ª Feira do Livro de Porto Alegre. Agora, 20 anos depois, lança na Feira “Manha Transfigurada” em baile.

O escritor já foi diretor da seção de Atividades Artísticas, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre. Durante sua gestão no Instituto estadual do Livro foi lançada a série Autores Gaúchos, publicações sobre a vida e obra de escritores contemporâneos gaúchos. Em 86 assumiu a Subsecretaria de Cultura do Estado e criou o Instituto Estadual do Cinema. Desde 85 coordena a Oficina de Criação Literária, do Curso de Pós-graduação em lingüística e Letras da PUC/RS.

Depois de diversas obras publicadas e muitos prêmios arrematados, Assis Brasil é considerado hoje um dos maiores escritores do Rio Grande do Sul. Na entrevista ao João de Barro, ele fala sobre suas obras, sobre literatura e sobre sua vida.

João de Barro – Como surgiu a literatura na sua vida?

Assis Brasil – Eu próprio não sei responder, a literatura é uma atividade que foi me ocupando cada vez mais no decorrer da minha vida. Então não houve propriamente um momento que ela tenha iniciado e não houve também nenhuma decisão minha de me tornar um escritor. Eu fazia boas redações escolares, passei a publicar em jornais estudantis, depois no Caderno de Sábado do antigo Correio do Povo e mais tarde passei a publicar meus livros. Tudo foi acontecendo de uma maneira natural, não planejada e não decidida.

JB – O senhor é escritor, advogado, músico e professor. Existe alguma relação entre essas profissões e atividades?

AB – É bom esclarecer o seguinte: eu de fato me formei em Direito, mas não sou advogado, não trabalho profissionalmente com a advocacia. Eu já fui músico profissional, da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, durante 13 anos, mas atualmente não estou mais. Então na verdade, eu faço agora a minha atividade como professor e escritor. Entretanto, elas são atividades bem próximas, porque como professor, trabalho no Curso de Pós-Graduação em Letras da PUC e trabalho com Oficina de Criação Literária e orientação de

dissertações de mestrado na área de Teoria da Literatura. Uma complementa a outra, de modo que passo durante o meu dia inteiro envolvido com isso.

JB – E como professor, o senhor acha que é possível ensinar alguém a ser escritor, ou a pessoa já nasce destinada a isso?

AB – Essa é uma pergunta muito legítima. É uma pergunta que entretanto as pessoas normalmente não fazem com relação a outras áreas artísticas como a pintura, a escultura. Quase ninguém pergunta assim “é possível ensinar a ser escultor?”. Entretanto, com a literatura existe, até por detrás da pergunta, uma certa resistência de encarar a possibilidade de ser ensinado alguma coisa na área da literatura. Eu não sei a que atribuir isso, o fato é que muitos dos meus colegas escritores tem um certo preconceito contra o ensinar literatura, talvez porque seja uma atividade muito solitária. Mas respondendo objetivamente, poderia dizer que aquilo que é talento artístico é uma coisa que a pessoa tem ou não tem. Isso vale também para a música, para a pintura. O que pode fazer o mestre? O mestre pode desenvolver técnicas. Assim como numa aula de pintura, o mestre diz “olha se mistures o amarelo com o azul vai dar o verde”. Se a pessoa tem talento sabe o que fazer com aquilo ali. É a mesma coisa com a oficina literária, você vai precisar do talento para isso.

JB – O senhor falou que escrever é uma atividade solitária. O escritor Assis Brasil tem alguma técnica especial para escrever suas obras?

AB – Eu tenho no horário da manhã. Acordo bem cedo e trabalho até ao meio-dia. Trabalho no computador, num escritorzinho que tenho em casa e é o que eu preciso para escrever, a não ser que tenho tudo muito bem planejado antes de começar a escrever: Eu já sei o começo, meio e fim. E por essa razão, quando vou trabalhar, eu sei o que vou escrever, não estou dependendo de inspiração. A inspiração já passou, foi o momento que tive a idéia de escrever o livro. Então, como tenho tudo organizado, já tenho o resumo feito, já sei tudo o que vai acontecer, eu preciso é de tempo para escrever.

JB – Existe uma pesquisa prévia para escrever suas obras, já que em muitas o senhor utiliza fatos históricos?

AB – Não é uma pesquisa muito forte, nem muito profunda. Vou até certo ponto. Porque na verdade eu não escrevo História eu escrevo romances, então me interessa escrever romances. A história é só um pano de fundo, um cenário, nada mais do que isso. Se eu quisesse escrever História seria historiador e faria pesquisa nesse sentido. Me basta pegar alguns dados, o resto eu preencho com a imaginação, com a fantasia.

JB- O Rio Grande do Sul é uma boa fonte de inspiração para os escritores?

AB- Sem dúvida. Nós não levamos nem 10% ainda daquilo que o Rio Grande do Sul pode dar em termos de ficção. Nós temos uma história muito mais interessante, muito mais rica, por exemplo, que a dos Estados Unidos. Me refiro aquela parte do oeste, e no entanto vê como eles aproveitam em filmes e na

literatura. Nós praticamente não aproveitamos nada disso. E temos um material imenso para trabalhar.

JB- A literatura gaúcha está chegando aos outros estados?

AB- Isso não é uma coisa que me preocupe, porque nós temos no Rio Grande do Sul o melhor sistema literário brasileiro. O quem é um sistema literário? É o conjunto de escritores, editoras, livrarias, escolas e leitores. Temos a maior classe média do país e é quem compra. Os meus livros, por sua vez, tem tiragem de cinco, seis mil exemplares por edição. Em termos nacionais é uma grande tiragem. Não me preocupo muito, já me preocupei. Aquele negócio assim: vencer no Rio e em São Paulo. Isso no fim é uma coisa muito provinciana, uma idéia muito pequena. Então prefiro gastar as minhas energias nessa preocupação tentando escrever melhor.

JB – E falando em vendas, as editoras estão apostando nos escritores, principalmente nos novos autores?

AB- Estão apostando quando tem talento, tem condições, inegavelmente estão apostando. E isso é visível pela quantidade de obras que estão saindo. A 41ª Feira do Livro mostra isso, uma quantidade muito grande de novos autores. E muito bons autores, inclusive internacionais e alguns saídos da minha oficina e que estão sendo editados por editoras locais, que tem publicado autores novos.

JB- Sobre a Feira do Livro, como surgiu a idéia de lançar *Manha Transfigurada* em braile?

AB – Isso na verdade não foi uma idéia minha, foi uma idéia da professora Isabel Santana, da escola Estadual Paulo Cônego de Nadal, que tem um setor que trabalha com cegos. A escola tem um número bastante expressivo de deficientes visuais e foi criado um gabinete para atendê-los. Lá surgiu a idéia. E assim foram vertidos para o braile “O Quatrilho”, de José Pozenato. “Os Ossos da Noiva” de Charles Kiefer e o meu “Manhãs Transfigurada”. Fiquei muito comovido com essa iniciativa. Agora estamos na campanha para ver se é possível comprar uma máquina impressora em braile. Porque esses foram feitos manualmente, o que é muito trabalhoso, o livro inteiro, letras por letras. Mas isso não existe no mercado nacional, é preciso importar.

JB – A Feira do Livro é muito importante na sua história como escritor, já que o senhor lançou o seu primeiro livro “Um quarto de Léguas em Quadro”, na Feira.

AB – Não. Mais ou menos. De fato eu lancei o meu primeiro livro, aliás hoje (6/11/96) está fazendo 20 anos que lancei o primeiro livros. Eu lancei o primeiro, o segundo e o terceiro livros, depois não lancei mais na Feira. Porque me parece que lançamento na Feira é melhor para os escritores mais jovens. Acho que depois de um certo momento é melhor lançar separadamente.

JB- Algum autor o influenciou na sua carreira como escritor?

AB - Todos. Eu não posso dizer nenhum em particular, embora tenha uma predileção muito grande por alguns autores do realismo, especialmente Eça de

Queirós, Flaubert e Machado de Assis na fase realista. Talvez haja uma presença bastante forte desses autores na minha obra.

JB – Atualmente os livros mais vendidos são os que tratam de questões místicas, de auto-ajuda. Como o senhor vê esse tipo de livro?

AB - Sem problemas. Isso não me preocupa, porque se são vendidos eles devem corresponder a alguma necessidade das pessoas. Isso é assim mesmo, faz parte do processo cultural. Há pessoas que ficam um pouco indignadas com isso eu não fico, acho que alguma razão deve existir. Não são os livros da minha preferência, mas respeito quem gosta.

JB – E sobre Paulo Coelho?

AB – O problema do Paulo Coelho é que o pessoal. Tem um equívoco em relação ao Paulo Coelho. O pessoal atribui a ele uma qualidade e não é uma qualidade boa. Dizem assim – “ele é escritor, e como escritor ele é mau”. Não é bem assim, acho que não é essa questão. Claro que se a gente for pensar em termos estritamente literários, os livros são espantosamente mal escritos. Mas me parece que o Paulo Coelho não deve ser encarado como fenômeno literário, mas como fenômeno de massa, diferente do literário, julgado por padrões não-literários, aí sim a gente pode entender o fenômeno Paulo Coelho.

JB- Como o senhor avalia o incentivo público, no Brasil, às artes e em especial a literatura?

AB - Eu não sei em que medida o governo pode fazer alguma coisa ou deve fazer. Tenho minhas dúvidas em relação a isso. Pensando em termos de Rio Grande do Sul, o Instituto Estadual do Livro desempenha um papel muito importante porque ele mantém um programa que se chama “Autor Presente”, que são os escritores que vão às escolas. Isso é uma coisa muito importante que funciona bem, circula bastante o livro, o estudante tem o conhecimento do autor diretamente, isso estimula a leitura. Eu acho que muito mais do que isso o Estado não pode e nem deve fazer. Deve deixar que as coisas funcionem e não atrapalhar. E na medida que puder favorecer a circulação do livro, através desses encontros, acho que já está cumprindo o seu papel.

“Não tenho método especial, a não ser que tenho tudo muito bem planejado antes de começar a escrever”

JB – O que o senhor acha da afirmação de que o brasileiro não gosta de ler?

AB- Não é que não goste. Isso faz parte de todo um processo de subdesenvolvimento e de baixa instrução. As pessoas precisam pensar em outras coisas antes da leitura. Livro não é uma coisa barata. Então o fenômeno econômico atrapalha, tanto que em momentos, como no Plano Cruzado ainda lá do Sarney, em que houve uma repentina melhora no nível aquisitivo das

pessoas, nunca se vendeu tanto no país. Então, acho que uma coisa tá ligada à outra.

JB – O que o senhor acha da adaptação de livros para minisséries e filmes?

AB - Acho que as adaptações são úteis, são interessantes, mas acho que não se deve comparar o livro com o filme. Eu acho que um livro pode ser comparado com outro livro nunca com um filme, porque são duas formas de expressão artística diferentes. É a mesma coisa que comparar um quadro com uma dança.

JB – Qual a sua avaliação sobre a indicação de políticos, por exemplo, para a Academia Brasileira de Letras?

AB – Eu não sou daquelas pessoas que ficam atirando pedra na Academia simplesmente por atirar. Me parece que a Academia significa alguma coisa, ela tem um papel a cumprir. Eu só acho que a Academia, por vezes, tem sido um pouco infeliz na escolha dos seus membros, especialmente quando coloca políticos simplesmente por serem políticos. Não acho certo e justo. Mas, acho que isso não desfigura a Academia, a gente pode sim estar contra alguns critérios de admissão.

JB – O senhor já participou de diversos cargos públicos. É mais fácil escrever ou administrar?

AB – Escrever é muito mais fácil, porque isso eu consigo comigo mesmo, ao passo que cargos administrativos pública é necessário que se esteja tratando com pessoas. E isso é bastante complicado. Mas eu já dei minha cota tenho que deixar as novas gerações assumirem esses cargos, fazerem coisas. Não me arrependo. Acho que foi muito bom, especialmente, fazendo uma consideração de caráter pessoal, nunca atrapalharam na escritura de meus livros. Continuei escrevendo, continuei publicando, uma coisa não atrapalhou a outra.

JB – Algum novo livro vem aí?

AB - Eu estou escrevendo um livro que tem o título provisório de “Concerto campestre”. É uma história de amor que se passa numa estância do Rio Grande do Sul, no século passado. Vamos ver, eu não tenho as coisas muito claras ainda.

JÁ – Da sua Oficina de Criação Literária tem saído muitos autores?

AB - A Oficina funciona a 12 anos e de fato já tem tido gente que tem obtido resultados bastante claros na literatura. Os dois últimos autores revelação do prêmio Açorianos de Literatura saíram da Oficina. No ano passado, Amílcar Betega e em 94, Fernando Neubarph. Nesse ano, um aluno ganhou o prêmio da Rádio France Internacional, o primeiro lugar, que é um prêmio muito importante. Dezesseis autores já publicaram livros individuais. Enfim, a carreira literária é longa, demorada, os resultados não são imediatos, tem que ter muita

paciência com isso. Mas tenho tido retorno muito bom. Só essas premiações e as publicações já me animam bastante.

JB- E quando o senhor não está ensinando ou escrevendo o que mais gosta de fazer?

AB – Ver televisão.

JB- Qual o seu tipo de música preferida?

AB- Música clássica.

JB – E o time de futebol?

AB- Grêmio.

Porto Alegre, Jornal *João de Barro*, nov.1996

O OLHAR EM TEMPO PRESENTE NO PASSADO DOS PAMPAS

Entrevista a Roberto Lopes Corrêa Gomes

Com seu jeito tranqüilo e de modos simples, o porto-alegrense Luiz Antonio de Assis Brasil é considerado um dos melhores tradutores da identidade do povo gaúcho e um dos grandes incentivadores da nossa literatura. Autor de vários romances, Assis Brasil busca no passado o cenário ideal para seus livros, mas faz questão de frisar que escreve apenas romances, e não, romances históricos. O passado é somente o pano de fundo para a ficcionalidade, feita com o olhar crítico do presente. Escolhido para ser o patrono da 43ª Feiras do Livro de Porto Alegre, Assis Brasil fala pouco sobre a sua obra nesta entrevista ao Folha 3.

Folha 3 – *O que significa ser o patrono da feira do Livro deste ano?*

Assis Brasil – Encaro com muita simpatia e considero como um reconhecimento à literatura do Rio Grande do Sul e uma forma de prestígio às oficinas de criação literária, com as quais trabalho há mais de doze anos na PUCRS.

Folha 3 – *Sua obra ocorre predominantemente em determinado contexto do campo. Porque essa preferência pelo romance histórico?*

Assis Brasil – Essa pergunta me permite um esclarecimento. Existe um clichê de que faço romances históricos, mas prefiro dizer que faço apenas romances. No romance histórico o mais importante é o episódio histórico. E, para mim, o fundamental são as pessoas que viveram esse episódio. Mais do que a história, o passado é apenas um cenário que me permite maior liberdade criadora. O presente me impõe inúmeras limitações de tempo, espaço, pessoas, e de fatos. Por outro lado, sou um escritor preocupado com a identidade cultural do Sul do Brasil e é no passado que estão as origens de nossa identidade de hoje.

Folha 3 – *Como é o seu processo de criação de um romance?*

Assis Brasil – cada escritor vai responder de maneira diferente. No meu caso, desenvolvo uma relação muito objetiva com a obra que estou escrevendo. Ambientação e personagens estão rigorosamente sob meu controle. Fazem o que o ficcionista quer que façam dentro da coerência psicológica de cada situação ou personagem. Traço todo o itinerário do personagem de início ao fim da obra. Elaboro uma espécie de arquitetura da obra para senti-la visualmente, antes de começar a escreve-la.

Folha 3 – *Nos seus livros, elas parecem – embora aparentemente frágeis – pessoas que acabam conduzindo seus papéis do que os personagens masculinos. O sr. Concorde?*

Assis Brasil – As mulheres por terem uma relação visceral com a vida e por serem geradoras delas, podem ser passionais, mas o que acaba conduzindo e encontrando soluções é a razão. A força interior que resulta disso é que realmente as tornam superiores aos homens, tanto na vida prática, quanto na fantasia. Os homens não se dão bem neste aspecto, pois tem dificuldade para assumirem uma perspectiva objetiva perante a realidade e, por outro lado, não se permitem sonhar. Eles vivem numa espécie de limbo emocional. Já as mulheres podem ser profundamente apaixonadas por um lado, e, por outro, ter atitudes rigorosamente práticas na solução cotidiana dessa paixão.

Folha 3 – *Em seus livros constata-se uma constante troca de narradores. Os personagens se intercalam na função narrativa do romance. Isso é para dar um ritmo o enredo ficcional?*

Assis Brasil – É sem dúvida uma solução técnica, mas sempre em função da intenção do romance. A alternância de narradores permite fazer com que os personagens se apresentem. É uma forma de entende-los e de conhece-los. Isso tem a ver com uma atitude pessoal minha. Sou mais ouvinte do que falante. Pessoalmente, gosto muito de ouvir as pessoas e de entende-las. É natural que eu passe isto para os meus livros. É uma solução técnica para corresponder a um estado pessoal do escritor.

Folha 3 – *Na Feira do livro, além de Concerto campestre, estará sendo lançado o Breviário das Terras do Brasil? O que aborda esse livro?*

Assis Brasil – É o meu romance não gaúcho, que se passa no Rio de Janeiro na época da colônia durante a inquisição. Em síntese, ele aborda a disputa de poder entre ordens religiosas, mais especificamente entre os Beneditinos e os Jesuítas.

Folha 3 – *Qual é o seu próximo livro?*

Assis Brasil – No momento não tenho nada em mente. Fiquei tão envolvido com a finalização do Concerto campestre, que por enquanto não pensei em nada ainda.

Bibliografia

- *Um quarto de légua em quadro* – 1976 – Movimento
- *A prole do corvo* – 1978 – Movimento
- *Bacia das almas* – 1981 – Mercado Aberto
- *Manhã transfigurada* – 1982 – Mercado Aberto
- *As virtudes da casa* – 1985 – Mercado Aberto
- *O homem amoroso* – 1986 – Mercado Aberto
- *Cães da província* – 1987 – Mercado Aberto
- *Perversas famílias* – 1992 – Mercado Aberto
- *Pedras da memória* – 1993 – Mercado Aberto
- *Os senhores do Século* – 1994 – Mercado Aberto

Porto Alegre, *Jornal Folha 3*, Ano II, nº22 . out.1997

ASSIS BRASIL

Entrevista a Juarez Fonseca e Luis Augusto Fischer.

Difícil imaginar um escritor com um perfil tão identificado com a Feira do livro de Porto Alegre quanto Luiz Antonio de Assis Brasil, o patrono desta 43ª edição. Filho da Capital, 52 anos, Assis e seu primeiro livro chegaram à Feira em 1986. De lá para cá, ele se tornou um dos mais lidos e reverenciados escritores gaúchos e uma personalidade cultural em sentido amplo: foi violoncelista da Ospa, coordenou o grupo que criou o Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre, foi diretor do Instituto Estadual do Livro, foi subsecretário de Cultura do Estado e, integrando o Conselho Estadual de Cultura, um dos responsáveis pelo tombamento do Hotel Majestic.

É professor da PUC e o criador da já famosa Oficina de Criação Literária dessa universidade. Tem o Rio grande do Sul como cenário primordial de seus romances, presente na maioria dos 14 títulos – três (!!!) deles lançados este ano. A condição de patrono da feira não o livra do trabalho duro: hoje ele dá uma entrevista coletiva, amanhã haverá um painel sobre sua obra, na quarta-feira autografará dois livros (*Concerto campestre* e *Breviário das Terras do Brasil*), e, no dia 14, debaterá com o público. Muito? Ele tira de letra. Ontem, depois de autografar Anais da província-Boi, foi prestigiar a fila de autógrafos de *O Livro das Generosidades*. Escrito por quem? Por sua mulher, Valesca de Assis.

Entre uma aula e outra na PUC, entre uma linha e outra do discurso que alinhavava para a abertura da Feira do Livro, Assis Brasil recebe o ABC Domingo.

“Não quero escrever para meia-dúzia”

ABC – O senhor nasceu em Porto Alegre, mas viveu até os 12 anos em Estrela. Para sua formação, o que significou ter passado a infância em uma cidade pequena?

Assis Brasil – *Não só em uma cidade pequena como em uma cidade de colonização germânica. Para mim foi muito importante, porque é uma visão de mundo bastante peculiar no sentido de hábitos regulares, de respeito à propriedade e à lei, de educação – já naquela época, Estrela era uma das cidades mais alfabetizadas do país e também a cidade com o menor índice de criminalidade. O contato com a cultura teuro-brasileira me marcou profundamente.*

ABC- Foi um contato íntimo com o que o Fischer chama de “alma alemoa”...

Assis – Mais ou menos isso. Meu pai era veterinário, funcionário da Secretaria da Agricultura, e a gente entrava naquelas bibocas medonhas. Lá eu vi, pela primeira vez, o respeito ao livro. Os colonos evangélicos sempre tinham a

Bíblia, e a traziam com aquelas mãos grossas, as unhas pretas. Era algo quase surrealista, naquelas casas muito modestas, mas limpiíssimas, organizadíssimas, as janelas com cortininhas, tolhas de mesa bordadas – e no canto sempre uma avozinha fazendo tricô.

ABC – E o cheiro do pão...

Assis – Sim, sempre o cheiro de pão. Essa vivência foi muito importante. Já em Porto Alegre, estudei alemão no Instituto Goethe – que mais tarde me convidou para passar uma temporada na Alemanha. Ainda vou com frequência, tenho lá conhecidos que prezo muito. Também casei com uma mulher de origem alemã. E todos os domingos participo, na Bandeirantes, de um programa de cultura alemã. Agora estou fazendo uma série sobre música.

ABC – Desnecessário perguntar se a música alemã é a sua predileta.

Assis – É na música alemã que encontro o que mais corresponde àquilo que preciso de música. Só abro exceção para alguns italianos barrocos. Não gosto de ópera italiana, mas a ópera de Mozart me agrada muito. Tenho mesmo uma ligação intensa com a cultura alemã. Em Estrela, no grupo escolar, o professor dava aula em português, mas meus colegas falavam o dialeto e eu falava também – acho isso incrível, pois afinal sou um luso-brasileiro.

ABC – Uma pergunta considerando o propalado Gênio criador alemão – aquela marca romântica forte, do sujeito que carrega uma tempestade na alma. Isso lhe diz alguma coisa. Por um lado, e, por outro, contradiz sua proverbial noção de método e de composição?

Assis – O alemão é paradoxal. Por um lado, foi o criador do “Sturm und Drang” (tempestade e paixão), mas por outro lado existe Kant. E ambos são fascinantes. A disciplina, o método, têm um Hegel, um Kant, mas em contraposição há um Goethe, um Schiller.

ABC – o senhor fala agora em disciplina. Destacou antes o respeito à lei e a regularidade da cidade de Estrela. Foi o gosto pelas coisas ordenadas que o levou a experimentar o Exército? O senhor passou um bom período no Exército, não é mesmo?

Assis –h, sim, foram quase quatro anos. Comecei o serviço militar no CPOR, em 1965, e prolonguei um pouco mais porque havia uma contingência especial, eu estava fazendo o curso de Direito e era um maneira de pagar os estudos. Mas fazia um trabalho que nem sei se pode ser considerado propriamente militar, era secretário do Estabelecimento do material de Intendências, redigia ofícios e essas coisas burocráticas.

ABC- Falamos de uma época braba, o início da ditadura. Qual sua memória crítica do período?

Assis – Onde eu estava, no exército, nada acontecia perto dos meus olhos. Mas eu era muito jovem e, de fato, por uma questão pessoal, por ter até certo momento frequentado ambientes intelectualmente limitados, minha consciência política foi surgindo de uma maneira lenta. Agora, eu prefiro isso do que os que

fazem o contrário. Porque agora a moda é essa, os caras eram esquerdistas e de repente estão todos neoliberais.

“Ando meio indignado com a literatura que não diz nada que se diverte em fazer coisas inócuas”

ABC- O senhor também integrou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Fale sobre a experiência.

Assis – Foi importante, por vários motivos. Em primeiro lugar, pela consciência de que, em uma orquestra, o músico é um executante no sentido mesmo do termo. A emoção e a paixão são do maestro. Por outro lado, enquanto experiência social. Vive-se um ambiente bastante neurótico, porque é um pequeno grupo, no qual há muita competição em torno de postos. Postos significam salários maiores, e a partir daí se estabelece uma hierarquia grande dentro da orquestra. E eu peguei esse clima ainda por cima durante a ditadura, quando havia enorme verticalização do poder.

ABC – O maestro Pablo Komlós era autoritário?

Assis – Muito. Também atrasavam-se os salários e o tesoureiro costumava dizer que “músico toca melhor com fome”. Era um absurdo. A verticalização do poder ia aos extremos: se a pessoa passava a integrar alguma comissão para reivindicar coisas, era candidata certa a sair da orquestra.

ABC – Qual sua opinião sobre a Ospa hoje?

Assis – Acho que está bem. Seu melhor período foi no início da década de 70, mas é uma boa orquestra.

ABC – No desenho evolutivo que o senhor fez sua conscientização política é interessante a imagem de transitar de uma posição menos comprometida, para uma mais esclarecida. Olhando para esse trajeto do ponto de vista do criador de literatura, isso corresponderia a uma atenção maior à dinâmica da sociedade, às demandas políticas?

Assis – Sem dúvida. Eu me sinto muito mais sensível ao que acontece a minha volta. E do ponto de vista da sociedade entra até a questão de qual o papel da literatura. Ando, por exemplo, meio indignado com a literatura que não diz nada, que se diverte em fazer intertextualidades inócuas, fragmentadas sem explicação. Isso que alguns chamam de pós-modernismo, mas que na verdade é um neo- parnasianismo, me deixa bastante chateado. Acho que o princípio da solidariedade humana e social está muito ausente do mundo contemporâneo e a literatura não tem o direito de colaborar com isso.

ABC- Essa questão corresponderia a uma nova forma do antigo debate sobre o compromisso do artista?

Assis – Sim, só que esse compromisso de que falo tem uma dimensão maior, é o compromisso da solidariedade – essa é a palavra chave. A solidariedade humana, não só a solidariedade social.

ABC – Quem, entre os escritores brasileiros se encaixa nessa vertente compromissada que o senhor defende?

Assis – Há vários. Se pensarmos no Rio Grande do Sul temos Sérgio Faraco, por exemplo, que faz uma literatura solidária, de solidariedade humana, aquela coisa de reconhecer o outro como um igual. Não quero fazer uma lista, acho que a maioria dos escritores está dentro dessa linha. Mas é que vejo, por vezes muito prestigiado por uma certa crítica, um tipo de narrativa absolutamente estéril.

ABC – Por exemplo.

Assis – Não quero falar mal... Bom, tudo bem: acho que na literatura que João Gilberto Noll fazia antes, como em *O Cego* e *a Dançarina* e *A Fúria do Corpo*, estava muito forte a solidariedade humana. E eu sinto que ele tenha depois deixado isso de lado, embora seja um ótimo escritor.

ABC – O senhor é conhecido por freqüentar o tema histórico, seus enredos se passam no passado. Diante disso, essa idéia da solidariedade, essa espécie de compromisso do escritor, seria suficiente para fazê-lo dedicar-se a um romance sobre um drama contemporâneo, uma questão emergente, um ângulo não focado do mundo atual?

Assis – Isso pode perfeitamente acontecer, só não sei se tenho vocação para tal. O que eu posso, digamos assim, é tentar colaborar com minha literatura para um melhor conhecimento da nossa identidade. Os conflitos humanos e os conflitos sociais são permanentes, podem mudar em uma certa roupagem, apenas. Então, no que diz respeito à realidade contemporânea, prefiro mais agir nas minhas aulas, em artigos, em eventuais ensaios. Meus romances são outra coisa. Não sei se trabalhasse a questão contemporânea ficcionalmente conseguiria um resultado estético melhor que o que tenho conseguido.

ABC- Há uma questão parecida na sua obra e na de Moacyr Scliar. A seguir: os romancistas dos anos 30 a 50. Erico, Graciliano, Jorge Amado etc, tiveram uma obra, ou duas, que foram marcantes, decisivas, e acabaram sendo uma espécie de carro-chefe e em boa medida motivo da permanência deles. O senhor localiza isso em sua obra? Tem a sua marca-registrada, ou ela não veio ainda?

Assis – É uma pergunta que nunca me fiz. Não sei, acho que essa é uma coisa que o futuro deverá dizer.

ABC- *Videira de Cristal* não é o seu livro mais conhecido? Quantos exemplares já vendeu?

Assis- Sim, é o mais vendido, uns 25 mil exemplares. Mas estou certo de que cerca de 70% dessa vendagem é por razões extra-literárias, gente que apenas quer ler sobre a história dos Mückers.

ABC- Em 1988, quando saiu o número da série Autores Gaúchos, do Instituto Estadual do Livro (IEL), dedicado à sua obra, o senhor estava escrevendo os capítulos do folhetim *Breviário das Terras do Brasil*, agora reunidos em livro. Na época, o senhor disse o seguinte, sobre sua literatura: “Eu andei muito equivocado, acho que trabalhei demais o regional”.

Assis (rindo)- Pois é, é um comentário de dez anos... Eu estava muito imbuído de um espírito nacional, achando que era esse o melhor caminho para um escritor provinciano, ou provincial – trabalhar um tema nacional. É pensei que a partir daí eu iria tratar temas “nacionais”. Mas depois a sedução do tema regional foi maior. Com todos os riscos que isso implica.

ABC- Ao escrever, o senhor pensa em seu leitor, tem algum desenho dele? O Nelson Rodrigues imaginava “uma senhora gorda comendo pipoca”.

Assis – Penso no leitor no seguinte sentido: tenho que escrever algo que entenda. Sem perder a qualidade estética, escrever uma obra que não lhe cause tropeços, na qual ele possa entrar. E possa então: se inquietar, questionar, discutir. Mas a partir de um texto compreensível.

ABC – Não lhe ocorre botar uma pedra no caminho do leitor?

Assis - Já fiz isso. Em *Um castelo no pampa*, há intersecção de tempos e de espaços e tudo mais. Fiz quase a título de experiência, mas depois voltei à forma linear, achei que era melhor. Tive alguns problemas de entendimento da obra, que talvez tenha perdido um pouco em função disso. O Erico teve uma coisa assim: escreveu Clarissa. Acho que de repente o escritor para e se pergunta: para quem estou escrevendo? Quero ser bastante lido ou quero fazer um negócio para meia-dúzia?

ABC – Erico dizia: “Não sou um escritor de escritores, sou um contador de histórias”.

Assis – Sim, um contador de histórias.

ABC – Como o senhor começou a escrever?

Assis – Aconteceu quase por acidente. Eu tinha alguns textos de ficção, e uns ensaiozinhos, que cheguei a publicar no Caderno de Sábado do Correio do Povo. Estava interessado em escrever bem, mas não tinha clara a coisa de ser

escritor. Até que comecei a escrever uma história, o diário de um médico que veio com os povoadores açorianos. Ficou pronto, e eu achei que era muito ruim – como continuo achando. Mas minha mulher me disse: “Tem alguma qualidade, acho que tens que publicar, leva pro IEL”.

ABC- Resumindo: o senhor seguiu o conselho e o IEL aprovou os originais de Um Quarto em Léngua em Quadro, primeira incursão da literatura gaúcha no universo do imigrante açoriano, publicado em co-edição com a Editora Movimento em 1976. E depois?

Assis – Publiquei um artigo sobre a Revolução Farroupilha, dizendo ter sido um movimento de elite e tal – era uma novidade, então, alguém dizer isso. Aí, me perguntaram: “Porque você não escreve um romance sobre esse assunto?”. Em princípio, achei que não tinha mais nada a escrever depois daquele primeiro livro. Mas o tema foi crescendo e dei início ao segundo. E depois, tem um detalhe: *Um quarto de léngua em quadro* foi adotado em escolas, por razões extra-literárias – os professores de História pediam que os alunos o lessem por tratar do povoamento açoriano. (Nota: em 1976, estavam no auge as comemorações do *Biênio da Colonização e Imigração no Estado*)

ABC – E a boa vendagem do primeiro livro estimulou o editor Carlos Appel, da Movimentos, a publicar em 1978 o segundo, *A prole do corvo, ambientado na Guerra dos Farrapos*. Mas vamos retomar aquela questão do nacional, que ficou lá para trás. Dos gaúchos, Erico é conhecido, Scliar tem uma certa influência e o senhor, assim como Josué Guimarães, têm mas ainda muito pequena. A que se deve esse fechamento na província?

Assis – *É uma coisa natural. Em primeiro lugar, quero dizer que isso já me preocupou, não preocupa mais. Prefiro gastar meus neurônios para tentar escrever melhor. Por quê? Porque o nacional é apenas um fragmento da língua portuguesa. Acho que o limite deve ser a língua portuguesa, e então fica a seguinte questão: porque o nacional e não a língua portuguesa? E mesmo o limite nacional é um limite pequeno. Por outro lado, nossa questão cultural é muito forte e não se restringe à literatura, como sabemos.*

ABC- Está na música, na economia, na política. Talvez já não esteja no futebol.

Assis - Como não? E as narrações esportivas? Minha mulher, que entende de futebol, fica indignada com as narrações dos locutores do rio e de São Paulo. Eles dizem que “o internacional conseguiu” tal coisa, e que “o Grêmio conseguiu” não sei o que, e os times de lá tem o direito espontâneo e natural de ganhar. Aliás, o Décio Freitas já escreveu um artigo sobre esse tema, mostrando que a coisa apareceu de maneira muito evidente depois da revolução de 1930. E esse é um dado que devemos levar em consideração, também. Existe um clichê em relação ao Rio Grande do Sul. No caso da literatura, esse clichê diz que ela é regionalista.

ABC- Não temos culpa nisso?

Assis – Em parte temos, pois já fizemos muita má literatura regionalista. Agora, temos um nome como Simões Lopes, um autor universal...

ABC- Que não está no cânone brasileiro.

Assis – Não está,. Mas existe, também um certo ufanismo de nossa parte. Um ufanismo que muitas vezes toma contornos ridículos.

“Sempre estivemos atrás nos movimentos de renovação estética. E a temática regional realmente é obsessiva”

ABC – Quando o senhor se refere a “nós”, está situando junto a literatura gaúcha platina, Martin Fierro e etc?

Assis – Sem dúvida. Mas vamos pensar no nosso caso específico: o rio Grande não seria o que sem Erico Veríssimo e sem O Tempo e o vento. Somos gaúchos porque há uma literatura dizendo isso. Os elementos culturais são muito dispersos, voláteis. A literatura é que fixa esses elementos.

ABC – Mas no rio Grande do Sul essa fixação não é particularmente obsessiva, no sentido de ser sempre um retorno aos episódios da história, ao passo que em outros lugares a literatura se soltou mais rapidamente para os temas contemporâneos?

Assis – Inegavelmente. Sempre estivemos muito atrás nos movimentos de renovação Obsessiva reconheço. Talvez por essa nossa juventude ela seja tão compulsivamente empenhada em criar uma cultura regional indetificadora. O Nordeste, por exemplo, nos leva dois séculos de vantagem. Quando por aqui pisou o primeiro europeu colonizador, o mosteiro de São Bento, na Bahia, já tinha 200 anos, era quase uma ruína. Tinha a idade que tem hoje a igreja de Viamão. Não é incrível? Não podemos ter uma cultura entranhada, como tem o Nordeste.

ABC- O Rio Grande do Sul como um todo, cultural, econômico, político, funciona um passo atrás do resto do país, ou o Brasil deveria prestar mais atenção ao Rio Grande do sul? O que o estado teria a acrescentar à contemporaneidade brasileira?

Assis – Nós perdemos prestígio, inegavelmente. Por exemplo, os nossos métodos e o processo de produção são ainda antigos, especialmente no campo isso é verdade.

ABC- Na metade Sul, bem entendido.

Assis – Sim, mais uma vez, viu?, o preconceito. Quando se fala em Rio Grande se pensa na metade Sul, que é quem acaba representado o estado, uma coisa meio estranha, mas ainda é a vitrine, a imagem, até nos folhetos turísticos. Nos últimos tempos, as regiões de colonização estão aparecendo mais, meio artificialmente, com seu folclore *fake* feito para atrair turistas. O Rio Grande tem ainda a história de celeiro – que agora é um celeiro vazio. Esse problema se

articula com a idéia do preconceito que há em relação ao rio Grande por todos os lados. E temos a responsabilidade por grande parte do que está acontecendo, seja na literatura, seja na economia, seja na política. Na política, pelo menos, temos uma coisa que nos marca positivamente, que é a probidade.

ABC- Mas o Estado perdeu um tipo de ousadia que tinha.

Assis - *De ousadia e de agressividade. Por exemplo, temos um povoamento açoriano muito mais extenso e intenso do que Santa Catarina. No entanto, a agressividade cultural de Santa Catarina, nesse sentido, é uma coisa espantosa. Aí se vê como somos tímidos, como temos vergonha das nossas coisas. É uma vergonha paradoxal, curiosa, pois nos consideramos bons, legais, mas dentro dos nossos domínios. Lá fora, não sabemos.*

Bibliografia

Um quarto de légua em quadro (Movimento/IEL, 1976)
 A prole do Corvo (Movimento/ IEL, 1978)
 Bacia das almas (L&PM, 1981)
 Manhã transfigurada (L&PM, 1982)
 As virtudes da casa (mercado Aberto, 1985)
 O homem Amoroso (mercado Aberto, 1986)
 Cães da província (mercado Aberto, 1987)
 Videiras de cristal (mercado aberto, 1990)
 Um castelo no pampa- Perversas famílias (Mercado Aberto, 1992)
 Um castelo no pampa- Pedra da memória (Mercado Aberto, 1993)
 Um castelo no Pampa – Os senhores do século (Mercado Aberto, 1994)
 Concerto campestre (L\$PM, 1997)
 Anais da província-Boi (mercado Aberto, 1997)
 Breviário das Terras do Brasil (L&PM, 1997)

São Leopoldo, ABC, 2.nov.1997

O MATEMÁTICO DAS PALAVRAS

Entrevista a Silvano Mariani

O patrono da 43ª Feira do Livro é um humanista. Acredita no Homem, na História, na formação do indivíduo pela cultura literária ou científica. Da paixão por livros – alimentada com Eça de Queróz, Machado de Assis, Flaubert, Sthendal e outros clássicos –, Luiz Antonio de Assis Brasil desenvolveu o senso estético e a noção cartesiana necessários para escrever os 12 romances já publicados. Tornou-se o escritor de maior produção no estado. Para ele, é o resultado lógico de trabalho metódico, perseverante e tenaz. “É matemática”, diz em tom de crítica aos autores que “Criam mitos em torno de si” para descrever o processo criativo. Entre uma aula e outra na Oficina de Criação Literária que coordena na PUC, Assis Brasil conversou com o Adverso. Conheça um pouco desse senhor que adora estudar o passado para compor narrativas que esmiúçam o imaginário sul-rio-grandense.

Adverso – A utilização de elementos regionais é muito presente nos seus livros. Esse regionalismo não tem impedido que sua produção literária extrapole as fronteiras do estado?

Luis A. De Assis Brasil – Não se trata de regionalismo, que é uma visão fechada em si mesma, uma visão imanente da realidade cultural que não ultrapassa os parâmetros da cultura em que está inserida. O regionalismo não questiona, apenas reproduz, e quase sempre é dotado de pouco conteúdo estético. No meu caso, posso utilizar elementos da cultura regional com a intenção de realizar uma obra universal. Tolstoi já dizia que se tu queres ser universal, ponta a tua aldeia. É possível escrever uma obra universal utilizando elementos regionais. Eu os utilizo porque são da minha realidade, não vou utilizar elementos do nordeste ou de Marte. Pretendo com isso, não sei se consigo, alcançar uma dimensão universal que ultrapasse o pobre, tacanho e imanente regionalismo como tanta má literatura já produziu.

Adverso – Que escritores marcaram a formação do leitor Assis Brasil?

Assis Brasil – Eu tive uma formação muito ligada aos autores clássicos. Até porque estudei no Colégio Anchieta, que dava uma ênfase muito acentuada nesses autores. Estou falando em Machado de Assis, Eça de Queiroz, Flaubert, Balzac. Enfim, tive uma formação basicamente clássica, com pouca literatura contemporânea.

Adverso – Não citaste nenhum gaúcho. Nenhum escritor do rio Grande o influenciou?

Assis Brasil – Talvez pela utilização em busca de elementos da realidade regional para escrever uma transcende ao regional sem dúvida Erico Verissimo teve uma importância fundamental. E isso para toda a minha geração. Não só do

ponto de vista literário mas, e fundamentalmente, pela atitude do escritor. Porque o Erico foi o primeiro escritor profissional do nosso Estado.

Adverso – Há certa semelhança entre a sua obra e a de Erico pela utilização de elementos regional e da própria História para compor a narrativa. No quesito engajamento político: o senhor tem essa preocupação?

Assis Brasil - É evidente que há uma aproximação com relação ao Erico porque nós temos só um passado no RS. Tanto o Erico como eu trabalhamos com o passado. Isso na maioria das minhas obras, não na totalidade. Só que a minha visão é radicalmente contrária à do Erico, e isso caberá aos críticos dizerem...

Adverso – Não poderias adiantar qual é a diferença?

Assis Brasil – O autor é o menos indicado para julgar sua própria obra. No entanto, eu percebo na minha obra uma visão crítica muito acentuada com relação ao passado. Eu vejo esse passado com os pés nos dias de hoje, não me transporto, penso e reflito sobre o passado. Com relação ao engajamento político, toda a obra é política. Porque ela envolve a sociedade humana, os dramas do ser humano. Mesmo os dramas íntimos são determinados pelo social e todo social acaba sendo político. Por isso toda obra é política.

Adverso – O senhor já disse que o ato de escrever é uma forma de exorcizar fantasmas. É uma espécie de psicanálise?

Assis Brasil – A obra pode ter esse caráter psicanalítico mas o fundamental é o conteúdo estético. Se ela serve para exorcizar, tudo bem, mas tem que ser feito como literatura, com arte literária. O que importa sempre, em primeiro lugar, é a estética.

Adverso – Essa noção estética pode ser apreendida? É possível ensinar alguém a escrever e a tornar-se um escritor?

Assis Brasil – eu pergunto se é possível ensinar alguém a ser pintor, a ser escultor, a ser bailarino, a ser músico? No entanto, as academias existem secularmente. Eu diria que nós trabalhamos com pessoas que tem talento para a literatura e isso é indispensável e insubstituível. Então o que se faz é trabalhar o conteúdo estético porque toda arte tem uma técnica. O que fazemos é trabalhar esse talento para que possa ser desenvolvido da maneira mais rápida possível. Quem tem talento possivelmente iria chegar às mesmas conclusões passando ou não por uma oficina. Só que, passando, o sujeito tem condições de abreviar suas conquistas técnicas.

Adverso – Há uma receita para isso?

Assis Brasil – É preciso ter talento e disciplina, muita leitura, muita informação genérica e principalmente saber ouvir os outros, colher opiniões. Só que para ouvir a opinião de outros é preciso duas condições: que esse outro seja

uma pessoa competente do ponto de vista técnico literário e, segundo lugar, que seja sincera. Jamais publiquei sem passar meus textos por pelo menos quatro pessoas para colher opiniões. Não é nem humildade, mas uma questão de inteligência ouvir os outros.

Adverso- O escritor Assis Brasil é disciplinado?

Assis Brasil – Sem dúvida. Sou muito disciplinado e não vejo outra maneira de fazer um trabalho produtivo. Trabalho diariamente, organizo meu material, faço uma síntese do romance que vou escrever, divido em capítulos, em cenas, tudo previamente para não ocorrer surpresas no decorrer da escrita. E para que a escrita se realiza com a maior eficiência possível no menor tempo possível.

Adverso – A quê se deve o fato de o senhor ser o mais produtivo escritor do Estado? A essa disciplina?

Assis Brasil - Olha, acho que à disciplina.

Adverso – Mas há a crença da inspiração instantânea, uma idéia um pouco medieval da explosão da criatividade...

Assis Brasil - *É, existem escritores que alimentam esse mito propagando essa inverdade. E sabem que isso não é assim. Muitas vezes um escritor tem a tendência de criar mitos em torno de si mesmo. Eu faço questão de desfazer os mitos. Minha produção é fruto de trabalho perseverante, diário, constante, permanente, sem férias, sem final de semana. Disso acaba resultando essa produção. É matemática.*

Adverso – E isso é rentável? Dá para viver de direitos autorais?

Assis Brasil - De direitos autorais, não. De literatura já é um pouco diferente porque viver de literatura engloba direitos autorais e outras coisas como vender os direitos de um livro para fazer um filme ou uma peça de teatro, uma série ou novela de TV, ou então fazer conferências, dar pareceres para editoras. É possível viver de literatura desde que se trabalhe muito, quase 24 horas por dia.

“Para ser um bom escritor é preciso ter talento, disciplina, muita leitura, muita informação genérica e saber ouvir”

Adverso- Qual é a sensação em ser o patrono da Feira do livro?

Assis Brasil – Encaro com naturalidade porque não recebo isso como uma homenagem a mim ou à minha obra mas como uma homenagem à literatura do rio Grande. É um momento do ano em que o escritor gaúcho é lembrado, é prestigiado, é acarinhado e as suas obras circulam mais. Felizmente, percebe-se que o público prestigia os nossos autores. Ser patrono da feira significa simbolizar

essa literatura que é muito forte, muito variada e que atende às diversas preferências do público leitor. É uma homenagem que recebo muito honrado em nome de todos os meus colegas.

Adverso – Nosso Estado tem boa tradição de valorizar a literatura local?

Assis Brasil - Sem dúvida, e nós temos aqui a única literatura adjetivada do país. É a “literatura gaúcha”.

Adverso- Por que?

Assis Brasil - *Porque temos forte identidade cultural que nos distingue relativamente ao restante do país. Por uma história de conquistas, formadora dos limites regionais do país e também por características culturais em geral. Isso faz com que tenhamos uma literatura significativa dessa cultura, embora tenhamos uma literatura muito jovem. Talvez seja a mais jovem do mundo, porque ela começou há um século e meio. Quando aqui pisou o primeiro europeu com uma intenção colonizadora, o mosteiro de São Bento, na Bahia, já era velho de dois séculos. Nós somos muito jovens. Então a literatura do RS é um agente formador de uma cultura. Se nós temos uma cultura rio-grandense é porque temos uma literatura que fixa essa cultura. Nós não poderíamos entender o RS e a sua identidade cultural, por exemplo, Sem O Tempo e o Vento.*

Adverso- Nossa literatura reforça o mito do gaúcho? Existe de fato o gaúcho?

Assis Brasil - Nós temos que pensar primeiro: que gaúcho? Nós temos desde o colono que planta no seu minifúndio até o peão de estância. E são seres completamente distintos. Existe, sim, um gaúcho regional que pertence à metade sul do rio Grande do Sul, Argentina, sul do Paraguai e Uruguai. Aí temos um gaúcho sem dúvida e temos uma literatura que expressa esse universo.

Adverso – Nos identificamos mais com essa região do prata do que com o nordeste brasileiro?

Assis Brasil- Culturalmente, sim.

Adverso – para finalizar, aquele tema óbvio: sua opinião sobre Internet, fim da leitura, livro eletrônico.

Assis Brasil – Não acredito que a Internet interfira no hábito da leitura porque no passado não existia a rede e as pessoas que não liam faziam outra coisa. Não iam para a Internet. Se falássemos numa sala de aula há trinta anos atrás, nós iríamos ver que tínhamos na sala três ou quatro alunos que liam. Hoje, temos três ou quatro alunos que lêem. Só que naquele tempo os que não liam jogavam bola, faziam outras coisas. Por outro lado, acho que a Internet é um fator decisivo de transformação cultural e é possível que o livro se transforme. O que

não se transforma no ser humano é o instinto narrador, aquela coisa de um contar e o outro ouvir.

Porto Alegre, Adverso, 1997

O MAESTRO DAS PALAVRAS

“Quero água mineral com gás deixa a boca feliz”. Fala Luiz Antonio de Assis Brasil com voz, olhar e mãos xxx. O escritor passou a infância e parte da adolescência em Estrela. “Na infância era muito protegido, não podia sair muito. Ficava em casa lendo, eu tinha uma madrinha que me dava muitos livros. Aos 11 anos participou de um concurso literário. “Fui. o último entregar a redação xxx com vergonha da professora, já passava do meio-dia. Ganhou o concurso. Resolvi encerrar minha carreira aos 11 anos, já havia alcançado o auge”, conta sorridente.

Luiz Antonio formou-se em música e direito, foi violoncelista da Ospa e agora dá aulas num curso de pós-graduação em letras na PUC, coordena uma Oficina de Literatura e é pai de um conjunto de obras que tem como cenário o Rio Grande do Sul. Manhã transfigurada, O homem amoroso. Bacia das almas, Cães da província, Virtudes da Casa, Videiras de cristal, Um castelo no pampa... são os títulos dos seus principais livros. Assis Brasil participou da feira do xxx Alberto Torres no dia de ontem e concedeu uma entrevista ao jornal o Informativo.

Jornal O Informativo – Inevitável a comparação entre “Um Castelo no pampa” e a saga “O Tempo e o Vento” de Érico Veríssimo. Da onde vai a semelhança nessas obras?

Assis Brasil – *Um Castelo no pampa trata da aristocracia pecuária do sul do rio Grande do Sul, região do xxx e de uma riqueza declarada desse tipo de profissão. Essa região nunca foi explorada literariamente, O XXX tratou da zona do plantio, que tem outra realidade sócio-econômica, historicamente a visão social é completamente diferente. A única coisa que aproxima é o Rio Grande do Sul. Eu não poderia escrever sobre o Maranhão, sobre o Amazonas... eu sou um escritor daqui.*

Jl- O romance Um castelo no pampa tem possibilidade de sofrer alguma adaptação para o cinema ou televisão?

AB – *O que está pensado para filme, na verdade, não é propriamente a série Um Castelo de Cristal. Eu tenho um contrato assinado com Luiz Carlos Barreto, que tem vigor até setembro. Mas sabe como é, cinema depende de muitos fatores, eu não tenho muita segurança. Não posso dizer com absoluta certeza como vai acontecer, embora eu tenha uma certa expectativa em relação a isso. Vamos ver o que acontece. Enquanto a série Um castelo no pampa, que eu não chamo de trilogia, pois eu queria publicar ela como um romance só, mas aí, seria um romance de mais de mil páginas, então o editor achou que não dava, do ponto de vista editorial e de negócios. Em função disso ficou dividido em três, mas no fundo é um livro só.*

Jl- E sobre a construção dos seus personagens. Todos eles têm personalidades bem definidas, são densos e complexos. De onde vem tudo isso?

AB- Isso vem com o tempo. Com o passar dos anos essas coisas ficam..., não digo mais fáceis... a gente negocia melhor com o passado e com as personagens. Uma coisa, absolutamente fundamental, que eu preso sempre, e trato com meus alunos da oficina literária é que não se deve copiar uma personagem da vida real. Temos que criar as personagens. Quando fazemos uma pessoa real se tornar uma personagem, nós sofremos o risco de ser muito sintéticos, muito econômicos, a gente descreve pouco, dá poucas características, achando que a gente já disse tudo e na verdade muitas vezes a gente não disse nada. Criando o personagem a gente tem que escrever de uma maneira to completa que acaba se convencendo da existência dessa pessoa e acaba convencendo também o leitor. Existe uma coisa na narrativa que é a relação de causa e efeito. Tudo que existe na narrativa, qualquer episódio tem que estar justificado anteriormente, tem que haver uma lógica na sucessão dos fatos. Se a personagem morra de tuberculose no décimo capítulo, ela tem que tossir um pouquinho no sétimo e é isso que faz que uma personagem se torne convincente.

*“Não podemos entender a literatura como um espelho da vida.
A literatura tem sua própria realidade”.*

JI- O personagem principal de O homem amoroso era músico, e você também já foi. O livro é uma ficção biográfica?

AB – Acho que sim. Muita coisa ali, de fato, são coisas minhas, da minha experiência como músico da orquestra sinfônica durante vários anos. Existe numa orquestra, uma realidade que as pessoas não imaginam, acham que nela tudo é harmonioso, assim como a música é harmoniosa... tudo é perfeito. Tem que se pensar no seguinte: numa orquestra sinfônica são cem pessoas que tem que conviver durante anos. Existe uma disputa, que se reflete no salário. Se a gente pensar num naipe de violinos, por exemplo, onde temos uma porção de estantes – primeiras, segundas, terceiras... dependendo do tamanho da orquestra que tocam violinistas de dois a dois, existe uma hierarquia. Os da primeira estante ganham mais do que os da segunda, a segunda mais que a terceira e assim por diante. Isso vai significar, portanto, um desejo das pessoas crescerem dentro da orquestra, ocorrendo a comparação e muita neurose... Estamos lidando com pessoas muito especiais, pessoas que muitas vezes agem de uma forma “artística”. São pessoas que têm uma sensibilidade muito apurada, que facilmente se magoam. Não é um escritório de contabilistas, tudo é mais difícil, tudo é mais complicado e essa competição acaba gerando neuroses fortes. Conheço casos de músicos que tocam nas mesmas estantes, olham na mesma partitura e são inimigos. Hoje eu sou ouvinte, a música é muito exigente se não se estuda quatro ou cinco horas por dia, a gente vai tocando cada vez pior. O pianista Arthur Rubenstein dizia: “Se eu ficar dois dias sem estudar minha mulher percebe, se eu ficar três dias sem estudar, o crítico do jornal percebe”. É uma maldição que recai sobre o músico. É uma pessoa que tem que estar permanentemente estudando. Lentamente eu fui descobrindo que a literatura era uma forma melhor de expressão para mim, mesmo porque eu tocava numa orquestra, e nela o verdadeiro criador é o maestro. Eu queria criar e na música isso é complicado, na

literatura eu posso fazer o meu solo. Hoje eu ouço música, escrevo música, mas não toco.

JI- Como é o trabalho desenvolvido na sua Oficina de Literatura?

AB- *Há uma seleção prévia porque muitas pessoas querem participar, porém eu não consigo coordenar bem mais d que quinze pessoas. Dura dois anos e os alunos praticam duas coisas no primeiro semestre: o desbloqueamento, pois muitas acham que não sabem escrever, mas sabem e possuem algumas limitações extra-literárias, repressões e dificuldades. Através de exercícios se aprende técnicas de construção de texto, de descrição narrativa, diálogos, construção dos personagens. Toda arte tem uma técnica e a literatura também tem. No segundo semestre se volta mais para o conto, fizemos seminários com contos dos próprios alunos e no final se publica uma obra. Eu fiz uma pesquisa científica pegando 118 ex-oficineiros. Persistem 27 escrevendo. O problemas todo é o mercado.*

“Na vida não temos histórias completas, pegamos sempre as históricas no meio”

JI – Qual é o perfil de quem procura a oficina?

AB- *São os mais variados tipos de pessoas. Os que menos procuram são os estudantes de letras. Jornalistas e professores são os que têm um contingente maior, seguido de estudantes de jornalismo. Dos profissionais fora da área humanística, os médicos são os que mais procuram . Eu tenho em média três médicos em cada turma. A faixa etária também é variada, mas predominam os jovens. Eu não vou dizer que o fator decisivo é ser jovem, mas minha experiência tem mostrado que os jovens têm dado uma resposta bem melhor.*

JI- Como é seu processo criativo?

AB- *Pinta uma idéia, que não se sabe de onde vem, como um sonho. Aí tem que se dar limites para este sonho, tem que pensar nos personagens, no espaço, tempo, tem que dividir em capítulos, fazer um projeto. Eu preciso de um certo recolhimento, eu tenho um espaço não muito grande na minha casa, mas exclusivo. Gosto de sentir os ruídos da casa, ruídos familiares. Depois vem o trabalho braçal. Acordo muito cedo, às quatro e meia, tenhoo vantagem de não precisar de muitas horas de sono. Interrompo para fazer minha caminhada e depois escrevo até o meio-dia. À tarde dou aula. Trabalho de manhã.*

JI- O que você está escrevendo agora?

AB- *Eu tenho dois romances prontos. O primeiro deve sair no segundo semestre, e é o editor que vai decidir qual sai primeiro. Um se chama Concerto*

campestre e o outro Abreviários das Terras do Brasil, que é um romance brasileiro, não é um romance gaúcho. (ROT).

Lajeado, *Informativo do Vale*, 6.jun.1997.

“O HUMOR É A GRANDE NOVIDADE”

Quem entra no prédio 8 da PUC e sobe até o quarto andar, pode deparar-se com um dos maiores escritores do Rio Grande do Sul. Olhar de criança e curiosidade natural a um mestre da Literatura, Luiz Antonio de Assis Brasil, 52 anos, é apaixonado pela profissão de Professor: “O contato com os jovens e, para mim, necessário”, confessa o escritor. Simples e cortês, o Patrono da 43ª Feira do livro, acaba por quebrar a rigidez e a rotina de uma Universidade dirigida por padres.

CS Zona Sul – como escritor, qual é a sensação de ser Patrono da 43ª Feira do Livros?

Assis Brasil - Como ser humano, me sinto mais velho; como escritor, bom... me parece que todo o escritor do Rio Grande do sul, que tenha uma obra há pelo menos uns vinte anos, pode pensar que um dia isso venha a acontecer. Eu imaginava que pudesse acontecer, mas um pouco mais tarde. Estou muito contente e encaro como uma homenagem, não tanto a mim, mas à literatura do estado.

CS – O senhor está sendo o Patrono de uma feira que cresceu muito. Há uma perspectiva muito boa neste ano, tendo em vista que haverá um investimento maior a nível de divulgação, e se espera um público maior do Mercosul. O senhor tem uma idéia desse crescimento?

AB - Pelo que eu tenho de informações – nesse sentido a presidência da Câmara seria mais competente para dizer alguma coisa – será a maior feira até agora. É aquela que terá maior número de investimentos e é a que tem encontrado melhor receptividade perante patrocinadores e agências. Será uma feira bastante inovadora, até pela presença dos cartunistas do rio Grande do Sul, que vão dar a eição gráfica desta feira. A expectativa é muito boa, espera-se, ainda, o maior público de todos os tempos e haverá, sem dúvida, uma presença muito expressiva dos países co-irmãos, com lançamentos de autores e barracas do Mercosul.

CS- O senhor está lançando algum livro especialmente para esta feira?

AB- Sim. Mas vou lançar antes. Na feira devo fazer uma sessão de autógrafos. Eu tenho três livros novos para sair, um deles é “Concerto campestre”, trata-se de uma novela que se passa no século passado, na campanha do Rio Grande do Sul, uma história de amor. O outro é “Breviário das Terras do Brasil”, que é a reunião de um folhetim que eu publiquei no extinto Diário do Sul, em 1988, e tenho um livro que vai sair na coleção de bolso da Mercado Aberto que se chama “Anais da província Boi”, que é uma recolhida de vários casos de campanha, outros da cidade, todos eles com conteúdo humorpístico, talvez isso seja uma novidade dentro da minha obra. São esses três títulos que devem sair até a Feira do livro, com sessão de autógrafos na feira.

CS- O componente novo da sua obra é o cunho de humor que o senhor está dando a este livro?

AB - Isso. Não propriamente em todos, mas neste livro em especial, este último que eu falei “Anais da província Boi”. Província Boi é como chamava o rio grande do Sul no tempo do Império. Então, talvez, isso seja uma novidade. São casos que foram me contado no decorrer do tempo e eu fui anotando, de modo que, quando a Editora Mercado Aberto me pediu um texto pequeno para publicar, eu já tinha pronto o material.

CS – Essa sua última obra, tem alguma proximidade com o João Simões Lopes Neto, ou com os contos de Romualdo, ela sofreu alguma influência?

AB- Não propriamente, porque o rio Grande do Sul tem muito material e eu neste assunto não fico só em casos da campanha, acho até que eles são minoria. São casos que ocorrem também na cidade... que ocorrem em regiões até pouco exploradas pela nossa Literatura, mas é uma obra despretensiosa.

CS- Todo esse conjunto de obras que o senhor está lançando, enfoca questões históricas?

AB- Pois é, temos o Concerto campestre que não tem nada a ver com a história. Ele é passado no século anterior, mas não há personagens históricos, não há fatos históricos, é uma história de amor de personagens. E o Breviário das Terras do Brasil, talvez seja o meu primeiro livro não riograndense, aliás ele não tem nenhum momento que se passa aqui, ele é passado no Rio de Janeiro. Ele acontece no século XVIII e é uma história que envolve o julgamento pela inquisição de um índio das missões que era escultor e foi acusado de heresia, porque fazia os seus santos com feições indígenas. Em função disso, desencadeou-se todo um processo e, com isso, o livro discute as relações de poder no tempo do Brasil-Colônia e a presença da inquisição no solo brasileiro, que é uma coisa pouco trabalhada na Literatura.

E a inquisição teve um poder forte no Brasil?

AB- Teve, sem dúvida. Não tão forte quanto na Europa, como na Espanha, por exemplo. Mas de fato era muito presente, talvez, até como uma forma de manutenção do poder colonial.

CS- O senhor é conhecido por ser um escritor metódico, que levanta cedo para trabalhar. O senhor continua nesse mesmo ritmo?

AB- Sim. Cada vez acordo mais cedo. Qualquer dia vou começar a acordar no dia anterior (risos). A questão é a seguinte: é que não tenho sono, eu durmo muito pouco. Então isso faz com que eu possa acordar muito cedo, mas eu não escrevo somente. Agora com a Internet, mando email para os meus amigos e os horários estão ali: 4h20, 5horas da manhã é bom, porque nessa hora está todo mundo dormindo e a gente fica sozinho na Internet.

CS- Então o senhor tem um tempo maior para produzir?

AB- É, isso i me favorece, porque eu acordo muito bem disposto. Eu tenho possibilidade de trabalhar num horário muito silencioso. Há outros que gostam de trabalhar à noite, até madrugada e tal, mas eu não consigo. Nesse horário, eu mais leio ou vejo televisão, que gosto muito.

CS- E o senhor lê com mais tempo?

AB- Mais tempo. Curtindo mais, procurando descobrir técnicas que os autores usaram, procurando descobrir como é que foi feita a construção do personagem, como é que foi estruturado o tempo, o espaço..., essas coisas todas que fazem parte da técnica literária. Eu leio com bastante atenção, pois a gente está sempre crescendo ou melhor, tentando crescer.

CS- Aí talvez, entre esta condição de professor, que o senhor está vivendo?

AB- Exatamente. Muitos me falam, quando é que eu vou me aposentar? Não vou me aposentar nunca. E não vou porque esse contato com os alunos é muito importante para mim. Eu não poderia ser só escritor 24 horas por dia, não dá.

“A literatura gaúcha tem marca própria”.

CS- O senhor gosta dessa atividade?

AB- Eu gosto. Gosto muito de dar aulas, esse contato com jovens é muito importante e., eu diria assim, necessário.

CS- O que o senhor tem lido ultimamente? O que mais gosta de ler?

AB- Olha, até vou te dizer o seguinte: não leio muito romances, gosto de ler livros de História, Sociologia e Antropologia. Tenho, ultimamente, lido bastante clássicos. Os clássicos que, com o passar do tempo, a gente vai tendo, a visão do mundo, da vida. Então, esses mesmos clássicos se transformam, deixam de ser o que eram e ganham uma outra dimensão inesperada.

CS- O senhor iniciou aqui na PUC, apresentando um livro e defendendo um doutorado?

AB- Foi o livro “Cães da província”.

CS- A partir desse livro o senhor passou a fazer parte do corpo docente?

AB- Não. Eu já era professor de Direito, na verdade, eu me formei em Direito e dou aula dessa matéria desde 1975, então são 22 anos. Portanto , eu já dava aulas, quando então surgiu essa possibilidade, eu apresentei como trabalho de doutoramento, o romance “Cães da província”.

CS- *Era o primeiro livro do senhor?*

AB- Não. Eu já tinha uns cinco ou seis publicados.

CS- *E o pessoal gostou e convidou-o para ser professor de Literatura a partir desse livro?*

AB- Olha... sim e não, porque eu já dava aulas aqui. Isso foi o adquirível na titulação acadêmica, o título de doutor, mas eu já dava aulas.

CS- *Essa cadeira de que consiste a sua atividade aqui?*

AB - A minha atividade é a seguinte: eu dou aulas na oficina de criação literária e oriento dissertações mestráveis e teses de doutorado. No semestre passado eu dei uma disciplina do mestrado que foi um curso sobre o Alejo Carpentier.

CS- *E dessa oficina literária já saiu alguns autores?*

AB- Sim, claro. Os últimos ganhadores dos prêmios Açorianos de Literatura, saíram da oficina. Eu tenho um aluno que ganhou agora o prêmio da Radio France Internationale e recebi a notícia, semana passada de que um ex-aluno meu ganhou o 1º prêmio do concurso Felipe de Oliveira. Quem está acompanhando a cena literária do Rio Grande do Sul, já consegue reconhecer egressos da oficina aqui e ali, ganhando prêmios e publicando livros eventuais.

CS- *O que o senhor acha do momento atual da Literatura gaúcha?*

AB- está muito bom. A Literatura do rio grande do Sul está num dos seus melhores períodos e ela tem algo que a singulariza, é uma literatura que tem uma identidade, que tem um corpo de autores de obras muito significativo, muito próprio,

Porto Alegre, Zona Sul, 2ª Quinzena de julho/1997.

O PATRONO/ Luiz Antonio de Assis Brasil não admite a arte despedida de humanismo e presa à forma

LITERATURA, LUZ DA SOLIDARIEDADE

Entrevista a Renato Dalto

O ano de 1997 é marcante para Luiz Antonio de Assis Brasil, o patrono da feira deste ano. Ao lançar três livros quase simultaneamente – fato inédito em sua carreira- o escritor transita também por uma vertente diferente: o humos, com “Anais da Província do Boi”. Só não abre mão do conteúdo profundamente humano de toda e qualquer obra, criticando os jogos intertextuais que, muitas vezes, ficam presos na forma e vazios no conteúdo, numa espécie de revival da “arte pela arte” do parnasianismo.

GZMRS. O senhor falou, na abertura da feira, que a literatura é uma corrida de revezamento com 3 mil anos e que esta geração apenas carrega o bastão de sua época. A maioria dos seus livros, porém, acontecem em épocas passadas. Qual o bastão da contemporaneidade que sua obra carrega?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Eu pretendo colaborar para a impreensão de uma identidade cultural brasileira e mais especificamente do sul, tomando esse sul como propósito da humanidade. A literatura forma uma identidade que tem várias vertentes. Há uma forma visível muito própria que nos dá um sentido de diferença em relação a nacionalidade. Isso não nos torna melhores, mas nos mostra como uma região distinta.

Quais são essas diferenças?

Assis Brasil - Parece que nós temos um modo de encarar as coisas e a vida com um forte sentido de proibidade. É o que acontece até mesmo nas relações – que o Rio grande estabelece com o País. Um sentido de xxx na realização das obras que fazemos. E uma certa XXX, a qual não sei se é resultado de um tempo em que era Conselheiro do país e tínhamos interferência muito da política nacional. Mas é como apontar tudo. É algo que está mais ligado a sentir do que a racionalizar.

xxx da literatura gaúcha xxx aparece – Erico, Tabajara ruas, a sua obra é os outros escritores – dá uma idéia de que, nestas terras, apenas o romance histórico e baseado no passado sobrevive. Até que ponto isso é verdade?

Assis Brasil - A literatura de conteúdo regional- não regionalista- sempre foi muito forte no Rio Grande do Sul em função dessa identidade. As pessoas querem saber quem só, entender-se como parte de um passado importante, e a literatura serve para resgatar muito isso. Apesar de nós termos outras vertentes, uma literatura urbana de muito boa qualidade, temos humor, uma literatura

feminina, o prestígio maior é de uma literatura de sentido regional, inclusive a que transita pelo passado, aquilo que a gente falava antes da identidade cultural.

Um dos seus livros lançados este ano, “Anais da Província- Boi”, surpreende pelo humor justamente num momento em que o senhor sai de um mergulho em obras mais pesadas no sentido de pesquisa e trabalho (como a trilogia “Um castelo no pampa”). Este livro foi uma terapia de descanso?

Assis Brasil - Sem dúvida. As pessoas procuram muito os escritores para contar histórias e eu sou muito visado nesse sentido. Então, muitas delas me foram contadas e outras criadas. Mas gosto muito dessa coisa mais leve, desse humor gaúcho que é muito nosso, do causo, da galhofa.

Qual a sua opinião sobre o filão dos livros de auto-ajuda?

Assis Brasil- Pessoalmente não tenho nada contra. Eles correspondem a um momento, a uma necessidade das pessoas num mundo que se tornou, a partir de Descartes, bastante racionalista e dando pouca espaço à fantasia, à imaginação, ao pensamento intuitivo. Esses livros de auto-ajuda vão retomar uma ponta lá de antes do cartesianismo. Esse pensamento mágico era muito forte na Idade Média, nos séculos XVI e XVII com os alquimistas, até surgir o cartesianismo, que estancou tudo isso. Por isso a questão do pensamento mágico está retornando de forma bastante forte.

Mas houve, antes disso, a vertente literária do realismo mágico, que pode ser menos mística mas que também tem esse atrativo da magia?

Assis Brasil - São correntes independentes. O realismo mágico surgiu como um movimento estritamente literário. E essa questão do pensamento mágico está muito além da literatura, que é apenas uma das suas formas de expressão.

O que o senhor acha dos livros do Paulo Coelho?

Assis Brasil – Eu não tenho problema algum em relação aos livros dele. Não sei se ele tem pretensões de ser um escritor, um romancista. Acho que antes de mais nada ele pretende difundir suas idéias através de um texto narrativo. Não é a literatura que eu leio, mas vejo uma questão positiva. Ele deu um impulso na popularização do livro. Há mais pessoas lendo e isso é bom.

A condição de patrono não lhe coloca numa posição mais diplomática?

Assis Brasil - Não, é isso mesmo que eu penso em relação ao Paulo Coelho. Disse isso em outras ocasiões e afirmei que não é a literatura que eu leio, mas respeito quem lê e ele está preenchendo alguma necessidade desse leitor.

Há livros seus que estão sendo adaptados para o cinema?

Assis Brasil - Há dois livros alinhavados nesse sentido. Um deles é o “Videiras de cristal”, com o Luiz Carlos Barreto, e o “concerto Campestre”, com o Henrique de Freitas Lima. Esse eu já vendi os direitos autorais. Diz ele que será o próximo filme depois do “Lua de Outubro”.

Esta é a maior talvez a mais ousada Feira do livro e que suscita vários conceitos que lhe dão um ar de modernidade. A sua literatura trata de memória. E a memória da feira guarda um sentido mais paroquial que agora vai se transformando num megaevento com ares do ano 2000. como isso afeta o objetivo principal da feira, o livro?

Assis Brasil – Acho isso extremamente positivo. Acho que, se os eventos não tiverem essa dimensão não irão funcionar. As pessoas estão acostumadas a terem as coisas muito bem pensadas, planejadas, um evento profissional. percebo que a gestão do Júlio Zanotta Vieira é muito criativa.

Vivemos na época onde tudo é breve. O computador abreviou o tempo e o espaço da vida das pessoas e os valores mudam muito rápidos. A literatura fixa valores, conceitos, sobrevive há séculos dessa forma. Nesta época a literatura é uma espécie de sobrevivente que nada na piracema, contra a corrente?

Assis Brasil – É claro. As questões humanas, de um modo geral, têm essa função de preservar a solidariedade social, humana, e a literatura tem esse compromisso. Não pode abrir mão disso. Não pode ser um reflexo de um mundo. Ela tem que ser uma luz. Ela tem uma função mesmo que seja destruidora, blasfema e eventualmente trilhe esses caminhos da falta de parâmetros. A literatura precisa ser um elemento inquietante, perturbador para que se discutam os valores humanos. Nesse sentido é muito difícil para mim entender uma certa vertente da literatura contemporânea ligada a questões formais, o neo-parnasianismo . A intertextualidade, fragmentações e outras coisas mais, uma literatura que narra sem contar, com personagens de papel.

O que é esse neo-parnasianismo?

Assis Brasil - Ele tem elementos novos, como o pós-modernismo. Eu acho de neo-parnasianismo até no sentido irônico, da arte pela arte, onde os jogos intertextuais parece que são o fim de tudo. Falta carne. Falta a solidariedade humana, que é o mais importante de tudo.

Porto Alegre, Gazeta Mercantil, 2.nov.1997.

“ADAPTAÇÃO DE OBRAS PARA TV AJUDAM OS LIVROS”

Luiz Antonio de Assis Brasil lembra que depois de entrar em cartaz no cinema, “O Quatrilho” provocou um aumento na vendagem do livro em até dez vezes

Qual o objetivo da sua disciplina?

A disciplina História e Romance visa estabelecer as relações que existem entre a História e a Literatura, no seguinte sentido, a Literatura muitas vezes utiliza a história como matéria prima dos romances e isso mostra que existe uma relação muito próxima. Mas a literatura não só recria a história como também subverte, transforma e preenche os vazios da história na medida em que o historiador está sempre muito preso ao documento, ele não pode se afastar daquilo por ser uma ciência, mas a narrativa, a Literatura não ela pode preencher os vazios que a História tem com a imaginação, a fantasia, dando uma idéia até mais forte do período histórico do que muitas vezes a própria história. Para isso organizei o meu programa da seguinte forma. Estudamos nos dois primeiros dias os textos teóricos de pensadores que tratam do assunto e nos três dias subsequentes nós aplicamos essas teorias trabalhadas na obra de um autor latino americano, Alejo Carpentier, cubano já falecido, criador de “A Harpa e A Sombra”, “O Reino deste Mundo” e “O Recurso do Método”. Utilizamos esses romances como aplicação do assunto visto. Escolhi esse autor porque ele escreve romances históricos.

É sua primeira vinda ao Piauí?

É a minha primeira visita ao Piauí e lamento que só agora isso tenha acontecido. Sempre tive sobre o estado as melhores e mais simpáticas referências dos meus colegas de universidade que já trabalharam aqui. Eu estava sonhando com o dia de vir aqui. Encontrei um povo que me encantou pela gentileza, amabilidade e simpatia.

O senhor vendeu os direitos de “Cães da província” para a TV Globo e “Videiras de cristal” para os irmãos Barreto. Fale um pouco sobre as produções que serão desenvolvidas a partir destas obras.

“Videiras de cristal” vai se tornar filme produzido pelos irmãos Barreto. Esta obra trata de um fato conhecido como episódio dos Muckers, em levante na colônia alemã do rio Grande do Sul em 1874, liderado por uma mulher chamada Jacobina Maurer que se intitulou Novo Cristo. Ela se tornou líder religiosa influenciou toda a região, foi preciso o Exército Imperial para combater o levante com canhões e bombas incendiárias. Foi uma carnificina antes de Canudos. Quanto a TV Globo, tenho um contrato assinado e vamos ver, espero que essa produção esteja pronta no ano que vem. O livro trata de duas histórias, uma delas gira em torno da vida de um dramaturgo chamado ‘Qorposanto’, um sujeito muito estranho, visionário, muitos o chamavam de louco, que escreveu peças teatrais consideradas por alguns teóricos do século passado em porto Alegre como precursoras do teatro do Absurdo; outra história narra um fato ocorrido também passado que ficou conhecido como os crimes da rua do Arvoredo. Houve uma série de assassinatos ocorridos numa casa, praticados por um casal. O dado peculiar é que o suspeito,

José Ramos, era açougueiro e surgiu o boato de que ele teria feito lingüiça com carne humana. Ele vendia o produto a muita gente e era fornecedor até do palácio do governo, com isso as pessoas entraram em pânico e foi uma comoção social. Essas duas histórias estão interligadas.

As miniséries e filmes baseados em livro contribuem para fomentar o interesse pela literatura?

De maneira extraordinária. Essas produções quando vão ao ar ou entram em cartaz aumentam a vendagem de um livro em até dez vezes. Isso foi constatado na ponta do lápis com o livro 'O Quatrilho'. Há uma relação de causa e efeito e isso é muito bom, a literatura sai ganhando, especialmente num país como o nosso.

DIA 20 – variedades
Teresina, 02 de agosto de 1998 – PI

HISTÓRIAS MUDAM EM ROMANCES

DONARDO BORGES

A Rede Globo de Televisão deve produzir no próximo ano uma minissérie baseada no livro “Cães da província”, lançado em 1987 e os irmãos Fábio e Bruno Barreto, diretores de “O Quatrilho” e “O Que é Isso Companheiro” pretendem transformar em filme o livro “Videiras de cristal”, editado em 1990.

O autor destas duas obras, o romancista e professor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, esteve esta semana em Teresina ministrando a disciplina História e Romance aos alunos do curso de Mestrado Interinstitucional promovido pelo Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí- UFPI em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUC-RS, sediada em Porto Alegre.

Brasil é doutor em letras com pós-doutorado em Literatura Açoriana e além de conciliar seu trabalho como escritor e professor da PUC-RS, também ministra aulas na universidade de Açores em Portugal. Somando-se aos catorze livros que tem publicados no Brasil, Assis Brasil também tem obras editadas no Canadá. “Um Chateau Dans La Pampa” em 1994, na Alemanha- “Donnerstag em Nachdenken über eine Reise ohne Ende” em 1994, nos Estados Unidos. “A Castle on The Pampa” em 1996.

Também é ganhador de diversos prêmios e menções honrosas entre eles destacam-se os prêmios Literário Nacional, do instituto Nacional do livro, por “Cães de Província” ganhou em 1988; Literário Érico Veríssimo, dado em 1988 unanimemente pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre pelo conjunto de sua obra e o prêmio Açoriano de Literatura concedido em Portugal ao Melhor Romance e Melhor Obra do Ano, “Pedro da Memória” em 1994.

Para falar sobre a disciplina que está ministrando, sobre sua carreira e sobre os seus trabalhos que virarão filme e minissérie, o escritor recebeu a reportagem de O DIA durante o intervalo de um seminário que estava ministrando no Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI. Confira.

Qual o tempo de duração de seu curso e quantos alunos fazem parte da turma?

Ele é um curso de Mestrado Interinstitucional celebrado entre a PUC e a UFPI de maneira que os professores cem ao Piauí por períodos curtos dar aulas aqui. No meu caso estou dando minha disciplina num período compacto de dias, depois virão outros colegas que farão o mesmo de julho a janeiro. Os alunos depois farão um semestre lá em Porto Alegre e defenderão suas dissertações perante a PUC. A minha disciplina é História e Romance. As aulas são intensivas de manhã e a tarde. Estou concluindo agora esse trabalho, damos todos os conteúdos do curso regular no período de uma semana. Temos sete alunos.

O romancista gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil: “A Literatura muitas vezes utiliza a história como matéria prima dos romances e isso mostra que existe uma relação muito próxima”

Tersina, Pl, *Torquato*, 2. ago. 1998

LITERATURA / Autor de quatorze livros, escritor gaúcho, que esteve recentemente em Teresina, constrói sua obra a partir de fatos históricos.

NOS PAMPAS UNIVERSAIS DE ASSIS BRASIL

Entrevista a Lene Sousa Valença

O romancista gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil segue a linha traçada pelo também gaúcho Érico Veríssimo que, na década de quarenta, começou a escrever romances que recontavam a história do Rio Grande do Sul. Separado por várias décadas do autor de “O Tempo e o Vento”, Assis Brasil continua realizando um trabalho que serve como antídoto para a famosa falta de memória do brasileiro, mais especificamente do brasileiro gaúcho. Mesmo assim, Assis Brasil não abraça a idéia de que o escritor tem uma função social a cumprir. “A única função do escritor é escrever bem”, ensina o ex-advogado e ex-violoncelista que abraçou a literatura e que não gosta que suas obras sejam chamadas de romances históricos, apenas criou uma ambiência em torno de fatos do passado”, desconversa o autor de 14 livros, entre eles “Um Castelo no pampa”, uma trilogia escrita a partir de fatos ocorridos no Rio Grande do Sul.

Assis Brasil, que esteve em Teresina na última semana para ministrar aulas de História e Literatura no curso de mestrado da Universidade Federal do Piauí, concedeu entrevista ao jornal Meio Norte em que falou sobre sua produção literária e a paixão por Açores, um pequeno arquipélago português que permanentemente ocupa a atenção do escritor.

A seguir, trechos da entrevista.

Meio Norte – Em seus 14 livros, o senhor “registrou” alguns episódios que ocorreram no Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha e a colonização açoriana. Por que a opção pelo chamado romance histórico?

AB – Diria que não são exatamente romances históricos, na medida em que eles não recriam o fato histórico. A maioria dos meus romances se situa no passado. Por quê? Porque me preocupo muito com a questão da identidade cultural brasileira, das diferentes regiões que compõem este nosso país. Acho que a única forma de entender melhor a minha região, que é onde eu nasci, onde os meus ancestrais vivem há 200 anos, é fazendo o percurso histórico, quer dizer olhando para o passado. Então, o meu interesse não é propriamente recriar o fato histórico, mas sim situar as minhas personagens, as tramas dos meus romances no passado. Aliás, são picos os meus romances em que entram personagens históricos. É uma ficção a partir de uma ambiência histórica. O que é recriado é mais um clima de uma época, mais do que propriamente o fato em si.

MN- Que meios são utilizados para recriar o clima de épocas passadas?

AB- isso eu faço através de trabalhos de investigação, de pesquisa. Leio cronistas antigos do Rio Grande do Sul, recorro aos jornais, tudo aquilo que faz com que a gente se aproxime de um certo clima, de uma certa ambiência.

MN- Deve ser um grande desafio utilizar somente palavras que eram usadas na época. O sr. Realizou pesquisa para conhecer o vocabulário da época?

AB- É interessante a pergunta, muito interessante. Isso é um tipo de trabalho que me preocupa, na medida em que tenho que escrever para o leitor de hoje. Então, o meu olhar para o passado é do intelectual de hoje, do escritor de hoje, que utiliza critérios de hoje, com a ética de hoje, com a estética de hoje que se volta para o passado. No plano lingüístico, trabalho com a linguagem de hoje, até para ser entendido, mas com algumas colaborações lingüísticas do passado, que servem justamente para criar essa ambiência cultural.

MN- O sr. Realiza pesquisa em bibliotecas e livros antigos?

AB- Sim, e escuto pessoas antigas, a memória da minha família, de avós e bisavós. Esse tipo de coisa que a gente utiliza para a reconstituição de um panorama lingüístico.

MN- Muitos críticos sdizem que países subdesenvolvidos não produzem literatura de primeira qualidade. O sr., no entanto, optou por estudar num país pouco desenvolvido. Por que essa opção?

AB- Açores é um arquipélago que fica no Atlântico Norte e que pertence a Portugal. É como se fosse um Estado. Ele tem um estatuto autônomo, pertence a Portugal, no sentido da circulação da moeda portuguesa, língua portuguesa, tudo português. Escolhi esse país porque os açorianos foram povoadores do rio grande do Sul. Deixaram marcas muito forte no plano da cultura, lingüístico e em todas as áreas da atividade humana. Em virtude disso, acabei me interessando por Açores e em especial pela literatura produzida depois da revolução dos escravos; que foi em 1974. Passei a trabalhar com a literatura desses escritores, que já escrevem num clima de maior liberdade, em relação ao sistema salazarista. Mas estudo a literatura de Açores também pela qualidade das obras. João de Melo, por exemplo, que ganhou um grande prêmio, com "Gente Feliz com Lágrimas". Ele ganhou o grande prêmio da associação de críticos e escritores portugueses. Tem também Daniel Vissar, José Matias Garcia e Álvaro Oliveira. Poderia citar uma legião de grandes escritores.

MN- Antes de se tornar escritor, o sr. Era advogado. Como foi trocar a advocacia pela literatura?

AB- Me formei em Direito, mas nunca cheguei a advogar propriamente. Trabalhei poucos meses e depois vi que não dava para aquilo.

MN- O sr. Também é músico, mesmo assim preferiu fazer literatura...

AB- é, encontro na literatura um meio mais amplo de expressão. Ainda toco, mas só por diletantismo. Embora música me seduza muito, literatura é mais abrangente, mas ampla e me permite atingir mais as pessoas.

MN- Com certeza o fato de ser músico deve ajudá-lo a produzir melhor seus textos. De que maneira isso acontece?

AB- procuro sempre a musicalidade no texto, a frase bem construída, a frase harmônica, e depois, outros detalhes que talvez fosse necessário que o público entendesse um pouco mais de música para eu conseguir explicar, como o contraponto que tem a música. Procuro estabelecer isso dentro dos meus textos.

MN- o sr. Já vendeu cerca de 180 mil livros, praticamente só no mercado gaúcho, No Brasil, esse é um número considerável, não?

AB- Dada a realidade brasileira, é um número considerável, sim. Nos Estados unidos não é nada; na realidade brasileira, significa bastante.

MN- Seus livros quase não são conhecidos em outros mercados, se não no Rio Grande do Sul. O sr. Não pensa em divulgá-los no eixo Rio-São Paulo?

AB- Acho que esse tipo de idéia é muito provinciana: a gente tem que vencer no centro. Acho que grandes escritores, muito melhores do que eu, como Érico Veríssimo, nunca saíram de Porto Alegre. Ele é um nome representativo na geração de trinta. Luiz Fernando Veríssimo mora em porto Alegre, não saiu de lá. Acho que é possível se criar uma literatura boa, importante, sem precisar da benção do Sul.

MN- mas divulgar o trabalho num grande centro pode significar conquistar mais leitores. Essa resistência em divulgar sua obra em outras regiões pode ser traduzida como enorme paixão pelo seu estado, a pinto de não querer sair de lá, de jeito nenhum?

AB- Nada disso, nada disso. É que “vencer no centro dõo país” não é a minha principal meta. Minha principal meta é escrever melhor.

MN- Seus livros, de certa maneira, reescrevem a História de seu estado. Como é encarar o desafio de escrever sobre um lugar específico e não fazer uma simples literatura regional?

AB- A questão é esta: Acho que foi Tolstoi que falou “ Se queres ser universal, pinta tua aldeia”. Acho que se pode ser universal, tratando de qualquer temática, desde que se abordem temas da aldeia ao falar das grandes questões que atingem o ser humano. Tem que tratar de temas universais.

MN- Jorge Amado, um dos escritores da geração de Trinta, parece ter incorrido nesse erro, ao falar em dezenas de livros sobre temas ligados à realidade baiana. A impressão que se tem é que algun livros dele são absolutamente iguais e tem sempre a cara da Bahia.

AB- de fato, se a coisa se torna documental, aí é problemático. Parece que a literatura precisa conter ingredientes de universalidade para se manter e se estabelecer como literatura. Então não importa, eu posso usar uma temática de uma pequena aldeia, posso usar uma temática de Paris ou de Londres, não importa, o que importa é o que eu discuto ali.

MN- Há um grande mercado editorial no rio Grande do Sul, que consome autores do próprio Estado, o que não é muito comum no Brasil. A que o sr. Atribui isso?

AB- É um fenômeno que existe lá no Rio Grande do Sul. Acho que são vários fatores, um deles é de natureza econômica, porque temos a maior classe média do país, lá no Rio Grande do Sul, e é a classe média que consome livros. Os pobres tem o que comer e os muitos ricos viajam. Por outro lado, temos um sistema educacional bom, já foi melhor, sem dúvida, que estimula muito a circulação do livro do escritor gaúcho. Livros de autores gaúchos são muito pedidos no vestibular, então, são fatores que levam a uma circulação muito grande da produção do Estado.

MN- Há um escritor piauiense que também se chama Assis Brasil. O senhor deve conhecê-lo...

AB – Sim, claro. Na verdade, ele é um intelectual que eu respeito muito. Ele usa o nome literário de Assis Brasil; o meu é Luiz Antonio de Assis Brasil. Uso os quatro nomes e não tenho como mudar.

MN- Que outro escritor piauiense o senhor conhece?

AB- Confesso que só conheço ele, por falta de oportunidade. É esse arquipélago cultural brasileiro que é tão dramático.

MN- É verdade que seu livro “Um Castelo no pampa” foi inspirado na figura de seu bisavô?

AB- O livro é dividido em três volumes e foram editados em 92, 93, 94. Eles têm como “inspirador” a figura de um bisavô meu, que foi propagandista da República, ministro da Agricultura, embaixador em Washington e em Lisboa. Ele era um grande estancieiro do Rio Grande do Sul e construiu um castelo no pampa. É um castelo medieval do final do século XIX, é uma cópia de um castelo medieval, no pampa gaúcho, com uma imensa biblioteca. Esse castelo representou, apesar de tudo, um momento de modernidade no Rio grande porque foi a primeira construção que teve calefação, porque nosso inverno lá é muito poderoso. Por outro lado, ele também tinha um esquema de aquecimento de água, tinha meios de exploração pecuários mais desenvolvidos. Meu bisavô foi o primeiro que importou gado europeu e, apesar de toda essa modernidade tecnológica, ele tinha uma contradição dentro dele, por que era um propagandista da República, era um abolicionista e construiu um castelo medieval, casou com uma condessa portuguesa, que eu conheci, porque ele casou em segundo nupcias com ela, quando ela era mocinha e ele já tinha certa idade. Então, foi inspirado na figura e nas contradições desse homem que escrevi Um castelo no Pampa.

MN- Então, o sr. Reconstrói a trajetória dele?

AB- Digamos assim: foi “inspirado” nele. Crio um outro personagem e a narrativa vai do século dezenove até o golpe de 64 e é desse livro que a crítica mais tem gostado.

MN- Ao registrar a história gaúcha, o sr. Parte do princípio de que o escritor também tem a função de lutar contra a famosa falta de memória nacional?

AB - Não, acho que o escritor não tem função nenhuma, a não ser escrever bem. Ele escreve porque gosta. Quando publiquei meu primeiro romance, em 76, estava na casa dos vinte anos, e ele já é um romance situado no passado. Não fiz essa opção por causa da onda pós-moderna de romance histórico. Sempre gostei de escrever.

MN Quais são suas referências na literatura?

AB - Olha são tantas, mas tenho alguns nomes que foram importantes na minha formação de escritor, como Flaubert e Eça de Queirós, em especial. O pouco que sei de armação e de organização do romance, devo a Eça de Queirós.

MN- Todo bom escritor brasileiro sofreu influência de Machado de assis, que é bem maior que Eça...

AB - No sentido do aprofundamento, do conhecimento da alma humana, machado é superior, sim. Eça é superior a Machado no sentido social. Eça fazia uma literatura realmente de caráter social, de intervenção social, de discussão social. Machado é superior a Eça no tratamento da alma humana.; Eça é superior a Machado no tratamento das questões sociais, das questões coletivas. Então Eça e Machado sem dúvida são referências. Fazendo um itinerário pela literatura brasileira, a gente coloca aí nomes como Autran Dourado e Antonio Calado, que são pontos de referência na literatura brasileira contemporânea. Um já morreu; Autran Dourado ainda vive. No tratamento da linguagem, o sentido da fragilidade que esses autores tem, eles são o que há de melhor. Mas ultimamente tenho lido com frequência João Ubaldo Ribeiro e tenho descoberto coisas muito importantes na obra dele.

ESCRITOR/ Aulas de História e Literatura na UFPI e admiração por escritor piauiense.

Teresina, PI, *Meio Norte*, p. 3 (Alternativo) 2.ago.1998

ASSIS BRASIL SERÁ O MAIS FILMADO NO ANO DE 2000

Romancista terá três filmes e uma minissérie adaptados de seus livros no ano que vem

Entrevista a Luiz Carlos Merten

Considerando um dos maiores escritores brasileiros da atualidade, o gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil ainda não tem, fora das fronteiras do Rio Grande, reconhecimento à altura do seu excepcional talento de narrador. O cinema poderá ajudar a preencher essa lacuna. Assis Brasil prepara-se para ser o autor nacional mais filmado do ano 2000. Três filmes e uma minissérie vão colocar seu nome em evidência nos próximos meses. Dois filmes estão em pré-produção, com o eminente início da rodagem: *Videiras de cristal* terá direção de Fábio Barreto e roteiro de Ana Miranda; *Concerto campestre* será dirigido por Henrique de Freitas Lima, com roteiro do escritor gaúcho Tabajara Ruas.

Está, portanto, para realizar-se o que vaticinou o crítico Hiron Goidanich, o Goida, do jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Ele disse a Assis Brasil: “Seus livros clamam por adaptações para o cinema; são muito visuais”. Fábio Barreto concorda: o diretor de *O Quatrilho* assina embaixo, quando se trata de proclamar a excelência da carpintaria de Assis Brasil como escritor. Acha que será possível fazer um belo filme de *Videiras de cristal*, que trata da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Gaúcho de Porto Alegre (nasceu em 1945), Assis Brasil passou a infância em Estrela, zona de colonização alemã. Tem informações para falar sobre o assunto. Músico (integrou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre), também sabe sobre o que fala ao contar a história de *Concerto campestre*.

É uma linda história de amor. Começou a tomar forma quando Assis Brasil ouviu, na casa de uma amiga, a história de uma trisavô dela, que foi confinada pela família no Boqueirão, no interior gaúcho. Ele misturou essa história à de uma orquestra montada numa fazenda, para apresentar-se no pampa. “Essas orquestras não eram raras no século passado”, conta Assis Brasil. Mas ele criou a dele com requintes de ficcionista.

O maestro baiano é um mulato que desperta o fogo de Clara Vitória, a filha do major Eleutério. A pele escura do maestro é sufuciente para que o tema do livro seja, também, o racismo vigente na sociedade gaúcha de 1800. Mas, no filme, o maestro será branco. Por conta da co-produção com a Espanha, Freitas Lima terá um amor espanhol, talvez Javier Bardem, do filme *Carne Trêmula*, de Pedro Almodóvar. O racismo não estará ausente porque Tabajara Ruas criou um personagem secundário para integrar o tema à trama.

ESCRITOR GAÚCHO VIRA O PREFERIDO DOS CINEASTAS

Às vésperas de invadir as telas com quatro adaptações de romances que o transformaram num autor cultuado, Luiz Antonio de Assis Brasil fala de livros e filmes que marcaram sua vida.

Luiz Antonio de Assis Brasil admite não faz força para deixar de ser um dos menos conhecidos entre os grandes escritores do País, na atualidade. Viver quieto, no seu canto (leia-se: Porto Alegre) avesso à publicidade. Os livros quase não ultrapassam as fronteiras brasileiras ele tem um capítulo numa antologia americana, outra numa antologia canadense e um terceiro numa francesa. É conhecido na Alemanha, onde viveu um tempo. E, na França, já virou tema de tese.

Mônica Hallberg baseou-se em *Videiras de cristal* para desenvolver sua tese sobre como a literatura brasileira contemporânea vê os emigrantes alemães. *Videiras de cristal* é um dos romances de Assis Brasil que estão na mira do cineasta. Se tudo der certo, quatro estarão chagando as telas no ano 2000. Fábio Barreto está adaptando *Videiras de cristal* com a cumplicidade da escritora Ana Miranda (Leia abaixo), que assina o roteiro. Henrique de Freitas Lima, o diretor de *Lua de Outubro*, trabalha na adaptação de *Concerto Campestre*, que deve rodar no começo do ano. O terceiro filme será uma produção de um grupo ligado à Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que vai transpor *Manhã transfigurada* para a tela. E até a Globo vai produzir uma minissérie adaptada de *Cães da província*, na qual trabalha, atualmente, o consagrado Jorge Furtado. Assis Brasil pode ser considerado o herdeiro de Érico Veríssimo. Como o autor de *O tempo e o Vento*, sua literatura também faz (especialmente na trilogia *Um Castelo no pampa*) o relato cíclico sobre as grandes famílias que atravessam décadas da história da formação do Rio Grande. Embora pertença ao ramo pobre, sua família faz parte da nobreza gaúcha, ligada à cultura do gado. Ele próprio é um curioso sobre a história gaúcha. Gosta muito de ler sobre o assunto. Faz livros que nascem de extensa pesquisa. *Um castelo no pampa* refere-se ao castelo de Pedras Altas, que o político Borges de Medeiros, personalidade dominante da política gaúcha no século passado, fez construir no interior do Estado. E *Cães da província* tem, como personagem principal, o dramaturgo Qorpo Santo.

Talvez, por meio da Globo, o público brasileiro vá descobrir além de Assis Brasil, o próprio Qorpo Santo, um poeta e dramaturgo genial que foi apontado como louco no século passado, mas cujas peças *As Relações Naturais*, *Mateus e Mateusa* e *Eu Sou Vida; Eu não Sou Morte* estão entre as melhores produzidas no Brasil. Os textos de Qorpo Santo exibem uma lógica impecável, uma lógica que adverte padrões. Foi um autor à frente de seu tempo. É fácil entender o fascínio que exerceu sobre Assis Brasil.

Grandes famílias - Ele gosta de dizer, brincando, que pertence à categoria do escritor que escrevem sempre o mesmo livro. Sua temática está ligada à decadência das grandes famílias e às transformações sociais ocorridas no estado, um dos que mais influência, a história brasileira na primeira metade do século. Seus livros, como disse Goida, são mesmo muito visuais. Talvez porque Assis Brasil seja um apaixonado pelo cinema.

Mas ele adverte: descarta qualquer participação na adaptação de seus livros. Voluntariamente, quer manter-se à margem do processo. Considera o cinema outra linguagem, que não domina. "Só quero ir à estréia", avisa. E já autorizou os adaptadores a tomar todas as liberdades necessárias para produzir bons filmes e séries de TV. "O importante é o filme, não o livro filmado", afirma.

Dentro dessa perspectiva, aceita sem restrições o fato de o maestro mulato de *Concerto campestre* ser transformado em um branco para atender as necessidades da co-produção com a Espanha "Confio na competência e sensibilidade do Tabajara", diz, referindo-se ao escritor Tabajara Ruas, que assina o roteiro.

O cinema começou muito cedo na vida de Assis Brasil, em Estrela, ainda garoto, ele não perdia os seriados de aventuras nas vésperas de domingo, Adorava Tom Mix e o Homem-Aranha. Lembra-se até hoje do impacto que teve sobre ele o desenho *Branca de Neve e os Sete Anões*, da Disney. Adulto, passou a pautar suas referências cinematográficas pelos temas históricos e sociais. Viu muito Ingmar Berman e admite possuir uma dívida de gratidão com o mestre sueco. Mas acha que outro de seus grandes impactos no cinema não resistiu à passagem do tempo: "Revi outro dia *Hiroshima, Meu Amor* e lamento dizer que o filme do Resnais envelheceu".

Abaixo os clichês – Destaca efeitos especiais. "Aborrecem-me" resume. Não gosta de coisas previsíveis, isto é, Hollywood. "Vou mais pelos alternativos". Gosto muito de cinema iraniano ("Eles conseguem maravilhas com poucos recursos") e dos cineastas do antigo Leste Europeu. Lamenta que alguns filmes romenos que viu não tenham alcançado a consagração que mereciam. Diz que pertence a uma geração que sempre teve desconfiança do cinema brasileiro. "O cinema nacional não é bom, acrescenta, sabendo que coloca a cara para ser batida. Mas faz ressalvas: acha o filme do moto-contínuo bom (*Kenoma*, de Eliane Caffé), vê muito o canal Brasil ("É bom ver a nossa cara na televisão").

Músico, foi durante muito tempo violoncelista na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Acha que a formação musical contribuiu, e muito, para que escrevesse um livro como *Concerto Campestre*, sobre um major gaúcho, Eleutério, que forma uma orquestra só pelo prazer de ouvir música em sua fazenda. Diz que não se trata de um delírio de ficcionista "Houve muitas orquestras assim, no interior do Rio Grande, no século passado. "Por suas pesquisas, acha que elas privilegiavam compositores ligados ao romantismo. Cita Rossini.

Mesmo com o risco de ser mal compreendido ele se define como um pouco "relapso". Acha que leva sua literatura "na base do empacado, tentando produzir um livro que está custando para sair. *O pintor de retratos* recorre de novo à vertente histórica- conta a história de um retratista durante a Revolução Federativa de 93. Apesar do fundo histórico, o livro será uma ficção, com pouca participação dos personagens reais.

Se Assis Brasil está curioso para ver suas criações no cinema, os diretores de filmes baseados em seus livros tem certeza de trabalhar sobre material artístico e dramático de primeira. Num breve encontro com a reportagem do estado durante o seminário Impasses do Cinema Latino e Europeu no Rio, no Hotel Glória, há duas semanas, Fábio Barreto disse que acredita ser possível tirar um filme muito bom de *Videiras de cristal*.

O filme, como o livro, trata da colonização alemã no Rio Grande do Sul, com ênfase para o episódio da Guerra dos Muckers, que já rendeu um filme semidocumentário de Jorge Bodanski nos anos 70. A escritora Ana Miranda, que

escreveu o roteiro, descreve o projeto como “um Canudos gaúcho”, pela intensidade dos conflitos focalizados, *Concerto campestre* é de outra ordem, mais romântico, talvez mais intimista, mas não menos trágico ao explorar as implicações de um romance proibido no rio Grande no século passado. Henrique de Freitas Lima, o diretor, está entusiasmado com o projeto, que já tem assegurado a participação do ator Antônio Abujamra (como o major Eleutério). Se captar metade da força do livro já terá feito um filme belíssimo.

São Paulo, SP, *O Estado de São Paulo*, 8.jul.1999, p. 1 (Caderno 2)

A OFICINA DO GENTIL-HOMEM

Entrevista a Paulo Bentancur

Luiz Antonio de Assis Brasil faz parte de um seleto grupo de escritores gaúchos, aqueles cuja carreira, consolida, serve de referencia para a carreira de muitos, sobretudo dos novos. Atendo à herança do passado histórico, passado que se reflete num presente que o transforma, Assis Brasil procura deixar uma herança em oficinas literárias onde auxilia com sua experiência de ficcionista e jovens escritores encontrarem o seu próprio caminho. É a lição de um mestre não apenas da literatura, mas da civilidade.

Quais as leituras que mais o marcaram na juventude? A narrativa brasileira e, mais especificamente, a sul-rio-grandense chamaram a sua atenção desde cedo?

Na juventude, li sem o menor critério, embora houvesse duas constantes: Eça de Queirós e Machado de Assis. Mais tarde, Austran Dourado e Antonio Callado. E então Flaubert, Balzac e Tolstoi. Conheci muito tarde a literatura do nosso Estado, e quando isso aconteceu, foi através de *O tempo e o vento*.

Como e quando você descobriu que poderia ser um romancista?

Depois que publiquei meu terceiro livro, *Bacia das almas*. Antes, considerava o romance como uma enigmática possibilidade em minha vida.

Seu romance de estréia, Um quarto de légua em quadro (1976), focaliza a vida dos imigrantes açorianos que vieram para o sul do País. O que o levou à escolha dessa temática?

Esse tema surgiu em decorrência de uma idéia: a de escrever a história do povoamento açoriano no Rio Grande do Sul. Como me faltou o talento de historiador, escrevi um romance.

O que explica a preocupação dos escritores sul-rio-grandenses, como Viana Moog, Moacyr Scliar, José Clemente Pozenato, você mesmo e tantos outros, em realizar um resgate ficcional da história dos imigrantes de nosso Estado? Trata-se de suprir um vazio deixado pelos próprios historiadores sul-rio-grandenses? Ou de reafirmar a identidade cultural dessas comunidades contra a homogeneização cultural e lingüística que se vai processando, ao longo do tempo, no Rio Grande do Sul, em decorrência da interação entre diferentes culturas?

Ma parece simples: o povoamento açoriano e as diferentes imigrações européias constituem-se em marcas fortíssimas em nossa identidade. A literatura não poderia escapar disso. Aliás, isso aconteceu em todos os povos e em todas as culturas.

Como você avalia essa convergência da atividade do ficcionista com a do historiador, presentes em vários momentos de sua obra? Quando ficcionista retrata a história oficial, que vantagens leva sobre o historiador, e em aspectos permanece à sombra deste?

Minha obra, relativamente ao tema histórico, sofreu alterações fundamentais no decorrer das publicações. Nos romances iniciais, pretendi realizar algo que poderia ser chamado de *romance histórico tradicional*, preenchendo os vazios da História e fazendo minas personagens agirem num cenário fixo e incontestável; mais tarde, meus romances passaram a discutir a própria História, e, em certos casos, recriaram-na. O que importa dizer é que em nenhum momento abdiquei de minha condição de intelectual de hoje, com critérios de hoje, e que olha com olhos de hoje para o passado.

Você reconhece marcas da ficção de Érico Veríssimo e de Ciro Martins em suas primeiras narrativas, como *Um quarto de légua em quadro*, *A prole do corvo* (1978) e *Bacia das almas* (1981), voltadas á revisão da história regional?

Essa marcas aconteceriam obrigatoriamente, pois afinal estamos tratando dos mesmos temas: a História do Rio Grande do Sul é uma só, eu não poderia inventar outra. Considera-se, por exemplo, a Guerra Civil americana: gerou e tem gerado dezenas de romances, cada qual com sua estética e seu caráter.

Em *As virtudes da casa* (1985), o passado histórico do Rio Grande do Sul permanece apenas como tênue pano de fundo, salientando-se a criação de personagens complexas que, de certa forma, revivem o mito de Agamêmnon em pleno pampa. A que se deve essa nova inflexão de sua narrativa, já perceptível em *Manhã transfigurada* (1982)?

Foi um momento em que, por razões pessoais, o drama humano transformava-se, para mim, em objeto essencial da literatura.

Você descreve, em *As virtudes da casa*, os pensamentos e sentimentos mais íntimos de duas mulheres, Micaela e Isabel, respectivamente mãe e filha, centrando o foco narrativo na mente dessas personagens. É mais difícil essa tarefa, para um escritor homem, do que representar a intimidade de personagens masculinos?

Sim, sem dúvidas; mas enfim, deve-se tentar o melhor. E o resultado nunca é satisfatório. Por sorte a Valesca (Valesca de Assis, escritora, esposa do

romancista), com sua infinita compreensão e competência, sempre me diz se consegui algo de aproveitável.

Você já foi violoncelista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Até que ponto *O homem amoroso* (1986), que fala dos problemas existenciais de um músico integrante de uma orquestra sinfônica, é autobiográfico?

Sim, há vestígio de autobiografismo. Mas isso, concorde-se, acontece em maior ou menor grau na obra de qualquer escritor.

Mallarmé compôs seu mais conhecido poema procurando aproximar-se da forma da música de câmara. Como você vê essa relação entre a escrita e a música? A arte da música possui alguma influência em seu modo de escrever?

Sou e serei sempre músico. A música me influencia em dois modos: nos temas utilizados (e isso acontece de modo explícito em *O homem amoroso* e *Concerto campestre*) e na intenção de criar ritmo e melodia na escrita, à procura da junção com a frase gramatical, o que tentei em *Manhã transfigurada* e *As virtudes da casa*. Os resultados, naturalmente, só eu percebo.

Qual é o espaço que a música ocupa em sua vida, hoje? Que gêneros musicais você curte? A música popular brasileira atual tem atraído sua atenção?

Gosto de música, independentemente de rótulos; claro, tenho minhas preferências, e entre elas estão Mozart e os últimos quartetos de Beethoven. Algo de Satie e Alban Berg. Charpentier e Lully. Nos últimos tempos, tenho descoberto preciosidades na música barroca do Brasil da Colônia e Primeiro Império – quanto a essas últimas, lamento, apenas, a pobreza das execuções. Não vejo muita criatividade na atual música popular brasileira. Os textos são miseráveis, poeticamente falando, e as execuções não chegam a me impressionar.

Em *Cães da província* (1987) e em *Videiras de cristal* (1990), as personagens Qorpo-Santo e Jacobina, respectivamente, transitam na tênue fronteira entre a lucidez e a loucura. Além disso, constituem uma espécie de outsiders. A escolha de personagens com características semelhantes, para dois romances sucessivos, foi casual?

Não foi casual, porque afinal eu estava tratando de personagens notoriamente *borderlines*, e tinha de me ater a esse viés da personalidade. Penso, contudo, que a loucura não é um grande tema (os iniciantes em literatura acham que é), posto que é bem mais fácil criar uma personagem louca do que uma mentalmente sadia. O difícil, em ficção, é extrair drama de uma pessoa comum. É o teste de fogo para o escritor.

Em que você se baseou para representar os estados de consciência alterados de Qorpo Santo?

Nos próprios escritores deles, constantes de sua famosa *Ensiqlopédia ou seis mezes de huma enfermidade* Está tudo lá, narrado por ele, desde os delírios com Napoleão III até as escandalosas brigas com a esposa.

Todo escritor segue um caminho, uma trajetória que é de crescimento, amadurecimento, então cada obra nova, dentro dessa idéia, seria um crescimento. Como é que o escritor LAAB vê esse crescimento na sua obra, desde Um quarto de légua em quadro até Concerto campestre? Qual você considera a sua obra melhor realizada? Por quê?

Creio que tenha evoluído, no sentido da construção de uma frase mais essencial. Tecnicamente, minha obra melhor realizada é *Videiras de cristal*; quanto à emoção, é *As virtudes da casa*.

Alguma personagem já escapou ao seu domínio, enveredando por caminhos e assumindo valores como que à revelia do criador?

Nunca aconteceu. Não compartilho a idéia mágica e algo esquizofrênica de que a criatura ficcional ganhe vida autônoma de seu criador. A questão é que a personagem, se é bem construída, deve manter-se coerente, fazendo (ou deixando de fazer) determinadas coisas; muitos fundem isso com uma bizarra idéia de “vida própria”.

Como você avalia a recepção de sua obra pelo público e pela crítica?

O público, felizmente, tem comprado com generosidade meus livros. A crítica, em sua maior parte, tem sido favorável. Mas o grande juiz, como se sabe, é a posteridade.

A literatura sul-rio-grandense atual continua num certo isolamento em relação ao País? Os gaúchos ainda precisam deslocar-se para o eixo Rio - São Paulo para alcançarem uma repercussão nacional?

É uma idéia muito provinciana querer vencer no Rio e São Paulo. Lembra-me sempre a patética personagem interiorana Artur Corvelo, de *A Capital*, de Eça, que desejava “furar” (fazer sucesso) em Lisboa. Honestamente, isso não me preocupa, tanto que sigo publicando com editoras locais – embora não me falte oportunidade para publicar no eixo. Gasto meus poucos neurônios preocupando-me em escrever melhor. O resto é a chamada *vida literária*, para a qual não tenho a menor vocação ou gosto. Aborreço-me até com as minhas próprias sessões de lançamento. Agora: gosto cada vez mais das conversas com meus amigos fieis, como o Faraco – e na qualidade de ouvinte. Como meus amigos estão aqui, aqui é meu chão. Não me imagino em outro espaço existencial.

Boa parcela da literatura sul-rio-grandense é tributária do regionalismo literário, o que talvez explique em parte a pouca difusão de nossa literatura em termos nacionais. Em que obras de escritores sul-rio-grandenses você considera que o regionalismo não serviu de entrave à composição de narrativas de interesse universal?

Em Simões Lopes, e talvez só nele. Nosso regionalismo (em sentido estrito do termo) é paupérrimo, autoritário e preconceituoso.

Como convivem, na vida real, as figuras do cidadão, do professor e do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil? É uma convivência pacífica ou problemática?

Vivem bem, embora o escritor às vezes se queixe de que cidadão esteja a fazer coisas que o tiram da literatura. Como o “não” é uma palavra difícil e criadora, sinto-me constrangido quando a digo a alguém; acabo aceitando mais compromissos do que posso cumprir, mas já estou tomando algumas providências nesse sentido. Não posso me dispersar: o que ficará de mim, e se ficar, são apenas os livros. *Ars longa vita brevis*.

Como o mais experimentado diretor de oficina literária, diga: O que pretende transmitir especialmente: uma forma de se expressar ou apenas a correção dessa forma; uma noção do que é um conto (noção cada vez mais discutível, não é?); um uso da experiência de cada assistente?

Pretendo apenas simplificar e abreviar as etapas de aquisição dos elementos mínimos do texto.

No que obtém mais êxito com os alunos, e no que obtém menos?

Os êxitos evidentes são: a) os alunos tornam-se melhores leitores; b) adquirem uma narrativa competente no plano lingüístico; c) discutem seus textos com pares, o que sempre é produtivo. O resto será talento, que nenhuma oficina dará, assim como uma academia de escultores e pintores. É curioso como as pessoas se preocupam em discutir a utilidade das oficinas literárias, esquecendo-se de que houve alguém que ensinou a Michelangelo como segurar o pincel. Êxito menores? Prefiro guardá-los *in pectore* para melhorar minhas aulas – como, aliás, faz qualquer professor.

A literatura tem sido basicamente um modo de ser o que se é escrevendo. A oficina, propondo em esquema de conto a preencher, não perturba a vivência primordial pelo menos da maioria?

Ninguém preenche esquemas na oficina. Uma leitura sem pré-julgamento dos textos constantes da série Contos de oficina – bem como dos livros dos escritores egressos da oficina, que estão por aí ganhando prêmios e esgotando

edições -, essa leitura mostrará a inexistência de esquemas prévios. Há múltiplas éticas e estatísticas, e as formas são variadíssimas, desde o monólogo anterior até narradores – câmera. Há o conto longo e o miniconto. Há o humor e há a tragédia. Enfim: é só ler para dar-se conta disso. E repito; ler sem pré-julgamentos.

O professor LAAB nas oficinas de criação literária trabalha a construção do conto. Isso se dá em função de ser uma narrativa mais curta ou tem alguma outra razão? O escritor LAAB não tem nenhum conto publicado. Por que existe esse aparente paradoxo?

É uma solução pedagógica: trabalho o conto porque é uma forma pequena permitindo um seminário a cada semana. Isso seria impraticável com o romance. O fato de ser romancista não é problema: um crítico, mesmo não sendo ficcionista, opina sobre as ficções alheias. (A propósito, tenho um conto publicado, e péssimo. Foi-me extorquindo pelo Charles Kiefer).

É fundamental a questão da abstração, da imaginação para o ser humano. O próprio Einstein salientava que a imaginação é mais importante do que o conhecimento acumulado. Qual é o caminho da escola para desenvolver nos alunos essa capacidade, uma vez que ela é essencial, não só para a arte, nem só para ciência, mas pra a vida?

Há uma série de bons exercícios para isso, tanto as oficinas francesas como norte-americanas; mas o principal é respeitar as potencialidades e opções do aluno, sugerindo-lhe caminhos para transformá-las em texto.

Existem alguns livros que são tecnicamente quase perfeitos e no entanto a história não envolve, não emociona, não prende o leitor. Existem outros que são carregados de emoção, mas por defeitos técnicos, dificultam a leitura. Qual é o ponto de equilíbrio entre essas duas partes para a obra de arte?

Não sei responder; mas quem consegue esse equilíbrio pode ser chamado de escritor.

Compor romances todos os dias sobre um plano prévio, como afirma fazer, não periga prejudicar a espontaneidade, vital ao drama/ em O homem amoroso aproveitou lances de sua vida, mas com a precaução de evitar o auto-retrato. No entanto a regra é que os bons romances projetam as escolhas vitais do autor, ainda que algo modificadas. Érico Veríssimo repetia a si mesmo, quase diretamente, em seus romances, e era como você um convivente, falando baixo, ouvindo, seduzindo. Seu regime de objetividade não arrisca diminuir o possível charme de sua ficção? Ou penas ser mais Assis Brasil no futuro?

O que importa é o resultado final. Não é relevante se Flaubert escreveu *Madame Bovary* com plano ou sem plano. Isso é um problema a ser resolvido por cada autor, no âmbito íntimo de sua criação. No meu caso, uso o plano porque ele me dá mais segurança, me economiza tempo e porque só sei começar uma história se conheço o seu fim. Na primeira frase do romance há, latente, a última. Haverá outros escritores escrevendo obras-primas sem planos. Parabéns a eles, que conseguem essa proeza. É uma opção, como (quase) tudo na vida.

Há uma tarefa que se impôs: denunciar o lado sórdido do passado sul-rio-grandense. Pode nos dizer por que e para que? Sempre bem informado, com certeza você tem razão, mas passado, se diria, é passado, não conta mais.

Conta sim, e muito, pois não nascemos hoje, nem a Humanidade começa (ou termina) conosco; contudo, a denúncia – tal como entendida na pergunta – está em vias de esgotamento: a nova geração de escritores trabalha outras questões, eventualmente mais amplas, e que reflitam o estranhamento do homem contemporâneo. Tenho a consciência de ser uma espécie de fim de raça.

Como vê a literatura no RS, ela está sustentada no romance histórico ou este é apenas uma estância de criação? Poderia traçar um panorama da literatura feita no Estado e suas perspectivas atuais?

O fato de ser histórico ou não-histórico é uma questão de adjetivo. Aqui, também, importa se o romance é bom ou ruim. Quanto à literatura aqui feita: mais do que escritor, eu gostaria de ser leitor rio-grandense, pois existem livros de todos os gêneros e matizes. Penso como o Faraco: na literatura há espaço para todos. Quanto mais escritores houver, mais o público ganhará. Fico entusiasmado ao ver o surgimento de novos e excelentes autores em nosso meio.

Como em vias de adaptação para o cinema (*Videiras de cristal*), *Concerto campestre* e *Manhã transfigura*), como você vê, no seu caso particular, a aventura da transposição cinematográfica do texto literário? O que se perde e o que se ganha na tela com imagens que nasceram como palavras?

Vejo tudo com muita naturalidade. Sei que fatalmente ficarei decepcionado ou infeliz, mas isso faz parte: afinal, o cinema é uma narrativa, mas é uma forma especial de narrativa, que segue seu próprio ritmo, que necessita fazer cortes, que precisa contar uma história. Não se pode imaginar que um filme seja melhor ou pior que o livro: um filme só pode ser comparado a outro filme. E um livro a outro livro.

Pode um escritor viver de direitos autorais? Qual é o caminho para a profissionalização do escritor?

A profissionalização do escritor brasileira sofreu um sério abalo com a geração modernista. Sendo todos milionários, não pensavam em coisas ridículas como os 10%. (Lembrem-se que os autores pré-22 já haviam estabelecido uma relação profissional com seus editores). Por isso e outros motivos mais emergentes, viver de direitos autorais é complicado. Mas viver de literatura é mais fácil, pois somam-se aos direitos autorais os pareceres, os artigos, as conferências, as obras de encomenda, etc. etc. que ampliam o orçamento. No meu caso pessoal, vivo do meu salário de professor – profissão, aliás, que me orgulha muito, especialmente porque a realizo na PUCRS, uma universidade que sempre me apoiou e me estimulou em todas minhas atividades.

Algum livro a caminho?

Tenho quase pronto um romance com o título provisório (talvez definitivo) de *O pintor de retratos*. Neste livro, a sair em 2001, trato de um tema que me agrada muito: a fotografia; coloco como eixo dramático a figura de Nadar, uma de minhas obsessões artísticas. Será, talvez, um outro Assis Brasil, menos copiosos e menos barroco. Cada palavra, cada frase, são imprescindíveis e únicas. É um exercício de escrita a que não estava acostumado. Vejamos o que dizer os leitores.

Existe um leitor ideal?

Sim. O que nos entende.

TRAJETÓRIA

Aos 55 anos completados a 21 de junho, Luiz Antonio de Assis Brasil é um porto-alegrense que elegeu o Rio Grande do Sul como casa e um quarto de milênio de história como cronologia pessoal. Nascido no ano em que findava a II Guerra Mundial, passou parte da infância em Estrela, com a família, que de lá retornou à capital em 1957. Cinco anos mais tarde, o jovem Luiz Antonio começa a estudar violoncelo. Em 1963 termina o curso clássico. O ano do golpe militar coincide com sua entrada no exército. Um ano mais tarde Luiz Antonio ingressa no curso de Direito da PUCRS e também passa a fazer parte da OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Formou-se em Direito em 1970 e em 1975 inicia a colaborar na imprensa com artigos históricos e literários. Estréia com *Um quarto de légua em quadro*, lançando o romance na 32ª Feira do Livro de Porto Alegre. Mais um ano e mais um romance, *A prole do corvo*, e desta vez um prêmio: Ilha de Laytano. Em 1981 é lançado *Bacia das almas*. No ano seguinte, *Manhã transfigurada*, e em 1983 o já consagrado Luiz Antonio de Assis Brasil assume a direção do Instituto Estadual do Livro. Mais tarde vai à Alemanha, como bolsista. Em 1985 lança aquele que, segundo o autor, é seu livro com maior carga emocional, *As videiras da casa*. Começa a coordenar a Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-graduação em Lingüística e Letras da PUCRS. Mais um

ano, mais uma obra, e desta vez uma pausa nos grandes romances, nos painéis de revisão histórica ficcionalmente tratada. É O homem amoroso, uma novelinha com forte acento autobiográfico. Cães da província, em 87, retoma o ciclo histórico, adotando Assis Brasil a Qorpo Santo como personagem e evocando os crimes da rua do Arvoredo. O romance, aliás, deu o título de Doutor em Letras ao autor. Em 88 Assis Brasil recebe da Câmara Municipal de Porto Alegre o Premio Érico Veríssimo. Videiras de cristal, que recia a saga impressionante dos Muckers, é lançado em 1990. interessante experiência é o romance em três volumes Um castelo no pampa, que se divide (o autor insiste que não é uma trilogia) em Perversas famílias (92), Pedra da memória (93) e Os senhores do século (94). Concerto campestre e Breviário das terras do Brasil saem em 1997, ano em que o romancista é eleito Patrono da 43ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Estado do Rio Grande do Sul
Iel – SEDAC/ CORAG – Revista Vox
Porto Alegre, novembro de 2000

Ano 1 – número 1

CULTURA

Está chegando às livrarias na próxima semana um novíssimo exemplar da literatura de Luiz Antonio de Assis Brasil (foto). O Pintor de Retratos é novo porque foi concluído em março e mais original ainda porque demarca a despedida de um estilo de narrar. Partidário há anos da prosa exuberante, adjetivada, Assis Brasil busca agora a beleza na concisão. Um exercício de síntese brutal que ele se impôs como recurso para continuar escrevendo, como explica em entrevista exclusiva para a Cultura. Não foi nada simples a mudança. Impasse é eufemismo para definir o susto que tomou conta de um dos maiores escritores do Estado quando a criação de seu novo livro se interrompia e, por meses, ele ainda não sabia que rumo dar à prosa. O pintor do título é um imigrante italiano que sofre com as brutalidades da cultura gaúcha no final do século 19. Os fatos da História ficcionalizada pelo autor – a fotografia de Félix Nadar em Paris, as degolas de Adão Latorre no Rio Grande – condensam-se em frases curtas de estudada força estética. Assis Brasil retoma as rédeas de sua arte e diz que a inquietação, ainda que dolorosa, faz bastante bem. “Eu precisava mostrar que estou vivo”, afirma. O Instituto Estadual do Livro promove no dia 9 de julho, às 19h, uma leitura comentada de O Pintor de Retratos, com direito a autógrafos.

de Zero Hora – Segundo Caderno
Sábado, 5 de maio de 2001.

Elogio da concisão

“Se não mudasse, iria parar de escrever”

Luiz Antonio de Assis Brasil fala do impasse que o atormentou durante a criação de seu novo livro, a novela “O pintor de Retratos”

Cris Gutkoski

Consolo aos navegantes: aconteceu com um dos maiores escritores do estado, com o professor que dirige uma oficina de criação literária há 15 anos na PUCRS. Luiz Antonio de Assis Brasil suportou um prolongado período de pânico durante a criação de seu novo livro, *O Pintor de Retratos* (L&PM, 184 páginas, R\$ 19), que chega às livrarias na próxima semana. Estava infeliz com os rumos que sua prosa insistia em seguir e precisou paralisar os trabalhar por seis meses, até descobrir o que queria e então fazer sua literatura pegar no tranco novamente.

Resolvi fazer um exercício de essencialidade, sabendo que corria riscos. Mas, se eu não mudasse, acho que iria parar de escrever – ele admite nesta entrevista de raro tom confessional, em se tratando de autores bem-estabelecidos. Assis Brasil este ano bodas de prata nas lides de escritor – estreou em 1976 com *Um Quarto de Léguas em Quadro* e desde então publicou 15 livros, entre eles *Cães da Província* e *Videiras de Cristal*.

O resultado da virada radical é desde já uma das boas surpresas do ano: uma narrativa curta e intensa, em que se percebe um paciente trabalho de artesão em cada frase. A primeira, por exemplo, ficou meses de molho, até ressurgir concisa, mínima, feito luz a sinalizar o novo estilo. O último parágrafo foi sendo refeito ao longo de um mês – cada sílaba ali é calculada de modo a que o conjunto, ritmado, grude na mente do leitor. Coisa de músico.

Assis Brasil retoma a ficcionalização da História na novela *O Pintor de Retratos*. A figura real a inspirá-lo desta vez é o fotógrafo francês Félix Nadar (1820-1910), artista fascinante, curioso full-time, que 150 anos atrás obtinha imagens, especialmente de rostos, de uma expressividade descomunal. É de Nadar a primeira foto aérea de Paris, tirada em 1856 de dentro de um balão. A sombra de Nadar, seu talento, sua fama, sufoca os sonhos de um pintor italiano que tenta a vida em Paris, tanto que ele resolve fugir para o Rio Grande do Sul.

“Tais retratos, espalhados pelas vitrinas e galerias de arte, mais do que o rosto, mostravam a alma dos modelos. Ao simples olhar era possível dizer se aquela pessoa acreditava em Deus, se era socialista ou se gostava de costeletas de carneiro”, escreve Assis Brasil, enfeitiçado pela presa, transferindo para a personagem o sue enlevo pelo fotógrafo.

Por meio do imigrante Sandro Lanari, do seu amadurecimento como sobrevivente, o escritor vai confrontando a fina cultura européia com a rude civilização dos pampas do século 19. A grosseria de homens que não sabem declamar versos e nem podem carregar flores pelas ruas culmina no livro com a selvageria dos

homens que degolam, durante a Revolução federalista de 1893. A visão da garganta cortada em meio ao som de residas viris – “corria uma penumbra de maldade naquela mirada” – fixa-se como uma espécie de morte da cachorra Baleia em *Vidas Secas*. É turning-point na história do pintor obrigado a fotografar homicídios com vernizes de bravura.

O sul que se lê manifesto em *O Pintor de Retratos* é uma terra “inculta e provisória”, disputada por senhores da “aristocracia bovina”, o adjetivo abrangendo tudo o que ela teve de animalesca e lerda. Nesta entrevista, concedida em seu apartamento no bairro Petrópolis, o escritor também refletiu sobre o peso de um passado bárbaro na pele de um intelectual gentil e sensível como ele, tema recorrente na sua obra.

- Acho que já é tempo de a gente se civilizar um, pouquinho – ele provoca.

Assis Brasil completa 56 anos no dia 21 de junho. No dia 9 de julho, o Instituto Estadual do Livro promove o lançamento de *O pintor de Retratos*. Vão falar sobre a novela o autor, o professor da USP Flávio Aguiar, o editor Ivan Pinheiro Machado e a diretora do IEL, a escritora cíntia Moscovich, ex- oficineira e uma das primeiras leitoras, juntamente com o contista Sergio Faraco, dessa fase sintética de Assis Brasil. A propósito, esse time de escritores gaúchos – do qual faz parte Michel Laub, radicado em São Paulo – montou uma rede de afetos participativos, um conselho vip informal onde eventualmente o amigo leitor tem direito inclusive votar por modificações no texto. Segundo Assis Brasil, o recurso não é sinal de humildade, é de inteligência mesmo.

A arte de Félix Nadar, francês que foi um dos pioneiros da fotografia, inspirou o escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil a compor seus personagens

ZH – percebe-se de cara neste seu novo livro uma busca da beleza na concisão. São frases muito curtas, as mais impactantes, com oito ou 10 palavras cada. O que motivou o sr. a essa mudança?

Luiz Antonio de Assis Brasil - Tem um pouco a coisa de estar cansado daquela linguagem barroca, enovelada, da recriação da linguagem de época. Embora isso tenha suas virtudes, até em função dos temas que eu tratava, achei que estava ficando um pouco demais. Não sei se cansado e bem a expressão. Eu já tinha escrito 40 páginas de *O Pintor de Retratos* na minha linguagem tradicional e quis fazer algo novo. Aí parei, peguei o início. A primeira frase tinha cinco ou seis linhas. Ficou só nisso: “Embora os descaminhos futuros, Sandro Lanari nasceu pintor”. Então parti do princípio: cada frase precisa dizer algo novo. E isso é Homero, o pai da narrativa, com a *Ilíada*. Me dei conta de que toda a sedução dele está no fato de cada frase ter algo novo para dizer. Resolvi fazer um exercício de essencialidade, sabendo que corria dois riscos. O primeiro: de ficarem faltando coisas nessa busca de explorar a essência. O segundo risco era desagradar a quem lê os meus livros e estava acostumado com aquela linguagem mais aberta. Mas, se eu não mudasse, eu acho que iria parar de escrever.

ZH - Foi tão dramático assim? Foi um processo penoso, pelo jeito.

Assis Brasil - Foi bastante sério. Eu tinha que tomar uma decisão. Em primeiro lugar, já estava me desagradando toda aquela “louçania de linguagem”, como dizem os antigos, Acho que fiquei parado uns seis meses, em pânico, para descobrir o que estava faltando. A linguagem antiga não me agradava, eu não poderia prosseguir. O livro parou.

ZH – Além de Homero, que autores inspiraram o ser. nessa hora de transição?

Assis Brasil - Não tem nenhum específico. Graciliano? Sim. Ele é muito bom em concisão. Graciliano Ramos, Dalton Trevisan. Aliás, são dois autores que sempre recomendo para meus alunos. Quem sabe isso ficou no meu subconsciente. Quando concebi aquela primeira frase, foi uma iluminação. Ela só tem oito palavras.

ZH – E isso contando o artigo e o nome próprio...

Assis Brasil – Era originalmente uma frase muito tortuosa, rebuscada.

ZH – passados seis meses, o sr. voltou para a mesma frase? Começou tudo de novo?

Assis Brasil – Comecei de novo, eu reescrevi as 40 páginas iniciais. Era como se estivesse ouvindo uma cantada de Bach, com contraponto, cinco ou seis vozes simultaneamente, e passasse a ouvir uma sonata de Mozart. Sabe aquele céu que se abre, a linha melódica limpa que tem nos clássicos? Saí daquela tortura barroca e disse: “Bom, é isso mesmo”.

“Quem faz o pampa é a cidade. O pampa é criação de intelectuais urbanos”

ZH – que paixão levou o sr. a esse mergulho profundo nos primeiros anos da fotografia?

Assis Brasil - Foi o Nadar. Eu já o conhecia há alguns anos, achava interessante e depois, numa viagem a Paris, comprei mais coisas dele e me convenci da genialidade do homem. São fotos que captam a alma do modelo, uma coisa fantástica, e isso em 1854, 1855, como no ensaio do pierrô surpreso, do pierrô fotógrafo etc. Na minha última viagem a Paris, em fevereiro deste ano, já pensando na capa do livro, fui ao serviço de documentação fotográfica e consegui uma foto da Sarah Bernhart sobre um negativo do século 19. Foi Nadar e foram os fotógrafos italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul que me inspiraram, daí saiu o livro. A maior parte do que diz Nadar está nas memórias que ele mesmo publicou, *Quando Eu Era Fotógrafo*.

ZH – A fotografia pode mostrar a alma mais do que as próprias palavras?

Assis Brasil - No caso Nadar, sim. O problema é o seguinte: aquilo que é imaginação, fantasia, viagem pessoal do leitor, não sei se o cinema e a foto conseguem chegar lá. Tenho minhas dúvidas. As outras formas narrativas derivaram da palavra, o cinema, o teatro.

ZH – Tem algum fotógrafo contemporâneo que o sr. admira?

Assis Brasil – Nos últimos tempos estive tão envolvido com esse homem, com o Nadar, que nem sei. Tem o Sebastião Salgado, muito drama, né? Como fotógrafo de retrato, não vejo alguém que tenha notoriedade internacional e unanimidade como no século 19 tinha o Nadar.

ZH – Além da concisão, chama a atenção um tom de pessimismo, especialmente na comparação da cultura européia com a cultura gaúcha. O Rio Grande do Sul emerge muito bárbaro neste livro, em detalhes como o fato de um homem não poder carregar um buquê de rosas pela rua sem ser achincalhado, por exemplo.

Assis Brasil – isso é verdade. Especialmente no século 19, nós éramos uma civilização muito tosca. Não é por nada que no mesmo ano em que estávamos nos degolando uns aos outros, Rodin estava esculpindo *Lê Baiser* e Debussy estava compondo *L'Après Midi d'un Faune*. São dados inegáveis. E essa história de um homem não poder carregar flores era assim mesmo. Lembro de uma cena com o filho de uma tia minha que morava na Cidade Baixa. Ele tinha recolhido no jardim umas flores para a namorada e a minha tia disse “Não, outra pessoa carrega para ti”. Isso nos anos 60.

ZH – Esse comportamento esquisito choca o sr.?

Assis Brasil – Claro que sim. Na verdade, eu nunca resolvi essa questão do que é bárbaro e do que é civilizado na nossa cultura. O bárbaro foram às revoluções, as degolas, nossa pouca educação formal. Em 1823, nós tínhamos apenas quatro pessoas com curso superior no Rio Grande do Sul, e mais uns dois meninos estudando em Coimbra. Por aí se vê uma civilização muito brutal, primitiva, em oposição ao mundo lá de fora. Isso tem em todos os meus livros.

ZH – O próprio Qorpo Santo (*personagem do romance Cães da Província*) era uma confusão total de barbárie com civilização, certo?

Assis Brasil – exatamente, ele tinha as idéias fora de lugar, fora de tempo. Isso é uma coisa muito dramática, e eu mesmo sou uma pessoa dividida, que tem família luso-brasileira, que está há 200 anos aí, os parentes do ramo bovino da família são os brasileiros. Tenho esse passado que me insere na barbárie e também tenho a arte, trabalhei como músico durante anos, sou uma pessoa que desenvolve a sensibilidade.

ZH – Tentando transpor as coisas para o início do século 21, essa barbárie gaúcha persiste?

Assis Brasil - a barbárie houve no século 19 e início o século 20, até a revolução de 1923. Hoje existe. Todas as culturas devem ser respeitadas como elas são, mas acho que já é tempo de a gente se civilizar um pouquinho. É uma questão de boa educação. Fiz até um decálogo do escritor, que é uma tentativa de dizer, por exemplo, que quando se manda um livro para alguém, não se manda sem autógrafo nem convocado o leitor para a sessão de lançamento.

ZH – Em uma palestra durante a última feira do livro, o sr. comentou que os escritores gaúchos se colocam de costas para o pampa. Como o sr. resolve esse problema?

Assis Brasil – Isso não está resolvido ainda pela minha geração, que é a do Tabajara Ruas, o Sérgio Faraco. Os mais jovens já resolveram isso, eles ignoram o pampa, não tem conflito, não tem a obrigatoriedade de olhar o passado. Que eu me imponho, mas não sei até quando vai durar. Os meus alunos pensam nisso, ótimo, se livraram desse fantasma, são pessoas que não tem compromisso com nada, a não ser com a sua literatura.

ZH – E quem não consegue se livrar do fantasma, vê o pampa como? O pampa não é só uma geografia, é toda uma linguagem.

Assis Brasil – Quem faz o pampa são as pessoas da cidade. O pampa é uma criação de intelectuais urbanos. E aí o que acontece: a gente não consegue resolver o conflito. Eu volto sempre e possivelmente vou voltar ao pampa em outros livros. Me sinto bem lá. Quando viajo, sinto saudades do lugar onde nunca vivi. Do entardecer da coxilha, do peão. Esse conflito está representado muito bem no conto O Sul, do Jorge Luiz Borges. Um bibliotecário é provocado para um duelo e alguém dá um facão para ele, é uma metáfora do que é o intelectual e de como se pode conciliar os extremos.

ZH – Mesmo sendo dramático a transição para esse seu novo estilo de narrativa, foi um processo prazeroso? Porque, a partir de um certo momento, o sr. deve ter relaxado, não? E dito: “agora vai”.

Assis Brasil – Com certeza. Foi importante descobrir, aos 55 anos, que eu posso me renovar. Não estou parado, estou inquieto, em busca de novas coisas. Senti que precisava mostrar que eu estou vivo. É uma certa vingança sobre o corpo. Se o corpo decai, se a gente começar a ter limitações, e isso é natural, o que é do espírito permanece, e se aprimora, espero.

ZH – O sr. se cercou de leituras de amigos para encarar melhor a nova fase?

Assis Brasil – Eu não fiz diferente o que fiz com todos os meus livros, que é pedir que outras pessoas leiam e façam sugestões. A primeira que lê é sempre a Valesca de Assis, minha mulher. Eu não fico encarcerado no meu livro. As pessoas tem que sentir prazer na leitura. Precisa ser um livro competente. Há cinco ou seis pessoas que leram O Pintor de Retratos previamente: a Valesca, O Sergio Faraco, a Cíntia Moscovich, a Mônica Hallberg, a Regina Zilberman, o Volnyr Santos. É o meu procedimento habitual. O retorno foi superior ao que eu imaginava. Com essas mudanças de rumo, é natural ficar inquieto. Eu me preocupo pelo seguinte: tenho as idades, e vejo elas muito entusiasmadas com o que escrevem. E, às vezes, elas estão muito equivocadas mesmo. Fazem um soneto sobre um beija-flor e dizem: “Olha só que coisa bonita que eu escrevi”. Eu nunca cheguei a mudar nada, na estrutura ou na linguagem, faço mudanças pequenas, acessórias. Não é uma questão de humildade dar a ler, é uma questão de inteligência. Flaubert fazia isso, recebeu excelentes conselhos de Louis Bouilhet sobre seus esboços. Quem é o Assis Brasil para não fazer? O Faraco me ligou e disse: “Estou lendo como teu inimigo”.

Porto Alegre, Zero Hora (Cultura) 12.mai.2001, p. 4-5

Entrevista para Fabrício Carpinejar,

1) *O pintor de retratos* revela o apogeu da linguagem. Da mesma forma em que o protagonista Sandro Lanari tenta alcançar a perfeição, primeiro pela pintura, depois pela fotografia, efetua na prosa algo como um despojamento total, a busca obsessiva pela exatidão. Não há maneirismos, nem adjetivação rebuscada, colocas apenas o necessário e persuasivo. Houve a intenção de manter esse alto nível de concentração na história, evitando o excesso de metáforas?

Sim, houve intenção. Em se tratando de narrativa ficcional, o leitor quer a célebre frase “A senhora marquesa saiu às cinco horas”, isto é, deseja e exige ações, personagens, enredo e fábula. As metáforas, quando ocorrem em *O pintor de retratos*, poucas são do narrador, e quase sempre circunscritas ao universo imaginário do protagonista. Sandro Lanari gostava de alegorias que, como se sabe, andam próximas da metáfora. Deixo os nobres recursos imagéticos aos poetas, que são os verdadeiros detentores das palavras, por direito de excelência e privilégio da anterioridade.

2) Instaura um novo parâmetro para a leitura de sua obra, cada frase é como uma partitura, pensada ao extremo, investigada exaustivamente. É como se fosse o livro de um autor invisível. Será essa ambição autoral, concretizar o autêntico sentido de narrar, sem artificialismo ou exercícios de erudição, fazendo com que a obra seja mais do leitor do que do próprio escritor?

Perfeitamente. O leitor, e assim o pretendo, deve ser o verdadeiro escritor deste romance, na medida em que muito lhe sobra para isso. Sob o aspecto da carpintaria, não há como negar o esforço de criação textual. Cada período gramatical foi lido em voz alta, e foram avaliados sua sonoridade e seu ritmo. O último parágrafo, por exemplo, custou-me várias semanas de trabalho – agradável, por suposto. Mas nada disso seria importante se a história não fosse o mais importante, e para a qual guardei o melhor da minha capacidade criadora.

3) Inscreve na obra um processo de montagem, característico da fotografia e da mudança cultural do olhar na modernidade (passagem do século XIX para o XX). Frases curtas, rápidas, melodiosas, verbais ao extremo. A mudança figurativa da pintura para a fotografia vivida pelo personagem é corporificada na própria linguagem do romance?

É uma idéia bem apanhada – mas não estou muito certo disso. Aceito, porém, que o período histórico trabalhado deixaria suas marcas, e as encontro principalmente na essencialidade e na “rapidez” da escritura (melhor substituir por “leitura”): o século XIX, como falavam as personagens dos romances realistas, era o século da celeridade, do telégrafo e da locomotiva a vapor, tão banais que hoje já são História; mas foram novidade altíssima quando surgiram.

4) A história de Sandro Lanari partiu de fatos reais. Pintor italiano, que estabeleceu contato com o maior fotógrafo francês do século XIX (Nadar), que aportou no RS, teve peripécias amorosas, trabalhou como pintor, brigou com a fotografia, depois acabou contrariado como fotógrafo na Revolução Federalista, retorna a Porto Alegre estabelecendo seu estúdio. Poderia render páginas e páginas de minúcias, síntese de uma transformação de tempos. Mas escolheu a concisão, uma obra de 181 páginas. A confusão que deve ser esclarecida é que Assis Brasil não está fazendo símile de biografia. O mote documental é apenas o ponto de partida?

Na verdade, Sandro Lanari é personagem inteiramente ficcional, embora tenha resultado da composição das trajetórias dos tantos fotógrafos italianos que mantinham estúdios em Porto Alegre no século XIX. Digamos que a vida de Sandro Lanari é uma vida possível, para seu tempo. Nesse aspecto, é uma longa vida, cheia de episódios, idas e vindas: imaginada ou não, o fato é que reduziu-se, essa vida, a poucas páginas. Tal acontece com nossa própria existência: vendo-a em retrospecto, vamos perceber que se reduz a poucos fatos, àqueles marcantes e decisivos. No romance aconteceu isso mesmo. Sandro é mostrado em suas circunstâncias de transição, indispensáveis ao tecido narrativo. Quanto ao “documento”: procurei cercar-me de todas as informações possíveis: fui a Bièvres, perto de Paris, para visitar o Museu Nacional da Fotografia, que possui máquinas de Niépce, Daguerre – e de Nadar. Percorri e fotografei os estúdios de Nadar. Consultei todos os livros existentes sobre o tema. Espero que isso tenha sido apenas um ponto de partida, e que não tenha sufocado a ficção.

5) Como desencavou a vida de Sandro Lanari, riquíssima, com passagem enraizada no Brasil, porém desconhecida do grande público?

6) O fotógrafo francês Nadar, célebre pelas fotos realizadas de Vitor Hugo a Sarah Bernhardt, é o contraponto ideal, alter-ego de Sandro Lanari, que passa todo tempo competindo com ele. Sem Nadar, o protagonista não existiria? Há uma discussão implícita da autoria da fotografia que persiste até hoje?

Tal como foi concebida, a personagem Sandro Lanari não existiria sem Nadar. Nadar é-lhe o contraponto indispensável, que potencializa todo o conflito e dá uma razão para o romance. Aliás, na gênese de *O pintor de retratos está minha admiração por Nadar*. Sandro surgiu depois e, como tal, na qualidade de pedestre antagonista.

7) Quanto mais pedra se tira da escultura, mais se ganha em forma. Ao contrário das aparências, a sequeidão do externo, da descrição do mundo e das circunstâncias, o enxugamento lapidar, provoca a sensação de riqueza interna dos personagens (a contração da linguagem potencializou a dilatação dos traços e caráter de cada um). Ficou muito perto do silêncio,

poderia dizer que chegou ao extremo de sua criação? Houve uma ruptura no hábito de criar? Quanto sangue custou? Quantas vezes o romance foi reescrito?

Não conseguirei ser mais essencial do que fui em *O pintor de retratos*. A aventura frasal, portanto, chegou ao seu extremo. Isso significou, como bem ressalta a pergunta, um ruptura com minha anterior cadência sintática, e toda a ruptura implica em riscos. No caso em tela, os riscos eram perceptíveis: o primeiro seria o desconforto dos meus leitores habituais, acostumados ao Assis Brasil da exuberância e da abundância. Paciência: a ser fiel a um público (essa entidade improvável), preferi ser fiel às minhas intenções estéticas. O segundo risco adviria da possibilidade de iminente desastre – o qual estaria materializado na incompletude, na falta, nos vazios narrativos. Pode-se imaginar minhas dúvidas. Enfim: criar é renovar-se a cada momento – nem que essa renovação seja para pior. Experimentando é que se sabe.

8) Só para polemizar um pouco, sei de sua predileção por Eça de Queirós. Seu último romance não aumenta a distância com tal referência?

No plano da linguagem, sim; no plano estrutural, da composição de personagens, a cada dia aprendo mais com Eça. À semelhança da arte musical de Carlos Gardel, Eça escreve cada vez melhor.

9) A atmosfera de O Pintor de Retratos cresce na medida em mais sugere que diz. Será que o romance O Pintor de retratos não reforma na medida em que emprega o *timing* de um conto? É possível estabelecer um tráfico e relações entre gêneros (um capítulo como um conto)?

Bem perguntado, e creio que na pergunta está a resposta. Os capítulos de *O pintor de retratos*, via de regra, possuem algumas marcas de autonomia, representadas por certas frases conclusivas que despertam para o subtexto do texto recém-lido – mas sem escancará-lo, o que significaria um insulto à compreensão do leitor. Nesse pormenor, aceito a proposta de Poe: a peça literária deve possuir um só efeito – nesse livro, entendo os capítulos como detentores de uma única impressão.

10) Assis Brasil ficou conhecido equivocadamente como autor de romances históricos, seja pelo ficção sobre os Muckers (*Videiras de cristal*), seja pelo Qorpo Santo (*Cães da Província*), seja pela trilogia *Um castelo no pampa*. O pintor de retratos prova novamente que as coisas não são bem assim. O fato histórico é apenas o pano de fundo. Seu interesse maior é enfocar as pessoas mais que as circunstâncias? Entender a tragédia e a alegria de cada um? Alcançar a humanidade que os documentos não registram?

O fato histórico, aqui, não chega nem a pano-de-fundo, limitando-se a certos adereços jogados no palco despido, a título de ambientação. Alguns são mero e rematado sarcasmo, mas isso não deve preocupar o leitor, que já deverá estar concentrado na história – story – (assim o penso...), e não na História.

11) Humanizar os mitos é o inverso da mitificação proposta por Erico Verissimo (com exceção de *Incidente em Antares*, com aquela ressurreição de mortos desagregando os lares). Mesmo assim, a comparação prossegue sendo feita em função da ausência de outros parâmetros para sua ficção. Percebe uma incompreensão de sua obra? Será que ainda não perceberam que Assis Brasil é o filho pródigo da grande família gaúcha, atendo-se ao prisma individual em detrimento da catarse coletiva?

Temos, na pergunta, uma tese, com a qual concordo em todos seus termos. Apenas uma leitura pela rama irá incluir-me entre os caudatários (e retardatários) da vertente regionalista, a qual está morta e sepultada, e cujas flores já murcharam. A leitura sem preconceitos verá que busco ir justamente no sentido oposto desse *mainstream*, o que realizo, penso, através da sátira, da paródia, do pastiche, quando não do mais pérfido e (indes)culpável encolher de ombros. E isso já me causou não poucos aborrecimentos.

12) Privilegia o nomadismo. Lida com o 'personagem fora do lugar'. Os exemplos são muitos como um castelo no pampa (*Perversas famílias, Pedra da Memória* e *Os senhores do século*), a biblioteca e a alta cultura contrastando na época com as estâncias rústicas dos coronéis; uma orquestra particular sendo preparada em meio às paragens desertas do interior do Rio Grande do Sul (*Concerto campestre*) e agora com um italiano enfrentando a aventura de uma nova língua e novos costumes.

Tudo isso significa um fantasma que encaro em todas as obras: o debate entre o que é bárbaro e o que é civilizado. Minha condição de gaúcho e de scholar me transforma em campo de batalha entre as pulsões primárias do que é nativo e a racionalização ao estilo iluminista. Concerto campestre traz o resumo dessa díade paradoxal: o concerto é europeu, e o pampa é território dos homens sem lei e sem letras. Em todos meus romances volto a essa mitologia pessoal. Mas não é o que faz a totalidade dos autores?

13) Existe também a importância do foco cultural em meio ao atraso de algumas cidades, espécie de vírus intelectual que dissemina o hibridismo de costumes. Sandro Lanari pode ser visto como um fundador de uma outra postura na arcaica Porto Alegre do fim do século XIX e início do XX?

Creio que não. Na verdade, Sandro Lanari não interfere no *modus* social da Província, antes o corrobora, reafirma e lhe dá foros de legitimidade, na medida em que seus avanços na arte fotográfica restringem-se aos seus aspectos

técnicos e comerciais. O arcaísmo permanece intocado, e em certa medida, chega aos dias de hoje.

14) O gaúcho preza a valentia, a cisão, sempre inclinado ao separatismo mesmo que ideológico. Tende a exagerar sua história. Seus livros como *Concerto campestre* navegam na contracorrente, detendo-se na condição humana e desarmando ícones, apresentando os falsetes e as vacilações, o cinismo e as incertezas. É uma vingança premeditada a um estereótipo?

A mim interessa o ser humano em todas duas dimensões, especialmente a teleológica, a moral e a social. Minhas personagens – assim o espero – debatem-se em problemas que são próprios dos homens em todas as latitudes e todas as eras. Nada mais simples, nada mais complexo. Mas a literatura também vive desses dilemas. Os ícones, por sua exclusiva condição, são mais frágeis que os homens comuns, pois se o ícone paga o preço de sua construção cotidiana para ser aceito, o homem comum vive a plenitude de seu anonimato. Quanto à vingança aludida, talvez esteja presente, sim, mas apenas como deflagrador de uma idéia. Depois, com o trabalho, são polidas as unhas do tigre.

15) Quais as expectativas ficcionais de agora em diante?

Ainda não sei claramente; tenho muitas idéias, e o difícil é escolher entre elas. O importante é não imitar *O pintor de retratos* – e isso é *difícilimo, para o bem e para o mal*.

16) O RS experimenta um período de ouro na literatura. Uma amostra estava na indicação de uma dezena de autores entre os finalistas do Jabuti. Qual tem sido a influência da oficina de contos que executa na PUC na formação de novos talentos? Como é ser reconhecido como um mestre entre tantos jovens que creditam o sucesso a sua oficina?

Se creditam, deixam-me feliz; mas não devem ficar muito convictos disso. O sucesso advém em primeiro lugar, da abertura para o estranho para as novas concepções sobre o mundo e, em segundo lugar, do trabalho. A Oficina não é o começo nem o fim de nada. É apenas uma passagem, que tem a função de abreviar alguns caminhos.

17) Qual a receita para deixar de ser um autor regional para ser um autor brasileiro. A pergunta parece banal, mas no Brasil meridional isso é um verdadeiro dilema.

É um pseudo-dilema. A verdadeira preocupação do autor gaúcho, do autor amazonense ou baiano, deve ser a de escrever melhor. Se o reconhecimento nacional ocorrer, ótimo: os editores gostarão muito. Quanto aos escritores, bem...

devem ver isso *cum grano salis*. A fama, especialmente em nossos pós-modernos tempos, é coisa tão efêmera quanto discutível.

18) O mercado gaúcho continua autônomo ou sente as dificuldades econômicas da recessão? Tem um posicionamento sobre projeto de lei tramitando no Estado que pede protecionismo de mercado, primazia na demanda de livros às editoras gaúchas? A política do livro vai mal?

A recessão, que atinge a todos nós, fatalmente alcançaria o livro, como alcança o sabonete e o leite em pó. O Rio Grande do Sul, apesar disso, e em função especialmente do trabalho realizado pelas escolas, mantém ainda uma certa independência editorial, mas não é saudável que permaneça assim indefinidamente, pois toda endogenia traz, a longo prazo, conseqüências desfavoráveis. Já o protecionismo deve ser visto com muito cuidado, para evitar a formação de feudos.

19) É um *best seller* no Estado. Quantos exemplares foram vendidos? E de que modo sinaliza uma recepção real?

Sou muito relapso em relação à trajetória dos meus livros, e é com espanto que às vezes descubro, numa livraria, uma nova edição de algum título meu. Minha contas, assim, devem estar bastante embaralhadas. Para não fugir à resposta, porém, estimo em algo em torno de 250.000 livros vendidos, mas isso distribuído nas 15 obras e em 25 anos de carreira, o que não é nada de entusiasmar para além de um sorriso de resignada satisfação.

20) Completa agora 25 anos de trajetória. Deixou vários ofícios para se dedicar integralmente à literatura. Recorda a mais dura lição que aprendeu no trajeto? E a mais gratificante?

O mais difícil foi quando, depois de uma série de artifícios e mentiras, obtive um tempo livre para escrever. Ao contrário de lançar-me à escrita, entregava-me ao sentimento de que estava roubando algo de alguém: afinal, todos estavam trabalhando, e eu no ócio. Hoje já me acostumei a essa culpa criativa. O mais prazeroso é viver os momentos em que um leitor me comenta um livro, ou outros, como esse, em que responder à inteligência das perguntas me estimula a pensar que tenho feito algo de útil à sociedade em que vivo.

Curitiba, Paraná, *O Rascunho*. Julho de 2001.

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL**Entrevista a JOSÉ CASTELLO**

O maior problema do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, hoje, é "evitar, a todo custo, o risco da influência de O pintor de retratos" livro que mudou o curso de sua obra. Violoncelista na juventude (foi, por 14 anos, músico da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre) e interessado em pintura (chegou a ter aulas de aquarela), ele se sente inquieto demais, porém, para ceder às facilidades da repetição. Na entrevista que se segue, Assis Brasil fala da forte influência da história em sua literatura e reflete sobre a condição de gaúcho. "Quem faz o pampa são as pessoas da cidade. O pampa é uma criação de intelectuais urbanos."

Estado - Em seus livros, a história parece ceder, aos poucos, lugar à imaginação. Que influência real ela tem em sua literatura?

Luiz Antonio de Assis Brasil - O romance histórico tradicional, ao estilo de Scott e Herculano, não se pratica mais; pelo menos, se pratica pouco - e de má qualidade. No denominado "novo romance histórico" - que Linda Hutcheon chama de "meta-ficção historiográfica" -, a história é sempre pretexto, e é deformada, reinterpretada, discutida e, até, criada. Imagino ter feito, e com certa frequência, essa segunda modalidade, com recurso à paródia, ao pastiche e, uma ou duas vezes, ao plágio burlesco. Penso, contudo, que é um capítulo encerrado em meu trabalho. Hoje me preocupa, mais que tudo, a ficção. Mesmo que os plots estejam situados num tempo pretérito, isso é apenas uma opção do escritor: o passado me dá maior liberdade criadora, e as emoções e paixões me parecem mais autênticas.

Estado - Como você lida com a sombra de Érico Veríssimo. Em que medida os escritores gaúchos escrevem hoje para superá-lo?

Assis Brasil - Érico Veríssimo é um ícone da nossa cultura, um de seus formadores - e seu representante máximo. Sua capacidade fabuladora (dizia-se, ele mesmo, um contador de histórias) arrebatava o leitor. Ele faz parte de uma vertente que inicia com João Simões Lopes Neto e transita por Josué Guimarães, Cyro Martins e outros. Esses escritores têm, em comum, a representação (muitas vezes crítica) da alma gaúcha. É natural que qualquer escritor que tenha seus temas situados no Rio Grande do Sul acabe, de uma ou de outra forma, percorrendo sendas compartilhadas. Não vejo Érico como uma sombra, mas como um intelectual que, dotado de impecável coerência, ensinou-nos o profissionalismo da escrita.

Estado - Dentre os escritores gaúchos contemporâneos, você parece ser um dos mais ligados à terra. Isso é verdade?

Assis Brasil - Sou gaúcho, sou rio-grandense. Minha família está aqui há 200 anos. Meus antepassados participaram de todas as revoluções e guerras do Continente de São Pedro e não tenho obrigação nem desejo de negar essa genealogia. Minhas circunstâncias estão aqui. Sofro, é claro, por sentir-me devedor de nosso passado, pois ele me dá temas e conflitos, me dá o pampa e seus cavaleiros, suas glórias e tragédias, seus elementos simbólicos, mas muitas vezes sou possuído por um intenso sentido de crédito perante o Rio Grande, com sua história onipresente e esmagadora, com seus vultos tutelares e incorruptíveis, com o peso de sua feroz ancestralidade. Minha relação com o pampa é, assim, ambígua e variável, e isso perpassa meus temas de maneira compulsiva. É significativo que, em longas viagens ao exterior, eu sinta saudade, não da minha cidade e da minha casa, mas do pampa, onde nunca vivi.

Estado - O Rio Grande guarda o aspecto de um mundo literário à parte. Existe isso, uma literatura gaúcha?

Assis Brasil - Sim, temos aqui um sistema literário (para usar a expressão de Antonio Candido) autônomo. É ruim porque nenhuma endogenia é saudável, é ruim porque a glória provincial pode impedir ousadias "nacionais", mas é bom porque mostra quanto já atingimos em termos culturais. A literatura gaúcha existe sim e não apenas como um sintagma lingüístico: é (tomo uma idéia emprestada de Aldyr Schlee) aquela praticada com temáticas do pampa do Rio Grande do Sul, do Uruguai, do norte da Argentina e do sul do Paraguai.

Estado - Você concorda que, na literatura gaúcha de hoje, ecoa uma espécie de "tom argentino"?

Assis Brasil - Em comum com os escritores argentinos, busco a palavra concreta, isto é, aquela que diga algo substantivo, real e forte. Nesse aspecto, Borges, mas também Sábato e Cortázar possuem esse dom de criar universos de ação sem que fique prejudicada a interioridade vital da personagem. Meu princípio é: cada frase deve dizer algo novo ao leitor; se não o diz, deve ser cortada, mesmo que contenha uma boa metáfora. Eis porque não pratico o monólogo interior, o fluxo de consciência, etc. O ensinamento de Homero (falo, portanto, dos primórdios da narrativa) está na Odisséia: a uma ação segue-se outra. Quero que meu leitor sinta desejo de virar a página.

São Paulo, *O Estado de São Paulo*, 12 ago. 2001

‘O livro ainda é demasiado caro’**Luiz Antonio de Assis Brasil, patrono da Feira do Livro, falo do que mais entende: literatura**

Entrevista a Marcelo Mugnol

Advoga, escritor e doutor em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), onde dá aulas e ministra a Oficina de Criação Literária, Luiz Antonio de Assis Brasil é o convidado de honra da manhã deste sábado, às 10h30min, na abertura oficial da 17ª Feira do Livro de Caxias do Sul. A feira se estende até o dia 21 de outubro, na Praça Dante Alighieri.

O patrono desta edição nasceu em 1945, em Porto Alegre, mas se considera de Estrela, pois seus pais foram à Capital apenas para seu nascimento. Uma semana depois, a família retornou a Estrela. A ida definitiva para Porto Alegre foi consumada ainda menino, por volta dos 12 anos, juntamente com os pais. Assis Brasil tem 15 livros publicados, entre romances e novelas. Quatro deles estão sendo adaptados para o cinema.

Assis Brasil lançou recentemente o romance *O pintor de retratos*, pela editora L&PM. Trata-se da história de um pintor italiano que segue a profissão de seus ancestrais. Ao ser enviado pelo pai a Paris, para aprimorar sua técnica, percebe que seu ofício de retratista está sendo substituído pela pintura moderna e pela fotografia. Assis Brasil é um escritor que viu seus livros serem lidos por várias gerações. Na escola, os pré-adolescentes leram *Manhã transfigurada*, e os adultos e seus contemporâneos, *Videiras de cristal* e *Cães da província*.

Luiz Antonio de Assis Brasil concedeu entrevista por telefone, de Porto Alegre. Falou da Feira do Livro de Caxias, do mercado editorial no Brasil e dos novos projetos – incluindo adaptações de suas obras para o cinema.

Pioneiro: Como o senhor ficou sabendo que havia sido escolhido patrono da 17ª Feira do Livro de Caxias? O que isso representa?

Luiz Antonio de Assis Brasil: recebi uma correspondência da Secretária da Cultura me informado sobre a escolha. Fiquei muito honrado, por ser em Caxias, que concentra um grande número de amigos, como José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Tadiane Tronca, Eduardo Dall’Alba e Paulo Ribeiro. Caxias e Santa Maria são as cidades gaúchas que têm a maior concentração de autores com expressão regional e nacional. Não mais que Porto Alegre, por possuir número maior de habitantes. Mas são autores que podem ser lidos em qualquer lugar.

Pioneiro: Quando o senhor foi à primeira feira do livro?

Assis Brasil: foi aqui mesmo em Porto Alegre, aos 12 anos. Fiquei impressionado com a movimentação na Praça da Alfândega, mesmo sendo uma feira modesta. Meu pai quem me levou. Vi grandes nomes da literatura, como Érico Veríssimo, Dyonélio Machado e Cyro Martins. Já lia muito, era um devorador de livros. Talvez ali tinha surgido o pensamento: “Se eles (escritores) são de carne

e osso, por que eu não poço ser escritor?”. Eu achava que todos os escritores eram mortos. Tinha uma idéia mágica, mítica em relação aos escritores.

Pioneiro: Como o público percebe hoje o escritor? O jovem ainda vê o escritor como o senhor os percebia?

Assis Brasil: Aqui no Estado acontece muito o encontro entre escritores e público. É um Estado interessado na divulgação da literatura. Tive experiências comoventes no contato com alunos. Lamento que eu não tenha tempo para aceitar mais convites como esses. Se bem que sou mais útil à sociedade ficando em casa escrevendo meus livros – bons ou ruins, o leitor que decida. Hoje, o público lida com mais maturidade. Se tornou trivial ver o escritor, e isso é positivo.

Pioneiro: Como ampliar o interesse pelo livro? Há uma fórmula?

Assis Brasil: Existe interesse. Hoje se lê mais. É clichê dizer que não há leitores. Em função da escola, se lê muito mais, mas o livro ainda é demasiado caro, temos aqui preços de um livro vendido no mercado internacional. Como reduzir o custo? Aumentando a tiragem. Mas aí entramos em um círculo vicioso, porque será preciso mais leitores, que não tem acesso porque o livro custa 10, 15 dólares. A matriz do problema é a dificuldade econômica. Nos países ricos, os índices de leitura são maiores.

Pioneiro: Além da aproximação com o público, o senhor ministra oficina de criação literária em Porto Alegre. Como funciona? É indicada a quem? Quando começou esse trabalho?

Assis Brasil: a oficina começou há 16 anos. Essa semana foi lançada a 27ª antologia da série *Contos de Oficina* chamada de *Contos Oficínicos*. Eu era professor no curso de Direito e recebi o convite do Departamento de Letras da PUC. A oficina é direcionada às pessoas que querem ser escritores. Há um processo de seleção, geralmente 70 pessoas se inscrevem, mas há apenas 15 vagas. Os alunos são escolhidos por uma comissão e geralmente são pessoas que já escrevem. Não é para partir do zero.

Pioneiro: Seu Livro mais recente é *O pintor de retratos*. Como ele está sendo recebido pelo público e pela crítica?

Assis Brasil: o livro foi oficialmente lançado em maio deste ano. Tive até agora 11 resenhas críticas, todas favoráveis. A porção de realidade no livro é a presença do fotógrafo Sandro Lanari. Me interessei por ele, pois gosto de fotografia. Descobri sua história em uma viagem a Paris. Lanari foi percussor do retrato moderno, um grande artista, responsável pelas fotografias das maiores personalidades da época. *O pintor de retratos* já está na segunda edição.

Pioneiro: Da página à tela. Suas histórias vão ao cinema. Quais são os filmes em produção?

Assis Brasil: tem o Concerto campestre, que começa a ser filmado no final de outubro. Manhã transfigurada, embora esteja com a produção adiantada, ainda está em processo de captação de recursos (o filme começa ser rodado no próximo ano), e Videiras de cristal, de Fábio Barreto, com o nome Paixão de Jacobina (rodado em Sapiranga, Grande Porto Alegre). E, recentemente, selecionado pelo concurso RGE, o roteiro do livro Um quarto de légua em quadro (estréia do autor, em 1976). Vejo esse número expressivo de livros adaptados com muita naturalidade.

Pioneiro: Qual é seu livro de cabeceira hoje?

Assis Brasil: estou lendo a biografia de Victor Hugo, do mesmo autor da biografia de Balzac, o inglês Graham Robb. Gosto muito do romantismo francês. No próximo ano vou dar o curso *Balzac – a Comédia Humana*, na PUC, no programa regular de mestrado.

Pioneiro
Caxias do Sul – 5/10/2001
Ano 53 nº 8.055

Entrevista:

Assis Brasil

Todo criador precisa assumir riscos

Entrevista a Fernando Rozano

Aos leitores fiéis de Luiz Antonio de Assis Brasil, um aviso: não se assustem. O *pintor de retratos*, seu último romance, é assinado por Assis Brasil. Aos leitores, a novidade: a nova estética da sua linguagem. Ao buscar a essencialidade do texto, o autor de *Cães da província* iniciou um novo ciclo na criação literária gaúcha.

BLAU - O senhor construiu, em sua carreira, uma linguagem e uma estética próprias. Seu novo livro quebra esta forma de escrever?

ASSIS BRASIL - De certa forma sim, na medida em que n'O *pintor de retratos* estou trabalhando com frases mais essenciais, e, como consequência, mais curtas; cuido da adjetivação e tenho como princípio dizer algo novo a cada período gramatical. Evito os monólogos interiores, deixando que a ação trabalhe em nome da personagem; quer dizer, é através da ação que a personagem deve revelar-se.

BLAU - Sua mudança tem relação com a rapidez com que a informação chega às pessoas?

ASSIS BRASIL - A minha preocupação primeira é de natureza estética. Foi uma opção de escritor, no plano da linguagem. Eventualmente poderia ocorrer algo do que está contido na pergunta, mas não de modo consciente. É verdade que as pessoas vivem num universo de informações bastante fragmentado, em que as coisas são transmitidas pela rama. Contudo, os leitores de romance lêem com igual gosto obras como *Guerra e Paz* e *Madame Bovary*, que são volumosos, o que contraria a propalada necessidade da "rapidez". Esse é o outro lado da questão contemporânea.

BLAU - O senhor busca novos leitores? O público identifica o Assis Brasil em O *pintor de retratos* ?

ASSIS BRASIL - Sim para ambas as perguntas. Todo autor quer ser lido, mas sei que toda mudança implica em risco, e esse risco todo o criador precisa assumir. O que acontece é que não poderia ficar encarcerado em minha própria estética. Na essência, sou o mesmo. Mas o que verdadeiramente importa é se o livro é bom ou não é. É possível que alguns dos meus leitores tradicionais sintam

um pouco essa diferença e custem a se adaptar ou não se adaptem. Paciência, não mudei por má-intenção. Por outro lado, leitores que estão me lendo pela primeira vez não incidirão no paralelo com minha obra anterior, e aí sim, vai valer o conteúdo (bom ou mau) do livro.

BLAU - O conto e o fato de o senhor ministrar uma Oficina de Contos influenciaram sua nova proposta estética?

ASSIS BRASIL - São dezesseis anos de trabalho com a Oficina. Nela, trabalho fundamentalmente o conto. É possível que dentro dessa minha prática cotidiana de tanto insistir com a essencialidade com os alunos, é possível que tenha me convencido que ela é mesmo necessária.

BLAU - Como o senhor relaciona, literariamente, em nível de história, o pampa com o resto do mundo?

ASSIS BRASIL - Possuo um assunto permanente em minha obra, que é o diálogo entre o que é civilizado e o que é bárbaro. (Isso confirma que todo escritor escreve sempre o mesmo livro). Há uma passagem do romance (novela?) em que isso se torna emblemático. Em 1893, enquanto nós nos degolávamos uns aos outros, Rodin esculpia *Le Baiser* em mármore finíssimo, e Debussy escrevia *L'Après Midi d'un Faune*. Essa tensão entre culturas tão díspares tem sugerido a maioria dos meus temas. Mas não vejo razão para se pensar que o Assis Brasil só escreve romances históricos. N' *O pintor de retratos*, muito mais do que a história, me importa a vida.

BLAU - Até que ponto a sua literatura contribui para as pessoas pensarem e refletirem o seu mundo contemporâneo ?

ASSIS BRASIL - Toda obra estética se vincula ao real e, evidentemente, se vincula ao social de alguma forma. Não que isso seja um propósito, mas ocorre. N' *O Pintor de retratos* aparece esse lado selvagem da nossa cultura; pode ser uma metáfora dos tempos atuais, em que as coisas públicas ainda dependem tanto de caudilhos que falam alto, de políticos que seguem uma conduta assistencialista e paternalista, que são modos arcaicos e nefastos de administrar.

BLAU - As Artes influenciam a sua obra ?

ASSIS BRASIL - Não posso entender uma expressão artística apartada das outras. Todas pertencem ao mesmo universo da sensibilidade. O que muda é apenas o modo de expressá-la. Assim como fui músico durante algum tempo, acabei sendo escritor. Também poderia ter acontecido o inverso. Em relação às outras artes, tenho de me conter para não aumentar essa pluralidade de

interesses. Em *O concerto campestre* é a música, N' *O pintor de retratos* são a fotografia e a pintura.

BLAU - As adaptações para outras linguagens, como o cinema e o teatro, podem quebrar a estética da sua criação?

ASSIS BRASIL - Quanto à adaptação cinematográfica, tenho uma idéia muito clara a respeito: o que importa é que seja um bom filme. Se ele é fiel ao livro, é problema meu, de gostar ou não. As comparações entre filme e livro normalmente são irrisórias.

BLAU - O senhor lê ?

ASSIS BRASIL - Leio em especial os textos dos meus alunos, leio muita teoria literária e leio muito romance, mas gosto, na igual medida de obras gerais, que tratam, por exemplo, de aviação, meteorologia, astronomia. Há pouco tempo delicieei-me durante duas horas com a explicação que um engenheiro me dava a respeito da construção de silos para armazenagem de grãos. Gosto muito de aeronaves, e possuo um telescópio refletor de 11mm para minhas observações noturnas e meus cálculos das órbitas planetárias. Tenho, também, todo gênero de barômetros, higrômetros, termômetros, etc. Gosto muito de possuir essa cultura "inútil", mas que, às vezes, acaba sendo utilíssima para quem escreve romances.

BLAU - O senhor acredita que se não houver ousadia estética na literatura, ela pode estagnar ?

ASSIS BRASIL - A arte jamais vai estagnar, porque existem aqueles que ousam. A ousadia é sinal de vitalidade e transformação. O que se busca é a mudança, e essas mudanças acabam sendo boas. Não digo que as vanguardas estivessem sempre certas. O que fica da vanguarda é o que lhe vem depois. Isso é que verdadeiramente transforma.

BLAU - Os novos escritores são muito mais contistas que romancistas ?

ASSIS BRASIL - É verdade, e é fenômeno particularmente visível no Rio Grande do Sul. A nova geração de escritores está publicando contos em quantidade significativa. Alguns se mantêm fiel ao gênero, outros partem para o romance, isto é, partem do "difícil" para o "fácil".

BLAU - Depois do conto, o romance é o passo óbvio ?

ASSIS BRASIL - Parece que existe uma trajetória-clichê, em que a pessoa escreve poesia na adolescência, na juventude escreve contos; e depois, na maturidade, romance. Mas é uma idéia falaz: temos escritores que ficaram fieis ao conto toda a vida; é o caso de Sergio Faraco. E outros que só escrevem romances, (e ensaios acadêmicos, naturalmente) como é o meu caso. Escrevi

apenas um conto, há vinte anos, um conto péssimo. Detestei a experiência. Mas sei avaliar quando o conto é bom, sei até dar sugestões de como o melhorar, e nisso adquiri uma razoável competência.

BLAU - O senhor chegou a pensar em como seriam suas obras passadas, escritas com a linguagem d'*O pintor de retratos* ?

ASSIS BRASIL - Pode ser surpreendente, mas não penso nos meus livros passados. Eles já não me pertencem, pertencem aos leitores. Não reviso minha obra publicada. O que escrevi, escrevi. Parto do princípio de Hipócrates: *a arte é longa, a vida é breve*. Não posso ficar remoendo meus textos. Penso daqui para o futuro.

Porto Alegre, *Blau* n. 33. julho de 2001.

ROMANCE DE MUITOS SENTIDOS

Entrevista a Gonçalo Júnior

São Paulo, 14 de setembro de 2001 - Uma regra que marca todos os romances do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil é o que ele define como o uso dos cinco sentidos como forma de seduzir o leitor. Ou seja, suas narrativas históricas ambientadas no Rio Grande do Sul se apóiam em elementos visuais, auditivos, táteis, gustativos e olfativos para envolver com surpreendente magnetismo quem lê suas histórias. Seus livros procuram descrever com precisão e detalhes paisagens e situações que aproximam e atraem a atenção do leitor. Como ele mesmo diz, talvez por isso seus livros despertem tanto interesse dos diretores de cinema - três romances seus devem virar filmes. Na próxima segunda, por exemplo, Fábio Barreto começa a filmar 'A Paixão de Jacobina', adaptação de 'Videiras de cristal', lançado em 1990. Seu novo romance, 'O pintor de retratos', não foge a essa característica, com uma história irresistível que deixa mais uma vez a impressão de um grande filme narrado com palavras e que dispensa o uso de imagens.

O livro conta a história do pintor Sandro Lanari, um dos muitos 'retratistas' que trocaram o norte da Itália por Porto Alegre no final do século XIX. Ainda em seu país, quando se torna profissional, o artista vive um momento de transição fundamental para a história cultural, quando a rápida difusão da fotografia aniquila uma profissão secular: a do pintor de retratos - até então, a única forma de os governantes e as famílias mais abastadas registrarem em imagem seus descendentes. Como seu pai, Curzio Lanari, Sandro quer dar continuidade à tradição de tão nobre tarefa, mas cabe a ele resistir a todo custo à nova tecnologia. Até que um dia vê numa vitrine de Paris uma foto da jovem atriz Sarah Bernhardt, feita pelo fotógrafo Félix Tournachon, conhecido apenas como Nadar, então uma celebridade na vida cultural francesa. Enfeitiçado pela imagem, numa atitude provocativa, o pintor procura Nadar e lhe convence a fotografá-lo. O resultado - considera patética sua imagem - leva-o a declarar guerra a todos os fotógrafos do mundo.

Tudo isso não passa de uma introdução para Assis Brasil contar as peripécias e infortúnios de Lanari pelo Rio Grande do Sul, para onde migra na última década de 1800. O escritor se tornou um dos principais nomes do chamado romance histórico - gênero criado no século XIX que se apóia em fatos reais. A fórmula também está presente no novo romance. Nadar, como sabem os especialistas e interessados em fotografia, realmente existiu e morreu em 1910, aos 90 anos de idade. As informações relacionadas à vida e às ideias do fotógrafo resultaram de muitas pesquisas no Serviço de Documentação Fotográfica de Paris. Uma das fontes recorrentes foi um livro do próprio fotógrafo nunca lançado no Brasil, no qual ele narrava várias de suas experiências profissionais. 'No princípio, pensei

em colocá-lo como protagonista, mas vi que não era exatamente isso que queria', recorda Assis Brasil.

O pintor de retratos que protagoniza o livro, porém, foi cria da imaginação do autor. Aliás, fora Nadar, todo o resto do romance saiu da cabeça do escritor, um especialista em história gaúcha. Por isso, admite, 'O pintor de retratos' marca uma nova fase de sua carreira literária, com predominância da narrativa ficcional. 'A história me asfixiava porque me dava elementos mais obrigatórios que deveriam ser apresentados, enquanto que com a ficção tenho mais liberdade para trabalhar a narrativa.' Sem nenhuma obrigação com tipos que realmente existiram, Assis Brasil fez de Sandro Lanari uma fusão de muitos fotógrafos que ele sabia terem existido na virada do século XX e que teriam sido pintores de retrato anteriormente.

Em seu romance, o autor diverte e ensina história ao mesmo tempo com literatura bem feita e atraente. Sua clareza e capacidade de seduzir o leitor em nada tiram seus méritos de bom narrador que já devia há muito tempo ter ido além das fronteiras da literatura gaúcha - quem sabe ajude nesse sentido o fato de escolher temas ligados à história de seu Estado? Assis Brasil sabe como prender a atenção com um personagem marcado por aventuras amorosas e trapalhadas, com doses de emoção e humor. Seu desafortunado e simpático pintor, enquanto luta para resistir à fotografia, vive situações tragicômicas como a fama de pé-frio, depois de certas coincidências que levaram à morte alguns de seus ilustres clientes. Também empolga pela ação com as andanças de Lanari pelos campos de batalha da Revolução Federalista (1893-1895), um sangrento conflito no qual a degola se tornou uma lei para economizar munição.

Por trás dessa estória, surge um painel histórico precioso sobre os primeiros tempos da fotografia e o impacto hoje pouco perceptível sobre a vida das pessoas. Lanari vive um drama pessoal que afligiu muitos de seus colegas de profissão e acabou por levar à morte seu ideal diante do destino e da luta pela sobrevivência. Seu pai fora pintor, seu avô também. O bisavô idem. E mais três gerações que antecederam a este. Nenhum ficou rico, mas nada lhes pagava o orgulho do respeito profissional. Perfeccionistas, acreditavam que um quadro deveria chegar tão próximo do real que todos acreditariam que não fora pintado. Na prática, porém, esse tipo de retrato era idealizado de modo a satisfazer a vaidade de quem o encomendou. Tanto que a rainha Vitória afirmou que, com a fotografia, finalmente surgia um meio que mostrava as pessoas como elas realmente eram. E nunca mais se deixou fotografar.

Lanari não demorou para descobrir que o desafio de combater a fotografia o colocaria no coração de uma tempestade, tamanha a força com que a novidade ganhava adeptos e democratizava o registro iconográfico. Quando se mudou para Paris, com o propósito de aprender pintura, descobriu que a figura mais famosa da cidade como retratista não eram Monet, Manet, Pissarro ou Degas, mas Nadar.

Não um pintor, mas um fotógrafo, então algo parecido com o sujeito que sabia operar máquinas que registravam imagens de pessoas e objetos, sem conotação artística. Paris inteira se curvara a Nadar - escritores, poetas, músicos, imperadores destronados ou reinantes e ministros. O erotismo também aparecia como um sinal do encantamento que as fotos registrariam ao longo do tempo, com a nudez de atrizes e concubinas.

Nadar, no entanto, era um sujeito especial, cujo talento fazia a diferença e ajudaria no futuro a promover a fotografia ao status de arte. Seus retratos foram espalhados pelas vitrines e galerias de arte da capital francesa e não demoraram a convencer alguns que seus registros mostravam a alma de seus modelos. Sem muito esforço, o espectador se via convencido a pensar que tal pessoa acreditava em Deus, se era socialista ou gostava de costeleta de carneiro, segundo observação de Assis Brasil. 'E isso era uma completa novidade, num meio em que os retratos fotografados transformavam as pessoas em estátuas de giz.' Por tudo isso, alguns até atribuíam a Nadar poderes mágicos.

Na luta de Lanari contra um fim que lhe revelou inevitável, essa discussão entre as diferentes formas de representação - pictórica, fotográfica e literária - permeia o livro de Assis Brasil. A questão está justamente em saber até que ponto se pode captar a vida em toda a sua integralidade a partir da arte. Um exercício nesse sentido pode ser feito com a própria edição de 'O pintor de retratos', que traz na capa a fotografia que Nadar fez de Sarah Bernhardt. Não parece possível ler o livro sem voltar a essa imagem incontáveis vezes. À medida que a narrativa avança, a foto feita por Nadar parece enfeitiçar cada vez mais. A escolha feliz da capa deixa a certeza de que muitas vezes uma bela ilustração ajuda a vender o livro, independentemente do seu conteúdo. Não acontece assim com o romance de Assis Brasil, pelo qual o leitor sai compensado de todas as maneiras.

São Paulo, Gazeta Mercantil, [2002]

ASSIS BRASIL, UM HOMEM GENTIL

Entrevista a Gilberto Wallace

Formado em direito pela PUC, onde ministra uma Oficina Literária, por onde já passaram mais de quinhentos candidatos a escritor, o autor de “Cães da província” e mais uma dezenas de romances, foi violoncelista da OSPA, diretor do Instituto Estadual do Livro e coordenou o grupo de trabalho que implantou o Centro Municipal da Cultura de Porto Alegre. Doutor em Letras, Luiz Antonio de Assis Brasil, nasceu em Porto Alegre, em 21 de abril de 1945. O último de seus livros publicados é **O pintor de retratos**. Nesta entrevista anuncia o próximo: **A margem imóvel do rio**.

Se tivesse que traçar um perfil de Luiz Antonio de Assis Brasil, o que diria?

Que é um escritor, sim, mas que não perdeu o sentido comum, e que sabe: viver e ser útil é mais importante do que qualquer literatura. É alguém que não cultiva a amargura como estilo. E ainda: é alguém que entende a solidariedade, os bons modos, a civilidade – e, principalmente, - a lealdade, como as melhores formas de estabelecer uma relação saudável com os outros.

Quando começou a escrever ficção? É capaz de citar o momento em que decidiu ser um escritor?

Nunca decidi ser escritor. Apenas aconteceu, tal como acontece a alguém que ganha um prêmio ou faz uma viagem. Ficção, mesmo, comecei muito mais tarde, lá pelos 28 anos, quando encetei a escrita de meu primeiro romance. Antes disso eram alguns ensaios históricos, por sinal, bastante primários.

Ao decidir tornar-se escritor não lhe foi difícil abandonar a música? Qual a influencia de sua formação musical na sua obra literária?

Não abandonei a música. Apenas a exerço de outro modo. Quando na OSPA, era um músico medíocre; depois tornei-me um ouvinte exigente – talvez exigente demais. A música foi e é importante em minha vida e em meus romances. Uso-a como tema em “O homem amoroso” e “Concerto campestre”, e como busca de sonoridade e harmonia textual em “Manhã transfigurada” e “As virtudes da casa..”

Quais autores você chamaria de mestres? Que livros marcaram sua formação de escritor?

Mestre? Palavra um pouco forte. Mas vá lá. São três: Machado, Eça e Flaubert. Quando quero lavar os olhos, leio-os. E nunca me cansam. Eça, por exemplo, eu poderia ler sem parar. Marcaram-me mais “A relíquia”, “Memorial de Aires” e “Mme. Bovary”. Desses romances sei passagens inteiras de cor.

O que faz de um texto uma obra de arte? Quais as características de um bom romance?

Toda obra de arte deve ter uma qualidade: ser transcendente, isto é, ir além de seu tempo e seu espaço. Um bom romance é aquele que consegue unir duas coisas: boa técnica e intensa emoção. Isso é preciso, e isso também é tudo.

Você é um escritor de sucesso. Seus livros alcançam grandes tiragens. Isso significa que satisfaz o gosto dos leitores. Quando escreve pensa na reação dos leitores, dos críticos, do editor?

Sim, penso no meu leitor. A questão é mito simples: quem quiser escrever para si mesmo, que não publique. Que deixe na gaveta. Se não quer agradar ao leitor, a quem agradará? Quero que meu leitor tenha a mesma boa sensação que eu tenho, ao ler um bom romance. Se consigo isso?... bem, esse é outro problema.

O que você busca como escritor, isto é, faz da palavra escrita a sua razão de viver?

Como escritor, busco ser útil à comunidade em que vivo. Se conseguir que as pessoas tenham bons momentos com meus livros, estou satisfeito.

Qual o seu processo para escrever? A criação de seus romances passa por muitas fases de elaboração? Você antecipa a estrutura de seus romances ou deixa que os fios da narrativa o conduzam e seus personagens o surpreendam?

Jamais uma personagem me surpreendeu, e por uma razão muito simples: eu as crio. O resto é pensamento mágico. Jamais uma criatura domina o seu criador. É curioso como alguns escritores propalam esse mito. Meu processo, por isso, é consciente do início ao fim. E pensando bem, isso é irrelevante; o que se deseja é que seja bom romance. O resto é folclore.

Eduardo Gudiño Kiefer, em artigo publicado no La Nación, afirma que “planejar uma narrativa completa de antemão é antiliterário; é necessário permitir que o romance se conte a si mesmo, aceitando que o autor não é mais que a mão que obedece a um ditado inefável”. Acrescentaria algo a sua resposta anterior, diante deste idéia sustentada por Gudiño?

É um ponto de vista esotérico, meio espírita, mas que respeito – e que deve valer para quem o afirma. Penso de modo radicalmente diverso: um escritor não psicografa romances, ele os cria.

Costuma mostrar seus originais em busca de crítica? A quem?

Mostro-os sim, e a Valesca é minha primeira leitora. Depois há amigos tão fieis quanto pacientes, que se dispõem a ler e estabelecer juízo crítico. E para que

se possa confiar a alguém um texto nosso, essa pessoa deve ter dois requisitos: ser competente e ser sincera.

É tentando a reescrever os seus livros depois de publicados?

Jamais. Nunca os li, para não me decepcionar. E tem outra: o livro depois de publicado, torna-se um estranho para mim. Já pertence aos outros. Quando devo falar sobre um livro meu, é como se exumasse. E aos cadáveres deixam de ser frescos depois de um tempo.

Você mantém um diário ou bloco de anotações durante o preparo de seus romances?

Sim, um caderno de capa dura, quadriculado ou, mais comumente, um arquivo no computador.

A literatura serve para confirmar a realidade ou para instaurar uma nova realidade?

Se apenas confirmar, está falhando. A literatura ilumina a realidade, explica-a, e, em certos casos, altera-a.

Que prognóstico faz para a literatura gaúcha e que perspectivas e repercussões, na sua opinião, poderá propiciar o Mercosul para os escritores gaúchos?

Não acredito no Mercosul. Nosso continente deve ainda resolver problemas mais imediatos, como a sub-habitação, o analfabetismo, a miséria. Isso é bom para o hemisfério Norte que está com a vida mansa. Quanto à literatura gaúcha, diga-se: a literatura sul-rio-grandense é uma das mais variadas e fortes do país.

Futuramente, o que predominará entre estas duas tendências, a do romance que ultrapassa o fato histórico, dele utilizando-se, ou a do romance psicológico que analisa a problemática da existência?

Quase me pede uma profecia! Mas penso que ambos permanecerão, desde que feitos com a necessária transcendência.

Não pensa que estamos diante demais das outras literaturas de língua portuguesa? É favorável à unificação da ortografia dos países lusófonos?

Estamos, sim, distante, o que é uma pena. A literatura portuguesa continental e insular é uma das mais importantes do globo. Quanto à unificação, sou favorável. Isso facilitará o trânsito das obras de um continente a outro. A unificação é meramente ortográfica. Trata-se apenas de unificar o código da língua escrita. Todos ganharemos com isso. Temos de abandonar o preconceito infantil contra nossos irmãos lusitanos.

Acredita que a Internet, com o livro eletrônico (e-book), poderá mudar a relação entre escritor e leitor? Como ocorrerá essa mudança?

A Internet será o meio habitual de comunicação. A relação do escritor com seus leitores poderá sofrer alterações, mas isso acontecerá de modo tão lento que não doerá em ninguém.

Quais romances, de autores gaúchos, você elegeria como os melhores do século vinte?

Peço desculpas por não responder. Não me agradam os critérios de hipódromo aplicados à literatura. Há espaço para todos, felizmente. Podemos viver perfeitamente bem sem as perguntas: “quem está na frente?”, “quem vai ganhar?”

Autran Dourado escreveu “Uma poética do romance” e “Matéria de carpintaria”, Osman Lins, “Guerra sem testemunhas”, para citar apenas dois romancistas brasileiros. Já sentiu a tentação de seguir por esse mesmo caminho?

Já. A questão toda é aceitar a idéia de subtrair um tempo da minha escrita literária para realizar esse projeto.

Tem algum tema, alguma narrativa guardada, que ainda não escreveu e gostaria de escrever?

Muitos temas. O difícil é decidir-me por um deles.

Quais dos romances que escreveu são seus preferidos? De quais cenas, diálogos ou personagens, você afirma: isto escrevi bem.

Prefiro é “As virtudes da casa”. Acho que escrevi algo bom em Cães da província, numa abertura de capítulo em que dois médicos que cuidam de Qorpo-Santo estão num bote, no rio Guaíba.

Alguém disse que um escritor mesmo que escreva dezenas de livros, no fundo não escreve mais que um e o mesmo livro. Concorde com essa assertiva?

É possível. O negocio é fazer com que o leitor não se aborreça. Por isso, o mesmo deve ter a cara de novo.

Em “Tratado mínimo das grandes famílias” você escreveu: “Nós, os gaúchos, vivemos sempre às voltas com o nosso passado: é uma obsessão”.

Creio que foi uma obsessão dos escritores da minha faixa de idade. Os novíssimos, felizmente para eles, já se livraram desse peso.

Qual a idéia, a “visão de mundo”, que perpassa sua obra?

Nenhuma, até porque não a tenho, quero, isso sim, que seja um bom romance.

Diversas obras suas têm como referência a História do Rio Grande do Sul. Admite a influência do Érico Veríssimo, especificamente de “O tempo e o vento”, na temática de alguns dos romances que escreveu?

O fato de ninguém encontrar semelhanças entre minha obra e a do Érico Veríssimo decorre de um simples fato: o Rio Grande do Sul tem apenas uma História. Qualquer escritor que trilhar a História de nosso Estado trilhará caminhos anteriormente percorridos por Érico. É completamente inevitável. Só seria diferente se eu tivesse no Piauí ou em Roraima. Agora: se alguém examinar sem paixão aquela parte (e é apenas uma parte!) de minha obra que se situa no passado histórico, vê que ela, se é semelhante em temas (temas da História), é radicalmente diversa na perspectiva. Mas para constatar isso é preciso um crítico de talento. Ou um bom leitor.

A crítica literária feita no Rio Grande do Sul está no mesmo nível da literatura gaúcha? Com relação aos seus livros está satisfeito com as críticas recebidas? Como encara as críticas negativas à sua obra?

Meu último livro publicado, “O pintor de retratos”, recebeu até agora mais de duas dezenas de trabalhos dos mais acatados críticos nacionais (e mais um em Lisboa e outro em Zurique) e todos foram favoráveis da primeira à última linha, o que, diga-se, foi algo inédito em minha trajetória. Não posso deixar-me, portanto. Críticas negativas devem ser entendidas em seu contexto: importa muita quem a assina, sua tradição acadêmica, a atualização de seus referenciais teóricos, sua sobriedade e sua respeitabilidade nacional. Quanto aos amadores ou meramente palpiteiros, já perdi muito tempo com eles, e agora dou-me o direito de ignorá-los.

Como convivem em você o escritor e o professor? Não pensa, por vezes, que as horas dedicadas ao magistério poderiam ser destinadas à literatura?

Consigo uma boa convivência entre o professor e o escritor. Um trabalho ajuda o outro.

Um escritor deve assumir compromissos políticos, ou a sua preocupação deve ser só com a sua obra?

A preocupação do escritor, enquanto artista, deve ser exclusivamente com a qualidade estética de sua obra. Como cidadão as coisas mudam, e imagino ser difícil furtar-se a uma posição política.

Como é a sua relação com o cinema? É um espectador assíduo de filmes? Como foi ver os seus personagens transpostos para a tela?

Vejo muitos filmes por semana. Quanto aos filmes feitos sobre livros meus, é uma sensação muito estranha ver como minhas personagens adquirem uma cara. Isso me fascina.

Ao assinar um contrato para a realização de um filme baseado numa obra sua, transfere a responsabilidade da obra para o diretor ou acompanha as filmagens e tenta sugerir correções no que não o satisfaz?

Se eu cedo os direitos de adaptação é porque confio no realizador. Gosto de ver o resultado final, e em nenhum momento interfiro no trabalho do roteirista e do diretor. Eles, muito mais do que eu, sabem o que fazem.

Poderia adiantar algo a respeito do seu próximo livro? Quando deverá ser publicado?

Chama-se “A margem imóvel do rio”, e deverá sair em setembro de 2003. não tem nada de histórico: é o romance de um historiador que vem ao Rio Grande do Sul para refazer o itinerário de D.Pedro II na Província.

Porto Alegre, Folha de Letras
Nº 3 – Junho/Julho de 2003, p. 6-7

À MARGEM DA HISTÓRIA
ASSIS BRASIL AUTOGRAFA HOJE, NA CULTURA, O ROMANCE “A MARGEM IMÓVEL DO RIO”

Entrevista a Carlos André Moreira

Luiz Antonio de Assis Brasil promoveu um corte brusco em sua obra com a publicação em 2001, de O pintor de retratos, livro conciso, quase telegráfico, em oposição ao estilo caudaloso de seus livros anteriores.

A mais recente obra do escritor, A margem imóvel do rio (R\$28, L&PM, 176 páginas), que será lançada hoje, às 19 h, na Livraria Cultura do Bourbon Shopping, mostra que o próprio Assis Brasil ainda está se acostumando com sua nova maneira de narrar.

O novo livro ainda é enxuto, mas investe mais na descrição da interioridade dos personagens, na construção de uma atmosfera emocional, das descrições do ambiente. A margem imóvel do rio conta a história de um velho cronista imperial, viúvo, que vive na Corte e sofre de Tinnitus Aurium, um zumbido persistente nos ouvidos (doença de que sofre o próprio autor).

Certo dia, o Imperador recebe uma carta lacônica de um estancieiro, gaúcho chamado de Francisco da Silva, que pede para ser nomeado barão, conforme o monarca prometera por ocasião de uma visita ao Rio Grande do Sul, 21 anos antes. O cronista é então enviado à Província para descobrir o candidato a nobre e se a promessa foi mesmo feita.

A missão não se mostra simples. Os burocráticos registros feitos 21 anos antes não ajudam, e o historiador esbarra sucessivamente em vários Franciscos da Silva. Nenhum parece ser o solicitante, e ao mesmo tempo nenhum pode ser descartado.

Assis Brasil semeia no romance um rico repertório de símbolos: a busca da identidade, o olhar do outro, a impossibilidade de comunicação, a viagem como metáfora de uma jornada de auto-conhecimento. A Margem ... é um romance de de-formação, à medida que o protagonista vai alterando suas certezas em contato com a vastidão selvagem do pampa. Esteta criterioso, Assis Brasil apresenta o habitual domínio da linguagem, mas em certos momentos, especialmente na metade do romance, a narrativa se torna truncada por abreviar em excesso episódios cruciais.

Trecho

“Sua investida na literatura regressiva levou-o ao ponto inicial da viagem. Está embarcado no Maranhão, que logo irá içar ferros no rumo do Sul. Acompanha Suas Majestades em sua sempre adiada e incômoda visita à

província mais meridional do Império. Escreve instalado em seu camarote, o número 26, numa simples mesa de pinho, e a primeira nota é de saudade da esposa que, por proibição dele, não foi ao cais para as despedidas. Ele detestava esses momentos lacrimosos, que sempre o deixavam perplexo. (...)”

Tinha horror à ausência de sons. Pessoas com seu mal, Tinnitus Aurium, como identificou o primeiro médico, buscam qualquer vestígio de rumor que as ocupem. A atenção concentrada faz esquecer o chiado.

ENTREVISTA: LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Zero Hora – Neste livro, o senhor busca a síntese entre seus romances anteriores e a prosa direta de O pintor de retratos?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Na verdade, não predeterminei o estilo que usaria em A Margem... Ele aconteceu, simplesmente. Se por um lado me fatigava um pouco a escrita algo rebarbativa dos livros anteriores, sinto que por vezes em O pintor de retratos a pouca dimensão da frase apresentava certo truncamento da própria idéia. Em A Margem..., creio haver obtido a frase que, no momento, me parece mais adequada.

ZH – como em O pintor de retratos, o livro mostra um olhar estrangeiro sobre o pampa. Como surgiu essa idéia?

Assis Brasil – o olhar carioca-cortesão-imperial é tão estrangeiro quanto o olhar italiano ou francês. A marca da nossa identidade mede-se pela forma como encaramos esses tantos olhares. E às vezes essa forma é tão anacrônica e tão preconceituosa quanto o olhar que a provoca: eis a sina gaúcha, ainda não resolvida.

ZH – O protagonista vem ao Estado buscar um Francisco da Silva e encontra vários. O senhor pretendia discutir a questão da identidade neste livro?

Assis Brasil – Eu pretendia, antes de mais nada, escrever um romance. Mas vendo em retrospectiva, noto ali discutida a questão identitária sulina. Percebo, também, que meu romance é uma forma de dizer que nossa identidade está sempre em construção. A multiplicidade de pessoas com o mesmo nome, e a des-memória das personagens, a imprecisão dos espaços acabam por demonstrar que temos nossos vazios, e põe em xeque a própria possibilidade de escrever a História.

ZH – O escrevente encontra personagens com problemas de comunicação. Havia intenção de construir metáforas?

Assis Brasil – Trabalho com a aparência versus a essência das coisas e das pessoas. O problema da incomunicabilidade é presente, mais do que nunca, em nossa sociedade; assim, o passado que se recria no romance é uma metáfora de nossos desencontros atuais. Por outro lado, o ruído auricular é um elemento simbólico dos “ruídos de comunicação”. Mas acho que estou explicando demais o romance. E que importa é o que meu leitor pensará dele.

Zero Hora/Segundo Caderno, Capa.
1º de outubro de 2003

Luiz Antonio de Assis Brasil

O romancista encontra no Bairro Petrópolis a paz necessária para escrever seus livros

Luiz Antonio de Assis Brasil é um dos grandes romancistas brasileiros da atualidade. Seu mais recente lançamento, “A margem imóvel do rio”, está entre os mais vendidos na Feira do Livro deste ano. E é no Bairro Petrópolis que encontra a tranquilidade para criação literária, há mais de 20 anos.

“Em 1980, procurava um lugar tranquilo, mas que ao mesmo tempo não fosse muito retirado, porque não gosto de morar longe do meu local de trabalho.” Doutor em Letras, Assis Brasil dá aula na PUC e também ministra a Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da mesma Universidade. “Morando na Lavras, chego em sete minutos na PUC.”

Faz 23 anos que o porto-alegrense mora num apartamento de fundos na Lavras. E não pretende se mudar. “Aqui eu tenho esse silêncio necessário para trabalhar. Para conseguir esse mesmo silêncio, eu tenho que me afastar muito da cidade, e isso eu não quero. Até porque, com a passagem do tempo agente vai precisando mais de recursos médicos e não se pode morar muito longe da cidade.”

Além disso, Assis Brasil lembra das facilidades que encontra perto de casa. “O que eu quiser tem aqui no Bairro. Muitas vezes vou a pé à farmácia, ao supermercado... Também costumo caminhar ali na Praça da Encol. É tudo muito bom... É uma microcidade do interior.”

Quando pergunto sobre a polemica da construção de prédios altos no Bairro Petrópolis, o escritor destaca um privilégio de morar num trecho onde predominam casas e prédios menores. “Na Lavras, estão sendo construídos prédios, mas não são muito altos. São de cinco ou seis andares, no máximo, e a localização dos prédios no terreno é boa, sobrando bastante espedro em volta.” No seu relato, Assis Brasil fala na importância do trabalho dos arquitetos para garantir a qualidade de vida no Bairro. “Mesmo que venham a construir do lado do nosso edifício, eu sei que não vai ser colado ao nosso, porque existe ali uma filosofia dos arquitetos de construir deixando espaços verdes. Quando começou essa leva de construção de prédios, já existia o pensamento ecológico. Hoje, um arquiteto vai pensar muito, vai quebrar a cabeça, mas vai deixar um espaço verde no seu projeto.”

Mesmo que ninguém da sua família tenha sido vítima da insegurança, Assis Brasil ouve relatos de assaltos nas redondezas. “A maior demonstração de que a segurança começa a preocupar é a existência de guaritas, de guardas pagos pelos moradores. Isso é um sintoma de um problema de difícil solução, porque não basta colocar polícia na rua: tem que atacar as causas da miséria.”

Sobre o trânsito, Assis Brasil faz uma ressalva quanto à rótula no cruzamento da Nilo Peçanha com a Carazinho. “Deveria se pensar em ampliar aquela rótula de alguma maneira, porque sair do Bairro pela Nilo Peçanha é muito complicado. Manter a rótula, mas ela tem um diâmetro muito pequeno, que deve ser aumentado.”

Que o Bairro Petrópolis é muito arborizado, todos concordam. Mas as árvores também precisam de cuidados, e poucos estão atentos a isso como Assis Brasil. “Lamento que muitas árvores já estão começando a ficar velhas, a cair... Árvore não vive para sempre, principalmente cinamomos, jacarandás, que tem uma vida útil de 40, 50 anos... Aí, começam a apodrecer.” Por isso, o escritor faz um alerta: “Tem que haver uma preocupação em replantar as árvores, para manter essa área verde do Bairro Petrópolis que é muito importante para Porto Alegre”.

Porto Alegre: Mais Petrópolis/Ano 2, nº12
Novembro de 2003

Número 19 – ano 3 – abril/2005 LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
Escritor brasileiro, autor de “A margem imóvel do rio” (Âmbar)

“Sou uma espécie de fim de raça”

Entrevista a Virgínia Capoto
(PORTUGAL)

Brasileiro do Rio Grande do sul, Luiz Antonio de Assis Brasil, com dois romances editados em Portugal, é um homem de paixões que interessa conhecer.

Afirmar que Luiz Antonio de Assis Brasil, descendente de açorianos é um escritor brasileiro, é pouco para o situar no mapa literário de um país imenso. Diga-se pois que Assis Brasil é um autor gaúcho, um homem eternamente apaixonado pelo rio grande do Sul, que não poderia ser de outro local qualquer do mundo. Já passou algum tempo, desde que falamos com ele – foi um dos convidados do encontro Correntes d’ Escritas (Povoa de Varzim) em fevereiro. Dele ficou a recordação de uma pessoa com quem se deseja prolongar a conversa - mesmo que seja, como foi o caso, no átrio de um auditório, com o burburinho de gente a passar. “A margem Imóvel do rio”, seu segundo romance lançado em Portugal, foi o ponto de partida para um diálogo pelos caminhos da identidade sulista, da ficção e da Língua Portuguesa como pátria imensa.

Comecemos por “A Margem Imóvel do rio”: não foi sua intenção criar um romance histórico, mas sim usar um cenário histórico para ficcionar.

De facto. Há dois planos nesse livro: um é a questão da identidade cultural do Sul do Brasil, que pouca gente conhece e que é fora de todos os clichês conhecidos da Baía, do Rio ou de São Paulo; o segundo é questão da impossibilidade da História... A História está num momento de perplexidade, hoje, sabe-se que a História é a História de quem a conta. Há ainda a questão íntima da personagem, um homem que se transforma a partir da ida ao Sul, vai em busca de um desconhecido e, na verdade, encontra-se a si mesmo.

E de novo o Sul do Brasil, um factor comum na sua obra.

É verdade... Sou uma espécie de fim de raça, um último escritor que pertence ainda ao momento em que se discutia muito o Sul, as perplexidades e incompreensões do Sul com o Brasil.

A propósito dessa identificação com o Sul, é apresentado, no seu país, como o autor gaúcho’ – há uma intenção óbvia em o situar no mapa literário do Brasil.

Isso acontece com outros escritores de outras regiões... O Brasil é um imenso arquipélago cultural, por isso só não se 'cataloga' os autores que são do Rio de Janeiro ou de São Paulo – esses são os 'autores brasileiros', os outros são gaúchos, mineiros, pernambucanos... cada um tem a sua identidade.

"Sou um ultimo escritor que pertence ainda ao momento em que se discutia muito o Sul, as suas perplexidades"

Mas eu identifico-me profundamente com a minha região, não teria condição alguma de viver noutra parte. Por isso o Sul está muito presente na minha obra. No entanto, sobretudo a partir de 'O pintor de Retratos' (romance anterior a 'A margem imóvel do rio'), a questão histórica e identitária não é tão relevante quanto nos outros romances. Foi uma experiência que deu certo – foi justamente a partir de 'O pintor de retratos' que passei a ter premiações, publicações no exterior... Fiz a experiência e ainda bem, estava um pouco cansado de mim mesmo, estava copiando a mim mesmo...

Estava viciado num determinado formato?

Exato. Picasso tem uma frase muito interessante "Podem me acusar de copiar todos os pintores, menos a mim mesmo". Eu quis fazer algo de novo na proximidade dos 60 anos.

Ainda não explicou a necessidade de recorrer ao tempo histórico para ficcionar...

Eu até tenho ficção que corre nos dias actuais... Toquei violoncelo numa orquestra sinfônica durante a ditadura militar e escrevi sobre isso. Mas existe a meu ver uma idéia um pouco mítica em relação ao passado – que as paixões eram mais intensas, mais viscerais... Claro que isso não é verdade, o ser humano é o mesmo em todas as épocas. Por outro lado, o passado dá mais liberdade de criação. Não sou um escritor que vai para o passado e escreve como se estivesse no passado.

- Não tem a preocupação do rigor histórico.

É isso. Sou um homem com os pés no séc. XXI, que vai ao passado, avalia-o de acordo com a perspectiva do presente.

- Tem 16 romances publicados, mas só os dois últimos foram editados em Portugal. É recente a sua chegada ao nosso país...

Foi outra das coisa importantes que me aconteceram a partir de 'O pintor de retratos', Portugal só me dá alegrias!

- Falemos um pouco de si: tocou, por exemplo, na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Músico, romancista, acadêmico... Como coabitam estas 'personagens' na sua vida?

Bem, exerci a música durante um tempo, mas percebi duas coisas – que numa orquestra sinfônica os verdadeiros criadores são o compositor e o maestro

(os músicos são executantes), e que não tinha talento suficiente para ser um sulista de violoncelo. Sentia a minha criatividade cada vez mais limitada, isso combinado com o clima muito opressivo da orquestra durante a ditadura militar. Tudo isso foi me desgostando. Entretanto, comecei a escrever, e percebi que na literatura a minha criatividade encontrava um veículo que eu próprio dominava- eu era o autor, eu respondia por ele. Lentamente, fiz a transição. Mas gosto mais da música hoje. Enquanto estava na orquestra vivia muito preocupado com a técnica, ouvia só o meu instrumento. Hoje não, posso usufruir totalmente da música...

- Tem outra liberdade...

Exactamente, o que acabou por entrar nos meus livros. Tenho um, “Concerto campestre”, que li várias vezes em voz alta até atingir a melhor sonoridade. E agora estou a escrever um cujo tema é a música.

- Ou seja, o músico está a ajudar bastante o escritos.

Exacto, como tema e como sonoridade, ritmo de frase.

- E em relação ao académico?

Eu interessei-me pela narrativa açoriana pós-25 de Abril. Sou descendente de açorianos, o nome Brasil é da ilha de São Jorge. Publiquei um ensaio sobre literatura açoriana e orientei várias teses sobre o assunto.

- A literatura açoriana no caminho do escritor gaúcho... Pode fazer-se o paralelismo entre a literatura açoriana, um mundo dentro da literatura portuguesa, e a literatura gaúcha na literatura brasileira?

É rigorosamente isso. No Brasil, temos um eixo que é o Rio de Janeiro/ S. Paulo, e as outras literaturas são adjacentivadas. Percebo que os autores açorianos também sentem isso, pensam ‘puxa, podia ter mais recensões’. Por acaso, estou a cumprir um bocadinho esse papel, ao publicar recensões sobre obras açorianas...

- temos um brasileiro a promover a literatura açoriana...

É curioso, mas faz parte já da minha vida.

- As oficinas literárias são outra faceta sua.

É verdade. Comecei com uma experiência há 20 anos, na qual ninguém acreditava muito.

- Havia algum preconceito?

Havia, e de certa forma ainda há por parte dos escritores.

- Nessas oficinas aprende-se a técnica. Agora, criatividade é algo que se aprende? Veja o caso do violoncelista que não tinha talento para ser sulista...

Nem todo os que ingressam numa academia de música ou teatro se tornam músicos ou actores. O mesmo se passa com a criação literária, é uma rede que se lança, eventualmente alguns...

- E como se entende o preconceito dos escritores, é o receio da banalização da escrita ou um certo elitismo?

Sim, mas também um pouco por o escritor manter o mito da inspiração- que isso é uma coisa que se tem ou não, que é uma coisa solitária... As pessoas se atrapalham! Na verdade, as oficinas literárias sempre existiram! Qual é o escritor que não foi falar com um escritor mais velho? Acredite – eu já fui um jovem escritor (risos) e ia falar com autores mais antigos. Agora, acontece que elas estão estruturadas, no meu caso pertencem a uma universidade.

- Falando ainda de técnica. Quer em “O Pintor...”, quer em “A margem...”, fez a opção por capítulos pequenos e uma narrativa aparentemente simples. Há a intenção de fazer um livro que chegue facilmente ao leitor?

Sim. Eu, como leitor, tenho preferido livros assim. Pego um momento, depois outro, depois outro, e então o leitor vai uni-los. Não procuro estabelecer ‘links’ explícitos entre um capítulo e outro, isso deixo para o leitor unir.

- Vai fazendo vários retratos, várias cenas...

... que depois o leitor vai unir. Gosto muito disso.

- O que torna a sua obra muito filmica.

É verdade...

- E tanto é que tem várias obras vertidas para o cinema.

Tenho a “Paixão Jacobina”, “Concerto campestre”, “Manhã transfigurada”... É o seguinte: eu vejo um filme por dia – se não vou ao cinema, vejo em DVD. Gosto imenso de cinema. Não consigo escrever uma cena sem antes a ver. Ponho-me na posição de um director, acompanhando a personagem. Depois de tudo estar muito claro, muito visual, então eu escrevo.

Porto, Portugal, *O Comércio do Porto*, 18.4.2005.

“PORTUGAL SÓ ME DÁ ALEGRIAS”

O escritor brasileiro Luiz Antonio de Assis Brasil é um apaixonado por Portugal, onde acaba de lançar o romance *A margem Imóvel do Rio*

O escritor que acaba de ver publicado o seu novo romance em Portugal, foi distinguido com prémio Portugal Telecom em 2004.

Focus – A margem imóvel do rio é o seu segundo romance publicado em Portugal. Que reação teve ao seu antecessor. O pintor de retratos?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Tive uma excelente recepção crítica, o que muito me animou. Nomes importantes dedicaram-se a escrever (ou dizer algo) sobre o romance. Percebo que sou entendido também em Portugal, mesmo que a minha obra seja fortemente ancorada em suas circunstâncias do Sul do Brasil, em geral desconhecidas pelo público europeu.

Focus – Ganhou o prémio Portugal Telecom em 2004, que é um dos mais valiosos atribuídos no Brasil. O que pensa de uma empresa portuguesa patrocinar uma iniciativa destas?

L.A.A.B. – É um facto da maior importância e que pode servir de modelo para tantas empresas do meu País, que preferem investir em equipas de futebol. É um gesto generoso e, principalmente, de “inteligência cultural”. Mesmo em termos de mercado, o Prémio Portugal Telecom de Literatura Brasileira deu uma espantosa visibilidade à empresa.

Focus – Em A margem Imóvel do Rio fala da região onde nasceu, o Rio Grande do Sul. É uma zona ainda por escobrir por quem visita o Brasil?

L.A.A.B. – Certamente. O turista (ou o viajante, que é outra categoria) europeu, salvo exceções, não desconfia que há no Brasil uma região onde ainda se fala o pronome pessoal “tu” e tem neve no inverno. O Nordeste, a Bahia e o Rio de Janeiro dominam os balcões turísticos, inclusive os governamentais, o que é muito grave. Com essa óptica perversa, o viajante não chega a conhecer a pampa sem fim, a serra florida de Hortência e azáleas, os canions do Itaimbezinho, a pureza do ar. Temos uma história perpassada de lances inesquecíveis. Fomos até uma república independente de 1836 a 1846. isso deixa imensas marcas, que o viajante perspicaz saberá descobrir. Basta que venha cá.

Focus – Viveu nos Açores, de onde sua família é originária. Que relação mantém com o arquipélago?

L.A.A.B – Os Açores, conheço-os talvez melhor do que o Rio Grande do Sul. Lá, fiz o meu pós-doutoramento e dei aulas de Literatura Brasileira. O meu âmbito de investigação académica refere-se à narrativa açoriana pós-25 de abril.

Publiquei, em Portugal, um livro sobre o tema. Nos açores tenho os melhores amigos de toda a minha vida. Posso ficar horas perdidas num banco de jardim em ponta Delgada.

Focus – Diz que Eça de Queirós é a figura maior das suas referências literárias. Acompanha a literatura portuguesa actual?

L.A.A.B. – Completamente. Sei mais do que se passa na cena literária portuguesa do que na brasileira. Mas não apenas os clássicos, acompanho de perto todos os novos talentos e não me canso de recomenda-los aos meus alunos. Portugal faz, na actualidade, a melhor literatura da Europa.

Focus – Em a Margem Imóvel do rio fala da influência da selva no desenvolvimento da personalidade brasileira. Ainda encontra no Brasil de hoje vestígios dessa marca?

L.A.A.B. – Sem dúvida. Encontramos a selva a dois passos da cidade grande. No Brasil ainda temos pessoas que vivem no Neolítico (o que ocorre, aliás, com a América Latina, em geral). Podemos domar uma parte da selva, mas ela é um estado de espírito, também. A selva, em seu sentido pejorativo, também está na nossa política, está no novo presidente da Câmara dos Deputados, por exemplo, que representa o que temos de pior. A selva está nas atrocidades colectivas contra os sem-terra, nas mortes por encomenda, na sem-vergonhice de alguns homens públicos, na cruel má distribuição de renda. É uma selva pegada à pele, ancestral e dolorosa. Nem a nossa música exuberante, nem a nossa bela arquitectura, nem a nossa adiantada medicina, nem a genialidade de artistas como Chico Buarque e Oscar Niemayer, nada disso consegue mascarar de todo a selva.

Focus – Desenvolveu actividade académica na Alemanha, Portugal e estados Unidos. Considerou alguma vez a hipótese de abandonar Porto Alegre e mudar-se para outro sítio?

L.A.A.B. – Sim, sem dúvida. E há apenas um sítio, no mundo, que me pode atrair de modo absoluto: é Portugal e, especificamente, os Açores, Portugal, como sempre digo, só me dá alegrias. A culminar com o Prémio Portugal Telecom.

Lisboa, Portugal, Revista *Focus*, 09.mar.2005.

I RAGAZZI VENUTI DA ASSIS BRASIL

Colloquio con uno tra gli scrittori brasiliani viventi più interessanti, direttore di un noto laboratorio di scrittura

Entrevista a Patrícia Di Malta
(ITÁLIA)

C'è un elemento in comune tra molti dei nuovi autori della nuova letteratura brasiliana, che affratella praticamente tutti quelli nati o vissuti a Porto Alegre: avere partecipato al laboratorio di scrittura creativa diretto dallo scrittore **Luiz Antonio de Assis Brasil**. **Amílcar Bettega Barbosa**, **Cintia Moscovich**, **Daniel Galera**, **Daniel Pellizzari**, **Paulo Scott**, **Cristiano Baldi** hanno già pubblicato uno o più libri, alcuni premiati, altri in attesa di esserlo, altri ancora in uscita per prestigiose case editrici. A questi si aggiungono assi delle vendite come **Leticia Wierzchowski**, e debuttanti come **Daniel Rocha**, che figura nella raccolta "Sex'n'Bossa" pubblicata da Mondadori. Perché gli autori dei bestseller brasiliani di domani passano dalla sua Oficina Criativa? Quale prezioso sapere Assis Brasil trasmette loro? E soprattutto, chi è Luiz Antonio de Assis Brasil? Proviamo a scoprirlo.

Il mentore Luiz Antonio de Assis Brasil, nato a Porto Alegre nel 1948 da genitori provenienti dalle Azzorre, racconta di avere goduto di una formazione scolastica rara in Brasile. Ebbe infatti la fortuna di studiare dai gesuiti, che a Porto Alegre vantano un collegio di tradizione centenaria, dove da sempre stimolano i propri studenti agli studi classici: lingua e letteratura portoghese, lingue straniere, e filosofia. Durante l'adolescenza il maestro Assis Brasil ricorda di avere letto in lingua originale, come tutti i suoi compagni di classe, **Cervantes**, **Chateaubriand** e **Milton**. Ciò ha probabilmente contribuito a dare grande impulso al suo amore per la letteratura.

Il primo romanzo che ricorda di avere letto per intero è stato "A relíquia", di **Eça de Queirós**. E da quel momento non si è dato pace fino ad esaurire completamente l'opera di questo autore, dal quale ammette di avere imparato molto riguardo alla struttura di un romanzo e lo sviluppo di un personaggio. Poi è stata la volta di **Flaubert**, con "Mme Bovary". Poi **Machado de Assis** e **Erico Verissimo**. In seguito, **Balzac**, **Stendhal** e **Zola**. Tra gli scrittori contemporanei e moderni, **Thomas Mann**, **Faulkner**, **Hemingway**, **Gide**, **Julien Green**, **Cortázar**, **García Márquez**, **Vargas Llosa**, **Saramago**, **Günter Grass**. Afferma di leggere molto, di tutto, senza regole, facendosi guidare dall'istinto e dai consigli; e questa è una delle cose sulle quali insiste con i suoi allievi. «Leggete di tutto, e soprattutto leggete cose diverse dalla narrativa», li esorta.

Altro elemento che ha condizionato il futuro scrittore è stato lo studio della musica classica: dopo aver studiato il violoncello, per ben quindici anni Assis Brasil ha fatto parte dell'Orchestra sinfonica di Porto Alegre.

Cintia Moscovich

e. Un'esperienza importante, come lui stesso afferma, «in primo luogo per imparare a essere un mero esecutore degli altrui sentimenti, e nel caso specifico di una composizione musicale, l'emozione e la passione del compositore e del direttore». Esperienza che ha trasfuso nella novella "O homem amoroso" (pubblicata in Francia col titolo "L'Homme Amoureux" nel 2003). A tutt'oggi, nonostante non pratichi più quotidianamente il suo strumento, lo scrittore dice di sentirsi più musicista che mai, ma senza dover subire la tirannia delle note musicali.

Assis Brasil iniziò a scrivere professionalmente nel 1974, in seguito a una gravissima malattia che lo costrinse in ospedale e per la quale dovette subire un'operazione. Durante la convalescenza scrisse quelle che poi sarebbero diventate le prime pagine del suo primo libro, *Um quarto de légua em quadro*. Non aveva idea del loro destino. L'idea originale era di scrivere un'opera storica sull'immigrazione dalle Azzorre verso Rio Grande do Sul. Invece diventò un romanzo, e da quel momento non smise più di scriverne.

La carriera accademica di Assis Brasil è sconfinata. A parte l'Oficina de Criação Literária, iniziata nel 1985 e oggi più viva che mai, oltre alla laurea lo scrittore vanta innumerevoli dottorati, corsi di specializzazione, inviti da parte di università straniere. E la sua supervisione compare in pubblicazioni di antologie di scrittori da lui presi a bottega (e del cui successo è orgogliosissimo). Per lui – sostiene – l'ambiente universitario è vitale come l'aria, solo così sente possibile convivere in maniera palpabile con la letteratura e i suoi autori.

Crede nel lavoro con metodo: senza pianificazione è quasi impossibile scrivere. Questo senza nulla togliere all'immaginazione, perché il vero momento della creazione è il momento dell'idea originaria.

La copertina di *A margem imóvel do rio*, di Assis Brasil

In seguito si tratta di lavorarvi sopra per verificarne la logicità, i rapporti di causa effetto. Perché ciò che importa è il risultato finale, la sua naturalezza, la sua forza di comunicazione. La tecnica letteraria – come quella pittorica, musicale, coreutica – può essere conquistata attraverso lo studio, l'esercizio quotidiano (il suo motto è: *nulum die sine linea*, nessun giorno senza scrivere una riga).

I laboratori di scrittura creativa, nati negli Stati Uniti negli anni 40, ormai sono una realtà ovunque; **Raymond Carver** ne è un figlio. Ma in Brasile sopravvive un atteggiamento polemico, elitario, reazionario ma anche romantico, del quale si fanno portavoce alcuni scrittori che credono unicamente nel talento, dividendo le

persone tra quelli che lo possiedono e quelli che ne sono privi, e che, pur non mettendo in discussione l'utilità di una scuola di danza o di musica, non sono disposti ad ammettere che un laboratorio di scrittura possa abbreviare i tempi e dare a un potenziale scrittore gli strumenti necessari per produrre opere di valore.

«Padroneggiare la tecnica significa scrivere in modo che il lettore desideri sapere cosa succederà nel capitolo successivo. La narrazione deve procedere per episodi, devono succedere cose. Questo è cinema», afferma de Assis Brasil.

Perché e quando ha deciso di tenere un Laboratorio Letterario?

«È stato quando ho acquisito maturità sufficiente come docente e, aggiungerei, scrittore. Mi sono sentito in grado di unire i due aspetti, quello produttivo e quello riflessivo. La mia intenzione era, ed è, essere di ausilio agli scrittori della nuovissima generazione. Un aiuto che non ho avuto – e quanto l'avrei desiderato! – da giovane»

Quali sono gli ingredienti di una storia ben scritta?

«La presenza evidente di tensione. Qualcosa che abbia assolutamente bisogno di essere risolto. Senza tensione non esiste fiction. Poi, buoni personaggi, cioè a tinte forti, e questa loro forza deve manifestarsi non nelle loro costanze, ma nelle loro contraddizioni».

Come si struttura un romanzo? Come si sviluppa un personaggio?

«Per la struttura, si parte da una sinossi: in seguito, una pre-sceneggiatura. Poi, personalmente procedo a una verifica della coerenza interna all'opera, per vedere se il meccanismo funziona. Soltanto a quel momento inizio a scrivere. Quanto ai personaggi, il mio criterio è questo: ognuno di loro deve essere unico. Non deve esistere al mondo nessun altro che gli somigli. È questa singolarità che giustifica l'esistenza di un personaggio».

Quanta importanza ha il «talento»? E quanta ne ha la «tecnica»?

«Risponderò con frasi rubate ad altri. I costruttori delle cattedrali gotiche avevano un lemma: *ars sine scientia nihil est*. L'arte senza scienza non è nulla. Majakovsky insegnava ai suoi alunni: "Solo la tecnica è in grado di liberare il talento". Questo

concetto è valido per tutte le arti, ed è pienamente accettato. Non riesco ancora a capire la posizione reazionaria di alcuni miei colleghi, che negano questa possibilità. Hanno una visione elitaria della letteratura».

Chiunque può imparare a diventare scrittore?

«La risposta potrebbe essere data da un insegnante di pittura, musica, architettura, danza, ecc., per quello che riguarda le loro rispettive arti. E la risposta è valida anche per la letteratura. Il problema sta nella formulazione della domanda che, mi pare, esige una risposta riduttiva quanto impossibile. È impossibile affermare, *tout court*, che si possa imparare a diventare uno scrittore. Si possono imparare le tecniche, che sono perfettamente trasmissibili. Si impara a sbloccare l'immaginazione. Si impara a convivere con i colleghi del corso. Questo avrà come effetto, forse, l'apprendimento della scrittura».

Chi sono gli scrittori brasiliani e internazionali più amati dai suoi discepoli? E quali quelli che lei consiglia a loro?

«Sento che hanno una predilezione per gli scrittori giovani, dell'ultima generazione. Si identificano con loro. O quelli, o la *lost generation*. Ma il consiglio che do loro è di leggere di tutto, e in special modo libri non di letteratura».

Quali sono gli scrittori brasiliani che consiglierebbe a un europeo, per capire meglio l'anima e l'identità culturale brasiliana?

«Innanzitutto non esiste una identità culturale brasiliana, così come non esiste un'identità culturale spagnola. Siamo un paese così grande che è impossibile parlare di una cultura uniforme. In questo nostro mosaico culturale, è bene regionalizzare. Nel 19° secolo, sono soprattutto due: José de Alencar e Machado de Assis. Nel 20° sono: Euclide da Cunha, Osvald de Andrade, Mário de Andrade, Erico Verissimo, Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, João Simões Lopes Neto, Chico Buarque, Milton Hatoum, Sérgio Sant'Anna, Bernardo Carvalho, Luis Fernando Verissimo».

Quali sono le caratteristiche della letteratura fatta dalle nuove generazioni?

«E' una letteratura apatride, nel miglior senso del termine. I giovanissimi non sentono, in materia di produzione letteraria, nessuna specie di "obbligo regionale", il che potrebbe frustrare il lettore straniero alla ricerca di esotismo».

Che differenze vede tra i suoi alunni di oggi e quelli di dieci anni fa?

«Esattamente questa perdita dell'istinto regionale-nazionale, il che è un bene. Gli alunni di oggi si sono sbarazzati del passato».

Molti scrittori brasiliani sentono la necessità di sperimentare qualcosa di diverso in materia di stile, perdendo di vista la storia in sé. È d'accordo? E perché questo succede?

«Sono sperimentazioni vuote e che causano profondo tedio nel lettore. Se l'obiettivo è annoiare il lettore, hanno raggiunto il loro obiettivo. Una buona storia è il miglior parametro per un buon romanzo, e questo fin dai tempi di Omero».

Perché in Brasile esistono più "raccontisti" che romanzieri? È un problema di respiro?

«No. E' proprio una questione di vocazione. Il racconto, al contrario di quello che si può pensare, esige molto più respiro di un romanzo, perché necessita di massima concentrazione e del minimo sforzo con il minor numero possibile di parole».

Lei una volta ha affermato che «in un'orchestra, il musicista è un esecutore nel vero senso della parola. L'emozione e la passione sono del maestro e del compositore». Rapportando questo meccanismo alla creazione letteraria, dovrebbe essere la stessa cosa per lo scrittore. Che è un compositore, mentre i sentimenti appartengono ai personaggi, creature inventate. Come anche nella recitazione: è indispensabile immedesimarsi, ma non sostituirsi. Molti scrittori confondono i propri sentimenti con quelli dei protagonisti oppure continuano a scrivere libri autobiografici, senza uscire da se stessi. È d'accordo?

«Completamente. Vi sono scrittori che scrivono per tutta la vita lo stesso libro. E cioè: la propria vita, raccontata da loro stessi».

Riesce a prevedere quali tra i suoi allievi hanno i requisiti necessari per diventare scrittori di successo?

«Sì, con relativa esattezza. Possono accadere sorprese. Ma sono molto rare».

Cosa pensa che gli europei si aspettino di trovare negli scritti di provenienza brasiliana?

«Esotismo e lotta sociale. Ma - grazie al cielo - questa è acqua passata, nella nostra cultura».

Che cosa manca agli scrittori brasiliani perché il mercato internazionale si apra di più alle loro opere?

«Che il governo vari una politica forte di borse di sostegno per le traduzioni, e stipuli accordi con editori stranieri, come succede in vari altri paesi. Vi sarà contemporaneamente bisogno di incentivare modalità di collocare fisicamente lo scrittore in altri paesi. Ai nostri giorni non si può separare l'opera dalla presenza fisica dello scrittore».

TESTIMONIANZE DI EX ALLIEVI DI ASSIS BRASIL

Abbiamo infine chiesto ad alcuni ex allievi di raccontarci qual è stato l'insegnamento più importante che Assis Brasil ha trasmesso loro. Ecco alcuni pareri:

Cintia Moscovich. Finalista del premio Portugal Telecom 2005 e Jabuti con *'Arquitetura do Arco-Iris'*. Della stessa autrice: il romanzo *'Duas Iguais'* (di cui un estratto si trova su *Sex'n'Bossa*- Mondadori, 2005), e *'Anotações durante o Incendio'*.

«Ho frequentato l'Oficina de criação literária della Pucrs (Università cattolica di Rio Grande do Sul), diretta da Luiz Antonio de Assis Brasil, tra il 1995 e il 1996. A ogni lezione, ribadiva il concetto che un autore può dirsi tale solo quando ha dubbi, quando esita, quando pensa che il meglio deve ancora arrivare. Credo sia stato questo il suo insegnamento più grande: un autore deve essere mosso dai dubbi. Le certezze sono la morte di qualsiasi carriera artistica. Uno scrittore deve sempre interrogarsi, ci insegnava, non sulla qualità del proprio testo, ma anche e soprattutto sul compito dello scrittore. Assis non ci ha insegnato l'insicurezza o la mancanza di fiducia nella propria scrittura. Quello a cui si riferiva era l'inquietudine, la ricerca di qualcosa che sta oltre noi, il correre dietro, quasi ossessivamente, alla migliore maniera di scrivere quello che abbiamo in mente. Una questione di umiltà, insomma. L'umiltà di ascoltare l'opinione dei colleghi, dei lettori, l'umiltà di vedere l'opera attraverso una prospettiva critica salutare. E, nel dubbio, tagliare. Sfrondare eccessi e appendici che più che aiutare ingombrano. Saper ascoltare è, per me come per Assis, la maggiore qualità di uno scrittore. Sapere ascoltare come chi chiede, e raccogliere quello che ne deriva. Il dubbio è umiltà. La certezza è ingenua arroganza. Dopo un anno di lezioni con Assis Brasil, questa di sicuro è la lezione più grande. Dubito di quello che scrivo, chiedo il parere di colleghi del settore e di lettori puri. E se ho qualche dubbio, taglio. Grande maestro».

Amilcar Bettega Barbosa. Finalista del premio Portugal Telecom e Jabuti con *'Os lados do círculo'*, 2004. Dello stesso autore: la raccolta di racconti *'Deixe o quarto como está'* (da cui è tratto *'La visita'*, pubblicato sull'antologia *Sex'n'Bossa*, Mondadori, 2005), Premio Açorianos de Literatura 2003 e menzione speciale

Premio Casa de Las Americas, e `O Vôo da Trapezista`, Premio Açorianos de Literatura 1995.

«Per ragioni legate alla mia storia personale il laboratorio è stato importante nel mostrarmi un cammino. È stato il luogo e il momento in cui ho trovato un'eco e condizioni favorevoli per sviluppare qualcosa che non sapevo bene cosa fosse ma che era legato al bisogno di esprimermi. Non sapevo con esattezza se scrivere fosse ciò che intendevo fare. Mi iscrissi al laboratorio istintivamente, come ho sempre fatto per tutte le cose in vita mia. Non avevo mai conosciuto, né nella mia famiglia, né tra i miei docenti, né tra i miei compagni di liceo e poi di università, persone che fossero affascinate dalla letteratura come lo ero io. Il laboratorio è servito a mostrarmi che non ero così solo come pensavo. Ma forse l'insegnamento più importante dell'Oficina è mettere in chiaro che è impossibile insegnare a qualcuno a scrivere un testo letterario, mentre invece è possibile insegnargli a leggerlo. Scrivere un articolo per un giornale o un rapporto o una lettera è ben diverso dallo scrivere un testo letterario. E anche la sua lettura necessita di un altro tipo di approccio. Di sicuro si esce da un laboratorio con un senso critico più sviluppato. Leggiamo meglio, e questo si ripercuote sul momento della scrittura. Discutere criticamente i testi altrui e i propri è un grande esercizio per chi desideri scrivere. Quando tutto questo succede sotto la supervisione di un grande scrittore come Assis Brasil, il risultato non può essere migliore. E quello che a volte passa un poco in secondo piano è la tremenda generosità intellettuale di questo scrittore che, già consacrato, potrebbe starsene comodamente a dedicarsi alla propria opera e basta. Il lavoro che Assis fa per la letteratura dello stato di Rio Grande do Sul è già riconosciuto, ma la sua enorme e vera dimensione sarà di fatto rivelata nel corso degli anni a venire».

Bibliografia di Luiz Antonio de Assis Brasil

- *Um quarto de légua em quadro*, 1976, *Prêmio Ilha de Laytano*.
- *A prole do corvo*, 1978
- *Bacia das almas*, 1981
- *Manhã transfigurada*, 1982
- *As virtudes da casa*. 1985
- *O homem amoroso*, 1986
- *Cães da província*, 1987 - *Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro* 1988
- *Videiras de cristal*, 1990

- *Il romanzo in tre volumi Um castelo no pampa, che si divide in Perversas famílias* (1992 – vincitore del Prêmio Pégaso de Literatura, Colombia), *Pedra da memória* (1993) e *Os senhores do século* (1994), questi ultimi Prêmio Açorianos de Literatura 1994/1995, rispettivamente come miglior romanzo e migliore opera dell'anno, e *Pedra da memória* Prêmio Pégaso de Literatura Latino-americana de Bogotá 1994, Colombia
- *Concerto campestre, Breviário das terras do Brasil e Anais da Província-boi* , 1997
- *O pintor de retratos*, 2001, Prêmio Machado de Assis, della Fundação Biblioteca Nacional.
- *A margem imóvel do rio*, 2003 (Livro do ano 2004, assegnato dalla Associação Gaúcha de Escritores; 2° posto Prêmio Jabuti 2004; Prêmio Portugal Telecom 2004)
- *All'estero: O pintor de retratos in Portogallo* (Editora Âmbar, do Porto); *O homem amoroso*, Editions Harmattan, Paris (*L'Homme Amoureux*), e *Concerto campestre* (*Concierto campestre*) in Spagna, Editora Akal, Madrid

© Copyright Musibrasil 2005-2007. Tutti i diritti riservati.

testata giornalistica registrata il 23.1.2002 presso il tribunale di Como direttore

responsabile: Fabio Germinario

ufficio marketing: Antonio Forni

grafica e programmazione: Raoni Guerra

editore: "Rete Musibrasil" - Casella postale 420 - 22100 Como (Italia)

redazione: Tel. - fax: +39.031.300394 - redazione@musibrasil.net

SENHOR DAS LETRAS

Gentil – homem das letras rio-grandenses, o elegante romancista Luiz Antonio de Assis Brasil comemorou este ano duas décadas à frente de um dos seus projetos mais caros: a Oficina de Criação Literária da PUCRS, que desde 1985 permite a troca de experiências entre autores iniciantes. A oficina recebeu na última Feira do Livro o prêmio Fato Literário 2005.

Ele próprio um dos maiores escritores do Estado, revisitando o passado do Rio Grande do Sul em obras como *Cães da província* e a trilogia *Um castelo no pampa*, Assis Brasil publicou há dois anos o romance *A margem imóvel do rio* e já prepara um novo para 2006.

Qual a sua lembrança de infância mais remota?

É de quando tinha dois anos. Subia penosamente uma escada, no topo me esperava um senhor de barbas brancas, que largou a bengala para me acolher em seus enormes braços.

Qual seu maior ídolo na adolescência?

Não tive ídolos, mais me impressionavam as baladas do Elvis.

Onde você passou as suas férias inesquecíveis?

Na primeira viagem a Paris, com a Valesca e a Lúcia.

Qual a sua idéia de um domingo perfeito?

Em casa, lendo, escrevendo, vendo filmes em DVDs. Ou num churrasco feito pelo meu genro, o Leonardo Meneguetti.

O que você faz para espantar a tristeza?

Não tenho tristezas, mas inesperados instantes de pausa constrangida. Quando acontecem, vou escrever.

Que som te acalma?

Música do século 18.

O que dispara seu lado consumista?

Viagens, como todo mundo. Em geral perco-me nas livrarias.

Qual a palavra mais bonita da língua portuguesa?

Antônio – o nome do meu netinho.

Que livro você mais cita?

Ensaíos, de Michel de Montaigne.

Que filme sempre você quer rever?

Nostalgia, do Tartóvski.

Que música não sai da sua cabeça?

Um silvo permanente, resultado do meu *Tinnitus Aurium*. Não é bem uma música, mais uma cacofonia selvagem. Ela não sai da minha àbeça – literalmente.

Um gosto inusitado.

Ler histórias de desastres aéreos. Para estar preparado.

Um hábito de que você não abre mão.

Ler, ler, ler.

Um hábito de que você queira se livrar.

Sempre comer um pouco além do que preciso.

Um elogio inesquecível.

“Você é a única pessoa, em todo o país, que ainda sabe usar a mesóclise” – me disse um aluno. Poder-se-ia esquecer isso?

Em que situação vale a pena mentir?

Quando eu estiver doente de morte certa. Mintam-me, que eu agradeço. Nem que seja lá, na outra vida.

**Em situação você perde a elegância?
Quando sou vítima de pessoas mal-educadas. Torno-me pior do que elas.**

Em que outra profissão consegue se imaginar?

Músico de orquestra sinfônica. Violoncelista.

O que estará fazendo daqui a 10 anos?

Comemorando os 30 anos da oficina.

Eu sou...

Um escritor – aprendiz.

QUEM É ELE

- ❖ Nasceu em Porto Alegre em 1945.
- ❖ Formou-se em Direito em 1970 pela PUCRS e integrou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. É doutor em Letras e pós-doutorado em Literatura Açoriana.
- ❖ Estreou com o romance *Um quarto de légua em quadro* (1976), que lhe deu o Prêmio Ilha de Laytano. Serviram-se *A prole do corvo* (1978), *Bacia das almas* (1981) e *Manhã transfigurada* (1982).
- ❖ Em 1983, assumiu a direção do Instituto Estadual do Livro. Dois anos depois, lançou *As virtudes da casa* e começou a coordenar a Oficina de Criação da PUCRS.
- ❖ Entre suas obras adaptadas para o cinema, estão *Videiras de cristal* (em *A paixão de Jacobina*, de Fábio Barreto), *Concerto campestre* (dirigido por Henrique Freitas Lima) e *Um quarto de léguas em quadro* (obra que inspirou *Diário de um novo mundo*, de Paulo Nascimento).

* Suas obras mais recentes são *O pintor de retratos* (2001, vencedor do prêmio Machado de Assis) e *A margem imóvel do rio* (2003, terceiro lugar no Prêmio Portugal Telecom 2004).

Zero Hora/auto-retrato
27 de novembro de 2005
Dona ZH

Bom dia, Luiz Antonio de Assis Brasil

Escritor: Viaja hoje para os Açores, com a mulher, Valesca, para acompanhar a sessão de lançamento do filme *Diário de um novo mundo*, baseado em um livro de sua autoria.

Informe Especial – Como será o lançamento do filme?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Recebi o convite do governo dos Açores para as sessões de estréia do filme, que será apresentado em salas nas três principais ilhas. É a primeira vez que *Diário de um novo mundo* será exibido fora do Brasil e o momento é o melhor possível: em 2006 faz 30 anos que o livro foi publicado.

IE – E qual a sua expectativa?

Assis Brasil – Estou curioso para ver a reação do público. Também vou participar de debates em escolas. Gostei de saber do interesse dos açorianos por um relato que fiz sobre o século 18 e sobre imigrantes que vieram para o sul do Brasil.

Zero Hora/Especial
6 de fevereiro de 2006

UM PASSADO EM BUSCA DE RECRIAÇÃO

Eduardo Lanius

Joaquim José de Mendanha (1800 – 18885), mineiro de Itabira do Campo que dominou a cena musical do Estado no período imediatamente subsequente à Revolução Farroupilha, passou à posterioridade como criador da melodia do *Hino Rio-Grandense*. É lê o protagonista de *Música perdida* (L&M, 222 páginas, R\$ 28,00), romance de Luiz Antonio de Assis Brasil que ganha sessão de autógrafos às 18h30min de hoje, nas Livrarias Porto do Shopping Iguatemi (João Walling, 1800). A narrativa encerra o tríptico Visitante ao Sul, que se completa com *O pintor de retratos* (2001, prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional) e *A margem imóvel do rio* (2003, prêmio Jabuti e Portugal Telecom). Os três pertencem a uma fase de contenção estatística dentro da obra de Assis Brasil, em oposição à frase sinuosa – que, às vezes, se estendia ao longo de seis, sete linhas – de outros tempos. Um pouco curiosamente, estão ligados também ao período em que o escritor gaúcho recebeu honrarias nacionais e convites para palestras no centro do País, uma visibilidade até então desconhecida.

“Esse atual estágio pode corresponder a uma busca de essencialidade humana, que persigo. Hoje, escrevo mais lentamente. Sinto como cada palavra é fundamental, única, tem sua cor, sonoridade. Pode acontecer de ficar um dia em uma frase, coisa que não fazia antes. Tento dizer o máximo no mínimo”, resume de Assis Brasil, a quem uma passada de olhos eventual em algum dos romances anteriores que assinou deixa “desconfortável”. A julgar pelo Jabuti e o Portugal Telecom, ambos conquistados por *A margem imóvel do rio*, parece com tudo que, quanto aos leitores especializados, a guinada deu resultados positivos. A concisão, que no início foi motivo de insegurança e receio, adquiriu estatuto de definitiva, trinta anos após sua estréia em livros, com *Um Quarto de Léguas em Quadro* (que se transformou em filme, assim como *Videiras de cristal* e *Concerto campestre*). Mas, segundo Assis Brasil, uma parcela significativa de admiradores prefere os títulos antigos e volta a eles, enquanto que muitos leitores mais novos – para quem, aliás, o autor é uma espécie de mestre literário – têm acompanhado com entusiasmo a mudança de caminho.

Na contramão da rota migratória que levou quase todos os expoentes gaúchos das novas gerações a garantir publicações com editoras de São Paulo ou Rio de Janeiro, o autor de *Música perdida* desdenha um assédio que, é claro, não o tem poupado. Interessa-lhe, sobretudo, tempo para escrever seus romances, ministrar uma oficina de criação que já ultrapassou duas décadas de vida e continuar a entrevistar escritores – em especial os estreantes – para um programa na tevê a cabo. Assis Brasil igualmente não cogita dar nova roupagem aos livros que lhe firmaram reputação, embora tenha uma aguda percepção do quanto são insatisfatórios. “Tudo isso é passado. Gostaria de tê-los escritos de outra forma, mas não os reescreveria”, diz. As mudanças, porém, não se dão somente em termos de estilo. Mesmo o entendimento da História – matéria-prima sobre a qual trabalha – para ele é diverso: se antes temia completar lacunas para as quais não existiam registros confiáveis, hoje não se furta a recriar. “Nos primeiros, quis ter fidelidade. Isso era balela. Os próprios historiadores estão em crise”, assegura.

Jornal do Comércio/Panorama
POA, 17 de outubro de 2006
Edição 79 – ano 74

Luiz Antonio de Assis Brasil

CONFISSÕES DO PROFESSOR

O novo Assis Brasil – de livros mais enxutos e mais prêmios no currículo – analisa o velho, e conclui: “Eu realmente acho que escrevia demais. Mudar era um risco, mais era um risco que eu precisava correr”.

Por Daniel Feix

Assis Brasil já completou 60 anos de idade (em 2005) e está prestes a atingir a marca de 30 anos de carreira literária (em 2006), com 15 livros publicados. Mas poucos foram os momentos, ao longo de todo este tempo, em que ele teve tanto reconhecimento. Em 2004, esteve entre os vencedores do Prêmio Jabuti e do Portugal Telecom. Em 2005, sua Oficina de Criação Literária, uma das mais antigas do país, em atividade há exatos 20 anos, ganhou o Fato Literário. Além disso, cada ano tem sido ano de lançamento de uma longa-metragem produzido a partir de sua obra – de 2002 pra cá estrearam *A Paixão de Jacobina*, *Concerto campestre* e *Diário de um Novo Mundo* e estão em processo de produção adaptações de *Manhã transfigurada* e *O pintor de retratos*.

A boa fase tem explicação, como se verá na entrevista a seguir. *O pintor de retratos* e *A margem imóvel do rio*, seus dois últimos livros, propõe uma ruptura de estilo marcante – e irreversível. É o próprio Assis Brasil quem afirma: depois de tê-los escritos, dificilmente voltara a praticar a literatura que praticou na maior parte de suas obras anteriores. “Quando penso nos romances maiores que escrevi, e quando os abro em algumas páginas, eu me dou conta de que como aqui está demais. Me dou conta de que como as cenas podiam ter sido mais econômicas”.

Como a guinada na carreira foi dada a quatro, cinco anos, já se pode dizer que é hora de avaliá-la. Pois também isso faz parte destas confissões do professor.

APLAUSO: Sua literatura mudou nos últimos livros, *O Pintor de Retratos* e *A margem imóvel do rio* você está mais econômico nas palavras, o que faz com que estes livros tenham ficado menores, mais enxutos. É a esta mudança que você acredita o reconhecimento que tem obtido ultimamente?

Luiz Antonio de Assis Brasil: acho que a mudança na verdade é inexplicável – ao menos até certo ponto. Não há uma justificativa precisa para explicá-la. A mudança simplesmente aconteceu. Contudo eu tenho consciência de que, em termos de linguagem, eu estava começando a repetir a mim mesmo. Eu realmente acho que escrevia demais. Sei que mudar era um risco, porque os meus leitores estavam acostumados com o tipo de literatura que eu vinha fazendo. Mas era um risco que eu tinha que correr. Era um risco que eu precisava correr.

Que tipo de reações você recebeu do público?

Houve uma certa surpresa de alguns leitores que me liam há mais tempo. Em alguns casos, senti até uma espécie de rejeição. Ouvi vários comentários deste tipo: “Gostei do livro, mais preferia teu estilo antigo”. Mas eu sabia que isso aconteceria, tinha consciência. Assumi o risco. Afinal, eu também preferia que escritores dos quais eu gosto não mudassem. Em compensação posso dizer que os leitores mais novos, de uma forma geral, gostaram da mudança. Só tive bons retornos dos mais jovens. Quanto à pergunta inicial, acho que a resposta é sim. Porque as minhas temáticas permanecem as mesmas. O que mudou, de fato, foi o estilo. O pintor de retratos e A margem imóvel do rio dizem muito com pouco – ou, pelo menos, pretendem fazer isso. São livros mais diretos.

Você se sente mais satisfeito com a sua literatura?

Sinto que a mudança deu certo. Os prêmios mostram isso. E os números de vendas também: O pintor de retratos e A margem imóvel do rio foram meus livros que mais venderam. Só temo, agora, que eu comece a me repetir novamente. Mais aí parto para outra coisa, mudo de novo, sem problemas. Embora seja preciso ter pique para desafios como este. Veja que resolvi mudar próximo dos 60 anos, quando normalmente ninguém muda mais nada.

O pintor de retratos e A margem imóvel do rio são da L&PM. Eles não podem ter vendido mais por que tiveram melhor distribuição?

Não. Porque eu já tinha publicado Concerto campestre e Breviário das Terras do Brasil pela L&Pm. E eles venderam menos que estes dois últimos. Ou seja: o aumento nas vendas, parece-me, é um fenômeno da própria literatura, e não da distribuição. Outra coisa: todas as críticas publicadas sobre O pintor de retratos foram favoráveis. Isso nunca havia acontecido comigo. Mais, este livro, e depois A margem imóvel do rio, foram os meus livros que interessaram aos editores estrangeiros. Talvez por sua maior legibilidade e, digamos assim, universalidade.

Será que a melhor aceitação dos leitores não tem a ver com uma mudança dos próprios leitores? O público não está querendo livros menores, mais enxutos, “diretos”, como você disse?

Na verdade, eu não cheguei a refletir sobre isso. A mudança foi uma questão pessoal, mesmo. Pensando agora, no entanto, estou achando que é perfeitamente possível que eu tenha sido tocado por este desejo do público. A convivência com os leitores, as conversas com eles podem, subliminarmente, ter-me incentivado a mudar. Mas eu já havia escrito novelas antes. Manhã transfigurada e O homem amoroso são dois exemplos. O que aconteceu, de fato, foi que eu abandonei os romances grandes, panorâmicos. Penso que, daqui para frente, eu teria muitas dificuldades de escrever novamente algum romance naquela dimensão que eu escrevia antes. Quando eu penso nos romances

maiores que eu escrevi, e quando os abro em algumas páginas, eu me dou conta de que como aquilo está demais. Me dou conta de como as cenas podiam ter sido mais econômicas, de como há coisas sobrando.

“Ah, se desse para editá-los” – é isso que você pensa?

É mais ou menos por aí. Não sei exatamente o que pode acontecer, e por isso não sei o que farei daqui para frente. Mas eu sinto que devo me concentrar em fazer novelas ou outras obras menores.

Uma das principais lições de sua oficina literária – e aqui quem fala é um ex-aluno dela – é a economia de texto. Você prega que não é preciso escrever nada além do necessário. Foi a partir da experiência de ensinar que a sua literatura mudou?

Bom, não posso ser daqueles sobre os quais se diz “faça o que eu digo; não faça o que eu faço”, né? Então acho que a mudança tem a ver com a oficina, sim. Aprendo muito com os alunos, vou descobrindo as coisas junto com eles. O que eu persigo é mais ou menos o mesmo que insisto com os alunos: num texto, cada frase a cada palavra precisam ser essenciais. Há sempre uma palavra exata para descrever alguma situação.

Discutem-se muito os métodos das oficinas literárias. Muitas pessoas acreditam que não é possível ensinar alguém a escrever. O que você acha disso?

Fala-se muito sobre isso, mas as oficinas sempre existiram. Sempre. A diferença é que, tempos atrás, cada escritor fazia a sua “auto-oficina”. Quando eu comecei, por exemplo, não havia oficinas no Brasil. Por isso tive de fazer este “auto-oficina”. Como? Tentando aprender com aqueles que escreviam melhor do que eu, observando como eles resolviam determinadas questões técnicas. Eu praticamente esquartejava alguns romances na tentativa de entendê-los em sua estrutura, em sua forma, em todas as suas questões técnicas. De certo modo, eu estava ensinando a mim mesmo. Além disso, os escritores tradicionalmente sempre consultam outros escritores amigos, enviam originais para serem lidos, trocam impressões a respeito das obras um do outro etc. isso eu também sempre fiz. E isso é, também, uma espécie de oficina literária. O que aconteceu foi que, com o passar do tempo, fui me dando conta de que era preciso organizar o aprendizado para que este processo tivesse um rendimento mais efetivo. Meu método, para início de conversa, é a simples organização do aprendizado que existe independentemente das oficinas coletivas. Como as coisas vão evoluindo, a gente vai aprendendo mais, vai discutindo com os alunos, um pede uma coisa, outro pede outra, o método vai sendo aperfeiçoado.

Por que as oficinas literárias são tão questionadas?

As oficinas são muito novas no Brasil. A resistência a elas se explica por isso. Nos Estados Unidos, elas são muito antigas (mostrando documento de um curso de escrita criativa da universidade de Iowa datado de 1897). Lá não há tanta resistência. E lá as oficinas literárias funcionam admiravelmente bem. Em toda a Europa, ninguém mais se pergunta se é possível ensinar a escrever. Este é um questionamento superável nos países de mais tradição em oficinas. Maiakovski dizia: “Só a técnica liberta o talento”. Ou seja, você pode ser uma pessoa talentosa, mas, se não conhecer a técnica, se não souber usá-la para expressar este talento, ele vai se perder. E técnica pode se aperfeiçoar, sim. Técnica pode ser objeto de ensino e aprendizagem. Talento é que não pode. Não se pode confundir as coisas.

Há mais resistência às oficinas literárias no Brasil?

Sim, e principalmente da parte saindo dos escritores. Os escritores gostam de preservar aquela aura de “iluminado”, gostam de fazer seu marketing. Não digo que façam isso de maneira consciente, mais o fato é que muitos deles demonstram resistência às oficinas por esse motivo.

Uma parcela muito grande dos novos escritores tem saído de oficinas ou mesmo de academia. Há cada vez menos autodidatas, não é? Por quê?

Isso acontece ainda mais nos Eua e nos países nos quais as oficinas têm mais tradição. Atrevo-me a dizer que em breve, praticamente todos os escritores brasileiros saíram de oficinas literárias. É só uma questão de tempo. Assim é nos Eua. E é ótimo que seja assim – desde que os ministrantes das oficinas respeitem as individualidades, o tom criativo e o estilo de cada aluno, é claro.

O professor aposta especialmente em algum novo talento literário? Há algum nome que com certeza o público vai ouvir falar muito em breve?

Olha, eu já tive surpresas – nos dois sentidos. Houve alunos que durante a oficina tiveram atuação discreta e que depois acabaram publicando e recebendo ótimas críticas. E houve também aqueles nos quais eu apostava muito, mas que o talento, ao que parece, ficou no meio do caminho. Então eu prefiro não me arriscar a citar nomes.

Em entrevista a APLAUSO 61, publicada no início de 2005, o professor Luís Augusto Fischer fez uma crítica à sua obra, dizendo que, por estar situada num espaço de tempo e num universo restritos, ela oferece uma visão limitada do mundo. Como você responde a isso?

Eu diria que esta é uma visão equivocada. Porque se trata de uma crítica a partir de uma visão regional. Se opinião realmente correspondesse ao que acontece, meus livros não seriam publicados no exterior – como estão sendo, em Portugal, na Espanha e na França. Se fosse assim, meus livros seriam ilegíveis fora deste universo ao qual eles estão relacionados. Eu gostaria de ler críticas de natureza estética, que avaliassem se meus livros são bons ou ruins, isso sim. São muitos os escritores que falam de temas regionais, que falam de sua aldeia, e são lidos ao longo de muitos anos, nos mais diversos lugares do mundo. O tema e o cenário não são os indicadores da universalidade de uma obra.

Mas quando o crítico diz que uma obra oferece uma visão limitada do mundo, ele está fazendo uma crítica de natureza estética.

Mas que visão limitada seria esta se meus livros são lidos, entendidos e inclusive premiados fora do Brasil? Insisto: as publicações no exterior demonstram que esta crítica não tem fundamento. Se eu fizesse uma literatura limitada pelo regional, meus livros não sairiam do Rio Grande do Sul, quanto mais receberiam prêmios.

O que você tem achado das várias adaptações de sua obra para os cineastas?

De uma forma geral, gostei de todas. Concerto campestre é um filme a ser revisto. Tem drama, paixão, é envolvente.

Quais são seus planos para o futuro? Os leitores podem esperar novas mudanças? Ou quem já mudou próximo dos 60 não deve mudar mais?

Apesar de me considerar um escritor realizado, eu não estou conformado. A mudança demonstra – ao menos para mim – que a inquietude me ronda, e que é bem possível, sim, que ocorra outra reviravolta. Mas não deixarei de ser fiel a mim mesmo. Enquanto houver esse desejo de sempre me reencontrar, de escrever um livro melhor do que o último, estou salvo.

Porto Alegre: APLAUSO/Cultura em Revista, ano 8,
Janeiro 2006

VIDA**A DESCOBERTA DA CAUSA DO TINNITUS AURIUM FACILITA O TRATAMENTO, MAS EM OUTROS CASOS É PRECISO APRENDER A CONVIVER COM O RUÍDO.****COM O SOM DAS CIGARRAS, SEMPRE**

Um zunir contínuo, como se fosse cigarras em um bosque a 50 metros de distância. É assim que o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil descreve o barulho permanente que o aflige dia e noite há cerca de 15 anos. É com o mesmo ruído constante que sofre o protagonista do mais novo romance do escritor, *A Margem Imóvel* d Rio, a ser lançado em outubro.

O rumor ininterrupto, chamado de tinnitus aurium, afeta de 20 a 25 milhões de pessoas no Brasil em diferentes fases da vida e em níveis mais ou menos intensos, segundo o otorrinolaringologista Simão Pilt-cher, chefe do serviço da especialidade no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Como as causas podem ter origem física ou psicológica, o diagnóstico e o tratamento ficam mais difíceis. Por isso, muitos portadores têm uma única saída: aprender a lidar com o problema.

- Para mim, surgiu sem uma razão. E acho que terei de conviver com isso o resto da vida – conforma-se Assis Brasil, 58 anos.

Dependendo do grau em que o tinnitus se manifesta, variam as limitações impostas à vida do portador. Adotando-se medidas simples, como ter sempre por perto uma fonte de ruído constante, como um computador ou a TV ligados, pode ajudar (veja as dicas de Assis Brasil no quadro). Se isso não garantir tranquilidade, pode-se buscar a causa do problema.

Para quem tem o sintoma, a experiência do silêncio apavora porque acentua o zumbido.

- Eu nunca vou poder ter uma casa no campo – lamenta Assis Brasil.

Entenda melhor o zumbido**O que é**

O paciente percebe sons ou ruídos sem uma causa externa, como se estivesse “dentro da cabeça”. Costumam ser constantes, e podem ser temporários ou permanentes.

Porque ocorre

Pode haver uma causa física, como infecções ou obstruções do ouvido, problemas vasculares. Musculares e articulares, dificuldades na transmissão do impulso nervoso ao cérebro, uso de medicamentos, etc. Em outras situações, a causa pode não ser encontrada.

Como diagnosticar

São feitos exames físicos sobre o funcionamento do ouvido, como audiometria ou laboratoriais, e detalhado o histórico do paciente para

verificar o que pode causar o problema. Podem se envolver no caso otorrinolaringologistas, neurologistas e psiquiatras

Como tratar

Quando há causa determinada, o médico orientará o tratamento mais adequado, podendo por fim ao sintoma. Quando os exames não encontram a causa, a saída é aprender a lidar. Além das dicas do escritor, os médicos acrescentam outras:

Evitar o consumo de estimulantes, como chás, café, álcool e cigarro.

Medicamentos específicos ou o uso de aparelhos devem ser indicados pelo médico.

Fontes:

Otorrinolaringologistas

Simão Piltcher, do Clínicas, e Sérgio Moussalle da PUCRS.

Ambulatório do Zumbido

O Hospital de Clínicas criou no ano passado o Ambulatório do Zumbido. O grupo de apoio para pacientes e familiares é aberto à comunidade.

Informações: (51 3316-8314

As dicas do Escritor

- Procure um médico
- Tente esquecer o zumbido, ocupando-se com outras coisas
- Não fale constantemente do problema, pois além de chatear as pessoas, o zumbido volta a ser “audível”
- Evite lugares silenciosos
- Tenha sempre à volta algum rumor, como uma música suave, os sons naturais de uma casa, o trânsito da rua. Se isso não resolver, busque um som específico no meio de vários e procure escutar somente esse som
- Quando for dormir, deixe ligado um rádio ou a TV. Isso evita a preocupação com o zumbido depois de desligar a luz
- Tenha consciência de que seu caso pode ser de longa duração. Procure não dramatizar o assunto e, se possível, tente encará-lo com bom humor. No meu caso, escrevi um livro em que minha personagem sofre do

ra, Caderno Vida, 6.set.2003, p. 8

EM BRUSCA DE NOVOS HORIZONTES

Nascido em Porto alegre em 1945, o escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil recentemente trilhou o caminho inverso dos seus antepassados e atravessou o Oceano Atlântico rumo a Portugal, a fim de divulgar seu livro mais recente “A margem imóvel do rio”. A obra, segundo ele, é fruto de uma fase literária voltada para temas mais universais. “Embora meus dois últimos livros (‘O pintor de retratos’ e ‘A margem imóvel do rio’) se passem no Rio Grande do Sul, eles estão com uma carga cada vez maior de uma pretensão de serem lidos em qualquer lugar. Essa busca de uma literatura mais universal, embora eu não goste desse termo, é importante, pois foi a partir daí que começaram a acontecer prêmios, como o Prêmio Telecom Portugal de Literatura, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Machado de Assis”. Com 17 livros publicados, Assis Brasil, além do público lusitano, também conquistou leitores na França e na Espanha. Na entrevista a seguir, o escritor fala um pouco sobre a sua vida e obra.

Onde o senhor passou a infância?

Minha infância foi em Estrela/RS, na colônia alemã. Nós éramos uns dos únicos “brasileiros” (não descendentes de alemães) que moravam lá. Eu me criei ouvindo falarem alemão, meus colegas de aula falavam a língua e eu próprio falava um pouco. Quando vim para Porto Alegre aos 12 anos, tive contato com o Brasil mesmo.

A minha estada em Estrela, foi muito importante, porque eu acho que assimilei alguns dos valores que, geralmente, são atribuídos aos alemães, como ordem, disciplina, valorização do trabalho. Depois, isso me possibilitou escrever o livro “Videiras de cristal”, que se passa numa colônia alemã. Eu tinha um certo conhecimento da alma alemã e escrevi um livro para tentar responder a uma pergunta que eu sempre me fazia: como é que os alemães, tão disciplinados, tão organizados, tão ligados ao trabalho, de repente se envolveram em um episódio absolutamente irracional e dramático, que foi o dos muckers (grupo de fanáticos liderado por Jacobina Mentz Maurer, que se formou no então município de São Leopoldo – atualmente Sapiiranga – na localidade situada ao pé do morro Ferrabrás).

Como foi a mudança para a capital?

Voltei com a minha família, com meu pai e minha mãe. Meu pai era funcionário público e veio transferido para cá. Estudei no Colégio Anchieta. Tive uma formação bastante humanística que incluiu Filosofia, Latim, Literatura Portuguesa, Espanhola e Francesa. Isso tudo, de certo modo, estava preparando o futuro romancista. Além disso, havia muitos interesses, como Astronomia, História. Na verdade, eu gosto de tudo.

Embora tenha tido uma forte influencia germânica, o senhor tem origem portuguesa. Em algum momento isso foi colocado em sua obra?

O meu primeiro romance, “Um quarto de légua em quadro”, publicado no Brasil em 1976, tem como cenário a imigração açoriana no século 18, dos primeiros tempos dos portugueses no Rio Grande do Sul. Agora, em 2005, ele foi publicado em Portugal, na região dos Açores, numa edição especial.

O fato de ser escritor permite que o senhor viva uma série de universos, seja na pele de uma personagem, seja na pesquisa para um novo livro. A sua carreira literária é um reflexo dessa inquietação?

Um romancista, necessariamente, tem que ser eclético, senão ele vai acabar escrevendo sempre o mesmo livro. Embora seja escritor, sou apaixonado por Ciência. Gosto de fazer um calculo estrutural de física, gosto de saber como funciona um motor, esse tipo de sabedoria prática me fascina. Eu tento equilibrar esses dois lados. E isso é muito típico do romancista, pois ao escrever um livro se trabalha com arquitetura e engenharia. Primeiro vem o projeto, depois a execução. Para escrever um romance eu não consigo partir do nada, da “folha em branco”, como dizia antigamente, ou da tela em branco hoje. Eu tenho que ter isso muito organizado, começo, meio e fim.

O senhor é um escritor bastante identificado com temas relacionados ao Rio Grande do Sul. Qual é a origem dessa identificação?

É uma divisão interna que eu tenho, por uma questão de ancestralidade. Pertencço ao velho Rio Grande do Sul, minha família é uma das fundadoras do Estado, está aqui há 250 anos, é fundadora do Castelo Pedras Altas (utilizado por Assis Brasil na trilogia “Um castelo no pampa”). Tem esse lado, mas por outro lado sou um homem essencialmente urbano e isso sempre me tocou, eu me sentia devedor e credor desse passado por ser tão esmagador. Essa foi a forma que arrumei de conjugar o lado sofisticado, a escrita literária, com a minha ancestralidade, com a construção do Estado, com as revoluções nas quais meus familiares participaram. Meus pais, mais avós e meus tios são todos da campanha, todos do velho Rio Grande do Sul.

O senhor também ministra uma Oficina de Contos que já revelou novos talentos. Como é participar desse momento de formação?

Este é o trabalho que me dá maiores alegrias intelectuais e afetivas. Mais do que meus próprios romances. Eu já era professor (Assis Brasil leciona há 35 anos) antes de ser escritor. Eu já tinha o jeito do professor, aquele jeito de transmitir e de gostar de fazer isso. Ao mesmo tempo eu tinha um certo talento para escrever romances, ficção narrativa, isso para mim foi uma coisa muito natural, trabalhar com novos talentos. Isso me deixa muito alegre por saber que há

quase uma geração de escritores que saíram da oficina, gente muito boa, que está ganhando prêmios nacionais e internacionais.

Existem diferenças entre os escritores da sua geração e os que saem das oficinas, por exemplo?

Cada vez mais eu observo que aumenta o número de jovens que dizem “eu quero ser escritor”. Eu próprio não pensava assim, a literatura aconteceu. Agora, sinto um interesse profissional, como alguém que vai estudar em uma Universidade. Ao lado disso, eu noto uma fixação com a forma, com escrever bem, escrever de maneira efetiva, convincente, com resultado, o que leva a um cuidado maior com a forma. Coisas que a minha geração não tinham. Antes preocupados era mais com a ideologia, o que dizer e não como dizer. Hoje, noto que o como é muito importante.

E em relação à temática, existem mudanças?

Outra coisa que eu noto é que para os escritores que estão na faixa dos 20 a 30 anos o Rio Grande do Sul não é mais uma questão, e isso pe muito bom. Eu sou uma espécie de “fim de raça” de escritores para quem o Rio Grande do Sul ainda é uma questão. Temos o Tabajara (Ruas), eu, o (Sérgio) Faraco e antes o Erico (Verissimo), o Cyro Martins e o Josué Guimarães, que eram escritores pêra quem o Rio Grande do Sul precisava ser resolvido, ou para adorar ou para jogar pedra. No meu caso era para jogar pedra. Contudo, ainda é uma questão. Para os jovens escritores os problemas são de natureza existencial, filosófica, sexual, são outras questões. E isso é muito bom, porque os livra de peso que até a minha geração carregamos: o peso do Rio Grande do Sul e da nossa identidade.

Recentemente, obras suas foram adaptadas para o cinema, como Jacobina, de Fábio homônimo. Como foi para o senhor ver suas criações na tela Barreto, baseada no romance “Videiras de cristal”, e “Concerto campestre”, de Henrique Freitas, adaptado do livro?

Eu sempre dou muita liberdade para is roteiristas, e embora os roteiros tenham sido oferecidos para eu ler, eu não os li. Eu não entendo de roteiro e também queria ter um pouco de surpresa. Acredito que um filme não tem que ser fiel ao livro, mas o que mais se aproximou das minhas concepções foi “Concerto campestre”. Já está sendo filmado e deve ser lançado em breve outro filme, “Diário de Outro Mundo”, que é baseado no meu primeiro livro “Um quarto de légua em quadro”.

Atualmente, quais são os seus projetos?

Exercer a vice-direção da Faculdade de Letras (da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e literariamente estou trabalhando em outro romance, cujo tema será a música. Aliás, eu tenho grande interesse pela música.

Fui músico profissional e toquei violoncelo na Orquestra de Câmara de Porto Alegre (Ospa) durante 15 anos.

Porto Alegre, Jornal/Panvel nº19, ano 3 - abril/2005

Entrevista

Luiz Antonio de Assis Brasil

Jornal de Letras, de Lisboa

A margem imóvel do rio constitui, de algum modo, uma viagem ao Rio Grande do Sul, de onde é natural, e uma reflexão sobre a identidade gaúcha?

Sem dúvida. A identidade do Sul do Brasil (como qualquer identidade, pessoal ou colectiva) está em permanente construção e mutação. Temos, no Sul, uma cultura riquíssima e com extrema diversidade. Há, entretanto, certas formas hegemônicas na “cultura brasileira” – o que será isso? – que passam por metonímia de todo o País: o Nordeste, a Amazônia e o Rio de Janeiro, por exemplo, confundem-se com a imagem folclorizada do País. Se no Sul não temos o charme turístico dessas regiões, possuímos um território (a pampa) e uma história (todas as guerras brasileiras foram travadas no Sul) que nos singularizam; basta dizer que já fomos uma república independente do Império, de 1835 a 1845. Isso deixa marcas indeléveis. O Rio Grande do Sul é sempre “um caso” a ser resolvido ou assimilado pelo Brasil. Nada é natural, connosco.

O Rio Grande do Sul ainda é um Estado menos conhecido dos demais brasileiros?

Não só menos conhecido, mas muitas vezes estereotipado pelos media. O gaúcho, via de regra, passa por um ser vulgar, arrogante, com pouca subtileza emocional. Também o cliché cruza pela língua: como somos o único Estado brasileiro a usar o “tu” – com o que acarreta de flexões verbais – isso também é motivo de curiosidade e caricatura. Ademais, somos muito parecidos com os argentinos e uruguaios. E só no Sul temos Inverno com temperaturas negativas. E neve. Somos estranhos, muito estranhos. Assim, é mais fácil desconhecer o que não se entende.

Fez muita investigação histórica para preparar este livro?

Nem tanta, porque conheço bem o Brasil do Império, mais do que conheço o Brasil contemporâneo.

O protagonista deste livro é um Historiador. Que papel atribui à História na sua obra?

Só se conhece e se discute uma cultura se passarmos tudo pelo fio da História. Somos o que somos porque temos um passado. No Rio Grande do Sul, em

especial, esse passado é muito forte. Nada mais natural, para mim, do que criar um Historiador do “centro” do País, que vem ao Sul. Ele nos “vê” com olhos de estrangeiro, mesmo sendo brasileiro como nós. E “vê-nos” do modo integral das onisciências: também em nosso passado. E, por fim, acaba por entender-nos. De um modo ou de outro, a História está presentes em meus romances, embora nunca seja o principal. Antes de mais nada, interessa-me o destino de minhas personagens, como simples seres humanos, sujeitos a ódios e amores. A História, assim, é coadjuvante e cenário privilegiado.

Sente que os papéis do Historiador e do romancista se confundem em algum momento?

Perfeitamente. Disso tinha ideia desde o princípio da escritura. Sou eu, sim, que escrevo, mas a mão do Historiador por vezes é mais forte – ou vice-versa. Dado que toda personagem é um pouco do seu autor, não vejo porque negar esse fato em *A Margem Imóvel do Rio*. Espero, apenas, que eu, o autor, não esteja tão visível nas peripécias de minha personagem.

Jornal de Letras, Lisboa, 16.fev.2005. p. 15

ENTREVISTA PARA O ECO DA TRADIÇÃO

- 1. Neste mês, encerram as filmagens do filme “Diário de um Novo Mundo”, filme baseado em seu primeiro livro. Como o sr. vê a transformação de uma obra literária em roteiro de cinema? O sr. acha que pode haver perda de sentido?**

Nesse particular, dou inteira liberdade ao adaptador. Afinal, a obra cinematográfica tem uma linguagem diversa da linguagem narrativo-literária. Sim, pode haver uma mudança de sentido, mas eu não a encararia como uma perda, mas uma mudança de rumo. O adaptador e o diretor são soberanos; afinal de contas, eles é que irão assinar o filme. Considero o romance como um banco de dados em que o diretor pode abastecer-se com bem entender.

- 2. O sr. participou da adaptação de “Um quarto de légua em quadro” em “Diário de um Novo Mundo” ?**

Por todas as razões acima, não tive participação alguma na adaptação. O roteirista e o diretor responderão inteiramente pelo resultado final.

- 3. O que o senhor achou dos resultados de suas outras obras adaptadas para o cinema?**

Quanto a “A paixão de Jacobina”, considero-o um filme que se realiza dentro de sua proposta, que é de um filme com forte conteúdo místico. Já quanto ao “Concerto campestre”, a estreiar brevemente, percebo que há uma fidelidade muito grande ao livro. Mas isso não interferirá em nada em seu resultado final. O que já vi, gostei muito. É um belo filme, que recria o pampa do Século XIX, e a vida das estâncias charqueadoras. Se eu tivesse talento para diretor, provavelmente faria um filme muito parecido a esse do Henrique de Freitas Lima.

- 4. Todas a suas obras, ou grande parte delas, são ambientadas no Rio Grande do Sul? Se a resposta for afirmativa, por que a escolha deste cenário?**

Só posso escrever sobre o Rio Grande. Não conseguiria situar meus romances no Piauí, por exemplo, onde passei apenas uma semana. Ou no Amazonas, onde nunca estive. Sou gaúcho. Meus temas só podem retratar essa realidade.

5. Até que ponto a cultura rio-grandense e a identidade gaúcha influenciam sua narrativa e suas personagens?

Minha família está no Rio Grande há 254 anos; acho que isso diz muito. O Rio Grande não é apenas o lugar do meu nascimento, dos meus avós, bisavós e assim por diante. O Rio Grande é o meu solo emocional e existencial. Quando viajo para o exterior, minha saudade não é de Porto Alegre, onde nasci e vivo, mas das infinitas solidões do descampado. Olhar o pampa é, para mim, olhar para o passado coletivo e para meu passado enquanto ser humano. Tudo isso, como é de se esperar, transparece em minha literatura.

6. O senhor é escritor, professor universitário e, além disso, dá muitas palestras e faz muitas viagens? Como concilia todas estas atividades?

[Creio que a primeira frase também é afirmativa, não é mesmo? Respondê-la-ei imaginando que o seja]

Só uma pessoa ocupada é que consegue fazer tantas coisas. Por outro lado, todas essas minhas atividades são conexas, de tal maneira que dar uma palestra sobre literatura não é muito diferente de dar uma aula sobre literatura, ou, enfim, não é diferente de escrever um livro. Já quanto às viagens... cada vez aceito menos fazê-las. Já não tenho 20 anos, e nosso Estado é tão grande... Acho que sou mais útil à minha comunidade ficando em Porto Alegre, na minha casa, junto ao meu computador.

7. Muitos autores gostam ou precisam de um certo isolamento para escrever, com o sr. também é assim? O senhor tem uma rotina, um horário fixo, para escrever?

Sim, tenho certa rotina. Creio que os romancistas precisam de rotina. Não se escrevem 400 páginas à mesa de um bar. Um poema, um conto ainda pode ser escrito nos momentos roubados ao dia-a-dia. Um romance necessita de método, extrema disciplina e, em especial, horas e horas à frente do computador. Mas não me queixo, em absoluto. Sou escritor porque assim o quero.

Porto Alegre: *Eco da Tradição*, 2007.

Entrevista a **Renata Miloni**
Revista [eletrônica] Malagueta/blog

Zadie Smith disse que "para os escritores, escrever bem não é simplesmente questão de habilidade mas, sim, de caráter". E pergunta: "o que é preciso para escrever bem? Quais qualidades pessoais isso exige?" A visão de literatura é ponto central ou único?

Eis um tema que tenho discutido muito com meus alunos, e nossas respostas são circulares e pouco eficientes. No máximo chegamos a algumas idéias algo desconexas, mas complementares. Não basta escrever bem, naturalmente. É preciso muito mais: é preciso que o texto seja "acreditável", isto é: que o leitor, já na primeira frase, saiba que está perante um texto literário de qualidade. Essa credibilidade se expressa em algumas condições que revelam um autor a) consciente dos seus recursos técnicos; b) que saiba do tema que está a falar; c) que não subestime o leitor ao abastardar seus textos, a título de "melhor comunicação"; d) que evite o transparecer de seus artifícios textuais; e) que revele fazer parte da tradição literária, mas sem deixar-se sufocar por ela.

Antes de saber escrever bem, é preciso saber por que se escreve? Por que você escreve: para ser lido, para ler ou pela pura necessidade da escrita, que talvez esteja além da expressão? Enquanto escreve, sua vontade maior é agradar ou se satisfazer?

Minha resposta a essa pergunta, no decorrer do tempo, sofreu alterações substanciais. Quando comecei a publicar, há 31 anos, eu escrevia para sair do anonimato; como não era rico nem belo, sobrava-me um sobrenome famoso de família tradicional do Sul – uma escassa e inútil glória, como se percebe. Pois bem: saí do anonimato, ótimo. Os jornais locais falavam em mim, eu dava entrevistas etc., o que se sabe. Lentamente – muito lentamente – fui percebendo que notoriedade alguma preenche a vida. Dediquei maior atenção a meu texto, e vi que este era longe de ser aceitável. Passei a dedicar-me a não repetir receitas. Há cerca de uma década, repensei tudo da minha literatura e recomecei do nada. Alterei radicalmente o meu "estilo", à busca de maior sobriedade e expressividade. Meus romances encolheram. Foi então que publiquei *O pintor de retratos*, *A margem imóvel do rio* e *Música perdida*, que me renderam os maiores prêmios da minha carreira (Jabuti, Portugal Telecom, etc). Aí não me importava mais a notoriedade. Interessa mais que meu texto agrade a mim mesmo, antes de mais nada. Escrever um bom parágrafo pode levar uma semana, mas a satisfação é insuperável. Equivale a um prêmio. Os meus leitores tradicionais (se é que os tinha), não me entenderam bem, e tenho a convicção que atualmente meus livros vendem menos do que no passado – mas isso não me incomoda. Sei que estou em paz com a minha consciência literária.

Colocando-se apenas no papel de leitor de sua obra, existe a possibilidade de considerar qualquer trabalho seu um fracasso? Ao terminar de escrever um texto, você aceita e gosta do resultado unicamente porque é responsável por ele? Smith disse que "em algum lugar entre a superficialidade necessária do crítico e a desonestidade natural do escritor, a verdade com a qual julgamos o sucesso ou fracasso literário está perdida". Como leitor e escritor, você concorda? Por que?

Realmente, gostar ou não gostar do próprio texto significa imergir na subjetividade; é preciso pensar: gosto do meu texto porque meu texto agrada aos outros ou gosto do meu texto porque ele agrada a mim? Responderei afirmativamente à segunda pergunta. Pode ser um certo narcisismo, ou auto-suficiência, algo do gênero. Fracasso, para mim, seria chegar ao fim de um romance e concluir que não vale a pena publicá-lo. Isso já aconteceu; pode acontecer novamente.

Alguns autores sentem necessidade de justificar seus estilos literários, muito mais quando algum crítico questiona sua validade. Naturalmente, pode ser uma tentativa de defender o que foi escrito. Tais explicações são essencialmente verdadeiras sempre? Até que ponto o estilo pode ser justificado? Há limites ou a liberdade de criação é prioridade?

Sim, a liberdade de criação é intocável, e com isso digo uma platitude. A crítica só se equivoca quando quer ensinar o escritor a escrever. De resto, a crítica séria deve ser lida e meditada, e não ignorada - mas jamais respondida. O escritor não deve justificar-se, jamais. Se o crítico não viu qualidade num livro, não irá vê-la através de uma justificativa – se for um crítico sério, naturalmente.

A escritora inglesa considera a seguinte visão de TS Eliot limitada: "poesia não é uma expressão da personalidade, mas uma fuga dela". E ela explica: "personalidade é muito mais do que detalhes autobiográficos, é o nosso próprio modo de processar o mundo, nossa maneira de ser, e não pode ser artificialmente retirado de nossas atividades: é nosso jeito de ser ativos". Você acha que é preciso ter conhecimento e aproveitar um pouco dos dois lados na criação, ou apenas trabalhar com um deles é suficiente? A personalidade é um auxílio inevitável ao criar histórias e personagens, mas não é essencial que se saia dela para chamar esse processo realmente de criativo?

Tudo deriva da "personalidade" (vamos aceitar esse termo curioso). A obra é realizada por alguém, um sujeito histórico dotado de saberes, de técnicas, de experiências pessoais e culturais etc. E isso transita para a obra. No fundo, qualquer escritor é um escritor de si mesmo, e assim escreverá – sobre si mesmo – até o fim. Por isso nenhuma obra é definitiva. Sempre será um ensaio da escrita daquela obra desejada num plano, até – digo eu – metafísico.

Os autores que, como Smith escreveu, fazem parte da geração pós-moderna foram criados para pensar que autenticidade é algo insignificante. O que faz um escritor ser autêntico hoje em dia? A recorrência ao clichê pode ser considerada parte de um possível fracasso? Por que?

A geléia-geral da pós-modernidade é uma das fraudes intelectuais que ainda fascinam os deslumbrados. Essa a vaca sagrada contemporânea é um imenso guarda-chuva do vale-tudo: pastichos, plágios, viagens pessoais, referências cult, bricolagens, falta de inspiração etc. Criem-se romances sem história, personagens sem conflito, conflitos sem personagens, acrescentem-se clichês assumidos, embrulhe-se tudo num estilo impecável e refinado – com espaço para alguma suave escatologia a título de *captatio benevolentiae* –, polvilhe-se com uma boa dose de cinismo explícito e midiático e teremos a mágica da literatura pós-moderna. Faltando personagens, faltando conflitos, faltando história, (a pós-modernidade, antes de mais nada é domínio do não-ser), que os autores não se queixem da falta de leitores.

No ensaio, a autora diz: "No mercado da ficção contemporânea, o escritor precisa entreter e ser reconhecível, menos que isso é visto como fracasso e rejeição dos leitores". Que tipo de leitor você tem em mente quando escreve? O objetivo do escritor contemporâneo é apenas entreter quem lê seus livros? Por que?

O escritor contemporâneo (digamos, o pós-moderno) jamais diz que seu objetivo é entreter seus leitores, jamais! Isso é obsceno. O escritor pós-moderno quer é fazer alta literatura e, ao mesmo tempo, estar na mídia. Quanto a mim, tenho em mente uma espécie de leitor: alguém parecido comigo; fosse diferente, seria uma perfeita esquizofrenia. Sim, é possível que meu leitor se entretenha, mas que mal há nisso? Afinal, ninguém lê para ser torturado.

Você acha que o único dever do escritor é expressar sua visão de mundo? Por que? Se não é o único, quais são os deveres do escritor?

Dever algum, a não ser o de fidelidade a sua própria literatura. Passou o tempo da literatura "com mensagem" – e curiosamente certos professores ainda querem extrair de seus alunos uma leitura teleológica – quando não axiológica! – dos romances a que obrigam à leitura. Temos de reverter o quanto antes esse erro, que me faz lembrar algumas de minhas professoras do ensino fundamental. Com essa atitude, os professores só podem esperar rancor à literatura por parte dos alunos.

A vontade de atingir a perfeição num texto, do gênero que for, é algo que persegue o autor? Por que? "O sonho do livro perfeito é, na verdade, o sonho da revelação perfeita de si mesmo"? Somente os escritores considerados gênios conseguem "dizer a verdade de sua própria concepção"?

Jamais uma obra é plenamente satisfatória a seu autor: falta-lhe um quê indefinível, algo que lhe dê perenidade e inteireza. Daí que começar a escrever um livro é recommençar a busca da expressão perfeita, aquela consagradora, aquela que represente, com total fidelidade, as intenções iniciais de sua escritura. Todo escritor consciente sente-se insatisfeito com sua obra. Em certos momentos, detesta-a. Noutros, acha-a melhorzinha – e assim vai seguindo sua vida. O melhor livro de uma carreira, na sensibilidade infantil e mágica do escritor, é aquele que ainda não escreveu. Escreve-a, decepçiona-se; quer logo começar outro livro. Até que um dia tudo isso termina, e começa o papel dos acadêmicos.

Para escrever o *Fail better*, Zadie Smith conversou com outros autores. Um deles disse que seria fascinante saber de escritores vivos o que eles acham que está errado com sua escrita ou como imaginavam seus livros antes de criá-los; ou seja, sugerir um "mapa de desapontamentos". Como seria esse mapa para você? Mencionando algum texto seu (romance, conto, poema, etc.), quais seriam os aspectos principais?

O desapontamento é o dia-a-dia do escritor. Tudo isso decorre dos golpes que o sonho recebe em contato com a realidade. Ao idealizar uma obra, ela é sempre grandiosa, indefinida, magnífica, soberba. Chega um momento, porém, em que é necessário dar nomes às personagens, escolher os espaços da trama, o tempo, enfim, tudo isso que se denomina de “a cozinha da criação”; são os necessários limites ao sonho, o qual se reduz a uma ínfima centena de páginas.

Revista Malagueta/blog, 17.nov.2007
<http://revistamalagueta.com/blog/marcal-aquino-assis-brasil/#comments>
Acesso em 30.nov.2007

ENTREVISTA AO JORNAL MEIO NORTE

SUA OBRA COSTUMA FALAR SOBRE UM "VISITANTE AO SUL". NÃO É CURIOSO UM PIAUIENSE, PORTANTO, UM VISITANTE, REALIZAR UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O SR.?

Para mim, é motivo de espanto. Nunca julguei que minha obra pudesse interessar a alguém de outras latitudes. Contudo, Douglas Machado já não pode ser considerado um visitante ao Sul: ele é um de nós, ele nos entende e perdoa nossas arrogâncias e auto-suficiências.

A SÉRIE "LITERATURA: BRASIL" JÁ LEVOU AO PÚBLICO O UNIVERSO LITERÁRIO DO POETA PIAUIENSE H. DOBAL, DO ESCRITOR PARAIBANO ARIANO SUASSUNA, DO ENSAÍSTA PERNAMBUCANO MARCOS VILAÇA. AGORA MERGULHA NO SEU UNIVERSO LITERÁRIO. COMO O SR. ANALISA A IMPORTÂNCIA DESTA SÉRIE?

É um dos acontecimentos mais originais da cultura brasileira. Quem tiver essa série, terá um painel, não apenas da literatura, mas da cultura brasileira. E mais: conduzido pela escolha sensível de Douglas Machado.

O SR. JÁ CONHECIA ALGUM DOS FILMES DE NOSSO CINEASTA DOUGLAS MACHADO?

Dadas as dimensões continentais de nosso País, tomei tardiamente conhecimento (e logo fiquei fascinado) do trabalho de Douglas Machado. Seu filme de ficção *Cipriano* é, no mínimo, uma obra-prima de nosso cinema. Com uma essencialidade que lembra Mestre Graciliano, a que une uma paciência à Tarkóvski, este filme fica indelével na mente do espectador. Sua série sobre a literatura brasileira traduz, com sensibilidade e força, o que somos e o que desejamos enquanto nação e enquanto cultura. E *Um corpo subterrâneo* é uma ousada incursão em nosso imaginário popular, com um resultado capaz de enternecer uma pedra.

ALGUMAS DE SUAS OBRAS JÁ FORAM ADAPTADAS PARA O CINEMA [CONCERTO CAMPESTRE, A PAIXÃO DE JACOBINA, DIÁRIO DE UM NOVO MUNDO ETC.], COMO O SR. SE VIU SENDO AGORA O OBJETO DE UM FILME?

Vejo-me comovido. A par disso, sinto uma certa vergonha; não me julgo merecedor de tanta atenção. Sempre penso se Douglas não está enganado de escritor...

O SR. ESTÁ À FRENTE, HÁ MAIS DE 20 ANOS, DE UMA OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA NA PUC-RS, É POSSÍVEL ENSINAR A SER ESCRITOR?

Assim como qualquer arte, a literatura tem sua técnica, e qualquer técnica pode ser ensinada e aprendida. Há, naturalmente, um espaço para o talento, o qual não foi ainda perfeitamente explicado. Mas só a técnica é capaz de libertar o talento, como queria Maiakovski. Ainda no terreno das citações: Delacroix dizia aos seus alunos de pintura: "Procure ser um bom artesão; isso não o impedirá de ser um gênio".

O SR. CONCORDA COM A MÁXIMA "ESCREVER É A ARTE DE CORTAR PALAVRAS"?

Em grande parte, sim. Nunca vi um texto ficar mau depois do corte. Em geral fica muito melhor. O fato é que escreve-se demais, usam-se palavras em demasia. Tudo isso é excesso e, portanto, inútil. Sabe-se; *inutilia truncat*, isto é: o inútil atrapalha.

QUE CONSELHO O SR. DARIA PARA ALGUÉM QUE PENSA EM ESCRIVER?

Ler muito. Ler, ler, ler. Se possível, freqüentar uma oficina literária: se impossível, ouvir pessoas que tenham duas condições: a) que sejam competentes em matéria literária e b) que sejam sinceras. Sei que é difícil encontrar essas virtudes numa mesma pessoa.

PELO QUE SABEMOS O SR. CONHECE TERESINA. QUAIS AS LEMBRANÇAS QUE O SR. TEM DE NOSSA CAPITAL?

A grande graça de Teresina é sua gente. Afável, generosa, prestativa. A geografia da cidade, junto ao rio, é extremamente harmoniosa. Lembro seus artistas, com Mestre Dezinho e Mestre Júnior. Deste último tenho várias esculturas, que encantam minhas visitas. Quando aí estive, a trabalho, eu preferia não almoçar para ir ao Centro de Artesanato. Em Teresina espantei-me que meu corpo não projetava sombras, dada a verticalidade do sol. Era com seu eu não tivesse corpo. Em Teresina conheci inteligentes alunas, cujos mestrados orientei, na área de Literatura.

EXISTE ALGUMA CHANCE DO SR. VIR A TERESINA PARA, QUEM SABE, UM LANÇAMENTO DO FILME?

Quanto ao lançamento, creio ser bastante difícil, mas estarei aí em 2008.

COMO O SENHOR ANALISA O MERCADO LITERÁRIO DO BRASIL?

Como nunca foi tão fácil publicar, devido aos custos industriais do livro, que baixaram muito, há uma infinidade de escolhas. O crônico problema, que não é de hoje nem exclusivamente brasileiro, é a distribuição.

ANTES, O EIXO RIO-SÃO PAULO DOMINAVA O CENÁRIO NA LITERATURA. O MANOEL DE BARROS NUNCA SAIU DO SEU MATO GROSSO, O SENHOR SEMPRE ESTEVE NO RIO GRANDE, O ARIANO NO PERNAMBUCO? O BRASIL MUDOU, O SEU CENÁRIO CULTURAL ESTÁ MAIS DESCENTRALIZADO?

Sem dúvida. Descentralizado e qualitativamente melhor. Parece que agora podemos assumir a condição de arquipélago cultural, que antes era apenas uma figura de retórica. Nossas diferenças estão expressas na literatura; mas não só, pois isso também está no cinema.

QUAIS SÃO OS MAIORES DESAFIOS DE UM ESCRITOR NA ATUALIDADE?

É não deixar-se seduzir pelas seduições do marketing, nem pela superexposição na mídia. Isso pode dar alguma satisfação passageira, mas a longo prazo destrói uma carreira.

QUAL A ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO FEITO SOBRE O SEU TRABALHO POR DOUGLAS MACHADO?

É um belíssimo filme, realizado na conjunção de dois elementos: sensibilidade e técnica. Realiza, de forma magistral, a transposição da palavra para a imagem. Mostra-se respeitoso, mas não servil. Tem personalidade, isto é, é um documentário autoral, com forte presença da estética de Douglas Machado e, também, das escolhas emocionais de Douglas Machado. É uma glória para nosso cinema, é um testemunho de amor à literatura. É impossível não sair tocado por sua beleza, que conseguiu captar, mais do que qualquer gaúcho, a alma sulina, seu povo e sua geografia. Douglas Machado entende o vento minuano, entende a horizontalidade do pampa. Um documentário que fará história, escrevam aí.

Jornal Meio Norte. Teresina, Piauí, 18.nov.2007. Suplemento Vida, p. 5.

ENTREVISTA
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Por Marcos Vasques

Luiz Antonio de Assis Brasil é um dos escritores mais respeitados pela crítica brasileira no momento. Gaúcho, de Porto Alegre, nasceu em 1945 e é autor de mais de 15 livros, dentre os quais destacamos Videiras de cristal que instigou o cineasta Fábio Barreto a realizar o filme A paixão de Jacobina; a trilogia Perversas famílias, Pedra da memória e Os senhores do século que compõem Um castelo no pampa; e sua lavra mais recente Concerto campestre, O pintor de retratos e A margem imóvel do rio uma das obras vencedoras do Prêmio Portugal Telecom 2004. Ô Catarina! Publica parte desse diálogo, inédito, que será publicado na íntegra no livro Diálogos com a literatura brasileira (volume II) ainda esse ano. Aqui Luiz Antonio de Assis Brasil nos revela parte de seu processo de criação, sua infância, influências e, naturalmente, fala sobre alguns aspectos de sua obra e sua vida.

Em O pintor de retratos você narra a trajetória de Sandro Lanari, que de herdeiro do pincel passa a fotógrafo. Nos parecem que existem duas discussões fundamentais nesse romance: a sobrevivência do artista através de sua arte é uma delas, a outra, é que as transformações tecnológicas decretam um novo mundo. Como você avalia, hoje, a relação tecnologia e arte?

Assis Brasil – são perfeitamente compatíveis. Sempre que houve um avanço tecnológico, a arte o acompanhou, adaptando-se, transformando-se e reinventando-se enquanto criação. A fotografia é um exemplo. Mas também o cinema, o clipe de TV, as obras de computadores e tantas outras formas que surgirem. É natural que assim seja; caso contrário ainda estaríamos desenhando no interior das cavernas.

O romance A margem imóvel do rio nos traz um cronista do império que volta ao Rio Grande do Sul à procura do personagem Francisco da Silva. Há nessa obra uma verdade crítica ao que realmente é digno de ser historiado. Parece que você se aproxima do grupo francês da Nova História, que contraria a história oficial dos grandes homens. Nesse livro o Imperador é figurante, e os personagens importantes são Cecília, uma morta. Os Francisco da Silva e suas histórias e, sobre tudo o cronista.

Assis Brasil – de fato, as personagens secundárias interessam-me muito mais do que as protagonistas. São as pessoas anônimas que leva à frente à História, mesmo quando são pacientes dessa mesma História. Penso que as grandes personalidades possuem já seu espaço e sua discussão; as menores, os

subalternos, entretanto, são dotados de uma frescor e uma vitalidade que me seduzem muita mais.

Tanto A margem imóvel do rio e O pintor de retratos se passam no século 19, o mesmo vai acontecer com Concerto campestre. O que o encanta tanto nesse século?

Assis Brasil – Nada. Na verdade, nada me encanta em particular no século 19, mas sim as pessoas de minhas histórias e seus conflitos. Poderia ser no século 20, ou 21. o fato de eu situar minhas histórias em algum século específico é apenas uma questão de escolha aleatória.

Em entrevista ao jornalista Fernando Rozano você contraria a idéia de que a rapidez do mundo moderno exige uma literatura também rápida. Por outro lado, numa sociedade tão fragmentada não seria natural que boa parte de seus sejam conceitualmente fragmentados? Ulisses, do Joyce seria um representante disso. Temos, contudo, que separarmos o conceito de rápido e fragmentado do conceito de textos curtos, certo?

Assis Brasil – Minha literatura tem mudado, em especial depôs de O pintor de retratos. Creio que me dirijo a uma narrativa mais essencial, menos barroca, e, sim, com alguma fragmentação. Não sei se isso é moderno ou pós-moderno, ou simplesmente atual. O fato é que aquilo que seria uma experiência acabou se tornando algo mais duradouro. Percebo, não sem algum agrado, que a crítica e os leitores gostaram, tanto que esses dois últimos dois livros foram os mais premiados de minha carreira (inclusive com os maiores prêmios nacionais), obtiveram unanimidade da crítica e foram publicados no Exterior. Relato isso apenas para dizer que acertei nas escolhas estéticas que fiz no limiar dos 60 anos, idade em que, em geral, o escritor encomenda-se ao que vem fazer há décadas. Se o fragmento é rápido ou vice-versa, isso depende de quem lê, do seu próprio ritmo.

Embora você tenha optado por uma linhagem menos rebuscada nos últimos livros, os primeiros livros também foram muito bem aceitos pela crítica. Um quarto de légua em quadro lhe deu o Prêmio Ilha de Laytano. A prole do corvo já está na 6ª edição. Essa mudança não representa um certo risco?

Assis Brasil – sim, qualquer mudança implica risco. Sempre tive isso em mente. Mas a ser fiel a meus leitores ou fiel a mim mesmo, fiquei comigo. Eu começava a me repetir, não apenas no plano estrutural e de linguagem, mas também nos temas; isso me incomodava muito. O rompimento, pelo visto, deu certo: foi a partir de O pintor de retratos que comecei a ter críticas favoráveis unânimes, bem como a receber as mais importantes premiações nacionais.

Qual o seu método de criação? Escreve todos os dias?

Assis Brasil – meu método de criação é simples: tenho a idéia (sabe-se lá onde) e depois passo a dar limites ao sonho, isto é, escolho personagens, espaços, tempos, conflitos. Depois que isso está sólido em minha cabeça, faço um pequeno resumo, de umas dez páginas. Depois divido o resumo em partes, capítulos, subcapítulos. Aí vem o processo de escrita. Aí vem o trabalho. Sim, escrevo todos os dias, embora não aproveite tudo o que escreva. Trabalho pela manhã, que é o melhor horário intelectual.

E a infância? Algo em especial nesse período o aproximou da literatura?

Assis Brasil – Sim. A existência de uma madrinha, que me dava livros de presente. Mais tarde descobri que ela morava ao lado de uma livraria. Desse modo, meu gosto literário foi formando a partir das preferências de um balconista anônimo de uma livraria de bairro de Porto Alegre. Ademais, tive uma infância muito protegida – digamos assim. Não podia fazer nada que os outros meninos faziam. Jogar bola, por exemplo. Como não havia televisão no Brasil, o rádio era precário e o cinema era um domingo por semana, restava-me ler. Ate hoje não sei se gosto dessa minha infância.

Quais autores o influenciaram?

Assis Brasil – Um catalogo telefônico... Eça, Machado, Flaubert, a trindade insuperável. Depois vieram os outros, especialmente os norte americanos: Dos passos, Hemingway, Faulkner, Melville, Poe, Fante. Mas não posso falar apenas no passado... Ainda hoje há autores, muitos dos quais vivos, que me influenciam e muito – mas isso fica para descoberta pessoal do leitor.

Não lhe dá um certo temor em ser unânime?

Assis Brasil – na verdade, a (boa) unanimidade da crítica é apenas relativa a dos meus dois últimos livros. Se fosse em relação a toda minha obra, isso me preocuparia, e muito, pois eu estaria na condição daquele escritor que precisa manter seu público e, a cada livro, escrever melhor. Seria um enorme peso, que não desejo para ninguém. Nessas condições, o escritor está sempre à beira da catástrofe.

In VASQUES, Marco. *Diálogos com a Literatura Brasileira*. (Vol. 2) Porto Alegre: Movimento/UFSC, 2007. p. 47.

ENTREVISTA A EUGÊNIO REGO

Piauí

É curioso termos dois escritores homônimos em lugares tão diferentes: o Assis Brasil de Piauí e o Assis Brasil do Rio Grande do Sul? Conhece a obra do “nosso” Assis?

Gostei da pergunta; permite-me esclarecer um equívoco. Na verdade, não somos homônimos; o ilustre e aplaudido escritor piauiense chama-se **Francisco de Assis de Almeida Brasil**, e usa o nome literário de “Assis Brasil”. Meu nome é **Luiz Antonio de Assis Brasil**, e é assim, por inteiro, que sempre assinei meus livros, “**Assis Brasil**” é um nome de família aqui no Sul, e existe desde o século 18. Quanto à obra de Francisco de Assis de Almeida Brasil, conheço-a há muito tempo, respeito-a. É um escritor profissional, um ficcionista notável, um ensaísta lúcido.

1. Como é para o senhor ser retratado por um documentário de produção piauiense. Apesar de tratar-se de uma série com visão ampla sobre literatura, não deixa de ser uma experiência diferente, não?

Sim, era uma experiência inimaginável, para mim, antes que acontecesse. Se eu fosse menos sério, diria estar deslumbrado. Se minha literatura diz algo a um cineasta/intelectual do Piauí é porque guarda algumas marcas de universalidade. E não é isso que mais desejaria um escritor?

2. Nas minhas pesquisas, descobri que Letícia Wierzchowski (Casa das Sete Mulheres) é cria da Oficina de Criação Literária que o senhor comanda na PUC-RS desde há mais de duas décadas. O romance mais famoso dela é sobre heróis e heroínas na história do Rio de Grande do Sul. Sua obra também se devota ao gaúcho. Alguma influência no trabalho da pupila?

De modo algum. Ela possui voz própria, e é uma voz que consegue, ao mesmo tempo, tratar de temas do passado sem abrir mão de uma sensibilidade feminina do mais alto grau. Letícia é uma escritora que leva muito a sério o seu ofício e não se seduz com a notoriedade que, como sabemos de nossos tempos vorazes, é efêmera por definição.

3. O que o senhor prefere escrever: Ficção? Romances históricos? Ou um pouco dos dois?

Não creio que eu escreva romances históricos. A História não me importa; importam as vidas de minhas personagens que, por acaso, podem atuar num tempo pretérito. Para escrever História há os historiadores. Meu trabalho é, fundamentalmente, ficcional.

- 4. O senhor foi músico e hoje é escritor. Seu livro mais recente fala sobre um talentoso musicista mineiro que é forçado pelas circunstâncias a isolar-se nos pampas e abdicar do talento por uma carreira estável longe da música. O que tem de Luiz Antoino Assis Brasil nesse livro? É autobiográfico?**

Todo livro é autobiográfico, isto porque o autor não pode abdicar de suas experiências, que são exclusivas. O que varia é o grau, a intensidade com que essas experiências entram na obra. Em certos casos, chega a haver uma relação de igualdade entre autor e narrador. No meu caso, há, sim, muito de mim na personagem do maestro Mendanha; mas não creio que seja na parte musical.

- 5. Com uma vida dedicada à Literatura, como o senhor vê a atualidade do segmento hoje? Aliás, o que acha das políticas do governo para a implementar a leitura no Brasil mais conhecido como o “PAC do livro”?**

São iniciativas sempre bem-vindas, dada a extrema carência material do brasileiro. Não podemos esperar atingirmos um PIB europeu para que, ao natural, as pessoas venham a ler mais; é necessário que o governo intervenha. A compra de livros para as bibliotecas públicas, por exemplo, é altamente saudável, pois ao mesmo tempo em que estimula o mercado editorial, supre nossas pobres bibliotecas.

- 6. É comum vermos o gaúcho retratado com heroísmo. E o nordestino como um homem que não se dobra às dificuldades. Acredita que há uma ligação entre eles?**

Tudo isso são idéias prontas e, como tal, falsas na generalidade. O heroísmo gaúcho é uma construção literária; uma bonita construção, mas que deve ser vista com muito desconto. Nenhum povo é heróico, nenhum povo é infenso às dificuldades coletivas; os povos são os que são e, ao mesmo tempo, não podem ter sobre si uma visão totalizadora. É heresia pensar o contrário. Aliás, são as generalizações que acabam por detonar as guerras.

Teresina, PI, Diário do Povo, 09.dez.2007, caderno Galeria (3º Caderno)